



Ana Cecilia Impellizieri de Souza Martins

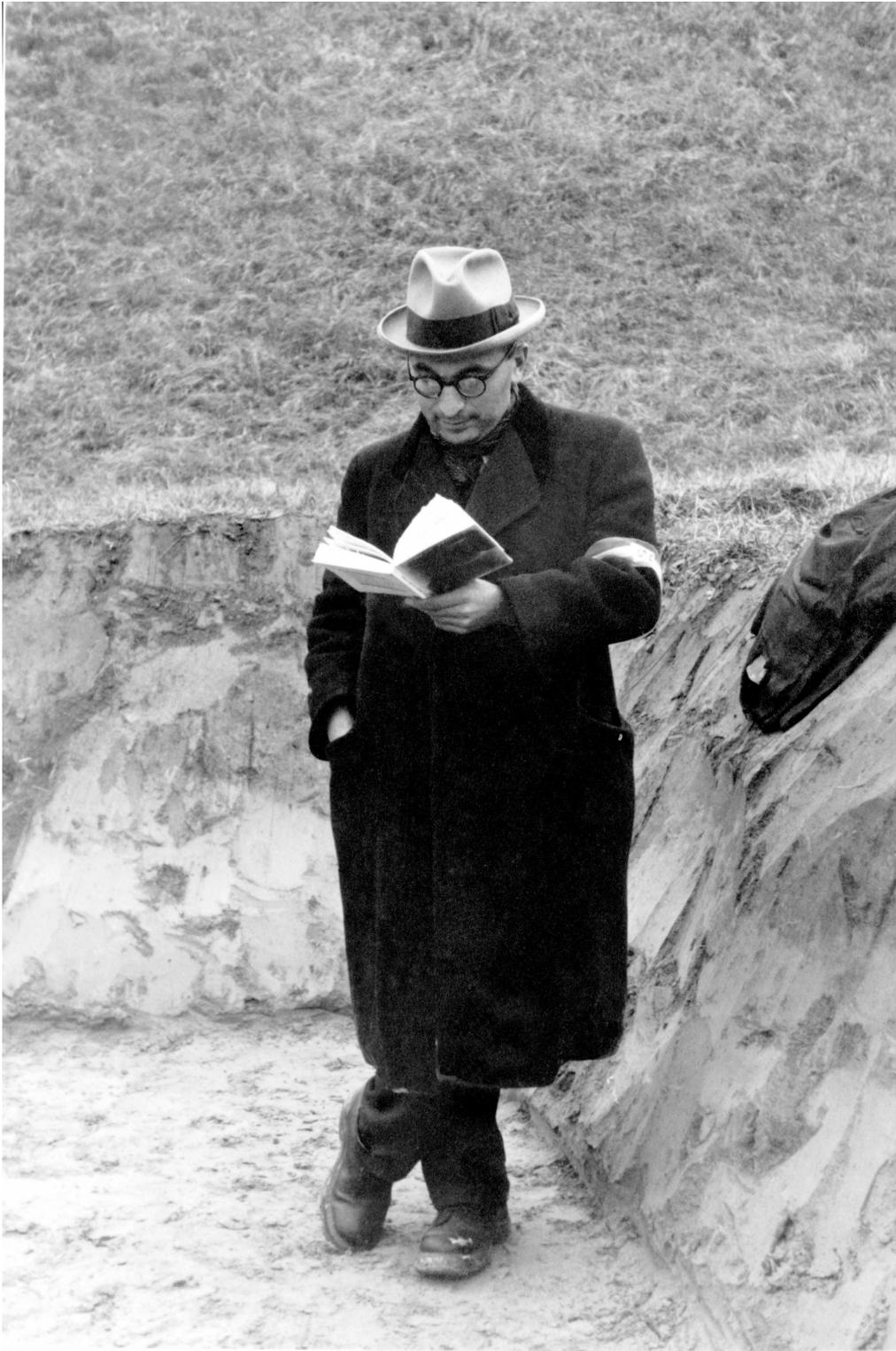
**Paulo Rónai, um homem contra Babel
O itinerário de engajamento no Brasil**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Karl Erik Schøllhammer

Rio de Janeiro
Novembro de 2015



Paulo Rónai no campo de trabalho na Ilha de Hárossziget, 1940



Ana Cecilia Impellizieri de Souza Marins

**Paulo Rónai, um homem contra Babel
O itinerário de engajamento no Brasil**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Karl Erik Schollhammer

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Maurício Barreto Alvares Parada

Departamento de História – PUC-Rio

Prof. Eduardo Jardim de Moraes

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Profa. Eneida Maria de Souza

UFMG

Prof. Marco Americo Lucchesi

UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ana Cecilia Impellizieri de Souza Martins

Graduou-se em Jornalismo na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2000; é Mestre em História Social da Cultura pela mesma instituição, com a dissertação “Bem na foto: a invenção do Brasil na fotografia de Jean Manzon” (2007). Trabalhou como jornalista no *Jornal do Brasil* e TV Globo; como editora-executiva na *Revista de História da Biblioteca Nacional* e *Poesia Sempre* e como diretora de conteúdo da Casa do Saber Rio. É autora dos livros *Jean Manzon – Retrato da grande aventura* (com Francisco Carlos Teixeira); *Iconografia baiana do século XIX na Biblioteca Nacional* (com Marcela Miller e Monique Sochaczewski) e organizadora do livro *As descobertas do Brasil* (com Monique Sochaczewski). É editora, sócia da casa editorial Bazar do Tempo, com atuação nas áreas de literatura, ensaios, poesia, história e fotografia.

Ficha Catalográfica

▫ Martins, Ana Cecilia Impellizieri de Souza

Paulo Rónai, um homem contra Babel – O itinerário de engajamento no Brasil / Ana Cecilia Impellizieri de Souza Martins ; orientador: Karl Erik Schøllhammer. – 2015.
289 f. : il. (color.) ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Paulo Rónai. 3. Biografia. 4. Exílio. 5. Tradução. 6. Crítica literária. I. Schøllhammer, Karl Erik. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Thierry Tomasi,
e os nossos itinerários.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador Karl Erik Schøllhammer, que me acolheu no programa de pós-graduação do Departamento de Letras da PUC-Rio, e que confiou de forma contínua e sólida nesta pesquisa e em seu resultado. Pela confiança, apoio e estímulo lhe sou muitíssimo grata.

A Eduardo Jardim, grande parceiro nessa trajetória, generoso em seu olhar, agradeço as leituras, os conselhos e todo o fundamental apoio.

A Maurício Parada agradeço as conversas iluminadoras e, pontualmente, a ajuda na obtenção dos documentos do processo de naturalização de Paulo Rónai no Arquivo Nacional.

A Marco Lucchesi, tão próximo aos temas caros a Paulo Rónai, uma presença sempre estimulante.

A Eneida Maria de Souza pelas contribuições e presença na avaliação deste trabalho.

Vicente Saul Moreira dos Santos e Denilson Monteiro foram fundamentais na ajuda para o levantamento de documentos. A eles agradeço muito o apoio.

Priscila Fraga foi valiosa parceira no intenso trabalho de digitalização dos diários de Rónai, fonte fundamental da pesquisa.

Agradeço também a preciosa contribuição do Professor Pál Ferenc, da Universidade de Eötvös Loránd, em Budapeste, que foi essencial para o esclarecimento de temas húngaros. Também em Budapeste, Klara Anders, da Embaixada do Brasil, prestou uma generosa ajuda na reconstituição geográfica da vida de Paulo Rónai na cidade.

Agradeço ainda a Maria Clara Rada, chefe do setor cultural da Embaixada do Brasil em Budapeste, e a Daniela Neves, professora do Departamento de português da Eötvös Loránd, Budapeste.

Monique Sochaczweski Goldfeld é amiga sempre atenta e inspiradora.

Cristiane de Andrade Reis é parceira cotidiana no trabalho de editora e sua ajuda se deu em cada dia desse percurso.

Agradeço também as conversas com Maria Isabel Mendes de Almeida, Maria de Andrade e Marília Rothier.

Mônica Peixoto foi comigo em viagens ao sítio *Pois é*, me apoiou com imenso carinho em todo o processo, me ajudando ainda na revisão desse trabalho.

Luisa Mascarenhas, amiga de toda vida, é apoio sempre essencial.

Meu agradecimento comovido a Nora Rónai, também a Laura e Cora, que abriram todos os documentos do acervo de Paulo Rónai para minha pesquisa, me estimularam e ajudaram em todo esse processo de forma muito afetuosa. Para além dos esclarecimentos sobre Paulo Rónai, o convívio com Nora representou um aprendizado em larga medida. Também por isso, lhe sou muito grata.

Thierry Tomasi, companheiro de todas as horas (mesmo estando quase sempre em diferente fuso horário), foi particularmente fundamental para decifrar o francês íntimo de Paulo Rónai.

Agradeço também a Ana Luiza Martins, a Luanda Boulting e a Gilda Impellizieri (*in memoriam*), que são estímulo permanente.

Resumo

Martins, Ana Cecília Impellizieri de Souza; Schøllhammer, Karl Erik (orientador). **Paulo Rónai, um homem contra Babel – o itinerário de engajamento no Brasil**. Rio de Janeiro, 2015. 289 páginas. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Paulo Rónai, um homem contra Babel – o itinerário de engajamento no Brasil investiga a trajetória de integração no Brasil do professor, tradutor, crítico e ensaísta húngaro Paulo Rónai (1907-1992), a partir de um cruzamento de fontes, destacando seus diários pessoais, mas também correspondência pessoal e material de imprensa. Dessa forma, a pesquisa busca construir um retrato mais aprofundado do homem, desde os tempos de sua formação em Budapeste, quando tem o primeiro contato com a literatura brasileira e com a língua portuguesa, acompanhando a dura luta para deixar sua Hungria natal (em um momento em que, como judeu, se via ameaçado pelo avanço nazista), focalizando ainda o período vivido no campo de trabalho e a chegada ao Rio de Janeiro, mais de dois anos depois de avistar o país como alternativa de sobrevivência. Já no Brasil, a reconstrução de seu percurso biográfico revela que é como resultado de um persistente projeto de integração e de muito trabalho que Paulo Rónai conquista, em cerca de vinte anos, uma integral inserção no meio cultural brasileiro, operando uma notável articulação com a imprensa, no campo literário, por meio de intensa relação com editores e autores, e de uma profícua interlocução com escritores locais, como Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Naturalizado brasileiro, Paulo Rónai consolida uma trajetória exemplar de engajamento, contando ainda com o apoio de sua mulher, Nora Tausz Rónai, asseverando uma postura humanista e universalista, chave de entendimento do caráter bem-sucedido de seu projeto de vida brasileira.

Palavras-chave

Paulo Rónai; biografia; exílio; tradução; crítica literária; engajamento; Humanismo.

Résumé

Martins, Ana Cecilia Impellizieri de Souza; Schøllhammer, Karl Erik (directeur de thèse). **Paulo Rónai, un homme contre Babel - itinéraire de son engagement au Brésil**. Rio de Janeiro, 2015. 289 pages. Thèse de Doctorat – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Paulo Rónai, un homme contre Babel - itinéraire de son engagement au Brésil analyse la trajectoire d'intégration au Brésil du professeur, traducteur, critique et essayiste hongrois Paulo Rónai (1907-1992), à partir d'un recoupement des sources, en premier lieu ses journaux intimes, mais également sa correspondance personnelle et des articles de presse. Ce travail de recherche a pour but de dresser un portrait approfondi de l'homme, depuis le temps de sa formation à Budapest, lorsqu'il eut son premier contact avec la littérature brésilienne et la langue portugaise, en suivant son difficile combat pour quitter sa Hongrie natale (lorsque, en tant que juif, il se voyait menacé par l'avancée nazie), et en se focalisant notamment sur la période passée en camp de travail et sur son arrivée à Rio de Janeiro, plus de deux ans avoir perçu que ce pays pouvait représenter une alternative de survie. Une fois au Brésil, la reconstruction de son parcours biographique révèle que c'est grâce à un projet pugnace d'intégration et à un travail considérable que Paulo Rónai est parvenu, en près de vingt ans, à une insertion totale dans le milieu culturel brésilien, en réalisant une synthèse remarquable entre la presse et le monde littéraire, par le biais d'une relation intense avec éditeurs et auteurs, et une interaction féconde avec des écrivains locaux tels Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade et Guimarães Rosa. Naturalisé brésilien, Paulo Rónai consolide sa trajectoire exemplaire d'engagement, notamment grâce au soutien de son épouse, Nora Tausz Rónai, en confirmant son positionnement humaniste et universaliste, clé de voûte du succès de son projet de vie au Brésil.

Mots-clés

Paulo Rónai ; biographie; exil; traduction; critique littéraire; engagement; Humanisme.

Sumário

1. Introdução – O que fez Paulo Rónai, Paulo Ronái?	12
2. Notas de um amante das letras e das línguas Budapeste, 1928-1937	18
2.1. O francês, um intermédio	34
3. Correio Universal 1938: “Jornais: Hitler invade a Áustria”	47
3.1. 1939 – O Brasil mais perto	64
4. Fazendo mel sobre o abismo	87
4.1. Última parada: Lisboa	110
5. A costura do mundo Brasil, 1941	114
5.1. Desterro – identidades em trânsito	157
5.2. Como flores no vaso	164
6. “Trabalho para merecer o meu destino” Brasil, 1942-1945	168
7. O Arremate	200
7.1 Outras aventuras	223
7.2 “Um abasileiramento radical, um brasileirismo generalizado.”	232
8. Pois é, a pátria pequena e definitiva	247
9. Nota biográfica – Uma vida contra Babel	259
10. Conclusão	268
11. Referências bibliográficas	275

Eu sei que é por causa de um favor muito singular do destino que, enquanto tantos irmãos estão sofrendo e morrendo, ele me permitiu viver em um país hospitaleiro e amável, em condições propícias. Assim, eu tenho sempre tentado não abusar dele – e desde que eu estou aqui, eu não paro de trabalhar: trabalho para merecer meu destino (...).

Paulo Rónai, 1944

1

Introdução – O que fez Paulo Rónai, Paulo Rónai?

Muitas vezes uma certa simplificação da história e a cristalização de versões resumidas de fatos acabam ocultando eventos, dados biográficos e de personalidade que, juntos, seriam a própria chave de entendimento de uma trajetória. Esse me pareceu ser o caso do percurso de Paulo Rónai, da Hungria para o Brasil, e seu conseqüente processo de engajamento no país. Comumente se explica sua vinda como resultado de ter publicado em Budapeste, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, uma antologia de poesia brasileira e por ter conseguido, por isso, em pouco tempo, um visto brasileiro graças a intervenção do diplomata e escritor Rui Ribeiro Couto. Embora esses fatos sejam corretos, é necessário somá-los a todo um contexto e a uma postura pessoal que, em se tratando de Paulo Rónai, são determinantes para o entendimento de sua biografia e também de sua obra.

A visão sobre esse quadro foi se moldando ao longo do processo de pesquisa deste trabalho. Seu início se deu em decorrência do interesse que mantenho a respeito da presença de estrangeiros no Brasil ao longo do século XX, razão que fez com que tivesse como tema de minha dissertação de mestrado, defendida no departamento de História da PUC-Rio, a produção do fotógrafo francês Jean Manzon. Emigrada para a área de letras, a ideia original da pesquisa para esta tese era identificar um *corpus* da produção de crítica literária de Paulo Rónai, por entender que o fato de ter publicado a maior parte de seus textos dessa natureza na imprensa, sem nunca reivindicar para essa produção o status de obra crítica, acabou fazendo de Rónai menos conhecido e valorizado por essa sua importante vertente. É pelo trabalho de tradutor – talvez pelo vulto dos projetos que empreendeu nessa área, como a coordenação da tradução de toda *A comédia humana*, de Balzac, além da organização, ao lado do grande amigo e parceiro Aurélio Buarque de Holanda, de *Mar de Histórias*, uma vertiginosa antologia do conto mundial distribuída em 10 volumes, que Paulo vem sendo mais lembrado no curso da história da literatura brasileira.

Mas foi também por meio de seus textos publicados na imprensa que Rónai acabou ocupando um lugar de destaque no meio das letras brasileiras e se aproximando de personagens centrais da nossa literatura. Vale lembrar que como crítico, Paulo foi pioneiro na divulgação e análise de obras de expoentes como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. Tornou-se interlocutor e amigo de todos eles. Estava inserido profundamente no meio editorial brasileiro, era respeitado e admirado por escritores e tradutores e realizou uma extraordinária trajetória de engajamento no país.

De maneira mais global, esta constatação impressionou e criou um ponto de inflexão no percurso da pesquisa. Afinal, esse projeto bem sucedido de integração não parecia ser favor do destino ou apenas obra de gênio, mas, sobretudo, resultado do trabalho árduo de um homem determinado, dedicado e inegavelmente capaz, devido às suas virtudes inerentes e também a uma formação ampla, de filólogo, tradutor, professor, verdadeiro humanista. Este homem, ao que tudo indicava, seria, portanto, o dado mais significativo para a construção de um entendimento mais apurado sobre a trajetória do próprio Paulo Rónai. Esta é a contribuição que a pesquisa pretende dar, ao apresentar seu itinerário de engajamento no Brasil, a partir de um cruzamento de fontes, e de uma abordagem mais empírica que teórica.

A formação em jornalismo e minha experiência no campo da história explicam meu interesse pelas fontes primárias. Desse modo, a possibilidade de trabalhar com os diários pessoais de Rónai apresentou-se como um canal profícuo para a pesquisa. O acesso a esse material, no entanto, se deu já em período avançado. Alguns comentários feitos por Nora Tausz Rónai, viúva de Paulo e guardiã, ao lado da filha do casal, Laura Rónai, do acervo de livros e documentos no sítio *Pois é*, em Nova Friburgo, estado do Rio, davam conta da existência desses cadernos. Porém, estando muito tempo dedicada às pastas de cartas e outros recortes, eu nunca havia conseguido encontrá-los em fácil acesso. Foi em uma das visitas à “Brilhoteca” de Paulo que, abrindo pequenas gavetas de um móvel localizado em um compartimento desse anexo, que encontrei essas pequenas agendas de bolso, em alguns casos, pequenas cadernetas, cobertas por espessa

camada de poeira. Na abertura do primeiro caderno, datado de 1928, instalou-se certa decepção: a língua húngara tornava seu conteúdo trancado ao meu entendimento.

Não há dúvida que, ao longo dessa pesquisa, o desconhecimento da língua natal de Paulo significou uma desvantagem e, por algumas vezes, também uma limitação, amenizada, não fosse Paulo Rónai um homem “contra Babel” e escrevesse sua vida em idiomas vários, a maior parte, por fim, em português e francês.

Foi na língua de Balzac que Paulo Rónai registrou seu cotidiano – de 1928, marco inicial deste trabalho, até 1992, ano de sua morte – com e letra manuscrita, miúda e cheia de abreviações sempre em francês, à exceção dos primeiros meses de 1928 e os anos de 1945 e 1946, em que, marcado pela morte de sua mulher, de seu pai, pelo desaparecimento de seu irmão caçula e diante da visão de uma Hungria mais uma vez devastada pela guerra, Paulo se refugia no idioma natal, nesse ambiente íntimo de sua escrita diária, seu lugar de exílio temporário.

Os diários tornam-se a possibilidade de reconstrução de sua trajetória, desde os tempos de juventude em Budapeste e Paris, permitindo um mapeamento de suas leituras, de seu circuito de trabalho e sociabilidade, assim como dos contornos de sua formação. Paulo não trata de temas pessoais em sua produção literária, ensaística. Dessa maneira, também por meio desses registros pessoais, capazes de recompor seus ambientes,¹ é que se tem a dimensão de uma luta árdua que Paulo empreendeu para se salvar, através de tentativas de articulação com instituições, diplomatas e intelectuais de diversos países, imprensa local e estrangeira, encontrando no Brasil uma alternativa mais promissora. Desse momento até a chegada definitiva no país passam-se cerca de dois anos, período este em que Paulo experimenta a dúvida, o medo e diversas privações, sobretudo na temporada em que é confinado em um campo de trabalho numa ilha do Danúbio, nos primeiros períodos da Segunda Guerra Mundial.

¹ Esse entendimento do valor da pesquisa em arquivo é destacada em SOUZA, Eneida Maria de. “A biografia – um bem de arquivo”. *Janelas indiscretas – ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Nos primeiros tempos de Brasil, onde chega em março de 1941, a partir de um convite do Ministério das Relações Exteriores, sua busca pela integração é de grande intensidade e a descrição mais detalhada de cada dia e de cada personagem citado, que fará parte de sua nova rede de sociabilidade e trabalho, é como um tijolo dessa construção, que explica o esforço e a determinação de Paulo para se estabelecer profissionalmente no país, buscando também costurar laços de afeto e amizade em sua nova pátria.

Quando a integração está, a meu ver, plenamente realizada, os detalhes cotidianos já não representam informação de mesmo peso e os diários, dessa forma, ganham menos relevo. Pois, às vésperas de completar 20 anos de Brasil, as abordagens de ordem temática servem melhor ao objetivo de focalizar o caminho de aprofundamento de seu engajamento no país. Para isso, eventos como as publicações de seus livros de ensaios, o reconhecimento de seu papel no meio literário e sua interlocução com escritores, destacando a relação com Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, são abordados como momentos de consolidação dessa admirável inserção.

Dois momentos são tomados como marca de conclusão desse percurso de plena integração no país: a construção do sítio *Pois é*, que seria a pátria pequena e definitiva de Paulo, como definiria seu amigo Carlos Drummond de Andrade, e o reencontro com a Hungria, em 1964, quando então reconhece que seu eixo de gravidade não está mais na Europa. Paulo sente-se brasileiro e sabe que sua casa é o Brasil.

A pesquisa também articula outros materiais como cartas, matérias de jornais, as dedicatórias presentes nos livros de sua biblioteca e imagens, sobretudo fotografias do acervo pessoal da família Rónai, que incluídas no trabalho ajudam na aproximação do personagem e a costurar esse percurso. Torna-se também fonte importante nesta abordagem a própria produção de Paulo, que guardou um imenso volume de documentos. Em pastas coloridas, Paulo organizou as cartas (as que recebe e também cópias das que envia) por anos ou períodos um pouco maiores.

Há ainda pastas divididas por temas, como sua bibliografia,² conferências, autores e livros que publicou, e algumas com recortes de jornais sobre ele, esta parte, sem grande sistematização. O contexto faz com que, por um lado, seja possível ter acesso a um precioso material e, por outro, exige uma rígida determinação de recorte na pesquisa diante desse vertiginoso volume de documentos. Da forma mais extensa possível, acessei essas fontes para construir o retrato desejado para este trabalho, considerando esse intervalo de tempo que corresponde, portanto, à consolidação de seu engajamento no Brasil. Mas é verdade que, a cada nova visita ao acervo de Rónai, novas janelas se abriam. Diante deste vasto universo documental constata-se que as possibilidades de investigação são, de fato, múltiplas, o que provoca uma inevitável sensação de incompletude e, ao mesmo tempo, um forte estímulo para abordagens futuras.

Fora do acervo pessoal de Paulo Rónai, os arquivos de Ribeiro Couto, depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, serviram de fonte essencial para essa pesquisa. Nas cartas que enviou ao diplomata desde os tempos de Budapeste³ até a morte do amigo, no começo dos anos 1960, Paulo revela com grande intimidade seu estado de espírito, acontecimentos pessoais, contextos de trabalho e planos de futuro. Sentindo-se um permanente devedor, Paulo está sempre empenhado em narrar para Ribeiro Couto os caminhos de sua vida no Brasil; ou apenas de sua vida, salva em grande parte devido à ajuda do amigo brasileiro. Dessa forma, por muitas vezes é nessa correspondência que se revelam fatos fundamentais da trajetória de Rónai.

Nora Rónai, companheira de Paulo por quatro décadas, aparou todas as arestas de entendimento sobre eventos e temas que não eram possíveis esclarecer em outro lugar senão por meio de sua memória pessoal. Por essa razão, acredito que sem Nora essa pesquisa não teria o mesmo resultado. Viajamos juntas duas vezes para

² Paulo registrou e guardou a maior parte de sua produção, criando sua própria bibliografia. Nesse sentido, vale destacar o importante trabalho de sistematização da produção de Paulo Rónai feito por Zsuzsanna Filomena Spiray em sua dissertação de mestrado, “Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary*”. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

³ Por conta da intensa troca de cartas no período em que Paulo estava na Hungria e Couto em Haia ou já no Rio, o brasileiro se refere algumas vezes ao amigo de “Meu caro Alkotmány utca, 10”, endereço de Paulo em Budapeste. Carta de 15/10/1951. FCRB.

o sítio em Friburgo e nos encontramos em várias outras ocasiões, nas quais ela iluminou alguns aspectos da pesquisa. Por toda essa disponibilidade e generosidade, sou a ela muitíssimo grata.

Foi Nora que usou uma metáfora acertada para resumir a abordagem pretendida nesse trabalho: quem admira uma pérola, na maioria das vezes, não se dá conta do tempo e do processo necessário para que ela se tornasse uma pérola. Assim, explica-se a intenção dessa pesquisa, a de tentar responder à pergunta: “O que fez de Paulo Rónai, Paulo Rónai?”.

Para isso, busca-se refazer seu itinerário de engajamento no Brasil, sem pular os episódios mais difíceis e menores, porque, nesse caso, a marcha de sua vida é o que possibilita a compreensão do personagem, seja como intelectual humanista, seja como homem empenhado em sobreviver. E tanto para sobreviver como também para merecer o seu destino, diferentemente de muitos de seus amigos escritores, professores e também de sua mulher e sua sogra, todos assassinados pela máquina mortífera de Adolf Hitler, quer construir uma vida de trabalho. Essa postura resulta, para sorte nossa, em uma produção de largas fronteiras que promove o diálogo entre culturas, a afirmação do valor da literatura e do homem a partir de sua vocação para a universalidade e da confiança do mérito como caminho legítimo para um projeto de vida bem-sucedido. No itinerário de Paulo Rónai, biografia e obra integram um mesmo movimento contra Babel.

2

**Notas de um amante das letras e das línguas
Budapeste, 1928-1937**

Rónai Pal Budapest V. Alkotmány U., 12.

1 de janeiro de 1928.

Com a letra mínima, curvilínea, em tinta preta, o jovem Pál anota a primeira página de seu diário – na verdade uma agenda de capa de couro preta, folhas pautadas com as laterais douradas, medindo 7 por dez centímetros, para acomodar intimamente no bolso da calça ou no paletó de inverno. Fazia frio em Budapeste. Aquele inverno chegara a 13 graus negativos.

No alto da página de 1º de janeiro, sublinhou seu nome. Embaixo dele, *bòlisénzhallzabó*, uma longa palavra que assinalava sua ocupação no momento: estudante da faculdade de filosofia. Ao lado, seu endereço: Budapeste, Quinto Distrito, Alkotmány Utca, 12 (Rua da Constituição, 12), quarta escadaria, primeiro andar, apartamento número 10. Ali, em um prédio imponente de estilo eclético, construção típica da virada do século budapestiana, Paulo, nascido em 1907, morava com seus pais, Miksa Rónai e Gisela Lövi Rónai, e seus cinco irmãos mais novos: Clara, Jorge, as gêmeas Eva e Catarina, e o caçula Francisco⁴. No fim da rua larga, compleição de avenida, voltada para o Danúbio, se avistava o Parlamento húngaro, construído em 1902, cinco anos antes de seu nascimento, e que se impunha como um gigantesco edifício em estilo neogótico aos moldes do Parlamento inglês de Westminster, fundindo ainda referências magiar medieval, renascentista francês e neobarroca.⁵

⁴ Optou-se por tratar os nomes próprios húngaros da família Rónai traduzidos em português, como o próprio Paulo fazia em muitos de seus textos. Já nos casos de escritores, mantive os nomes no original, porém em ordem nome, sobrenome, diferentemente da onomástica húngara, que usa de forma invertida. Ex: Rónai Pál. No caso das citações de Paulo Rónai, respeito sempre suas opções de grafia dos nomes próprios.

⁵ Quando foi construído, em 1902, era o maior edifício de Parlamento do mundo. Alguns números denotam essa suntuosidade da edificação que contava com 27 portões e decoração feita com 42 quilos de ouro.

No Quinto Distrito, Lipótváros, havia uma série de prédios públicos, muitos localizados no entorno da grande Praça Szabadság (Szabadság Ter.), além de escolas e alguns cafés. Verdadeiro patrimônio cultural da cidade, os cafés⁶ de Budapeste reuniam, desde o começo do século XX (quando contabilizavam mais de 600 casas), toda sorte de intelectuais, artistas, políticos, e eram ainda ponto de encontro de universitários e jovens com aspirações intelectuais, funcionando como uma espécie de formação paralela, no reforço das matérias de sociabilidade, conversas intelectuais e conhecimento de uma produção artística e literária feita por grandes figuras do período, que frequentavam igualmente esse circuito. Em 1928 os cafés viviam sua época áurea, momento que se estenderia até 1940. Mas desde o começo do século os cafés que se espalhavam por toda a capital já ostentavam essa mesma reputação. “Toda pessoa inteligente tinha passado uma parte de sua juventude na cafeteria (...) sem o quê a educação de um rapaz seria imperfeita e incompleta.”⁷

Era nesses estabelecimentos localizados em toda a geografia de Budapeste, em ambos os lados do Danúbio, que Paulo encontrava alguns amigos da faculdade, professores e poetas. Àquela altura, aos 20 anos, 1,64 de altura, ar sóbrio, postura sempre contida, Paulo já era um apaixonado por poesia e idiomas. Arriscara alguns versos ainda no ginásio (completado na instituição pública Berzsenyi Dániel, a menos de três quilômetros de sua casa, entre 1917 e 1925), publicando poemas de sua autoria no jornal escolar. Sua primeira tradução foi feita nessa época: apresentou ao Grêmio Literário do colégio sua versão húngara de “A minha mãe”, do poeta alemão Heine⁸, autor que adorava, antes mesmo do encantamento com os latinos. Quando ingressa na Faculdade de Filosofia da Universidade Pázmány Péter,⁹ aluno dos cursos de filologia e línguas neolatinas, Paulo já atuava como tradutor. E, a partir de 1926, aos 19 anos, dedica-se à tradução de poesia latina, vertendo para o húngaro poemas de Virgílio, Horácio,

⁶ A tradição do café chegou à Budapeste no século XVI, devido a influência turca, enquanto chegaria nas cidades de Paris e Viena apenas um século depois.

⁷ Citação feita em 1926 por Jenő Rákosi apud LUKACS, John. *Budapeste, 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p.181.

⁸ RÓNAI, Paulo. “A tradução mais difícil”. In: *Escola de tradutores*. 7ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 168.

⁹ Atual Eötvös Lóránd.

Catulo, entre outros clássicos, publicados, sobretudo, na revista de nome sugestivo: *Új Idök (Tempos Novos)*.

“No começo, a gramática me assustou; mesmo depois, mais tarde, quando nos faziam ler César, Salústio, Tito Lívio e Cícero, eu partilhava ainda da ojeriza da maioria de meus companheiros de turma. O deslumbramento veio com Virgílio no dia em que logrei escandir sozinho um hexâmetro. Comecei a encontrar prazer quase sensual naqueles versos que, aparentemente iguais, eram de extrema variedade musical; decorava-os, saboreava-os, recitava-os para mim mesmo. Transplantar poesia latina era, aliás, costume de grande tradição no país.”¹⁰

A intimidade de Paulo com o latim era mérito maior de sua educação ginásial, que refletia, na solidez e extensão de áreas do conhecimento estudadas, todo um movimento húngaro de consolidação cultural, educacional e política. A vida nos liceus húngaros refletia essa realidade. Era ali que a formação dos jovens se dava a partir de um currículo exigente, de amplo caráter humanista, e transmitido por professores de grande envergadura intelectual – muitos deles doutores em filosofia, literatura e demais matérias, que comumente iniciavam suas aulas convocando alunos para declamação, o que exigia que estivessem sempre muito bem preparados e adotassem rotina de imensa disciplina e estudo. A exigência era imensa, sendo bem ilustrada por notícias surpreendentes como o “C” que o futuro bioquímico e Prêmio Nobel Albert Szent-Györgyi recebera em física, e o “B” alcançado por Béla Bartók na matéria de composição musical. Assim, desde 1855, durante o governo que fixou escolaridade compulsória até os 12 anos, no âmbito das chamadas reformas Thun,¹¹ os ginásios de Budapeste se firmavam como instituições de excelência, comparados aos melhores da Europa. As universidades não ficariam atrás, acompanhando esse mesmo movimento de aprimoramento e expansão. Para se ter uma ideia, entre 1892 e 1905 o número de professores universitários dobrou.¹² Praticamente na mesma proporção se incrementava o número de alunos e a qualidade de sua formação.

Na grande maioria dos liceus, o currículo básico compreendia de seis a oito anos de latim, três anos de grego, alto nível de matemática, grande ênfase na história da

¹⁰ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 191

¹¹ Como ministro da educação e religião, de 1849 a 1860, Leopold Graf von Thun realizou notável reforma no ensino do Império, modernizando escolas e métodos de aprendizagem e investindo na formação de professores, muitos deles trazidos da Alemanha.

¹² LUKACS, John, op. cit., p. 175.

literatura magiar e da história húngara, além de história grega e romana.¹³ Este mesmo currículo, com variadas matérias e ênfase nos estudos de línguas (no caso do latim, com seis aulas semanais durante oito anos), é o que consta no diploma ginásial de Paulo, que não era exceção naquele contexto húngaro do início do século XX, mas exemplo bem acabado dessa extraordinária conjuntura educacional. Certamente o aplicado estudante saberia desfrutar desse ambiente estimulante – e exigente. Não apenas nas carteiras escolares, mas também em toda Budapeste, que, nesse começo do século XX, era cenário de um movimento de afirmação cultural húngara empenhado por parte de artistas e intelectuais.

Chama-se de geração de 1900 uma feliz confluência de húngaros brilhantes, atuantes nas mais diferentes áreas, nascidos nesse arco da virada do século.

“Pois foi por volta dessa época que, dos ginásios e universidades, dos lares burgueses e das famílias da pequena nobreza dessa então obscura e relativamente pequena nação, uma geração extraordinária de eruditos, cientistas, escritores, pensadores, inventores, filósofos, financistas, *faiseurs* [empreendedores], pintores, compositores, músicos (...) revelou-se no mundo exterior que sabe o nome de muitos deles até hoje (...)”.¹⁴

No intervalo entre 1875 e 1905 nasciam na Hungria nada menos de que cinco futuros ganhadores do Prêmio Nobel.¹⁵ Além do já citado Albert Szent-Györgyi, os físicos Eugene P. Wigner, Georg Békésy e Dennis Gábor, e o médico Robert Bárány. No campo da literatura, faziam parte dessa notável geração Endre Ady, FÉrenc Molnár, Gyula Krúdy, Dezső Szabó, Deszö Kosztolányi, grupo ao qual se credita a fundação da moderna literatura magiar. Muitos deles gravitavam em torno da revista *Nyugat*, publicada entre 1908 e 1941, veículo seminal para a divulgação e experimentação dessa nova literatura local, e do desejo manifesto dos jovens intelectuais húngaros de se conectar com a Europa. *Nyugat* é a palavra húngara para Ocidente. A revista alcançou notoriedade internacional. Entre os nomes de seus principais articuladores estavam os dos escritores Mihály Babits,

¹³ Em seu livro *Budapeste 1900*, o historiador John Lukacs desenha todo o cenário cultural de Budapeste no começo do século e encontra na educação elemento seminal para justificar o surgimento de todo um período de ouro para a cultura na virada do século.

¹⁴ LUKACS, op. cit., pag 41.

¹⁵ O destaque ao fato é dado por Lukacs no livro citado.

Ernö Szép,¹⁶ que absorviam diferentes vertentes das expressões que emergiam na Hungria e se irmanavam na reverência absoluta que o nome de Endre Ady (1877-1918) se tornara em 1906 a partir do lançamento de seu livro *Novos poemas*, cujos versos de abertura surgiam como expressão inaugural de uma nova Hungria: “Abrirei caminho por baixo do Dévény/ Como novas canções para os novos tempos?”.

Dévény é a aldeia a oeste da Hungria, mais vizinha à Europa ocidental, por onde o Danúbio penetra o território húngaro. Ady era o retrato de uma Hungria que queria se libertar do atraso social e da estagnação intelectual,¹⁷ e estar conectada com o mundo. Em poucos casos da história um poeta causou tamanho impacto como Ady naquele momento, em sua terra natal. Tornava-se imediatamente uma grande referência intelectual para a nação, principalmente para aqueles que, como ele, queriam se desvencilhar das louvações fáceis e românticas de uma Hungria de belezas e tradições passadistas, arcaica e muitas vezes opressora. Sua fúria lírica clamava por uma reação do país que havia sido dramaticamente mutilado após o fim da Primeira Guerra Mundial, vivendo além de dramáticas perdas humanas, a supressão de 2/3 de seu território. Ady cantou a guerra:

*Do alto do céu um anjo enraivecido
tocou o alarme para a terra triste.
Endoidaram cem jovens pelo menos,
caíram pelo menos cem estrelas,
pelo menos cem virgens se perderam:
foi uma estranha, estranhíssima noite de verão.*

*Nossa velha colmeia pegou fogo,
nosso potro melhor quebrou a pata,
os mortos, no meu sonho, estavam vivos
e Burkus, nosso cão fiel, sumiu,*

¹⁶ Babits, escritor, foi professor de literatura estrangeira e húngara na universidade de Budapeste (Eötvös Loránd) por breve período antes de 1919. Szép era dramaturgo, contista, poeta e jornalista.

¹⁷ Rónai escreveria anos mais tarde um ensaio sobre o poeta sublinhando seu caráter “Do Ér ao Oceano” (*Correio da Manhã*, 22/12/1946). Depois publicado em 1958 no livro *Como aprendi o português e outras aventuras*.

*nossa criada Mári, que era muda, esganiçou de pronto uma canção:
foi uma estranha, estranhíssima noite de verão.*¹⁸

É certo que no contexto de um “atoleiro” patriarcal, cômodo, “quentinho”, Ady esbarraria em forte resistência. “Depois da Primeira Guerra Mundial (...) sua figura cresceu bastante, a despeito de muitos dos que estavam interessados em manter o atoleiro, mesmo diminuído, o acusarem de ter sido o causador do processo de dissolução de que fora apenas o anunciador.”¹⁹

Para além do contexto político, Ady se convertera na mais absoluta, íntima e definidora referência literária de Paulo Rónai: “Nenhuma obra literária, estou certo, exerceu sobre mim influência igual. Muitas palavras têm para mim o sentido que Ady lhes deu; não raro meus sofrimentos e alegrias, sem que eu o queira, moldam-se nas fórmulas definitivas em que seus sofrimentos e alegrias se cristalizaram.”²⁰ Os versos de Ady, “de tão decorados, recitados e meditados, se tornaram parte integrante da minha própria sensibilidade.”²¹

Ady encarna uma postura assumida também por Paulo, tendo em mira a busca pela integração da Hungria num contexto mais europeu e moderno, provocando esse avanço de fronteiras por meio da palavra. Ady opera essa vontade de Europa e modernidade pela poesia. Paulo pela tradução. Ambos tinham ainda outro traço em comum, a relação com a França, que revelara um universo rico de experiências e futuro, fazendo do regresso a Budapeste uma experiência de “vácuo insuportável”. É certo que para Ady, nascido numa pequena aldeia na Transilvânia e que visitara Paris pela primeira vez em 1906, o embate com o ambiente húngaro em oposição a uma capital moderna como a francesa no começo do século XX era muito mais radical. Paulo transitava com mais suavidade entre os dois cenários. Mas, assim como Ady, o jovem Rónai assumia o compromisso de lutar por meio da palavra contra o isolamento húngaro; e tinha as suas armas. “Preocupados com a sua integração espiritual na comunidade europeia, os intelectuais de todas as épocas não somente estudavam línguas, mas

¹⁸ “Recordação de uma noite de verão”. Tradução Nelson Ascher.

¹⁹ RÓNAI, Paulo. “Do Ér ao Oceano”, *Correio da Manhã*, 22/12/1946.

²⁰ Idem.

²¹ Ibid.

se empenhavam em traduzir obras-primas das literaturas estrangeiras”,²² pontua Rónai. Assim, ao lado dele e de Ady, outros húngaros buscariam essa integração ao mesmo tempo cultural e política do país. No campo da tradução, que na Hungria tornava-se também o campo de uma tradição, escritores notáveis levantavam a mesma bandeira nesse ofício bifronte.

“A bagagem poética dos maiores poetas magiares sempre inclui traduções: Csokonai verteu Pope; Vörösmarty, Arany, Petöfi transplantaram Shakespeare; Baudelaire teve tradutores como Ady, Árpád Tóth e Babits. Este último consagrou, aliás, parte da existência à versão de Dante, como já antes dele Arany não julgara perder tempo levando anos a interpretar Aristófanes. Na Hungria, as traduções eram sempre comentadas e discutidas, pelo menos tanto quanto as obras originais.”²³

É fato que o momento notável desse início de século na Hungria não era exclusividade do mundo das letras. Afinal a tal nobre geração de 1900 incluía além dos físicos já citados, matemáticos igualmente notórios como Frigyes Riesz e Lipót Fejér, além do filósofo Georg Luckács, dos compositores Béla Bartók, Emmerich Kálmán, do arquiteto Marcel Breuer, do designer, fotógrafo e pintor Lászlo Moholy-Nagy, e de um time de fotógrafos que, fora da Hungria (caminho, aliás, percorrido pela maior parte desses húngaros), se transformariam em grandes nomes da fotografia mundial: André Kertész, Márton Munkácsi e Brassai. No campo das artes plásticas, pintores como Károly Ferenczy, Jáns Vaszary e József Rippl-Rónai erguiam uma autêntica escola de pintura húngara moderna de cores próprias.

O que irmanava muitos desses homens, além da circunstância temporal e o fato de serem produto de uma sociedade atenta à educação e que incentivava e prestigiava as atividades intelectuais, era esse mesmo desejo incontido de modernização. De um lado, expandindo e afirmando uma cultura húngara independente e valiosa; por outro, o gesto de pender mais ao Ocidente, afirmando o cosmopolitismo e um novo caráter urbano, que buscava aproximar a Hungria da Europa. Como um todo, delineava-se um retrato de efervescência intelectual de múltiplas proporções possibilitado pelo ambiente favorável cultural, social e também econômico de Budapeste.

²² RÓNAI, Paulo. “Confidências de tradutores”. In: *Escola de tradutores*, op. cit., p. 89

²³ Idem.

Para essa expansão das fronteiras geográficas e culturais, esse grupo de intelectuais húngaros se valia de uma extraordinária vantagem: a intensa relação com idiomas diversos; vocação histórica de um caráter poliglota dos húngaros, sobretudo os de Budapeste. Durante muito tempo, nos auspícios da monarquia dual austro-húngara, o alemão era a língua corrente na capital. “Em 1851 o alemão era a língua principal de uma pequena maioria em Peste e de cinco entre seis pessoas em Buda.”²⁴ Aos poucos essa configuração mudaria, sobretudo após 1860,²⁵ deixando de ser a língua usada pelos judeus, que em grande número ocupavam Peste.²⁶ E, assim, a referência magiar-judia de Peste começava a sobrepor-se sobre a herança alemã-húngara de Buda.

Nesse contexto, enquanto o grego, o latim e o alemão eram línguas obrigatórias nas escolas, muitas famílias ascendentes, da alta e média burguesia, complementavam a formação de seus filhos com aulas particulares de línguas europeias, sobretudo a francesa, na Hungria, a mais popular dentre todas. Assim, a característica poliglota dos húngaros não se devia apenas ao caráter hermético de sua língua-mãe, a língua magiar solitária e órfã, sem parentescos com linhagens europeias, seja latina, germânica ou eslava, e a conseqüente necessidade de ampliação do cardápio de idiomas, mas também se fixava como efeito do grande “apetite cultural” que se tornara marca do povo húngaro e de uma expectativa de refinamento das classes mais abastardas.²⁷

²⁴ LUKACS, op. cit., p. 127

²⁵ Devido ao processo de magiarização, que tem início em 1830, reivindicando uma menor influência germânica e valorização da cultura e da língua húngaras. Um marco nesse curso de afirmação magiar acontece em 1867, com o Compromisso áustro-húngaro, que estabelecia uma monarquia dual, tirando a Hungria do pleno domínio do Império austríaco.

²⁶ O grande número de judeus em Peste fez com que esta parte da cidade ganhasse a alcunha de Judapeste.

²⁷ Essa mesma fome cultural se refletiria em outras áreas, como a imprensa e a indústria de livros, ambientes que seriam frequentados por Rónai.



Paulo Rónai, Budapeste, anos 1920

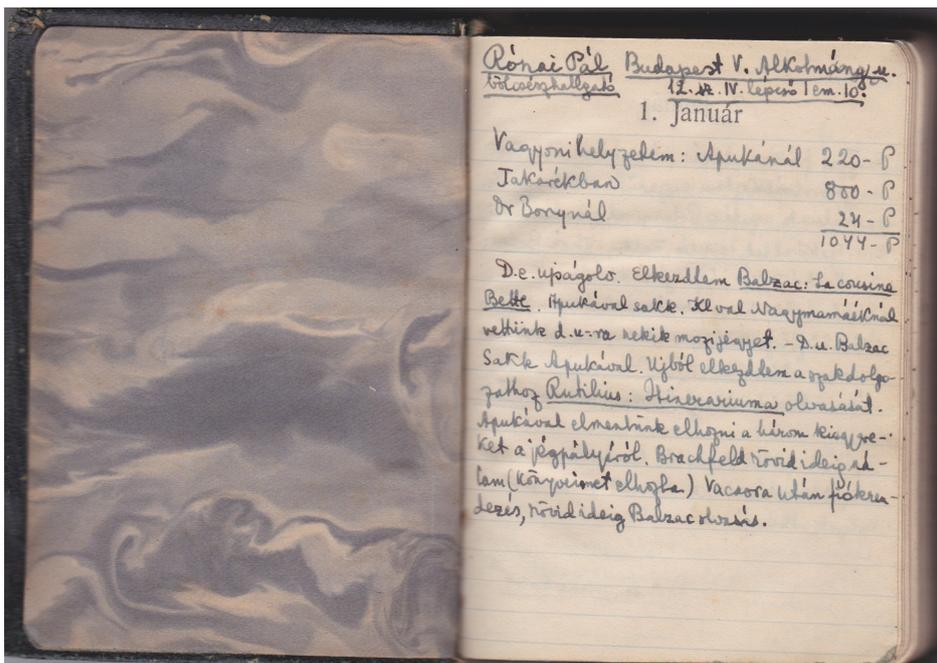
Em 1928, Paulo, filho de família judia de classe média e intelectualizada, já ostentava o certificado emitido dois anos antes pela Aliança Francesa para lecionar francês. O encontro com a língua, no entanto, não se deu em aulas particulares, mas na livraria de seu pai, Miksa, localizada no térreo do número 10 da mesma Alkotmány utca, para onde se mudaram, habitando um apartamento no edifício.²⁸ Miksa, originalmente vendedor em outra livraria, conseguira fundar seu próprio estabelecimento, graças ao dote de casamento oferecido pela família Lövi. Criou então um misto de livraria e papelaria, oferecendo além de livros, muitos deles didáticos, outros itens do material escolar. Além dessa vocação específica, a livraria de Miksa Rónai contava com farta seleção de títulos jurídicos, o que se explicava pelo tino comercial do livreiro em aproveitar a proximidade com o Fórum de Justiça da cidade. Diversos advogados e demais juristas faziam da livraria um ponto de encontro para tomar um café e bater papo.²⁹ E também para comprar livros, é claro. Escadas móveis alcançavam os pontos mais altos das estantes. Lá no alto, desde pequeno, Paulo sentava para descobrir os livros e ficava concentrado em suas leituras até que alguém precisasse das escadas.

²⁸ Documentos da prefeitura, obtidos com a ajuda da Embaixada brasileira em Budapeste, atesta a existência do estabelecimento em nome de Miksa Rónai nos anos 1930. E ainda em 1943, em plena guerra, continuaria em atividade.

²⁹ Para levantamento de informações sobre a livraria, além da entrevista de Paulo Rónai à Folha de S. Paulo (“Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”. Entrevista a Nelson Ascher e Alcino Leite Neto. *Folha de S. Paulo*. 27/04/1991), foram valiosas as conversas com Nora Rónai.

Foi ali que Paulo travara primeiro contato com a literatura francesa, quando recebeu de presente um livro de Balzac – o tempo mostraria o quanto esse contato original seria decisivo na sua vida intelectual. Nesse ambiente favorável, Paulo desenvolveria a paixão insaciável pelos livros, tendo uma livraria inteira à sua disposição e com pais que cultivavam arduamente o hábito da leitura.³⁰

No primeiro dia de 1928, Paulo anotava sua leitura daquele momento: *La cousine Bette*, livro daquele que já era seu romancista predileto. Antes de Balzac, no entanto, sua contabilidade pessoal ganhava destaque na folhinha de estreia de suas anotações pessoais, um hábito de fino controle financeiro que conservaria por toda a vida. Naquele primeiro dia do ano, calculava o que havia poupado, entre dinheiro que recebera do pai e outro pequeno montante que guardava na poupança, somando 1044 pegös.³¹



Diário: primeira anotação, em húngaro, 1º de janeiro de 1928

Nos dias que se seguiram, as anotações tomam as páginas de ponta a ponta, desenhando em detalhes, em sua língua natal, o cotidiano de jovem estudante:

³⁰ “Meu pai tinha uma livraria. Eu praticamente nasci numa livraria. O primeiro livro que meu pai me deu era de Balzac. Mas geralmente a livraria estava à minha disposição, e como meus pais gostavam de ler, eu também comecei a gostar”. Em entrevista a Egon e Frida Wolff. *Depoimentos – Um perfil da coletividade judaica brasileira*. (Edição dos autores). Rio de Janeiro: 1988.

³¹ Moeda húngara de 1927 a 1946.

idas à faculdade, estudos na biblioteca, visitas de amigos; e a vida em família, entre as partidas de xadrez com o pai, as sessões de cinema com Clara, sua irmã mais próxima, e os passeios com os irmãos mais novos na pista de gelo para patinação.³²

Com muitas vogais (15 ao todo, para 24 consoantes), as tônicas marcando sempre as primeiras sílabas de todas as palavras, mesmo as mais longas, seu idioma é usado com a desenvoltura típica de um nativo, que aproveita de sua língua elástica, capaz de criar novas palavras de forma aglutinante, ao sabor de todo desejo de expressão. Aos olhos de quem a desconhece, é primordialmente uma língua de imensa força sonora, musical. Sabe-se que devido à sua origem, na verdade, à origem do povo húngaro – pastores, nômades, guerreiros –, a língua se cunhou para ser entendida nas circunstâncias mais diversas, o que explicaria a sua conformação. É assim que nos explica o mestre das línguas, existentes e próprias, Guimarães Rosa:

“Que assim, sempre em dispersão, pastores no país plano, precisavam de que os radicais das palavras se afirmassem preponderante e primeiramente, sem deformações como as que ocorrem nas nossas, indo-germânicas. Do que, não terem preposição. Por outro lado, constantes guerreiros, carecendo de se comunicarem e se entenderem, desabridamente, por entre gritos, eias, cuquiadas e tropel, correndo à descrição de cavalos, exigiam-se vocalização nítida, acentuação enérgica, e finais de palavras cortantes, pontudos, ou cheios, nunca surdos.”³³

Curioso pensar que se no delineamento da língua estava a necessidade de comunicação, com o tempo, o idioma húngaro se viu isolado, sem vizinhança com quase nenhum outro, por pertencer “ao ramo ugriano-finês da grande família turaniana, tanto quanto o finlandês e o turco”, como pontua Guimarães Rosa, que retorna em auxílio. “Mas seus mais parentes, mesmo assim não muito próximo, com esses formando porém o magiar um subgrupo linguístico, são os idiomas falados por pequenos grupos de nômades da rena ou pescadores, na Sibéria: o ostiaco e o vogul.”³⁴ Vê-se que nem mesmo as origens parecem tão claras. Paulo

³² A ajuda de Nora Rónai foi essencial para a leitura da parte do diário escrita em húngaro.

³³ ROSA, Guimarães. In: “Pequena Palavra”. In: Rónai, Paulo. *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958, p. 20

³⁴ Idem, p. 20

Rónai resume de forma um tanto mais nítida, porque resumida, confirmando, porém, seu caráter de isolamento.

“Conservado milagrosamente no ponto de confluência de três grandes blocos linguísticos – o eslavo, o latino e o germânico – o magiar mantém-se estranho e desirmanado, numa independência que constitui enigma para estudiosos. Extremamente rico de possibilidades de expressão, mais manejável do que outra qualquer língua civilizada (pois cada bom escritor a recria constantemente), esse idioma por isso mesmo rodeia os que dele se servem de uma barreira quase intransponível.”³⁵

E o húngaro se fez um idioma para dentro, daqueles do qual não se apreende nem ao menos meia palavra. Uma língua para se falar com o diabo, como versa a história então mítica do rei espanhol Carlos V, também lembrada pelo mestre de Cordisburgo.

“Donde bem, por essas e outras, contam que Carlos V, que desde muito menino teve que estudar uma porção de idiomas, por quantas terras e povos em que reinar, costumava dizer que: o espanhol era para se falar com os reis, o italiano com a mulher amada, o francês com o amigo, o holandês com serviçais, o alemão com os soldados, o latim com Deus, o húngaro com... o diabo.”³⁶

Nessa língua quase oculta, porém bela, Rónai vai desenhando os eventos de seus dias como um registro profundamente pessoal. Para si. Abrevia palavras, sejam verbos ou nomes próprios, enumera por vezes banalidades (“me barbeei”) – faz uma agenda *a posteriori*. Aos poucos, expectativas e breves impressões reivindicavam algum espaço nas pequenas páginas. Paulo se preparava para uma esperada viagem.

O dia 17 de fevereiro é destacado com retângulo preto conferindo ênfase à data. Paulo partiria de trem rumo à Viena, sua primeira escala. Por quatro dias permaneceria na capital austríaca. Seguindo depois para Salzburgo, e, em seguida, para Munique. O destino do aplicado universitário da Europa Central era Paris, onde complementaria seus estudos de francês, graças a uma bolsa que recebera para frequentar a Sorbonne.

³⁵ RÓNAI, Paulo. *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958, p. 31

³⁶ Idem, p. 22

Em 28 de fevereiro, depois de percorrer os 800 quilômetros, chega à capital francesa – era a segunda vez que estava em Paris. Antes, passara um período estudando na Sorbonne e na Aliança Francesa.³⁷ Ali, falaria a língua que amava, que lia com imenso apetite e que já havia se tornado, àquela altura, ainda de maneira parcimoniosa, matéria de seu ofício de tradutor. A primeira noite passou na Rue St. Jacques, 214, no *Cinquième*, perto da Sorbonne e do rio Sena. Na manhã seguinte caminhou pelo Boulevard St. Germain, parou em um café para ler jornais. Foi um dia tipicamente parisiense, que descreveu em um francês sem tropeços. Era a primeira vez, em seu diário, que deixava o húngaro para trás. Um gesto que marcaria uma inflexão. Não apenas por ser um dia bissexto. Mas porque a partir dali, o idioma francês seria seu aliado na memória diária de seu trabalho, tarefas, angústias, segredos, leituras, planos, contabilidades. No fim daquele 29 de fevereiro, Paulo estava feliz. No fim daquele 29 de fevereiro, Paulo estava feliz e celebrava a novidade de seu novo endereço parisiense:

*“D’abord j’ai loué une chambre – 3, rue Champollion!”*³⁸

Mas Paulo não estava em Paris a passeio e correu para tomar as providências da matrícula na universidade, inscrição na Associação de Estudantes e Biblioteca Central. E ainda tratou de encomendar um cartão de visitas, pelo preço de 50 francos. Estava interessado também em fazer contatos.

A temporada parisiense é marcada por trabalhos e estudos. Chega a ficar muitas horas diárias na biblioteca. Traduz Ovídio, prepara a tradução de obras do historiador romano Salústio e do romance de época *Theodóra*, este último trabalho que revisa ao longo de muitas semanas. O trabalho de tradução já é intenso nesse momento, afinal Paulo precisava fazer dinheiro. Há dias em que contabiliza em seu diário o número de páginas que verte do francês para o húngaro. No dia 28 de março, são 33 de *Le coeur et les chiffres*, de Georges Imann.

³⁷ Em 1926 obtém certificado da Aliança Francesa para ensino geral de francês.

³⁸ Diário, 29 de fevereiro de 1928.

Escrever em francês em seu diário parece inicialmente uma maneira de se aproximar do idioma de forma mais prática, intensa, saboreando as palavras de forma mais corriqueira. Não bastando viver o francês no cotidiano nos meses que residiu em Paris, quer também uma vivência íntima nesse território de seus registros diários. Por que? Para exercitar? Seguir uma tradição intelectual e social que acena o francês como a língua da literatura, da erudição? Estar próximo da língua francesa não era apenas vocação ou interesse de seu ofício de tradutor, mas talvez espelho de um gesto tipicamente húngaro, um povo “atormentado pelo conflito incessante de suas origens asiáticas e de suas aspirações europeias.”³⁹ Comportamento comum nas gerações que se seguiam a de 1900, em Budapeste. No caso de Paulo, suas aspirações eram também bem objetivas. Ler uma literatura que o fascinava, desejando muitas vezes traduzi-la para sua língua natal e fazer também o movimento inverso; vertendo sua literatura natal para a língua de Balzac.

A leitura dos autores franceses se intensificava exponencialmente. Grandes autores eram sua companhia constante. Xavier de Maistre (*Les prisonniers du Caucase*), Daudet (*Lettres de mon Moulin*), Maupassant (novelas *Le Rosier*, *L'héritage*, *Les contes de la bécasse*), Alfred de Vigny (conjunto de novelas *Servitude et grandeur militaires*⁴⁰ e o romance *Stello*), Musset (*Les deux maîtresses*), Georges Duhamel (*Confession de minuit*), Balzac, uma presença certa (a peça *Vautrin* e o romance *Le Vicaire des Ardennes*), e ainda sátiras de Horácio, além de livros mais teóricos ou técnicos, como *L'art de la prose*, de Gustave Lanson e volumes sobre regência francesa e gramática.

Tanta leitura, no entanto, não tirava de Paulo o tempo para o teatro, outra paixão que conservava desde muito cedo. O menu teatral parisiense era fartíssimo e o rapaz aproveitou o que pôde. Na Comédie française, no Théâtre Mogador, no Théâtre de la Michodière, na ópera cômica ou até no Moulin Rouge, assistiu *Les Précieuses ridicules* e *Le Tartuffe*, de Molière; *Le mariage de Figaro*, de Beaumarchais, *Ruy Blas*, de Victor Hugo, *L'abbé Constantin*, feita a partir do romance de Ludovic Halévy, e *L'Oiseau bleu*, do belga Maurice Maeterlinck. E

⁴⁰ Anos depois traduziria para o português.

ainda as óperas *Sansão e Dalila* e *Madame Butterfly*. Estava à vontade e satisfeito com sua vida francesa.

Em 13 abril de 1928 Paulo completava 21 anos sem grandes eventos. Acordou cedo, leu jornal, tomou banho, foi ao salão cortar cabelo, e ao Théâtre de L'Oeuvre para comprar ingressos. Com o amigo húngaro Polonzi caminhou até a biblioteca central da universidade e fez um bom passeio pela cidade, passando pela Place des Vosges, Rue Saint Antoine, Bastille, seguindo a pé até sua residência. Escreveu cartas e se deitou.

Os dias não variavam muito, seguindo um roteiro conhecido: biblioteca, passeios, traduções e leituras em casa, cartas, teatro com amigos. Também visitava museus, indo repetidas vezes ao Louvre, ao Musée Indochinois em Trocadéro e, sempre que podia, fazia escala no meio do dia no Jardim de Luxemburgo. Lia. Fez pequenas viagens a Rouen, Chantilly, Fontainebleau, Reims, Luxemburgo. E em agosto uma maior por Bruges, Bruxelas, Antuérpia, Colônia, Frankfurt, Nuremberg.

Em setembro, depois de um banho de cultura francesa *in loco*, Paulo está de volta a Budapeste. Começa a estudar alemão, como registra em 7 de setembro (“*Commencé l'étude allemande - Keller*”), e retoma os estudos na universidade. Paulo tem a energia de juventude e uma rotina movimentada, inteiramente voltada para encontros em torno de trabalho e estudo. À noite, em casa, dedica-se à leitura de *Iliada* e ao xadrez com seu pai.

O costume de Paulo em anotar diariamente os livros que lê vai delineando de forma valiosa seu perfil de leitor. E seguimos imaginando a labiríntica biblioteca que toma corpo no quarto do jovem Rónai. Anos à frente, abandonará forçadamente esta mesma biblioteca em sua fuga para o Brasil, o que faz dessas referências ainda mais cruciais. Paulo é, desde este momento, começo dos vinte anos, um leitor eclético, versátil, imprevisível. Na sua mesa de cabeceira dividem espaço Cícero, Sainte-Beuve (*Portraits littéraires*), Rabelais (*Gargantua*), Laurence Sterne (*Voyage sentimental à travers la France et l'Italie*), Zola (*Le roman expérimental*), Duhamel (*Civilisation*), o poema épico francês *La chanson*

de Roland, H. Taine (*Nouveaux essais de critique et d'histoire*). Balzac também estava presente em um estudo do crítico Émile Faguet. Em novembro veria sua tradução da novela *Theodóra*⁴¹ publicada; nesse mesmo momento rascunharia a primeira página de sua tese francesa, com a qual obteria no ano seguinte o seu diploma de doutor em filologia e línguas neolatinas.

Paulo ainda tão novo já asseverava solidamente o perfil de um intelectual. No fim de 1928 não é mais Pál, seu nome húngaro, de batismo, como assinara no primeiro dia daquele ano. Era Paul, em francês:

Fin de 1928

Paul Rónai

2.1.

O francês, um intermédio

Nesses anos de juventude, os diários revelam o quanto, ainda rapaz, Paulo já estava inserido no universo das letras entre Budapeste e Paris e dedicado à tarefa de tradutor. Após esse período parisiense, Paulo se sente ainda mais próximo da letras francesas e suas leituras são prova dessa aderência. No dia 8 de janeiro de 1929, ele está lendo sete livros ao mesmo tempo. O inverno é de lascar. Chegando a 26 graus negativos em fevereiro. “*Froid terrible!*”, ele anota, sem escapar de um duro resfriado.

É no calor de sua casa que mergulha nos universos dos grandes autores, como Rousseau (*La Nouvelle Héloïse*), Victor Hugo (o romance *Notre-Dame de Paris* e o poema *Le Cimetière d'Eylau*), Stendhal (*Le rouge et le noir*), e na poesia de Baudelaire e Ronsard. Não deixa de lado os latinos Virgílio (as *Éclogas*), Terêncio, Cícero e Lucrécio. Louis Maigron (*Le roman historique à l'époque romantique*), François de Curel (com a peça *L'envers d'une sainte*) e *Medeia*, de Eurípedes, também fazem parte de suas leituras do ano. O estudo do francês, por

⁴¹ SARDOU, Victorien. BOTZARÈS, Pétros. *Theodóra*. Budapest: Singer, Wolfner, 1928.

meio dos romances e também de gramáticas, continua constante. Em novembro daquele ano de 1929, Paulo estaria de volta à Paris.

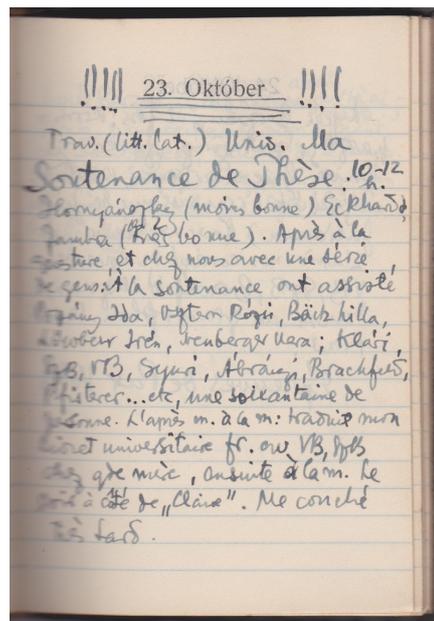
A nova temporada, de oito meses, vai até junho de 1930. Paulo está na capital francesa para mais um período de estudos na Sorbonne e na Aliança Francesa. Frequenta as atividades da universidade (as conferências, exames orais e também um animado baile, onde arriscou uma dança com a colega polonesa), a biblioteca com grande assiduidade, traduz versos do latim e mantém o invejável fôlego de leitor. Naquele ano sua lista incluía Flaubert (*Un coeur simple*), André Gide (*L'Immoraliste*), Alphonse Daudet (*Sapho*), Dostoiévski (*Crime et châtiment*), Antonio Fogazzaro (*Il santo*) e Pirandello (*La Volupté de l'honneur*). De Balzac lia mais: *La recherche de l'absolu*, *Illusions perdues*, *Le médecin de campagne*, *César Birotteau*.

Paulo já está bem acomodado na língua francesa e em julho deixa Paris⁴² em direção à Perugia, onde fará um rápido curso de italiano por um mês. Antes, passa por Avignon, Tarascon, Marseille, Gênova, Florença e Assis. Curioso observar que a mudança de fronteiras na geografia física também altera o território particular de suas anotações e o faz adotar a língua local para descrever o período de seu curso de férias na Universidade para Estrangeiros de Perugia (Universitá per Stranieri): “*La vita nuova comincia!*”⁴³

Quando volta, então, à velha vida budapestiana, em meados de agosto de 1930, o francês também está de volta em seus diários para que anote o retorno à universidade e o trabalho concentrado na tese francesa que levará um ponto final pouco mais de um mês adiante. *À margem dos romances de mocidade de Honoré de Balzac*, resultado de tantos anos de estudo sobre o autor francês, é apresentada na Universidade Pázmány Péter de Budapeste em 23 de outubro. O momento é de felicidade extrema, expressada na profusão de exclamações que desenha no seu *journal*. Paulo obtinha aos 23 anos o título de Doutor em Filologia e Línguas Neolatinas – Gramática e literatura francesa, latina e italiana.

⁴² Em 3 julho deixa Paris e escreve: “Quem sabe eu não a reveja uma quarta vez?”. Diário, 3/07/1930.

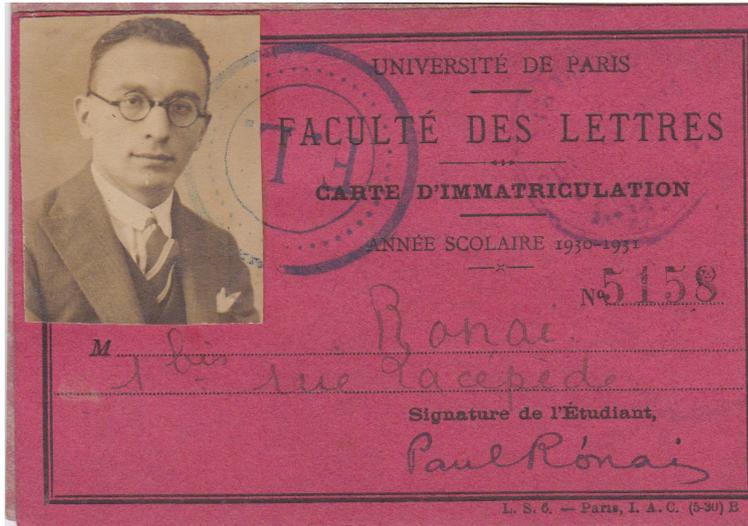
⁴³ Diário, 28 de julho de 1930. Sendo um amante da literatura italiana, ao que tudo indica, Paulo faz aqui uma referência ao livro *La Vita Nuova*, de Dante.



O título lhe cai bem. E está estampado no verso da capa de seu diário de 1931:
Dr. Rónai Pál. Paris Vème, 1 bis, Rue Lacépède.

Próximo de onde reside desde novembro 1930, Paulo caminha pela Rue des Bernardins, Rue de Varenne, pelo Jardin des Plantes. Continua enfático em seus estudos, agora não apenas de francês, mas também de italiano. Existe uma nova postura na sua maneira de se relacionar na cidade. Parece mais interessado em já construir uma rede voltada para sua atividade de tradutor, erguendo uma ponte entre a Hungria e a França, traduzindo e vertendo artigos, poemas e romances, num fluxo de mão dupla. Traduz para o francês autores húngaros como Kálmán Mikszáth, Zsigmond Móricz, Ferenc Mólnar, Dezső Kosztolányi⁴⁴. Publica artigos na *Revue Mondiale*, revista francesa literária voltada, como o próprio nome sugere, para produção mundial.

⁴⁴ Adiante, em sua *Antologia do conto húngaro*, Paulo escreveria os nomes como Kálmán Mikszáth, Sigismundo Móricz, Francisco Mólnar, Desidério Kosztolányi. Aqui, optou-se por colocar nomes no original, mesmo sem respeitar a onomástica húngara, com sobrenome antecedendo primeiro nome.



Carteira de estudante da Sorbonne, 1929/1930



Livro universitário Sorbonne, 1925 – 1931

Há nos relatos do período uma mistura de fatos prosaicos, como uma aula de dança da Rue de L'Odeon, um baile de estudantes húngaros no Hotel Lutetia, ou a leitura de Ady quando está melancólico depois do fim de um quase relacionamento amoroso, além de alguns (poucos) episódios extraordinários. Entre esses últimos, uma conferência de Thomas Mann na Sorbonne (em 11 maio) sobre Freud é digna de destaque. “... não entendi muito.” (“... *pas trop compris.*”),⁴⁵ comenta o estudante.

⁴⁵ Diário, 11 de maio de 1931.

Ao fim de mais uma temporada em Paris, Paulo já contabiliza uma imensa biblioteca, produto de suas leituras e estudos, que se ampliam em línguas e territórios.⁴⁶ Prepara mais uma vez seu retorno e arruma os livros em caixas antes de partir. Sua biblioteca seguiria depois, em agosto, já em grande volume – o que faz com que decida montar um catálogo de sua coleção. Na primeira noite de volta à casa, faz um passeio com os pais pelas ruas do bairro até o Danúbio e define: “Uma vida termina, uma outra começa”.⁴⁷

Essa vida que começa é uma vida de trabalho, de maior engajamento e preocupação com a carreira, e com o dinheiro. Paulo já se vê articulado com editores de livros, também editores de revistas e jornais, e se ocupa de traduções para diversas dessas publicações da imprensa. Também dá aula particulares. Vende para uma editora local a tradução para o húngaro de *Marion des neiges*, do escritor francês Jean Martet, feita em Paris, o que lhe rende 226 pegös, segundo anota.

Seus amigos são, como ele, homens das letras. Encontra nos cafés Kosztolányi, Bálint, Endre Gelléri, Antal Szerb (quando este último não estava estudando em Londres). Assiste a uma conferência de Georges Duhamel e emenda com ele uma conversa em um café local. Paulo circula com várias figuras que já gozavam de prestígio intelectual mas que, como ele, ainda não conseguiam fazer da atividade literária um meio de vida.

Por essa razão, quase todos escritores se desdobravam em outras atividades. Paulo não era exatamente escritor, se via mais alinhado à função de crítico e de tradutor, mas estava inserido na mesma realidade de intenso trabalho buscando sobreviver e se estabelecer profissionalmente. Também iniciava mais assiduamente suas atividades como professor. Em 1932, além das aulas particulares, também lecionava na Società Dante Alighieri de Budapeste. Naquele ano recebera o

⁴⁶ Além da grande maioria de títulos franceses, como uma biografia de Proust por León Pierre-Quint, os livros de e sobre Balzac, como *La Rabouilleuse* e *La vie amoureuse de Balzac*, este de J.H. Rosny Aîné, Pierre Benoit (*Le Déjeuner de Sousceyrac*), Georges Simenon (*La nuit du carrefour*), além de italianos como Dante, Carpenetto (*Il segreto della pace*), clássicos como Petrarca e Boccaccio, há pela primeira vez uma presença maior de autores ingleses, com destaque para Dickens (*The posthumous papers of the Pickwick Club* e *A Christmas Carol*) e Virginia Woolf (*La promenade au phare*), que lê em francês, numa tradução de *To the lighthouse*.

⁴⁷ “*Une vie finit, une autre commence.*” Diário, 3 de julho de 1930.

diploma de professor secundário nas cadeiras de língua francesa, latina e italiana, depois de prestar exames na Real Comissão do Estado Húngaro.

Para dar conta dessas várias funções, que encarava com incontestável responsabilidade, precisava se dedicar em casa, ao fim das jornadas, ao estudo de linguística, gramática e vocabulário. Fica exausto, anotando em seu diário, repetidas vezes, “muito cansado” (“*très fatigué*”). E sublinha frequentemente: “todo dia trabalhando” (“*toute la journ. trav.*”).

Vários dias, o trabalho incluía acompanhar como assistente o professor Paolo Calabrò,⁴⁸ titular no ensino de línguas no Liceu Bérgsenyi, um dos mais prestigiados da cidade, e diretor do Instituto Italiano de Cultura em Budapeste. No dia 27 de fevereiro, diante da ausência do mestre, Paulo assume a aula sozinho pela primeira vez. Ali e no Liceu Markó, ginásio para meninos, onde dava aulas avulsas desde janeiro, passaria a ministrar cursos e aulas, cenários que marcavam as suas primeiras experiências como professor ginásial de forma regular. Em outubro, assumiria outra turma ginásial, no Liceu Glücksthal.

Eram tempos bicudos. Economia vacilante e altos índices de desemprego. A família numerosa de seis filhos vivia com dificuldades e Paulo se desdobrava para ajudar nas finanças da casa. Entre as leituras italianas de Ariosto, Torquato Tasso e Goldoni, traduzia para o francês poetas húngaros, como Lörinc Szabó e Endre Ady, além de Mihály Babits. Este último, seu amigo, é companhia mais frequente em algumas tardes nos cafés. Paulo Rónai transitava no circuito literário de Budapeste com imensa desenvoltura, desempenhando o importante papel de divulgador dessa produção efervescente para além da geografia húngara. “Levar alguém pela mão para o outro lado”. É o próprio Paulo que lembraria a etimologia do latim *traducere*. “O sujeito do verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo.”⁴⁹ Mesmo com a vivência das temporadas em Paris, Paulo sentira a dificuldade de verter para o francês a poesia de seus conterrâneos. Trabalho de Sísifo ou de Tântalo, ao que muitos comparam a tarefa da tradução, sobretudo da poesia. No caso de Paulo, ela

⁴⁸ Publica com o professor Calabrò dicionário italiano-húngaro em 1935.

⁴⁹ “Definições da tradução e do tradutor”. In RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*, p. 24.

tivera início ainda em Paris, onde se dedicava a verter para o francês poemas⁵⁰ e também alguns contos húngaros.

“Foi quando descobri a inexistência de equivalentes perfeitos entre essa língua e a minha. Os tersos vocábulos franceses, alisados e desbastados por séculos de uso culto, não correspondiam às palavras húngaras, umas rústicas com sabor de terra, outras muito novas, recém-criadas para satisfazer necessidades urgentes. Todo o sistema de derivação era radicalmente diverso, as famílias de palavras constituíam-se de outros elementos e carregavam sugestões totalmente diversas.”⁵¹

Nem dicionários bilíngues, nem a experiência cotidiana e acadêmica na França resolviam o problema do jovem tradutor. Mas não existia ponto sem nó. E Paulo logo recorreu à ajuda de dois amigos franceses, Maurice Piha e Jean François-Primo, inaugurando uma nova maneira de trabalhar, a quatro mãos (ora com um, ora com outro).

A experiência foi o passaporte para uma colaboração fixa na *Nouvelle Revue de Hongrie*, revista em língua francesa que se dedicava à divulgação da Hungria no exterior, com circulação regular mensal entre 1932 e 1944. A *NRH*, como Paulo chamaria dali em diante, era mais um instrumento da luta pela integração cultural húngara encampada por jovens não conformistas que buscavam driblar o anacronismo local a partir dessa inserção da Hungria na modernidade. Para isso, apostavam numa comunhão de espírito com os amigos franceses, editando, sob a dupla direção de Georges Ottlik e Joseph Balogh, sempre em língua francesa, expoentes da moderna literatura magiar e artigos capazes de “autorizar” a entrada do país no “concerto universal” da modernidade.⁵²

Em maio de 1932 Paulo já havia feito cinco traduções para a *NRH*. A partir daquele mês, passava a frequentar a redação quase que diariamente. Sua missão era oferecer um conto húngaro vertido para o francês todo o mês, além de apresentar artigos e ensaios de temáticas locais e, de forma mais esporádica, traduções de poemas. Foi, sem dúvida, uma grande escola para Paulo, que nesse

⁵⁰ Parte desses poemas seria publicado na França em 1936, em uma antologia de poesia húngara. *Anthologie de la poésie hongroise*, par J. Hankis et L. Molnos. Paris: Editions du Sagittaire, 1936.

⁵¹ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 194.

⁵² Sobre o tema, ver tese defendida na universidade Eötvös Lóránd (Budapeste) e Universidade de Lyon por Henri de Montety (“La Nouvelle Revue Hongroise et ses amis français – (1932-44)”). <<http://www.etudes-slaves.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/ResumeThHenri-de-Montety.pdf>>

exercício voltado para as versões francesas, se via obrigado a inverter a ordem dos enunciados, reordenando-os de forma oposta às estruturas formadoras de seu húngaro natal (de estruturas orientais, fino-úgricas), seguindo uso linguístico ocidental.⁵³ O trabalho contava sempre com a colaboração dos parceiros franceses.

O trabalho na revista, que se estenderia até 1940, rendia algum dinheiro. Ao longo de 1931, Paulo gastava boa parte da renda em livros. Quase sempre é em Belvarós (bairro no coração de Peste com forte vocação comercial) que encontra suas livrarias. Em junho daquele ano leva para casa o recém-lançado *Grand dictionnaire français-hongrois*, do linguista francês Aurélien Sauvageot. Os rendimentos da tradução literária, no entanto, não eram suficientes para cobrir seus gastos e ainda ajudar em casa. Paulo, ainda tão jovem, não viu outra maneira de ampliar sua renda a não ser ampliando também seu volume de trabalho. Foi quando passou a fazer pequenos serviços de tradução de tipos diversos: comercial, técnica, pessoal. Traduções particulares para amigos e familiares, para o bureau de turismo, a escola de línguas Berlitz, agência telegráfica, associação de advogados. Não havia tempo ruim para o jovem tradutor, que trabalhando mais intensamente para um escritório de traduções técnicas, em diversas línguas, topava com todo tipo de desafio: extrato cadastral, registros de patentes, tratado de geologia. Com isso, Paulo se viu diante de universos linguísticos muito mais ampliados por onde os idiomas transitavam de acordo com as diferentes especificidades.

“Anteriormente já traduzira poesias, contos e até uns romances, e esses trabalhos me faziam viver na ilusão errada de que havia um idioma francês, um italiano, um latino e assim por diante. A nova tarefa convenceu-me de que havia no mínimo cinquenta línguas francesas, 49 das quais nada tinham que ver com Racine, nem com Victor Hugo, nem com Anatole France. O mesmo aconteceria em relação à minha própria língua materna.”⁵⁴

Paulo adentra o ano de 1933 traduzindo muito. “Assim aumentava a minha experiência, e a profissão, conquanto nunca chegasse a lucrativa, já dava para

⁵³ Em “Saldos de balanço” Rónai apresenta alguns exemplos dessa operação entre o húngaro e versões em línguas ocidentais. *A tradução vivida*, op. cit., p. 196.

⁵⁴ RÓNAI, Paulo. “Andanças e experiências de um tradutor técnico”. In: *Escola de tradutores*, op. cit., p. 147.

viver.”⁵⁵ Tentava, ao mesmo tempo, consolidar uma carreira de professor e, quem sabe, ainda encontrar boa oportunidade no universo da imprensa. Pois juntou as três frentes. Traduzia em casa, dava aulas de línguas e em março recebe uma proposta para trabalhar alguns meses no jornal diário *Express du matin*.⁵⁶ Aceitou. E ainda somou a todas essas atividades o trabalho como redator e tradutor no diário *Budapesti Kurir* (que escreve em seu diário *Courrier de Budapest*), onde ficará até 1938. Entre as funções que assume no novo emprego está a tradução diária do conteúdo dos principais jornais diários da Hungria para o francês, alimentando correspondentes estrangeiros sediados em Budapeste, assim como membros das representações estrangeiras, o que resultava na publicação *Revue de Presse*.

Tantas frentes faziam com que sobrasse pouco tempo para as leituras, pelo menos elas passam a ter menos presença em suas anotações. Naquele ano, Mauriac (*Préséances*), Céline, (*Voyage au bout de la nuit*), Pirandello (*In silenzio*) e Roger Martin du Gard (*Les Thibault*) dividiam espaço com Greta Garbo e Joan Crawford, estrelas de *Grande Hotel*, e Marlene Dietrich, protagonista do *Blonde Venus*. Paulo era assíduo nos cinemas que se espalhavam por Budapeste. Além dos grandes lançamentos de Hollywood, também acompanhava a produção francesa e prestigiava as fitas húngaras, ainda em menor escala.

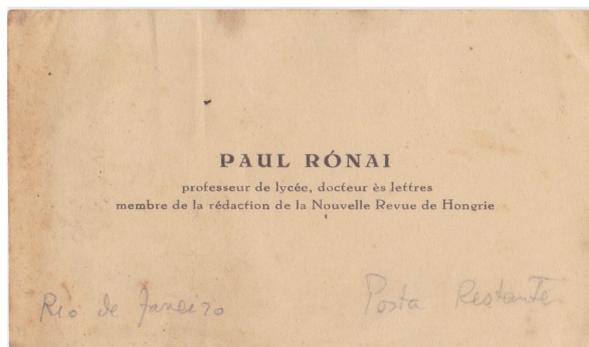
Fora das telas, a Hungria vive as tensões de uma Europa ameaçada pela ascensão do governo nazista de Adolf Hitler, nomeado chanceler da Alemanha em janeiro de 1933, reforçando a postura bélica do país e deixando os vizinhos novamente em alerta. Em outubro do mesmo ano, Paulo recebe uma convocação militar. Decide pedir uma revisão e enquanto não tem notícia da decisão, segue no trabalho, imerso em um sem número de diferentes serviços. Por conta de atribulação, em novembro há dias que não consegue escrever seu diário: “Muito ocupado, esqueci de fazer o diário por três dias”.⁵⁷

⁵⁵ Idem, p. 151.

⁵⁶ Publicação diária, em inglês e francês que foi publicada entre 1933 e 1934 em Budapeste.

⁵⁷ Diário, 23 de novembro de 1933.

No fim de 1933 estreia um índice onomástico ao fim do pequeno caderno. Ali estão alguns nomes de figuras notórias que remetem a eventos, igualmente notórios para nosso jovem homem de letras: a entrevista feita com o poeta italiano Marinetti em 25 de abril, o encontro com o escritor húngaro Akós Mólnar na *NRH*, em 19 do mesmo mês, e em outras duas ocasiões naquele ano.



Cartão de visitas de Paulo Rónai, c. 1934

As marcas pessoais que Paulo imprime em seu diário vão criando códigos que se tornam aos poucos reconhecíveis. O destaque a um evento importante com a linha sublinhada; as abreviações decifradas pela léxico que se repete, assim como nomes, também abreviados, de personagens de sua órbita profissional e íntima.

Portanto, não é difícil deduzir que a novidade de abril de 1934 é comemorada por ele ao sublinhar: “Pape me telefonou para me contar que fui nomeado professor do Liceu Kólcsey.”⁵⁸ No dia seguinte se apresenta no edifício do Liceu judaico de meninos, Kólcsey Ferenc Gimnázium, também em Peste, numa rua transversal à grande Andrásy utca. Engrena de forma regular como professor de italiano também em outros dois importantes ginásios de Budapeste, nos quais lecionara de forma avulsa: Liceu Markó e Liceu Bérgsenyi. Paulo pode se considerar um professor. Seria esse aliás, o ofício que assumiria de forma mais integral durante a vida. “Escritor nas horas vagas, sou professor por vocação e destino”, diria anos depois.

⁵⁸ Diário, 20 de abril de 1934.



Em sala de aula, Budapeste

As muitas aulas diárias não afastariam Paulo do trabalho da *NRH*, de novos alunos particulares, de inconstantes encontros amorosos, das conferências literárias e, sobretudo, das partidas de xadrez com o pai, hábito que integrava uma vida harmoniosa em família. Assim seguem também os anos de 1934 e 1935, quando volta a fazer com mais frequência notas sobre suas leituras: Contos de Kafka e de Maupassant, poemas de Jules Romains, ensaios de Montaigne, além de obras de Pitigrilli (*I vegetariani dell'amore*), Pirandello (*La nuova colonia*, *Il fu Mattia Pascal*), Victor Hugo (*Les Misérables*), Stendhal (*La Chartreuse de Parme*). Na soma de todas essas atividades e do título acadêmico, Paulo sentia-se em um lugar profissionalmente mais consolidado. Assim carimbava em seu cartão de visita, em francês: *Paul Rónai – professeur de lycée, docteur ès lettres, membre de la rédaction de la Nouvelle Revue de Hongrie*.

Os anos de 1936 e 1937 aparecem juntos em um mesmo pequeno caderno, onde estão novamente os eventos do mundo das letras, como uma palestra de Paul Valéry apresentada em junho na capital húngara, flertes e rápidos namoros. No dia 13 junho de 1937 Paulo Rónai recebe correspondência da convocação militar. O horizonte europeu estava nebuloso e a movimentação militar e antissemita do regime do *Führer* alemão pesava sobre todos os países. A Hungria já vivera um imenso trauma no conflito mundial anterior, sentia-se vulnerável e precisava se articular. Dois dias

depois do chamado oficial, Paulo se apresenta no centro militar de Budaörsi e é declarado apto para o serviço, apesar do problema de pé chato.

O segundo dia do serviço militar é marcado por uma série de lições teóricas, alguns exercícios físicos e a visita dos pais e do irmão Francisco. Ficarão alguns meses no exército. Leva um tomo de Horácio para ler nas horas vagas, antes ou depois dos exercícios de salto e de escaladas com fuzil.

No mês de julho de 1937 há poucos registros em seu pequeno caderno que não se refiram aos exercícios físicos no campo militar, às visitas constantes dos pais e irmãos e às cartas que escreve. A partir de meados do mês, as páginas permanecem majoritariamente em branco, assim como em agosto, até a nota que se refere à audiência militar na qual consegue sua dispensa. No dia 5 de setembro tem fim o exaustivo período de serviço no exército.

De volta à casa, Paulo se apressa a retomar o ritmo do trabalho, recuperar o tempo perdido. Volta ao *Budapesti Kurir*, à *NRH*, retoma as aulas particulares e nos ginásios. Mas não retoma o fôlego para escrever diariamente em seu caderninho. Somente o extraordinário e o mais afetivo e familiar merecem nota nos meses que se seguem. No dia 12 de outubro, o irmão Francisco sofre um acidente de carro e Paulo o acompanha na ambulância. Sem gravidade, mas com repercussões práticas: hospital, médicos, advogado.

Faz comentários sobre a nova namorada, Martha Kupferschmied, 19 anos, sua ex-aluna, e filha de uma abastada família judia. Marcam encontros nos cafés Central e Terminus. Paulo a ajuda com lições de francês e ele mesmo retoma estudos de vocabulário e gramática. Retoma também suas leituras, como *L'esclusa* de Pirandello, e a correspondência com amigos da França e das letras em outras partes do mundo. Continua a trabalhar e a existir como antes. Paulo não ignora a sombra que se aproxima e que ameaça a Hungria e presente, sobretudo, que seu país não é um lugar seguro para uma família judia. Seus irmãos já começam a se movimentar. Intimamente sabe que é através de seu trabalho que poderá encontrar uma porta de saída.



Paulo, Clara, Jorge e as gêmeas Eva e Catarina. Budapeste, 1916



Os pais, Gisela Lövi Rónai e Miska Rónai. Budapeste, anos 1930

3

Correio Universal
1938: “Jornais: Hitler invade a Áustria”

“A nossa existência é
a soma de dias que se chamam todos hoje... Só
um dia se chama amanhã: aquele que nós não
conhecemos.”
(Armand Salacrou)

No dia 12 de março de 1938, pela primeira vez, Paulo inicia seu diário com uma nota não pessoal. A invasão do exército alemão no território austríaco causava imensa apreensão. No dia seguinte, a *Anschluss* (anexação) faria com que a Áustria passasse a integrar o Terceiro Reich, sob o comando furioso de Adolf Hitler. A vizinha Hungria vivia sob grande tensão. Seu governo mantinha posição à direita, ambígua, inclinada às promessas alemães de vantagens territoriais, ao que eram particularmente sensíveis após as violentas perdas ocasionadas pelo desfecho da Primeira Guerra Mundial – a Hungria fazia parte do lado derrotado e perdera cerca de 66% de seu território, como parte da Transilvânia, a Eslováquia e outras regiões que passaram a integrar a Romênia, Tchecoslováquia, Sérvia, Croácia. O doloroso processo teve curso em outubro de 1918, com o fim oficial do Império Austro-húngaro, passando por sucessivas perdas ao longo de 1919 e tendo novos limites finalmente decretados pelo Tratado de Trianon, em junho de 1920.

Este contexto político do início do século XX reverberava no ambiente húngaro nos anos 1930. A Hungria era um país de fronteiras feridas, comandada pelo ex-oficial da marinha austro-húngara Miklós Horthy, que chegou ao poder a partir de uma coalisão nacionalista-conservadora, em 1919, e lideraria por longo tempo um governo autoritário, de contornos feudais, beneficiando uma oligarquia conservadora e retrógada – apesar de manter um parlamento. O comandante da nação era também um antisemita assumido. Em carta a um de seus primeiros ministros, escreveu certa vez: "Acho intolerável que na Hungria toda fábrica, banco, fortuna, negócio, teatro, imprensa, comércio etc. esteja em mãos judias, e que o judeu seja a imagem refletida

da Hungria, sobretudo no exterior.”⁵⁹ Horthy tinha razão em um ponto, os judeus eram, de fato, maioria em muitas áreas e atividades. Na Budapeste de 1921, 88% dos membros da bolsa de valores e 91% dos corretores de câmbio eram judeus, e muitos deles tinham enriquecido consideravelmente. Em levantamento de 1920, os judeus representavam ainda 60% dos médicos, 51% dos advogados, 39% dos engenheiros e químicos empregados, 34% dos editores e jornalistas e 29% dos músicos.⁶⁰ Além dessa realidade visível para além de números, as radicais perdas territoriais húngaras e a consequente saída de populações minoritárias, como eslovenos e croatas, fez dos judeus uma minoria isolada e mais evidente no país. Por isso, já em 1920 o governo húngaro instituiu o *numerus clausus*, restringindo a 5% a participação de judeus em universidades, com a justificativa de que o número refletiria a porcentagem desse grupo étnico na população local. Paulo Rónai sofrera com as restrições e fora proibido de ingressar na universidade, por ser judeu. Admirado pelos colegas, pôde contar com a solidariedade de um amigo de infância que, reconhecendo seu mérito, cedeu seu próprio lugar. Não aceitara que Paulo, o mais brilhante aluno do ginásio, fosse impedido de cursar a graduação.

O destaque que os judeus assumiam em Budapeste como um grupo étnico dominante no comércio e mercado financeiro nas primeiras décadas do século XX, faria com que a animosidade antissemita deixasse de ser questão restrita ao governo. A partir dos anos 1920 começavam a se organizar na Hungria movimentos nacionalistas radicais e fascistas, originários sobretudo das classes média e trabalhadora, onde germinavam posições antissemitas que ganhariam maior articulação nos anos 1930, com o surgimento de partidos políticos e associações de caráter antissemita.

Mas viriam da Alemanha as principais influências para o início de uma efetiva ofensiva contra os judeus em território húngaro. Primeiro-ministro desde 1936, Kálmán Dárányi buscava demonstrar seu alinhamento com o Reich diante não apenas das anunciadas promessas de reconquistas territoriais, mas também como efeito das duras ameaças militares e de restrições econômicas que o país vinha sofrendo. Desse modo, fez entrar em vigor em maio de 1938 a primeira lei anti-judaica na Hungria,

⁵⁹ PATAI, Raphael. *The Jews of Hungary*, Wayne State University Press, 1996, pp. 546. [tradução minha].

⁶⁰ SLEZKINE, Yuri. *The Jewish Century*. Princeton University Press, 2004.

que restringia a 20% o número de judeus aptos a participar de negócios e a ocupar certos cargos. Desde 1935, mesmo ano em que foram declaradas na Alemanha as Leis de Nuremberg,⁶¹ de ameaçador caráter antissemita, a Hungria convivia com ações mais articuladas contra os judeus também fora do governo, como o partido Cruz Flechada,⁶² radical de direita e radicalmente anti-judaico. Sob estes efeitos se criava um ambiente de alta tensão nos primeiros meses de 1938.

A atmosfera ameaçadora atingia a vida cotidiana de Paulo e, conseqüentemente, mudava o caráter de suas anotações. Paulo não registrava mais os livros que lia, mas a rotina agitada de um professor atarefado, um operário da tradução, plenamente dedicado a suas aulas, nos dois liceus onde lecionava – chegando a lecionar para cinco turmas em um mesmo dia –, e aos alunos particulares que tinham, sobretudo, aulas de francês. Também passa a registrar as notícias da guerra. Como judeu, está ainda mais atento a todas movimentações.

No começo de março daquele ano, a iminente necessidade de emigração é tema de uma conversa em família, logo após mais uma partida de xadrez entre Paulo e seu pai. “*Discuté les possibilites d’avenir: où émigrer?*” Para onde escapar? É a pergunta do primogênito Rónai, que aos 30 anos começa a articular uma saída para ele, seus pais e irmãos.

Nesse momento, é perceptível que as línguas e a tradução passam a ganhar nova dimensão na vida de Rónai. Não são mais, nesse contexto, apenas matéria de ofício e prazer, mas também (ou sobretudo) a senha que poderá abrir as portas de saída de uma Europa hostil para toda a comunidade judaica. Assim, Paulo expande seus interesses, intensifica as correspondências, evoca todos os contatos e relações nos mais diversos cantos do mundo, buscando instituições que poderiam representar a chance de um emprego e, conseqüentemente, de um visto para emigração. Troca cartas com sociedades de literatura no Uruguai, universidade no Chile, com a Legação da Austrália, envia cartas de recomendação para a Colombia e cogita, até mesmo, a

⁶¹ As Leis de Nuremberg que diziam defender “o sangue e a honra alemãs”, decretando, entre outras restrições e segregações, a proibição de casamentos entre cidadão alemães e judeus, que perdiam com a legislação seu direito de cidadão alemão.

⁶² Há também o uso Cruz de Flechas.

ida para a Islândia.⁶³ Enquanto isso, seu irmão Jorge, competente engenheiro, aprende a língua turca e se prepara para partir. Logo obterá uma visto para Turquia.

É quando o Brasil aparece no horizonte de Rónai. Em 5 de abril de 1938, faz pela primeira vez referência ao português: “*Lu poètes brésiliens: trad. Les 4 amies du poète triste*” (“Li poetas brasileiros: trad. *As 4 amigas do poeta triste*”)⁶⁴. Alguns dias depois, após cumprir a rotina de trabalho nos liceus e no *Budapesti Kurir*, passar no Café Belvási e comprar alguns livros, escreve: “*Soir traduit une poésie brésilienne*” (“À noite traduzi uma poesia brasileira”).⁶⁵ Nesse mesmo mês, Paulo torna-se mais lacônico, chegando a silenciar vários dias em abril. Nas poucas notas que faz, aparece sempre o português: “*appris portuguais*” [sic]. Ou “*Cherché vocabulaire de poésies brésiliennes.*”⁶⁶

Antes do encontro com a língua portuguesa, Paulo descobrira, ainda em 1937, a literatura do país, por meio de uma edição francesa de *Dom Casmurro*, presenteada pelo escritor de origem brasileira, radicado na França, Dominique Braga. A leitura de Machado de Assis, mesmo em francês, na tradução de Francis de Miomandre, despertara o interesse de Paulo.

“A primeira obra de literatura brasileira que li foi o *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em tradução francesa. Despertou-me verdadeira curiosidade este início auspicioso. Foi muito bom começar com uma obra daquela importância. Desperto e motivado, então, procurei ler em originais. Dessas buscas são testemunhas as antologias de poesia brasileira moderna e dos poemas de Ribeiro Couto em versos húngaros.”⁶⁷

“Senti-me diante de um grande escritor, experimentei a mais profunda impressão. Uma literatura que tinha romancista daquele porte não podia deixar de interessar-me.”⁶⁸

Foi a partir deste contato com a língua portuguesa que Paulo estabeleceu uma relação mais profunda e interessada com a literatura do Brasil. E para reconstruir esse momento da descoberta do português, as narrativas se misturam. Em 28 de maio de 1938 Paulo anota: “*U. I. Publié ma première trad. Bresilienne*”, o que indica que

⁶³ Diário. 6 de junho de 1938. Durante o xadrez com pai. “Cogita-se Islândia.”

⁶⁴ Poema de Corrêa Junior.

⁶⁵ Era “Cariátide”, de Manuel Carlos. Diário, 14 de abril de 1938.

⁶⁶ Diário, 26 de maio de 1938.

⁶⁷ Entrevista a Silvio Castro. *Jornal das Letras*, junho de 1958, p. 14.

⁶⁸ *Correio da Manhã*. 29.5.1954.

publicava na revista *Új Idök* (*Novos tempos*, já mencionada anteriormente) sua primeira tradução de um poema em português. Se tratava de “Sonho Oriental”, de Antero de Quental.⁶⁹ Em relatos que escreveria mais tarde,⁷⁰ Paulo contaria ter levado para uma revista a primeira poesia que traduzira do português para o húngaro um dia após mergulhar nesses novos aromas e mares, já sonhando ser rei n’alguma outra ilha.⁷¹ A tradução seria aprovada imediatamente.

Fora ainda em Paris,⁷² como ele narraria adiante, que esse novo e fascinante universo linguístico se revelara, no momento em que Paulo se deparou com um exemplar da antologia *As cem melhores poesias da língua italiana* e, em seguida, com os títulos da mesma coleção dedicados a poesias em língua francesa e outras mais. Soube naquele momento que havia também uma antologia de poesia em português. Então, já em Budapeste, fez chegar da livraria francesa Peche o volume de *As cem melhores poesias da língua portuguesa*, organizada pela lexicógrafa e pesquisadora Carolina Michaelis de Vasconcelos. O encontro com o idioma foi de vívida intensidade.

“O livrinho chegou-me às nove da manhã num dia das férias de Natal. Às dez, já eu tinha descoberto o único dicionário português existente nas livrarias de Budapeste, o de Luísa Ey, com tradução alemã. Atirei-me então às poesias com sôfrega curiosidade. Às três da tarde, o soneto ‘Sonho oriental’, de Antero de Quental, estava traduzido em versos húngaros; às cinco, aceita por uma revista, que o publicaria pouco depois”.⁷³

Era iniciada aí o que Paulo Rónai chamou de a grande aventura intelectual de sua vida: a descoberta do Brasil através de sua literatura.⁷⁴ E a descoberta do próprio idioma, tão distante, aparentemente, do húngaro. Parecia-lhe estranho na língua portuguesa, por exemplo, a pouca incidência de consoantes, o que o fazia pensar, a partir do que lia, que o português era uma versão do latim “falado por crianças ou velhos; de qualquer maneira por gente que não tinha dentes.”⁷⁵ Até então, apenas o

⁶⁹ No levantamento feito por Szuzsanna Spiry há publicação do poema em 27/02/1938. Em seu diário pessoal não há essa menção.

⁷⁰ No ensaio “Como aprendi o português”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, 1958.

⁷¹ (“Sonho-me às vezes rei, n’alguma ilha,/Muito longe, nos mares do Oriente,/ Onde a noite é balsâmica e fulgente/ E a lua cheia sobre as águas brilha...)

⁷² No ensaio “Como aprendi o português” e em “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”. Entrevista a Nelson Ascher e Alcino Leite Neto. *Folha de S.Paulo*. São Paulo: 27/04/1991.

⁷³ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, 1956, p. 8.

⁷⁴ “Saldos de balanço” In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 199

⁷⁵ Em sua peça *Novas diretrizes em tempos de paz*, (depois vertida para o cinema, em 2009, com direção de Daniel Filho) o dramaturgo Bosco Brasil reproduz essa fala na voz do exilado polonês Clausewitz e algumas outras presentes no livro *Como aprendi o português e outras aventuras*.

amigo Dezsö Kosztolányi havia tido alguma relação com o português e dele tinha a melhor impressão: uma língua alegre e doce como um idioma de passarinhos,⁷⁶ era o que lhe dizia o compatriota.

Para Paulo, as descobertas eram combustível para um mergulho mais e mais profundo. E para novas costuras, alinhavando origens de diversas palavras, associando-as a diferentes idiomas e culturas. Como não reconhecer o francesismo das palavras *chapéu* e *paletó*? Ou a “velha estirpe latina” de *ônus* ou *lar*? E notar ainda outros vestígios latinos de palavras como *bebedouro*, *nascidouro*, *horrendo*, *nefando*.⁷⁷ Até mesmo com a língua húngara o português por alguma razão se avizinhava: “a descoberta do infinitivo pessoal foi uma surpresa e abalou-me bastante o orgulho patriótico, pois julgava-o riqueza exclusiva do húngaro.”⁷⁸ Somente um apaixonado pelas línguas e suas estruturas, poderia se dizer encantado por formas mesoclíticas. Foi o que aconteceu com Paulo, que se disse imediatamente afeiçoado pelas formas verbais que revelavam anatomicamente as heranças impregnadas no português. Lembrar-se-ia comumente desse arroubo inicial, em que buscava como um arqueólogo desencavar nas páginas de livros brasileiros palavras de origem latina, cheias e sonoras.

Assim, entre *teias*, *luas* e *açucenas*,⁷⁹ Paulo se dividia entre suas duas tarefas: a do filólogo interessado e a do tradutor determinado. Em pouco tempo, tinha em mãos versões húngaras para “Os cinco sentidos”, de Almeida Garrett, a romança da “Nau Catarineta” e uma série de quadras populares, como “O anel que tu me deste era vidro e se quebrou”. Além de poemas que havia traduzido na primeira leva, como “Cariátide”, de Manuel Carlos. Precisava, no entanto, de mais instrumentos para essa navegação, além do limitado dicionário que tinha em mãos. Assim, tratou de providenciar novos livros a partir de um contato conseguido ao acaso em sala de aula.

“Um dia, numa das minhas aulas de italiano no colégio israelita, vi que um dos meus alunos não prestava atenção. Ele estava lendo um livro. Perguntei que livro era. Era uma gramática portuguesa. Perguntei a ele por que estava lendo esta gramática nas aulas de italiano. Ele respondeu: ‘Porque vamos imigrar para o Brasil’. Eu pedi a ele

⁷⁶ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 9.

⁷⁷ Paulo faz essas referências no ensaio citado “Como aprendi o português”.

⁷⁸ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”, op. cit., p. 10.

⁷⁹ Palavras presentes nos poemas da *Antologia de poetas paulistas*.

a gramática, publicada por uma livraria húngara de São Paulo e anotei o endereço. Escrevi a essa livraria, que era muito pequena, pedindo que me mandassem uma antologia da poesia brasileira e eu mandaria livros húngaros em troca.”⁸⁰

Em pouco tempo receberia de uma livraria de São Paulo um volume da *Antologia de poetas paulistas*,⁸¹ uma edição, segundo Paulo, mal cuidada, mal organizada e com 30 poetas, muitos deles, saberia mais tarde, um tanto obscuros.⁸²

A tradução do português era tarefa arduosa, mesmo para um tradutor já um tanto experiente. E se não entendia inteiramente os poemas, “adivinava” o sentido de alguns. Desse modo, ao se deparar em um pequeno verso de Corrêa Júnior, no poema “As quatro amigas do poeta triste”, com a rede onde descansava e aguardava os sonhos, Paulo logo julgara se tratar de uma imagem poética, “a rede dos sonhos tecida pela imaginação” – foi como traduziu, sem ter o conhecimento da rede de dormir, traço cultural brasileiro ainda desconhecido para o tradutor húngaro: “nunca tinha visto semelhante objeto.”⁸³ O contrassenso, no entanto, só seria descoberto anos mais tarde. Mas naquele momento, Paulo sentia-se próximo da língua recém-descoberta e ainda aventurou-se a traduzir alguns outros poemas da edição. Para isso, seguia munido de imensa perseverança diante de palavras que muitas vezes não constavam nas páginas de seu único aliado no momento: o dicionário alemão-português de Luisa Ey. Nele, Paulo não conseguiu encontrar nem ao menos o adjetivo do título de seu segundo livro brasileiro. *Paulista* não estava entre as palavras reunidas no compêndio. A questão seria resolvida adiante, com a ajuda do diplomata e poeta Ribeiro Couto. No enquanto, Paulo seguia traduzindo e publicando, em revistas locais, alguns dos poemas brasileiros dos únicos livros que tinha acesso em Budapeste.

“Desejoso de conhecer outras obras da literatura brasileira”, Paulo dirigiu-se ao Consulado do Brasil, onde conseguiu uma edição de Olavo Bilac, outra de Vicente de Carvalho e três números antigos do *Correio da Manhã*.⁸⁴ Pouco depois, encaminha

⁸⁰ “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”, op. cit.

⁸¹ PALÁCIOS, Arsênio. SILVA, Mário Júlio [org]. *Antologia de poetas paulistas*. São Paulo: Editora Piratininga, 1933.

⁸² Mais de uma vez, tanto em “Como aprendi o português” e em “Saldos de balanço” ele se refere à má qualidade da edição.

⁸³ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”, op. cit., p. 12.

⁸⁴ Nos textos em que narra o período, Paulo se contradiz. Em “Como aprendi o português”, publicado em *Como aprendi o português e outras aventuras*, de 1956, Paulo diz (na página 13) que foi chamado pelo Consulado, onde recebeu as edições de Bilac, Vicente de Carvalho e os números antigos do jornal

para o jornal carioca, junto a uma curta correspondência, a “primeira poesia brasileira vertida para o húngaro”⁸⁵ – uma das que constava na coletânea paulista, embora não especifique qual em suas anotações. Paulo estava se aproximando do Brasil. Depois de longo silêncio e nenhuma resposta do jornal, recebe em seu endereço um gordo envelope com uma série de poemas de um jovem poeta que ao ler no *Correio da Manhã* sobre seu interesse pela poesia brasileira (“minha esquisita mania”) havia julgado que Paulo seria a melhor pessoa para avaliar sua produção literária, ainda inédita.⁸⁶

A essa carta, seguiram-se muitas outras de poetas-leitores do jornal. Os remetentes eram os mais variados: jovens poetas, repartições, instituições brasileiras e estrangeiras. Cartas, versos, recortes de jornal, livros, revistas. Paulo anota muitas vezes em seu diário esse correio poético que unia Rio de Janeiro e Budapeste a partir daquele ano de 1938: “Recebi carta de um jovem poeta brasileiro desconhecido”. (“*Reçu lettre d’un jeune poète brésilien inconnu.*”).⁸⁷ Difícil era julgar, naquele momento, a qualidade do que recebia aos magotes. Por algumas vezes, como ele narraria tempos depois,⁸⁸ era impossível saber se os poemas lidos eram do século XIX ou escritos por poetas tradicionalistas da época. Havia, no entanto, grandes revelações, como a provocada por um exemplar de poesias de Jorge de Lima. Ao ler os versos do poeta alagoano, Paulo sentia um frêmito interior. Na Europa Central, “a um passo da Alemanha nazista e a um minuto da guerra”, “numa hora em que estávamos sendo chamados estrangeiros e perseguidos em nosso próprio país”, Paulo se surpreendia em reconhecer a simetria existencial que vinha de tão longe:

*Estrangeiro, vós me estendeis vossos braços e somos como
Velhos amigos passeando no cais,
E olhando no mar a vela, a asa, a onda e as coisas fugitivas.*⁸⁹

Correio da Manhã. Já no texto “Notícias de Ribeiro Couto”, publicado no livro *Encontros com o Brasil*, de 1958, Rónai conta que lhe ofereceram na ocasião apenas “alguns jornais do Rio, pois obra literária o Consulado não tinha nenhuma”.

⁸⁵ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 34

⁸⁶ Paulo Rónai não cita em seus escritos o nome do poeta, nem sua avaliação sobre o material recebido.

⁸⁷ Diário, 23 de dezembro de 1938.

⁸⁸ Paulo narra o período no texto “Como aprendi o português”.

⁸⁹ LIMA, Jorge. “Mira-celi”.

Mesmo sem a imediata compreensão de todos os sentidos, Paulo se pôs a traduzir o que lia. As palavras por vezes dançavam sob espesso véu. Como interpretar tão rapidamente um poema como “Essa nega fulô” e “Mira-Celi”? Além da básica questão linguística, também se impunha como imensa dificuldade nessa tarefa assumida a falta de conhecimento profundo do Brasil, de suas especificidades geográficas e culturais. Paulo seguia adiante em suas traduções fazendo conjecturas e deduções.

“Seringueiro, eu não sei nada!”. Paulo lia os versos de Mário de Andrade para o seu “Acalanto do Seringueiro”. Adorava o que lia, o ritmo, as palavras que lhe desenhavam novos sentidos. No entanto, não compreendia inteiramente a palavra seringueiro e todo o contexto que a cercava. Depois de pesquisas, leituras, conjecturas, esboçou seu significado. Mas não conseguia encontrar na sua própria língua uma palavra capaz de desenhar o sentido do homem dos seringais do Norte do país.

*Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,*

(...)

*Me sinto bem solitário
No mutirão de sabença
Da minha casa, amolado
Por tantos livros geniais,
"Sagrados" como se diz...*

Para poder dar conta da nova palavra, Paulo precisou cunhar um termo composto por três diferentes palavras húngaras: *kaucsukfacapoló*, somando 16 letras e fazendo nascer uma nova palavra. “Tive que formá-la eu mesmo pela junção de três vocábulos que significam respectivamente borracha, árvore e lancetador, e acabaram dando um neologismo de sonoridade expressiva (...)”.⁹⁰

E os desafios não eram poucos nos versos cheios de particularidades brasileiras escritos pelo poeta paulista.

⁹⁰ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 201.

Que miséria! Eu não escuto

A nota do uirapuru!...

(...)

Roncudo você não é.

Baixinho, desmerecido,

Pálido, Nossa Senhora!

Parece que nem tem sangue.

Porém cabra resistente

Está ali. Sei que não é

Bonito nem elegante...

Uirapuru de fato também não constava no *Wörterbuch* de Luisa Ey. A constatação de que se tratava de um pássaro foi, portanto, mais intuitiva e conjectural que uma certeza etimológica. Da mesma maneira, custou para o jovem tradutor concluir que *cabra resistente* designava não o bicho, mas o homem; o bicho homem.

“Hoje compreendo como era temerário pensar que na base apenas daquelas remessas de livros que chegavam ao acaso, remetidos pelos autores ou por instituições, poderia formar uma imagem do que seria o sentimento brasileiro da vida, sem ter em mão um fio condutor nem possuir uma ideia aproximada sequer do que era o Brasil físico em sua imensa variedade.”⁹¹

Paulo segue obsessivo no estudo de português. Diante de tanta dedicação, parece que, a essa altura (primeira metade de 1938), já avistava o Brasil como promessa de futuro. Além da tarefa contínua de tradução que se impõe, visita o Consulado do Brasil tentando contato mais estreito com o cônsul Mário Moreira da Silva, no posto havia pouco tempo, depois de servir três anos em Viena. Paulo volta à representação brasileira seguidos dias para falar com o diplomata, mas a tarefa não é fácil. No entanto, insiste.

No verão, parte para mais um período de curso na Aliança Francesa de Paris. No caminho passa pela Iugoslávia, por Trieste e Veneza. No dia 21 de junho chega à Gare de Lyon. Tem o mesmo imenso *à vontade* na cidade. Faz seus passeios, compra livros. Frequenta biblioteca, cafés, a *Comédie française* e os cinemas. Boa parte da temporada não é narrada no diário, sobretudo a partir de meados de julho.

⁹¹ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 199-200.

Às 11h do dia 31 daquele mês está de volta a Budapeste e é recebido pelos pais na estação. A família tem novidades: seu irmão Francisco quer se tornar noivo, o namoro da irmã Clara com um jovem magistrado vai bem. Mas por carta, recebe uma resposta “desfavorável” do diretor do Liceu Francês de Montevideú. Lamenta o fato em seu diário. Estava, afinal, buscando outras saídas e quem sabe uma possibilidade para partir para o Uruguai.

Mas Paulo se empenha em seu projeto brasileiro. Escreve para instituições do país, como a Academia de Letras e Ciências de São Paulo, e no dia 18 de agosto marca a primeira aula de francês com o cônsul Moreira da Silva, agendada para o dia 24 daquele mês, quando anota: “Primeira aula de francês ao cônsul do Brasil”. (*“Ière leçon de français au consul du Brésil”*). No seguinte *“Appris du portuguais”*[sic].

Nos dias que se seguem, estuda português, traduz poetas brasileiros. Os encontros com Moreira da Silva aparecem em linhas ao longo de diferentes momentos. Em 3 de setembro, no entanto, aparece *“Consul du Brésil: leçon de portuguais”*. E Paulo corrige a escrita com um risco, eliminando a letra U, acertando a palavra em francês. Aparentemente, o professor aproveitava o contato para aprender um pouco mais do idioma com o diplomata brasileiro.

A escrita em setembro é oscilante. Há por vezes apenas a linha *“Consul du Brésil: leçon”* e menções a traduções que faz antes e depois dos encontros.

26 de setembro: “A guerra à vista”. (*“La guerre en vue”*)

28 de setembro. “O dia em que estivemos o mais perto da guerra”. (*“Le jour où nous avons été le plus près de la guerre”*).

Em seguida, Paulo resume o dia: *Budapesti Kurrir*, aula de francês ao Sr. Moreira da Silva, Café na Andrassy utca. Com esferográfica azul, ele esclareceria anos depois acrescentando na página: “Em Munique a guerra já é declarada. Rio, 28 de setembro de 1941” (*“A Munich la guerre a pourtant éclaté”*). A nota revela que Paulo releria seus diários, fiel ao curso dos fatos na construção da memória de sua vida. No entanto, trata-se da única vez que se verifica essa retomada futura, com interferência de correção. O fato, que alteraria radicalmente sua vida, afinal, exigia esse relevo.

A pressão da guerra se impõe sobre os fatos do cotidiano e passa a ser tema dos primeiros comentários do dia. Em 1º de outubro Paulo registra o avanço das tropas alemãs nos territórios dos Sudetos; emenda o dia mais uma vez no *Budapesti Kurrir*, na *NRH*. Estuda português em casa e dá mais uma aula ao cônsul. Na página seguinte, registra resumidamente as atividades de todo o mês. “Durante o mês de outubro devido aos eventos recentes, não pude fazer as notas que se seguem.”

Eventos principais:

Saiu do curso de italiano

Começou um curso de francês gratuito no Liceu

Deu início a um grande trabalho de tradução para a Legação da Argentina.

Conquistou outras duas alunas particulares: Mme. Luckács e Mme Palkovis.

Faz ainda um breve comentário amoroso, atualizando os sucessivos conflitos com Martha, sua namorada.

Quando retoma as anotações, em 1º de novembro, a rotina parece inabalável. Começa o dia dando cinco aulas; volta para casa para almoçar e jogar xadrez, dá uma aula particular, em seguida vai a um café encontrar a namorada (“*Chérie*”). Emenda um passeio com amigos e volta para casa onde trabalha mais um pouco. Os dias seguem a ordem cotidiana. No dia 2, outra aula de francês ao cônsul. E o comentário sobre o contexto internacional ao fim do dia “Viena: incorporação de 1 milhão de húngaros da Eslováquia”.

As aulas a Moreira da Silva mantêm sua periodicidade habitual de dois encontros semanais. Paulo não tirava da cabeça a necessidade de encontrar um destino fora da Hungria e, assim, o assunto também estava presente nas conversas com o diplomata que representava um canal privilegiado para ajudá-lo na obtenção de um visto para o Brasil. Mas no dia 10 de novembro, durante mais uma das aulas de francês ao brasileiro, Paulo sentiu o desolamento: “Recebi uma resposta desfavorável à minha demanda de informações sobre as possibilidades de emigração.” (“*Reçu une réponse défavorable à ma demande de renseignements sur les possibilités d’émigration*”). O horizonte escurecia. À noite, com Martha, Paulo discutia a situação dos judeus na Hungria. O marido de uma amiga da família, Betz Klávi, acabara de perder seu posto de trabalho. O cerco estava se fechando e, em 16 de novembro, Béla Imrédy, primeiro ministro que assumira o governo húngaro em maio daquele ano, mesmo sendo de

orientação mais moderada e tendo menos simpatia em relação ao Reich, faz o discurso anunciando uma nova lei judaica.⁹²

Alguns dias depois, em carta ao Ministério das Relações Exteriores, o experiente diplomata Samuel de Souza Leão Gracie, na época Ministro plenipotenciário do Brasil em Viena, Áustria (cargo que exerceu de 1935 a março de 1939), escreve à Oswaldo Aranha, então Ministro das Relações Exteriores, explicando a situação na Hungria. No ofício, Souza Leão resume as principais medidas discutidas da nova legislação que seria imposta.

“Legação do Brasil

Budapest, 29 de Novembro de 1938

Nº 126

Novas medidas contra os
judeus, na Hungria

Senhor Ministro,

A Comissão especial encarregada do problema israelita, na Hungria, reuniu-se, há dias, afim de uniformizar os novos projetos governamentais sobre o assunto. Nada se sabe, por enquanto, sobre as decisões tomadas nessa ocasião, mas temos como provável a adoção, dentro em breve, das seguintes medidas:

- 1ª Revisão da nacionalidade dos judeus;
- 2ª Disposições legais contra os proprietários territoriais da raça judaica;
- 3ª Facilidades de emigração para os judeus;
- 4ª Interdição e transferência de domicílio aos judeus residentes nos territórios devolvidos à Tchecoslováquia.

Sabe-se, igualmente, que as autoridades húngaras, prosseguindo na sua campanha contra os judeus, proibiram a publicação de mais 45 jornais e revistas pertencentes a israelitas, elevando assim a 90 o número de publicações interditas pelo referido motivo.

⁹² A segunda lei judaica é decretada em 5 de maio de 1939

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

Samuel Souza Leão Gracie”⁹³

Na Hungria, os pedidos de vistos para países sul-americanos cresciam à proporção do desespero dos judeus em meio à perseguição. Sobretudo após o massivo *Pogrom*, conhecido como Noite dos cristais, arquitetado maquiavelicamente, na noite de 9 para 10 de novembro de 1938, por Joseph Goebbels, ministro da propaganda do Terceiro Reich, que fez serem destruídos e saqueados um sem-número de negócios e casas de judeus e incendiadas mais de mil sinagogas na Áustria, Alemanha e Sudetos tchecos. Em seguida, cerca de 30 mil judeus foram levados para campos de concentração. Era o começo efetivo do Holocausto.

Invadido pela angústia, Rónai retoma o assunto da emigração durante aula ao cônsul Moreira da Silva em 1º de dezembro. Registra apenas isso: “*consul (parlé de mes projets d’émigration).*” Naquele mesmo dia, uma grande manifestação nazista toma as ruas de Budapeste. Enquanto isso, Paulo trabalha em novas traduções em casa. Tem esperanças que seu “aluno” poderá lhe ajudar. Não deveria, no entanto.

De postura oficialmente antissemita, Mário Moreira da Silva nunca fez concessão para tentar conceder vistos a judeus durante o tempo em que serviu na capital húngara, de fevereiro de 1938 a janeiro de 1939. Pelo contrário. Trabalhou para o governo Getúlio Vargas seguindo à risca uma política discriminatória e xenófoba. Em 1º de abril de 1938 envia para o Ministro Oswaldo Aranha uma carta em que declara a recusa de vistos a 55 húngaros de origem semita.

“Consulado dos Estados Unidos do Brasil em Budapest.

Budapest, 1 de abril de 1938.

Circular-secreta nº1127

Recusa de vistos a indivíduos
de origem semita

⁹³ Ofício em <http://www.arqshoah.com.br/arquivo/848/> Acesso em 14/08/2015

Senhor Ministro,

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excellencia [sic] que este Consulado, de acordo com as instruções constantes da Circular-secreta dessa Secretaria de Estado, nº 1127, de 7 de Junho de 1937, recusou, no mês de Março próximo findo, o visto de entrada no Brasil aos indivíduos indicados na relação abaixo todos declaradamente de origem semita”.

Segue a lista com os nomes dos húngaros judeus, suas idades e profissões. São médicos, engenheiros, agrônomos, advogados, comerciantes, professores, eletricitas, costureiras, estudantes, entre 25 e 40 anos. O último nome da lista, número 55, é Endre Andor Gelléri, engenheiro e escritor, 32 anos de idade, morador da mesma Alkotmány utca, apenas um ano mais velho que Paulo, seu amigo próximo e muito admirado por ele, a ponto de estar entre os seis únicos nomes do índice onomástico do diário de 1933 – ao lado de Bálint, Akós Mólnar e Marinetti. Tratava-se de um dos mais proeminentes romancistas de sua geração e que morreria poucos anos depois em um campo de concentração. Gelléri estava na lista de judeus impedidos de emigrar para o Brasil, a primeira daquele ano. Haveria outras. Em 20 de junho, Moreira da Silva envia outro ofício com 85 recusas de visto. Em agosto foram outros 57 judeus impedidos de obter o visto brasileiro; e em setembro, 25.

Moreira da Silva obedecia ao citado decreto nº 1127, publicado em 7 de Junho de 1937, pouco meses antes de se impor no Brasil o regime ditatorial do Estado Novo. O decreto, dirigido aos cônsules da Europa Central e Oriental, precisava “organizar” uma política de imigração a partir de uma série de disposições e, sobretudo, de restrições. Produto de um acordo entre o Ministério das Relações Exteriores e o do Trabalho, Comércio e Indústria, e com a aprovação do Presidente da República, o documento colocava enfáticos empecilhos para a entrada de judeus no país. Em resumo, dizia o documento:

“O Governo Federal recebeu repetidas informações a respeito da entrada no Brasil de ‘numerosas levas de semitas, que os governos de outras nações estão empenhados em afastar dos respectivos territórios.’ (...) Tal fato sendo confirmado com o desembarque de cada vapor que aporta no Brasil ‘de uma quantidade surpreendente de elementos dessa espécie, reunidos, segundo estamos informados, dentre o que há

de pior, como antecedentes e como capacidade produtiva, nos lugares de onde provem.”⁹⁴

Entre as regras determinadas pelo decreto estavam:

- *Será recusado visto a pessoa que for de origem semítica e, em caso de dúvida, as autoridades poderão retardar a concessão do visto até que, por meio de investigação, se consiga esclarecer a dúvida.*
- *Será admitida certidão de batismo para esclarecimentos definitivo.*
- *A decisão que prevalecer para o chefe da família será extensiva aos demais membros.*
- *Não será recusado o visto ao semita já radicado no país, por ser casado com brasileira, ter filho brasileiro ou possuir bens imóveis no Brasil, sendo que o mesmo deve provar essas condições através de documentação.*
- *Quando a circunstância de origem semítica se verificar em relação a pessoas de notória expressão cultural, política e social, assim como em relação a artistas especialmente contratados para se exibirem no Brasil, por tempo determinado, poderão os respectivos passaportes ser visados, mediante consulta prévia a esta Secretaria de Estado e sua indispensável autorização para que assim se proceda.*
- *Poderão ser visados os passaportes de semitas que pretendam visitar o Brasil fazendo parte de excursão coletiva ou cruzeiro, organizado por empresa de turismo de absoluta idoneidade.*
- *Não estão compreendidos em nenhuma disposição da presente circular, os estrangeiros que se dirigirem ao Brasil munidos de passaporte diplomático.*
- *A recusa do visto em qualquer dos casos aqui previstos, assim como a protelação da concessão, deverá ser justificada sem qualquer referência à questão étnica, mas apenas como resultante de uma ordem no Ministério das Relações Exteriores.*⁹⁵

O documento era divulgado no momento em que o país acirrava uma postura nacionalista, autoritária e xenófoba. Assim, poderia ser justificada como “ossos do ofício” a máquina de recusa que a atividade de Moreira da Silva se tornara em Budapeste. No entanto, outras referências evidenciam a postura racista e radical do cônsul. Sua reação à notícia de que o Brasil estava disposto a debater com os Estados Unidos a situação dos judeus refugiados, no contexto da Conferência de Evian, realizada em julho de 1938, motivou uma declaração em que expõe todo seu fervor antissemita.

⁹⁴ Circular nº 1127, de 7 de junho de 1937. Em <http://www.arqshoah.com.br/arquivo/1261/> Acesso em 10/07/2015.

⁹⁵ Idem.

“Está provado que os judeus – embora possuam, isoladamente, elementos bons –, são, em comunidade, assáz [sic] perniciosos e, por tal forma agem, que são tratados, nas suas próprias pátrias de nascimento, como indivíduos nocivos, indesejáveis mesmo, contra os quais se decretam toda sorte de restrições como o único objetivo: vê-los partir. Em quase todos os países da Europa (...), os judeus não podem exercer cargos públicos, são proibidos de ingressar no quadro de oficiais das classes armadas... Porque, então, entre nós, por uma questão de simples compaixão, vamos abrir as portas a uma imigração de tal natureza.”⁹⁶

Moreira da Silva assume posição de rara firmeza antissemita dentre os brasileiros que integravam o Ministério das Relações Exteriores à época. Chega a sugerir uma mudança de lei para que os judeus já residentes no Brasil fossem proibidos de se naturalizarem e conseqüentemente impedidos de exercerem cargos públicos, administrativos e políticos, pensando em “transplantar” as restrições que viviam na Europa Central também para o Brasil. Parece querer, assim, que o Brasil se torne *judenrein*. Em um carta de 10 de setembro de 1938 (escrita, portanto, apenas pouco dias depois do início de suas aulas com Paulo Rónai), ele tenta justificar as razões de seu desapareço pelos semitas.

“Devo confessar à Vossa Excelência que eu desconhecia, quase completamente, antes de haver habitado países de grande populações israelitas, o problema judaico, e não via mesmo, com bons olhos, as restrições que se faziam às pessoas dessa origem racial. Mas hoje, depois de ter convivido com semitas quatro anos ininterruptos, em Viena e em Budapeste, posso dar meu testemunho pessoal de que quão será nocivo ao Brasil a introdução em suas terras de grandes correntes de indivíduos dessa espécie, os quais em tempo relativamente curto, terão passado para o seus bolsos, por processos mais ou menos torpes, – pois a moral semita tudo permite –, as economias dos brasileiros, dada principalmente a nossa conhecida amabilidade e boa fé no trato de estrangeiros.”⁹⁷

Paulo certamente não imaginava tamanha verve antissemita de seu aluno. As aulas seguiram até dezembro. No dia 14 a família Rónai comemora os 67 anos do patriarca Miska. Dia 22, Moreira da Silva tem sua penúltima aula e pede para Paulo traduzir sua rescisão do contrato de aluguel. No penúltimo dia do ano, no Consulado do Brasil, Rónai termina a temporada de lições traduzindo um novo contrato para o cônsul. No dia seguinte, vai pela última vez ao *Budapesti Kurrir* – em janeiro não estaria mais empregado no jornal. À noite a família está reunida em casa, fazendo planos para se

⁹⁶ Mário Moreira da Silva ao Itamaraty, Budapeste, 4.4.1938, AHI, Lata 741, Maço 10.561. Apud CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Antissemitismo nas Américas – Memória e História*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2007, p. 391.

⁹⁷ Budapeste, 10.9.1938. AHI, ibidem. Apud CARNEIRO, Maria Luiza Tucci., Op. cit., p. 392.

refugiar no Paraguai. Um amigo desencoraja. Paulo faz sua contabilidade do ano, escreve ao irmão Jorge, instalado em Ancara. E se prepara para escrever uma carta que mudaria o seu destino.

3.1.

1939 - O Brasil mais perto

Entre uma falsa tranquilidade (tardes nos cafés Philadelphia e Keléti onde discute gramática inglesa com amigos e sessões noturnas de cinema americano) e seus compromissos de professor, no Instituto italiano e nos liceus, Paulo obstinadamente vai tomando providências para partir. Dia 7 de janeiro está no posto da Polícia Real da Hungria para tentar obter um certificado de bons antecedentes. Dois dias depois, consegue o documento. Logo mandaria traduzir para o inglês, onde lê-se “*The certificate was issued to applicant in connection with his journey to Australia*” (“Este certificado foi emitido para o solicitante devido sua viagem à Austrália”). Paulo alinhava conexões com diversos países que pudessem representar uma chance de destino seguro. Não chega a usar o documento para esse fim.

Um pouco antes, no dia 3 de janeiro, recebia do cônsul brasileiro um exemplar do *Correio da Manhã* com um “tópico” sobre ele. Dizia a nota publicada em letra mínima, entre artigo que discutia a volta do jogo do bicho, anúncio de concurso de Educação Física oferecido pelo Ministério da Educação e outros temas os mais diversos, mas ocupando bom espaço na página do diário carioca. “Fora do tempo e meio”, era o título das linhas que se seguiam:

Fóra do tempo e meio

Ha um homem em Budapest, crítico de arte e humanista educador, que está preocupado em traduzir e divulgar os melhores poemas brasileiros. É o dr. Paul Ronai, professor do Lyceu em Alkotmány. Elle escreveu ao *Correio da Manhã* uma carta, elegante e correcta, pedindo indicações e julgamentos a respeito de algumas das principais obras de poetas nacionaes. "Sendo a lingua hungara, accentua esse mestre, que tambem é um philologo, muito adaptavel á traducção poetica, nós temos aqui uma grande quantidade de poesias vertidas dos varios idiomas, mas até agora nunca se fez, em nosso vernaculo, nenhuma versão do parnaso do Brasil".

O dr. Ronai, no *Pesti Hirlap*, diario da capital hungara, publicou algumas traducções de versos brasileiros. E no hebdomadario *Uj Idok* tem escripto varios ensaios sobre nossa literatura. Promette continuar suas actividades, pois conhece bem nosso idioma.

Parece phenomeno. Na hora actual da angustiosa crise europeá, mettido mesmo no centro da fogueira politico-militar que se armou e besuntou de inflammaveis, vendo perto as tochas accensas dos donos e conductores dos destinos do velho continente, o professor dá a impressão de alguem superiormente fóra de seu meio e de seu tempo.

De qualquer sorte, seu gesto de elevada cortezia commove e encanta.

98

A matéria publicada no prestigiado jornal brasileiro reconhecia o “comovente” movimento de Rónai em direção ao Brasil e à língua portuguesa, em meio a uma verdadeira “fogueira político-militar”. E resumia a postura do jovem professor como a de alguém que parecia estar “superiormente fora de seu meio e de seu tempo”. Mas exatamente por estar dramaticamente inserido em seu meio e em seu tempo que Paulo continua a estudar o português de maneira incessante: lê livros e relê poesias. O que

⁹⁸ *Correio da Manhã*, 30/11/ 1938.

poderia ser mais um trabalho dentre tantos aos quais se dedicava na área de tradução, seria, ao fim, o carimbo para sua salvação. A essa altura, no entanto, não tinha a certeza, mas trabalhava com dedicação intensa em prol do que já se pode chamar de um projeto brasileiro de emigração. A poesia brasileira virava uma companhia. No Liceu, nas primeiras aulas do ano, leu para seus alunos algumas delas, em uma hora de tempo livre.

No fim de janeiro, em casa, Paulo traduz dois poemas brasileiros: “Um pé de açucenas”, de Pedro Saturnino, e “A moça da estaçãozinha pobre”, de Ribeiro Couto. À noite copia outros poemas e decide: irá fazer uma antologia. “À noite copiei poesias para ‘uma antologia!’”,⁹⁹ celebra. Para isso, segue lendo e traduzindo, com uma calibrada antena, o que lhe chegava por correio, do que começava a reunir em sua biblioteca. Dentre as poesias já selecionadas para a sua obra em produção está a de Ribeiro Couto que acabara de traduzir, “A poesia que mais me agradou em todo o volume”¹⁰⁰ da antiga antologia de poetas paulistas. Um poema singelo, de delicadeza memorialista, com traço aparentemente peculiar interiorano. Mas que nos trilhos da estação provinciana brasileira carregava a identificação de um trem rompendo tempos e cenários passados com a velocidade da máquina que urge adiante. A moça e a Hungria estavam tristes.

*Eu amo aquela estaçãozinha sossegada,
Aquele estaçãozinha anônima que existe
Longe, onde faz o trem uma breve parada...
Na casa da estação, que é pequena e caiada,
Mora, a se estiolar, uma menina triste.*

*À chegada do trem, mal erguendo a cortina,
Ela espia por trás da vidraça que a encobre.
Muita gente do trem para fora se inclina
E olha curiosamente o olho da menina,
Tão anônima quanto a estaçãozinha pobre.*

*O trem parte... ficou na distância, esquecida,
A estaçãozinha... e a moça triste da janela...
Mas vai comigo uma lembrança dolorida...
Quem sabe se a mulher esperada na vida
Não era aquela da estação, não era aquela,*

Aquele que ficou lá para trás, perdida?

⁹⁹ “Soir copié poésies pour ‘une anthologie!’”. Diário, 29 de janeiro de 1939.

¹⁰⁰ “Notícias de Ribeiro Couto”. In: RÓNAI, Paulo. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1958, p. 85.

Paulo resolve escrever ao poeta. Foi nos exemplares do *Correio da Manhã*, recebidos pouco antes no Consulado do Brasil em Budapeste, que Paulo Rónai reviu “na assinatura de uma carta puramente formal, acusando recebimento dos números anteriores do jornal, o nome de Ribeiro Couto,¹⁰¹ Secretário da Legação do Brasil em Haia.”¹⁰² A curiosidade faz com que Paulo escreva uma carta para a Holanda no intuito de confirmar se o diplomata era também o poeta autor de “A moça da estaçõzinha pobre” e de *Noroeste*,¹⁰³ livro de poesia lançado em 1933 que também havia chegado até ele. “Vi seu nome em uma lista de diplomatas brasileiros e pensei se talvez fosse a mesma pessoa que o poeta Ribeiro Couto e por essa suposição lhe escrevo.”¹⁰⁴

Na carta Paulo segue explicando ter descoberto seu poema na *Antologia de poetas paulistas* e achado “*un petit chef-d’oeuvre*”. Conta que traduzira os versos e pede, por conta da antologia que preparava, novas obras do poeta para se “familiarizar com sua arte e eventualmente traduzir outras poesias suas.” Paulo explica o motivo de seu pedido. Não se tratava unicamente de um movimento de aproximação literária; precisava, de fato, de ajuda para conseguir outros livros do Brasil pois, como judeu, sofria diversas limitações relacionadas ao envio de dinheiro para o exterior. “Fazer chegarem livros do Brasil é impossível não somente devido à distância, mas também por conta das restrições referentes à exportação de divisas que não me permitem enviar dinheiro ao exterior.”¹⁰⁵

Datada de 4 de fevereiro de 1939, a carta é escrita em francês. O remetente se desculpa por não ser capaz de escrever em português, língua, ele explica, que aprendera apenas nos poucos livros que lera até então. A resposta do diplomata não demora a chegar e é acompanhada de alguns novos volumes de sua poesia. Paulo, muito agradecido, escreve novamente, em 14 de fevereiro, dessa vez tecendo longos

¹⁰¹ Na entrevista da *Folha de S. Paulo* (op. cit), Paulo falaria ter descoberto de outra maneira: “Fui à Embaixada e pedi alguns textos brasileiros. Na Embaixada só tinham o número de um Boletim Comercial da Embaixada do Brasil no Japão. Encontrei lá o nome de Ribeiro Couto, cônsul do Brasil na Holanda, que dava parabéns aos diretores do jornal.”

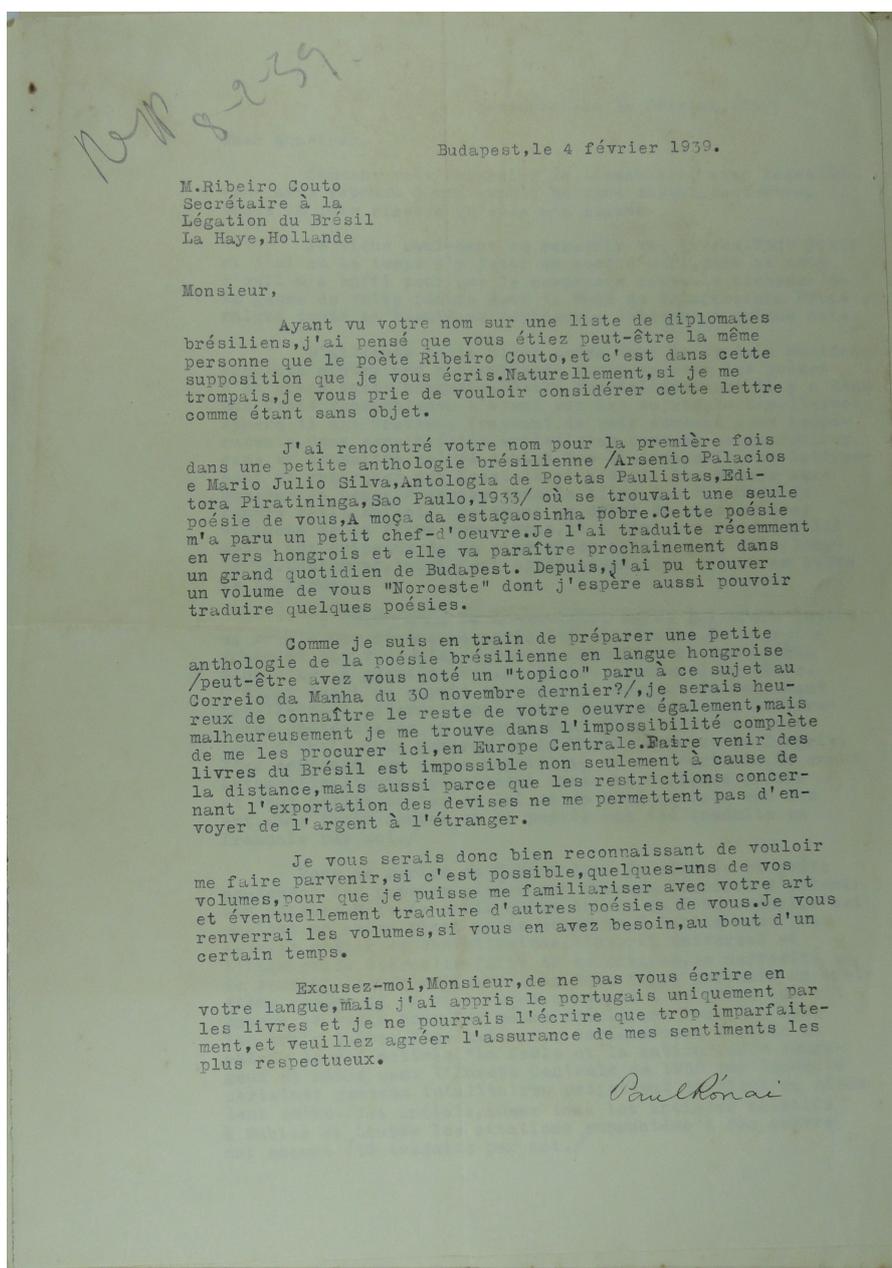
¹⁰² “Notícias de Ribeiro Couto”. In: *Encontros com o Brasil*, op. cit., p. 85.

¹⁰³ Livro lançado em 1933, pela Companhia Editora Nacional.

¹⁰⁴ Carta a Ribeiro Couto. 4 de fevereiro de 1939. FCRB.

¹⁰⁵ *Ibidem*. (“*Faire venir des livres du Brésil est impossible non seulement à cause de la distance, mais aussi parce que les restrictions concernant l’exportation des devises ne me permettent pas d’envoyer de l’argent à l’étranger*”).

elogios ao estilo poético do brasileiro e iniciando um profícuo diálogo literário. Primeiramente, associa a produção de Ribeiro Couto à de Kosztolányi (morto dois anos antes), devido à afinidade de temas, do tom e atmosfera que imprimem em suas obras. Ambos são virtuosos da forma, Paulo sublinha. Uma sintonia imediata une Paulo Rónai e Rui Ribeiro Couto.



Primeira carta de Paulo Rónai a Ribeiro Couto, 4 de fevereiro de 1939

Diplomata, literato e jornalista, Ribeiro Couto nasceu em 1898 na cidade de Santos, São Paulo. Ainda adolescente, mudou-se para a capital paulista onde ingressou na

Faculdade de Direito trabalhando, ao mesmo tempo, como revisor no *Jornal do Comércio* e redator no *Correio Paulistano*. Graças a um prêmio que recebera aos 20 anos no concurso literário da revista *A Cigarra*, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde terminou o curso de Direito da Faculdade do Distrito Federal e pôde se aproximar da obra de grandes nomes da literatura brasileira, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Alberto de Oliveira. Com Manuel Bandeira estabeleceu uma amizade de grande intimidade, uma vez que eram vizinhos na rua do Curvelo, em Santa Teresa. Depois de um longo período, entre 1922 e 1928, vivendo no interior de São Paulo e Minas Gerais (obedecendo orientações médicas para tratar da tuberculose), onde se recuperou e trabalhou como delegado de polícia e promotor público, Rui Ribeiro Couto foi nomeado auxiliar do Consulado do Brasil em Marselha (1928), tornando-se, pouco tempo depois, vice-cônsul. Em 1931 estava em Paris trabalhando no consulado brasileiro.

Já naquele momento era um escritor e jornalista prestigiado. Havia publicado livros como a reunião de contos *Baianinha e outras mulheres* (1927), premiado pela Academia Brasileira de Letras, além de vários títulos de poesia e o romance *Cabocla* (1931), que teve boa repercussão, sendo reeditado diversas vezes. Em 1932, devido à nomeação no Itamaraty, voltou ao Brasil, passando a trabalhar para o Ministério das Relações Exteriores e também para o *Jornal do Brasil*, então dirigido pelo jornalista Barbosa Lima Sobrinho. Continuou a publicar muito. Nesse período, destacam-se os livros de poesia *Província e Noroeste e outros poemas do Brasil*, e a novela *Clube das esposas enganadas*. Em 1934, com apenas 36 anos, foi eleito para a cadeira 26 da Academia Brasileira de Letras. Era então o mais novo membro já eleito. No mesmo ano, foi promovido a Segundo secretário da Embaixada e transferido para Haia, Holanda, onde ficou de 1935 a 1940. Nesse período publicaria outros tantos livros, como *Chão de França* e *Conversa inocente*. Estaria sempre conciliando o trabalho na diplomacia e o ofício de escritor.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Ribeiro Couto relata em nota da segunda edição de *Cabocla*, de 1937, que era nas temporadas fora do Brasil que encontrava mais intensamente a veia do escritor, sobretudo para tratar dos temas do Brasil. COUTO, Ribeiro. *Cabocla*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1937.

Paulo Rónai reconhece em Ribeiro Couto, “primeiro amigo brasileiro que tive”,¹⁰⁷ uma autêntica curiosidade literária¹⁰⁸ e essa afinidade que se estabelece pela intersecção das letras garante uma rica interlocução entre os dois. Assim, já na segunda carta que escreve ao brasileiro, Paulo discorre sobre as virtudes estilísticas do poeta conterrâneo Mihály Babits, envia dois números da *Nouvelle Revue Hongroise* e explica sua intenção ao produzir uma antologia de poesia. Estava mais interessado em apresentar ao leitor húngaro a beleza de alguns poemas brasileiros que fornecer um retrato geral dessa produção, impossível de se apreender a partir da distância em que se mantinha naquele momento.

“Em relação à antologia de poesia brasileira sobre a qual conversei com você, esta será mais uma coletânea. Daqui não consigo alcançar uma imagem geral, mesmo imperfeita, da poesia brasileira. Mas acho que, mesmo assim, conseguirei que o leitor húngaro perceba a beleza de algumas poesias.”¹⁰⁹

Ao fim dessa carta, Paulo pede a Ribeiro Couto o endereço de alguns poetas brasileiros que estava traduzindo no momento: José Corrêa da Silva Júnior (Corrêa Júnior), Aristeo Seixas, Menotti del Picchia, Pedro Saturnino, Carlos Drummond de Andrade. Para Paulo, o que se operava nessas trocas de cartas com Ribeiro Couto era o início de uma aproximação mais profunda com Brasil, sua realidade cultural e espiritual, o que o ajudaria no projeto de sua antologia brasileira. Na verdade, Ribeiro Couto seria peça fundamental para essa realização, atuando, nesse momento, como tradutor do tradutor, esclarecendo sentidos, regionalismos, especificidades, tirando o véu que encobria os contornos de um país e de uma cultura ainda distantes para Paulo Rónai.

Pois é numa terceira carta ao brasileiro, de março de 1939, que Paulo pedirá permissão para lhe enviar algumas dúvidas sobre a tradução do português, “oficializando” essa relação. Diante dos novos poemas que recebe e lê com genuíno interesse, Paulo ainda se sente mal equipado para assumir plenamente a tarefa que se impôs. E diz que sem Souza Leão Gracie e Moreira da Silva, que até ali “honravam sua atividade” e o ajudavam nos caminhos da aproximação da língua e do país, não sabia a quem recorrer.

¹⁰⁷ “Notícias de Ribeiro Couto”. In: *Encontros com o Brasil*, op. cit., p. 83.

¹⁰⁸ Carta a Ribeiro Couto, 14 de fevereiro de 1939. FCRB. Na carta, Paulo assina “seu muito respeitoso leitor e tradutor”.

¹⁰⁹ Idem.

Foi pouco antes que Paulo soubera pelo amigo Imre Bálint, que encontrara em fevereiro fortuitamente no ônibus, que Moreira da Silva iria partir. A razão era a extinção do consulado de carreira de Budapeste,¹¹⁰ decretado em novembro de 1938 por ordem de Getúlio Vargas, ficando o serviço consular na Hungria a cargo da missão diplomática. Moreira da Silva deixaria a cidade em breve. As anotações no diário revelam a apreensão de Paulo com a partida do diplomata brasileiro. Rapidamente providenciaria uma visita ao consulado para conhecer, no dia 21 de fevereiro, ao meio-dia, Samuel Souza Leão Gracie, então ministro plenipotenciário do Brasil na Áustria, cargo ocupado de junho de 1935 à março de 1939. “Ele me fará vir livros do Brasil; me prometeu eventualmente um emprego dentro de alguns meses”,¹¹¹ relata Rónai.

Paulo talvez ainda não soubesse, mas seus grandes aliados não seriam nem Samuel Souza Leão Gracie, tampouco Moreira da Silva. Era em Ribeiro Couto, e no também diplomata Otávio Fialho, que encontraria a verdadeira ajuda para concretizar seu projeto ultramar. Com Ribeiro Couto, segue trocando cartas e decifrando a língua portuguesa.

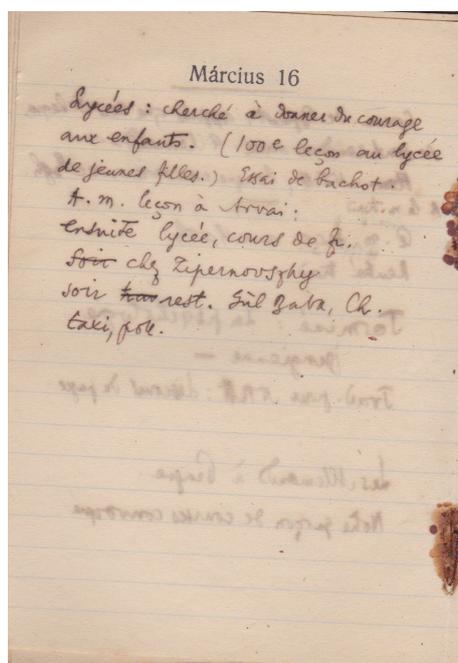
Algumas das poesias brasileiras que traduz vão ganhando espaço em publicações húngaras da época. E por essa razão, o amigo Bálint publica no jornal *Pesti Napló* um artigo intitulado “O Brasil mais perto de nós” sobre as traduções recentes de Rónai, incluindo as de poemas do próprio Ribeiro Couto. A publicação é comentada por Rónai em nova carta¹¹² ao diplomata, que recebe o artigo traduzido para o francês. As boas notícias intelectuais também incluem uma nova tradução que Paulo fez de um poema do livro *Jardim das Confidências*, obra de 1921. “Elegia para uma rapariga doente” já havia sido, inclusive, aceita por um dos grandes publicações semanais de Budapeste – segundo relata Paulo, que se mostra plenamente dedicado à poesia do amigo brasileiro e diz querer traduzir todos os poemas de *Noroeste* e outros mais do livro *Província*, mesmo ainda duvidando de sua plena capacidade para o feito.

¹¹⁰ DECRETO-LEI Nº 878, DE 23 DE NOVEMBRO DE 1938. Art. 1º É criado um Consulado de carreira em Viena, com as dotações constantes do orçamento vigente. Art. 2º É suprimido o Consulado de carreira em Budapeste, ficando o serviço consular na Hungria a cargo da Missão Diplomática.

¹¹¹ Diário, 21 de fevereiro de 1939.

¹¹² Carta a Ribeiro Couto, 16 de março de 1939. FCRB

Com toda essa reverência, Paulo estava, ao mesmo tempo, cumprindo sua missão de tradutor e avançando em direção ao Brasil, simbólica e objetivamente. Mesmo buscando a saída da Hungria, Paulo não esmorecia em suas funções de professor, reafirmando sua dedicação às aulas e aos alunos. As tarefas de preparação de matérias, correção de exames e a própria rotina do magistério continuam a ocupá-lo de maneira significativa. A função de professor o mobiliza continuamente. No dia 16 de março completa 100 aulas no Liceu de moças. Com justiça, se orgulha do feito. No contexto de colégios judaicos, Paulo entendia a missão expandida de seu papel naquele momento: “Tenho tentado dar coragem às crianças.”¹¹³



O cenário não era dos mais promissores:

15 de março: Alemãs tomam Praga. Tchecos são rendidos.

26 de março: Gastos para papéis de emigração, em vão.

Temas corriqueiros, sentimentos, aflições, notícias de guerra se misturam em seu diário sem medida de intensidade. Os dias correm e as notas marcam a aproximação sempre maior com o português: Carta de Dominique Braga anuncia que seu artigo sobre *Dom Casmurro* foi publicado na revista da Academia Brasileira de Letras¹¹⁴. Lê

¹¹³ “Cherché à donner du courage aux enfants”. Diário, 16 de março de 1939.

¹¹⁴ “D. Casmurro, de Machado de Assis, estudado na Hungria”. *Dom Casmurro*, 19/08/1939. Poucos meses antes o artigo, que analisa a tradução francesa da obra, for a publicada em Budapeste em francês. *Gazette de Hongrie*, 11/02/1939.

O mandarim, de Eça de Queirós. Encontra o Ministro de Portugal e lhe mostra artigo sobre Camões e estudos húngaros sobre *Os Lusíadas*. Traduz poesia de Osório Dutra. Traduz Ronald de Carvalho.

Os poetas brasileiros que traduzira até aqui se somam na seleção que Paulo vai fazendo e estudando para a sua antologia. Ao lado deles está, em maior presença, Ribeiro Couto, de quem Rónai recebe continuamente exemplares de suas obras. Em abril¹¹⁵ Paulo conta ao poeta a decisão de publicar também um livro integralmente dedicado à sua poesia. Já traduzira até ali poemas do livro *O Jardim das confidências*, um ou dois “Poemetos de ternura”, duas ou três páginas de *Noroeste*, poemas de *Província* (1934), e de quatro a cinco peças de *Um homem na multidão* (1926). Estava organizando tudo em ordem cronológica para então verter o material em um “belo livro”.

Sabe-se pelas cartas de Rónai que Ribeiro Couto indicava nos livros enviados as poesias que julgava mais “traduzíveis”. Por meio dessa correspondência também fica clara a valiosa ajuda que o brasileiro representava na pesquisa de Paulo sobre a literatura e a língua do país. De forma pontual, Paulo agradece, nessa mesma carta de abril, as notas que Ribeiro Couto lhe mandara sobre suas dúvidas na tradução de alguns poemas, o envio de uma antologia de Dante Milano, que se convertia em importante material para a conferência que preparava sobre o Brasil, marcada na Sociedade Vajda János para junho daquele ano. E reconhecia, sobretudo, a contribuição que Ribeiro Couto fazia ao oferecer uma visão ao mesmo tempo rica e particular da poesia brasileira. “Seu resumo da poesia brasileira me deu, por assim dizer, o roteiro da conferência que irei fazer: mil vezes obrigado.”¹¹⁶

Os assuntos da carta são vários e devidamente enumerados por Paulo. No item XII o tradutor comenta a indicação dada pelo amigo para que procure o Serviço de Cooperação Intelectual no Rio de Janeiro, informando que a partir da nota publicada no *Correio da Manhã*, o Serviço havia solicitado à Legação brasileira um pequeno relatório sobre ele, então enviado por Souza Leão Gracie, que dissera ainda ter pedido na ocasião alguns livros para o húngaro. Mas o que Paulo buscava, sem dúvida, mais

¹¹⁵ Carta a Ribeiro Couto, 22 de abril de 1939. FCRB

¹¹⁶ Idem.

que livros, era uma aproximação que lhe garantisse um convite para o Brasil. Nesse sentido, Ribeiro Couto já sinalizava compreender a verdadeira necessidade de seu amigo.

Àquela altura, Paulo ainda não havia recebido nenhuma sinalização oficial do país. Mas conta a Ribeiro Couto que logo voltaria à Legação para conhecer o novo ministro e que esperava, assim, não precisar chatear o amigo com esses temas “oficiais”, uma vez que já o incomodava com tantas demandas de ordem literária e linguística. O novo ministro era Otávio Fialho, que assumira a Legação no mês anterior, março. Paulo conhecerá o ministro um pouco depois, em 26 de maio, conforme anota em seu diário.

Com Ribeiro Couto, o diálogo se estende em cartas seguidas, sempre tratando dos temas poesia, tradução, publicações. Em 27 de junho, Paulo envia extratos de notas publicadas nos jornais locais sobre sua conferência “O outro Brasil” e conta ao amigo que recebera do Serviço de Cooperação Intelectual cerca de 30 livros brasileiros,¹¹⁷ entre eles uma história da literatura de Ronald de Carvalho, volumes de Castro Alves, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Paulo Setúbal, Olegário Mariano, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo. Muitas das poesias reunidas nessa antologia em curso saíam desses volumes recém-chegados do Brasil. Ribeiro Couto continua a ser sua janela para esses cenários brasileiros. Seu nome é mencionado com ênfase no diário, que tem registradas as datas em que Paulo recebe e envia cartas ao amigo; os livros que recebe; o que está traduzindo. Há uma assiduidade e um interesse genuíno e mútuo nessa relação.

E é por meio dessa rica relação epistolar¹¹⁸ que Paulo consegue ter acesso ao significado aplicado de diversas palavras que vai descobrindo durante seu processo de tradução e organização da antologia de poesia brasileira; como morros (os morros cariocas, favelas), o Nordeste (a região nordestina brasileira e todas as suas

¹¹⁷ No dia 5 de junho Paulo escreve no diário a chegada de 35 livros do Brasil. Diário, 5 de junho de 1939.

¹¹⁸ Paulo cita em seus textos essa troca como sendo valiosa. No entanto, essas cartas não constam nos arquivos de Paulo Rónai, provavelmente pelo fato de terem sido trocadas no período em que estava em Budapeste. Pouca coisa foi trazida por Paulo em sua vinda para o Brasil.

particularidades) e também paulista – o que resolveria para ele uma questão antiga.

Paulo lembraria:

“Muitas vezes ele respondia as minhas perguntas, várias delas esquisitas. Por exemplo, eu perguntava a ele o que era “morro”. Ele me desenhou um morro para explicar. Mas isso eu tinha encontrado no dicionário. O que o dicionário não explicava é que morro era favela, porque em Budapeste as colinas são as partes mais nobres da cidade, mais elegante.”¹¹⁹

Entre deduções, investigações e contando com essa ajuda ilustrada, Paulo traduzia os poetas brasileiros que lhe chegavam do Brasil e que para ele representavam a ideia de um país ao mesmo tempo misterioso e próximo. “Foi sobretudo graças a essa correspondência, toda em francês, que pude formar uma imagem aproximativa do movimento poético brasileiro.”¹²⁰

Os livros brasileiros continuam a chegar em Budapeste endereçados a Rónai. Boa parte deles são pontuados no diário, assim como as traduções que vai tecendo dia a dia, anotando o nome do poeta e do poema em português. Na constelação que se formava nas páginas dessa que era a primeira antologia de poesia brasileira em húngaro, gravitavam poetas “clássicos”, caso de Olavo Bilac (“Os amores da aranha”), Cruz e Sousa (“Cárcere das almas”), Vicente de Carvalho (“Cartas a V. S.”), Alberto de Oliveira (“Aspiração”), ao lado de nomes como Mário de Andrade (“Acalanto do Seringueiro”), Manuel Bandeira (“Marinheiro triste”), Carlos Drummond de Andrade (“No meio do caminho”), Cecília Meireles (“O caminhante que há de vir”), Cassiano Ricardo (“Sinal do céu”), Adalgisa Nery (“Poema do recém nascido”), Jorge de Lima (“Essa nega fulô”, “O filho pródigo” e “Mira-celi”), Menotti del Picchia (“Soneto”). Os poetas modernos (surpreendente que já tivessem chegado tão longe), estavam ao lado de poetas um tanto menos festejados, alinhados no tempo (quase todos contemporâneos), mas desgarrados no estilo e temática, como Lobivar Matos (“A morte de Taguimegera”), Tasso de Oliveira (“O pote d’água”), Aristeo Seixas (“A língua portuguesa”), Augusto de Almeida Filho (“Poema da minha companheira de trem”), Paulo Setúbal (“Escândalo”), Manuel Carlos (“Cariátide”), Pedro Saturnino (“O pé de açucenas”), Corrêa Dutra (“As quatro amigas do poeta triste”), Francisco Karam (“Libertino penitente”). Com maior representatividade

¹¹⁹ “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”, op. cit.

¹²⁰ “Notícias de Ribeiro Couto”. In: *Encontros com o Brasil*, op. cit., p. 86.

figurava Ribeiro Couto com “Diálogo da felicidade”, “Rio de Janeiro”, “A moça da estaçãozinha pobre”, “Província/História local”, “Aspiração à estrada de ferro” e “Moço do Rio”. Pelas mãos de Paulo Rónai, 23 poetas brasileiros e 33 poemas em coro poético, transmitiam, em meio às convulsões europeias, a *Mensagem do Brasil: os poetas brasileiros da atualidade*. Ou *Brazilia üzen: Mai Brazil költök*.

Apesar da distância geográfica e também de ambiente, já que do outro lado do Atlântico ainda não se sentiam os efeitos dos conflitos nessa antessala da Segunda Guerra Mundial, a coletânea de poesia afirmava uma conexão sensível entre o Brasil e a Hungria. Paulo dividiu a edição em quatro ciclos, *Torre de marfim*, *De uma alma à outra*, *Descobrimento do Brasil* e *Mira-Celi*. No primeiro, o organizador parece conformar uma trajetória cruzada entre a língua portuguesa e ele mesmo. Não é casualidade, assim, ter colocado ali alguns dos primeiros poemas que traduziu, como os de Manuel Carlos, Corrêa Junior e Pedro Saturnino, todos eles de contornos parnasianos. A torre de marfim seria a sua própria fuga para a poesia, desviando dos assuntos mundanos, naquele momento, excessivamente duros.¹²¹

Na segunda parte, *De uma alma à outra*, está reunida uma produção de temática mais metafísica, com Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Adalgisa Nery, Francisco Karam, Augusto de Almeida Filho, Cruz e Sousa e o “Diálogo da felicidade”, do amigo Ribeiro Couto, entre outros. Já em *Descoberta do Brasil* desfilam o caráter mais particular da terra, com seringueiros, negras sestrosas, o litoral quente, a flora densa, o espírito caboclo. Estão Mário de Andrade, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, com poema que integra seu *Juca Mulato*, e ainda Paulo Setúbal, Vicente de Carvalho, Lobivar Matos.

O poema *Mira-Celi* de Jorge de Lima batiza a última parte da antologia, com seu humanismo universal e algum misticismo, sendo ele próprio um elo contundente que alçava a expressão poética brasileira a uma potência universal. Os versos de Jorge de Lima atravessavam o espaço evidenciando uma perturbadora comunhão de significados com o momento europeu.

¹²¹ Paulo deveria utilizar a expressão em referência ao crítico e poeta francês Charles Augustin Sainte-Beuve ao se referir em poema parte da coletânea *Les consolations*, de 1830, ao caráter poético retirado, puro, de Alfred de Vigny em oposição à postura de engajamento social de Victor-Hugo.

Se vosso dorso se curvou a um tirano qualquer, ficareis cego de nascença.

Porque Mira-Celi nunca se mostrará

Enquanto ela avistar manchas em nossa terra.

Quando ouvirdes então um rumor desusado, vindo do fim do mundo,

*Sabereis que os falsos deuses começam a tremer.*¹²²

Enquanto Paulo trabalha na finalização da antologia e mira o Brasil, as recusas chegam constantemente de diversas partes do mundo: Colômbia, Costa Rica, Austrália, Nicarágua. Paulo ainda tenta vistos para a Iugoslávia, Bulgária e cogita se juntar ao irmão Jorge na Turquia. Mas não consegue nem ao menos obter um passaporte, repetidamente negado pelas autoridades húngaras. Em junho não faz nenhuma nota em seu diário. Em julho anota esparsamente o ritmo dos dias, *NRH*, *liceus*, uma tradução de Alberto de Oliveira no dia 7, casamento da irmã Clara no dia 9. No dia 11 para justificar a ausência de anotações vários dias, faz um “resumo do verão”. Destacando ter finalizado a antologia; registra notas que saíram em jornais brasileiros sobre sua conferência; comenta ter feito contato diretamente com Tasso da Silveira e Jorge de Lima e destaca as diversas visitas que fez ao novo ministro Otávio Fialho. No fim, resume: “Todo o mês, acompanhando as tensões internacionais.”¹²³

Em agosto, Otávio Fialho, diplomata de carreira que exercera cargos importantes como a chefia dos serviços políticos e diplomáticos do Ministério das Relações Exteriores e a Secretário-geral do Itamaraty, finaliza o prefácio da obra de Paulo Rónai, assinado como Ministro do Brasil na Hungria, posto que assumira em março daquele ano. Paulo o conhecera no fim de maio e o encontrara algumas vezes na Legação do Brasil para conversas. Por vezes, “*longue causerie*”, como ele descreve.

Na sua apresentação, Fialho é generoso nos elogios ao organizador. Curiosamente o chama de “poeta excelente”, destaca sua vasta cultura universal e seu profundo conhecimento das letras, festeja, em suma, a edição, segundo ele, verdadeiro

¹²² Jorge de Lima, “Mira-Celi”. *Poesia completa*: volume único. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997

¹²³ Diário, 11 de julho de 1939.

acontecimento na Hungria e no Brasil. Cita trecho de Rónai apresentado pouco antes na conferência em Budapeste, afirmando que:

“O Brasil deixou de ser uma sucursal da civilização europeia e possui, em literatura, uma vegetação luxuriante e vasta, de admirável originalidade. E não seria impossível que ao cabo de umas dezenas de anos os poetas da Europa venham procurar nas obras dos confrades brasileiros inspiração e novas experiências.”¹²⁴

De própria lavra, o diplomata acentua o bom momento da produção poética no país, sem deixar de ressaltar, em seguida, o conturbado momento em que a obra chegava à Europa.

“A arte poética é hoje, no Brasil, manifestação de uma inteligência nova, inventiva, original. Um esforço próprio e uma disciplina própria conforma a poesia brasileira ao sentido mais universalmente humano da nossa época. Uma nova técnica veio corresponder rigorosamente a essa orientação.”

“O livro aparece palpitante, como o velame das caravelas ibéricas, no ardor febril das descobertas. E parece que Paul [sic] Rónai descobriu, na expressão poética do Brasil de hoje, novidades que se não encontram agora correntemente nessa Europa em guerra de nervos.”¹²⁵

Paulo Rónai apresenta a edição com um texto de densidade histórica, não se restringindo apenas às explicações acerca de critérios da seleção e organização. De maneira muito lúcida explica ao leitor húngaro a descoberta da terra em 1500 e o curto tempo em que passou do ambiente selvagem à metrópole, das assimilações forçadas e necessárias de uma cultura estrangeira, da convivência singular do sistema patriarcal e da vida moderna, da natureza e da técnica. Aprofunda as explicações pois acredita que só assim poderá oferecer um retrato bem acabado da literatura brasileira.

“Para a sua compreensão, é necessário mencionar algumas das características mais peculiares da cultura brasileira. Esta, diferentemente da europeia, não foi forjada organicamente no local. O Brasil, cuja civilização autóctone extinguiu-se praticamente sem deixar vestígio, recebeu sem antecedentes e sem transição, outra civilização, já pronta, que não tinha sido talhada à sua medida, para, em seguida, assimilar às pressas, em quatro séculos, o resultado de dois milênios. (...) Os conquistadores portugueses, franceses e holandeses encurralaram milhões de índios, habitantes nativos, na direção do interior do país, e depois, durante 300 anos, fizeram vir da África milhares de escravos negros. No entanto, aqui não houve uma segregação racial, de maneira que a população do Brasil é, em sua maioria, uma

¹²⁴ Versão traduzida para o português encontrada no arquivo pessoal de Paulo Rónai, junto a um sumário da obra e apresentação em francês.

¹²⁵ No livro, o prefácio se encontra escrito em húngaro. O acesso a versão em português foi possível ao encontrar a carta com o texto original de Otávio Fialho entre documentos guardados por Paulo Rónai.

mistura dessas três raças branca, índia e negra, e a civilização brasileira é, utilizando o termo de Afrânio Coutinho, uma civilização mestiça. E se considerarmos ainda que o próprio elemento branco pertence a um grande número de diferentes raças, poderemos compreender Rudiger Bilden¹²⁶ que chama o Brasil de um enorme ‘laboratório da civilização.’”¹²⁷

Dessa mistura cultural, Rónai afirma, emergiu uma literatura de força pungente, explicada em seguida com imagens algo exóticas. “No enorme alambique, as 100 espécies de sangue diferentes continuam se misturando e é lá que a nova riqueza, que o brilho luminoso, o *pathos* profundamente humano da poesia brasileira tiram suas seivas vitais.”¹²⁸

De fato, impressiona como Paulo Rónai tem acesso, ainda na Hungria, a um repertório não somente variado como também aprofundado do Brasil. E seu interesse parte da formação do país para, em seguida, revelar como o processo de construção e miscigenação moldou a língua e, conseqüentemente, seu modo de falar e escrever. Sobre esses últimos aspectos, ele explica:

“Para a literatura brasileira, a língua portuguesa proporciona uma cor local, um caráter nacional mais íntegro e determinado. Esse dialeto derivado da Hispânia, que foi gradualmente se separando do espanhol, e que na verdade vive uma vida independente desde que Camões a transformou em uma língua literária sofisticada, paralelamente à sua nova sonoridade, mais suave, trouxe consigo, para a sua nova pátria além mar, preservados alguns elementos intocados do latim e, juntamente com o espanhol, um respeitável cabedal de vocabulário árabe, além de um influência perceptível do francês. (...) a influência dos dialetos dos escravos suavizou sua sintaxe, suas expressões lhe conferiram maior plasticidade e menos lógica.”¹²⁹

Paulo ainda apresenta nomes fundamentais dessa história, mesmos aqueles não incluídos na obra, como Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo. Dos poetas selecionados, situa cada um com precisão: explicando o parnasianismo de Alberto Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, a segunda

¹²⁶ O historiador alemão radicado nos Estados Unidos Rudiger Bilden esteve no Brasil no ano de 1926 estudando, com uma bolsa da universidade de Columbia, raça e a formação do país. Neste período, esteve muito próximo de Gilberto Freyre. Dessa experiência cunhou o termo, que deu nome a um artigo de sua autoria, “laboratório da civilização”, sugerindo que a relação dada entre as raças no Brasil poderia servir como modelo para o mundo.

¹²⁷ Os trechos da apresentação foram traduzidos por mim a partir de um folheto datilografado em francês, encontrado no arquivo de Paulo Rónai.

¹²⁸ RÓNAI, Paulo. *Brazilia üzen*. (Mensagem do Brasil). Budapest: Vajda János, 1939. Introdução, p. 7. “(...) dans l’énorme alambic, les cent espèces de sang différents continuent de se mélanger et c’est là que la richesse nouvelle, l’éclat miroitant, le pathétique profondément humain de la poésie brésilienne puisent leurs sèves vitales”.

¹²⁹ Idem.

geração parnasiana de Corrêa Junior, Manuel Carlos e Pedro Saturnino. Destaca o simbolismo do mestre Cruz e Sousa. Marca com notável conhecimento o momento da virada nos anos 1920, o que chama da revolução da nova poesia brasileira, que inaugura o verso livre e absorve as influências modernas europeias com dicções próprias. O forte senso social de Mário de Andrade; o épico folclórico de Jorge de Lima com sua negra fulô; a tendência dos ciclos líricos de *pathos* tropical de Menotti del Picchia (*Juca Mulato*) e Cassiano Ricardo (*Martim Cererê*); o pessimismo de beleza lírica profunda de Bandeira, o “São João Batista do Modernismo”; a tristeza transcendental de Augusto Frederico Schmidt; a sinceridade nua de Adalgisa Nery; o monólogo sentimental de Cecília Meireles. Paulo Rónai é espirituoso, próximo, amoroso em sua visão da poesia brasileira em fins de 1930 e certo ao reconhecer a genialidade de poetas como o próprio Drummond, muito antes das unanimidades. Paulo já revelava ali um antena apuradíssima para a poesia brasileira.

No desfecho de seu texto, que se estende em 12 páginas, assume sua limitação de acesso a um arco maior da poesia brasileira, apesar da espantosa capacidade que teve em apresentar uma coletânea representativa dessa produção, destacando nomes que se tornariam autores clássicos do país, como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Com grande ênfase agradece a Moreira da Silva, Samuel Souza Leão Gracie, Otávio Fialho, João C. de Moraes, primeiro secretário da Legação em Budapeste. “Graças à ajuda deles, eis a primeira tentativa de revelar aos leitores húngaros uma literatura tão distante no espaço, mas tão próxima em muitos pontos do domínio do espírito.”¹³⁰

Pode parecer estranho que o nome de Ribeiro Couto não conste no agradecimento do livro. No entanto, a razão é explicada por Paulo em carta anterior, de 17 de agosto:¹³¹ Ribeiro Couto seria o poeta mais representado na edição, assim, optara por não agradecê-lo em sua apresentação. O faz mais uma vez de maneira pessoal, em carta, reconhecendo que sem a ajuda do amigo brasileiro não teria conseguido realizar essa empreitada literária: “Reitero meus agradecimentos calorosos pela ajuda

¹³⁰ RÓNAI, Paulo. *Brazilia ūzen*, apresentação. Versão em francês datilografada. Acervo Paulo Rónai. “*Grace à leur aide, la première tentative de faire connaître aux lecteurs hongrois une littérature si éloignée dans l’espace, mais si proche par tant de points dans le domaine de l’esprit*”.

¹³¹ Nessa mesma carta, Paulo explica à Ribeiro Couto seus critérios de organização da antologia, descrevendo o conceito e composição de cada um dos ciclos da edição.

extraordinária que me ofereceu, sem a qual esse livro não poderia jamais ter sido feito.”¹³² Na carta, Paulo conta que no dia anterior a obra seguira para a gráfica.

Os primeiros exemplares do livro chegam ao apartamento dos Rónai na tarde de 2 de setembro, algumas horas depois de a Alemanha declarar guerra à Polônia. No fim daquele mesmo dia, Clara chega em casa com as últimas notícias: o discurso de Chamberlain, primeiro-ministro britânico.

“Falo a vocês da Sala do Gabinete, no número 10 da Downing Street. Esta manhã, o embaixador britânico em Berlim entregou ao Governo alemão um ultimato determinando que, a menos que nos informassem até as 11 horas que estavam preparados para retirar suas tropas da Polônia imediatamente, um estado de guerra existiria entre nós. Digo-lhes agora que nenhum compromisso foi recebido e que, conseqüentemente, este país está em guerra contra a Alemanha.”

O dia seguinte, um domingo. Com dores de cabeça, Paulo acorda às 8h, vai ao hospital judaico, faz um passeio, revê traduções, as tarefas do liceu. Comenta com a família a declaração de guerra da Inglaterra e termina o dia traduzindo para o francês a introdução de sua antologia da poesia brasileira.

No diário Paulo registra o encaminhamento das tensões internacionais:

*4 setembro: o navio Athenia é torpedeado*¹³³

5 setembro: neutralidade japonesa

7 de setembro: Cracóvia ocupada

8 de setembro: Queda de Varsóvia

Em meio à guerra, a *Mensagem do Brasil* é lançada na Hungria. “O que eu gostaria de mostrar aqui é a cultura de uma nação jovem, cheia de energia, em pleno desenvolvimento, um povo mergulhado em uma vida cultural cada vez mais profunda, cuja poesia eu gostaria de apresentar para o público húngaro”,¹³⁴ destaca Paulo. “Pela primeira vez na Europa Central liam-se versos brasileiros e se podia entrever a existência do Brasil, até então só conhecido como produtor de café, de uma

¹³² Carta a Ribeiro Couto, 17 de agosto de 1939. “*Je vous réitère mes remerciements le plus chaleureux de l’aide extraordinaire que vous m’avez prêtée et sans laquelle ce livre n’aurait jamais pu être.*”

¹³³ Transatlântico de passageiros, que fazia a rota entre Inglaterra e Canadá, quando foi torpedeado por um submarino alemão, matando 128 passageiros civis e toda tripulação.

¹³⁴ *Brazilia üzen*. Apresentação. Versão datilografada. Acervo Paulo Rónai.

civilização digna de estudo e mesmo de admiração”,¹³⁵ constatou o tradutor anos mais tarde.

Mesmo com o conflito já em curso, houve tempo para críticas positivas sobre a antologia brasileira, como o artigo do crítico Gyorgy Bálint, em que saudava a edição e, em particular, a veia crítica de Jorge de Lima. O poeta Zoltán Nagy, também húngaro, exaltava “o sinal dourado no alto da torre” que os versos do brasileiro carregavam, “apontando o caminho para o céu”. Os tanques alemães cruzavam territórios, o cerco aos judeus se fechava gradualmente e o cenário era de plena escuridão. Nagy e Bálint seriam, algum tempo depois, assassinados pelos nazistas. Paulo guardaria os recortes de jornal com as críticas de seu último trabalho em terras húngaras entre os poucos documentos daquela época que carregaria ao longo de sua trajetória de exílio. E os manteria a salvo, na mesma pasta reservada ao exemplar do diploma do ginásio, a comprovantes de filiação a sociedades linguísticas italianas e francesas e aos atestados médicos e de boa conduta que o ajudariam a fugir da fúria nazista.

Mas ainda em solo húngaro, tudo são dúvidas. Ainda em setembro, não sabe o que será da *NRH*. (“Vão reduzir a *NRH* à metade?”).¹³⁶ No dia 14 de setembro Paulo registra a chegada da carta de Menotti del Picchia, um dos poetas incluídos em sua seleção brasileira, dizendo que falará sobre ele ao presidente Getúlio Vargas. À época o poeta exercia o cargo de diretor da seção paulista do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, órgão recém-criado pelo Estado Novo, com o objetivo de promover o regime. Desfrutava, portanto, de alguma proximidade com o presidente. Outras cartas chegam do Brasil, como do Instituto Nacional do Livro, que lhe promete enviar novas edições de obras brasileiras.

As notícias do *front* se mesclam às apreensões do jovem tradutor:

17 de setembro: entrada das tropas russas na Polônia

24 de setembro: ansiedade

27 de setembro: ansiedade

29 de setembro: Clara parte para a Turquia

¹³⁵ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”, op. cit., p. 17.

¹³⁶ Diário, 11 de setembro de 1939.

1 de outubro: cartas do Brasil

2 de outubro: Papai me conta que recebi uma convocação.

No mesmo 2 de outubro autografa livros que enviará ao Brasil, recebe exemplares do Ministério da Educação brasileiro, um artigo sobre ele publicado no jornal *A Tarde* e o artigo de Balint sobre sua antologia, também intitulado *Brazilia üzen*.

Data também do dia 2 de outubro a pequena carta que Paulo faz acompanhar o exemplar da antologia que envia a Ribeiro Couto,¹³⁷ em que sublinha uma vez mais sua gratidão: “... meus agradecimentos vão para você, sem cuja ajuda esse trabalho não poderia ter jamais sido feito. Obrigada de todo coração pela sua ajuda, pela sua amizade.”¹³⁸ E conta de sua convocação militar. O tom é o de um tempo de contradições.

“Essa noite mesmo começo um período de serviço militar. Quando tempo durará, eu não sei: estamos na mão dos deuses. Eu estou feliz, em todo caso, que meu livro pôde ser lançado a tempo e testemunhe, nesses tempos de guerra, minha adesão à cooperação e aproximação dos povos.”¹³⁹

Às 7 estava de pé e de serviço. Ansioso. Obtém uma licença já naquele primeiro dia. Volta para casa e escreve cartas para o Brasil: Getúlio Vargas, Gustavo Capanema e Oswaldo Aranha. À Tarde, vai à Legação brasileira e toma chá com Otávio Fialho e amigos húngaros, conforme anota: Bálint, Radnóti, Gáldi. No dia seguinte começa sua luta para dispensa do serviço militar. Pede carta aos liceus e instituições onde trabalhava mostrando ser necessário em outro *front*. “Não vou fazer guarda aos presos polacos em Ináracs-Kakucs”, ele escreve, se referindo à estação de trem de onde soldados polacos chegavam presos pelas forças alemãs. A Hungria se mantinha aliada do Reich.

No dia 9, novamente em carta a Ribeiro Couto, celebra o que chama de verdadeiro milagre: a dispensa temporária do serviço militar, graças a um pedido do liceu onde

¹³⁷ Carta a Ribeiro Couto, 2 de outubro de 1939. FCRB

¹³⁸ Idem. (“...mes remerciements sincères vont à vous sans qui ce travail n’aurait jamais pu se réaliser. Merci de tout coeur de votre aide, de votre amitié”.)

¹³⁹ Ibidem. “Ce soir même je pars faite une période de service militaire. Combien de temps durera-t-elle, je l’ignore: nous sommes dans la main des dieux. Je suis content, en tout cas, que mon livre ait pu paraître à temps et témoigner, en ces temps de guerre, mon attachement à la coopération et au rapprochement des peuples”.

trabalhava. Paulo agradece duas cartas recebidas e o encorajamento do amigo em um momento em que “uma pesada atmosfera” tomava a Europa.

“Sim, mesmo no meio da tempestade, eu vejo como único refúgio possível o domínio da arte e do pensamento e por isso eu busco trabalhar como se nada acontecesse. É impossível crer que a barbárie se imponha sobre nossos poemas, sobre nossos livros, sobre nossa pacífica casa, sobre nossos sonhos de fraternidade.”¹⁴⁰

Ao agradecer o artigo que Ribeiro Couto publicara sobre ele em jornais brasileiros, pontua uma ressalva: “Eu não sou nem poeta, nem crítico, sou tradutor.”

Paulo segue recebendo livros e cartas de escritores brasileiros, as letras singrando um véu escuro, novas mensagens do Brasil. Paulo busca se manter confiante. Trabalha. Novembro passa silenciosamente em seu diário, enquanto no Brasil, o presidente da República, que recebera a antologia enviada da Hungria por Otávio Fialho (provavelmente por intermédio do ministro Oswaldo Aranha), lhe escrevia uma carta, que Paulo receberia apenas algum tempo depois.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1939

Ao Snr. Prof. Paul Rónai.

Tenho a satisfação de acusar o recebimento do vosso livro BRAZILIA UZEN, contendo poesias brasileiras traduzidas para o idioma húngaro que, com uma amável carta, tiveste a gentileza de me enviar, por intermédio do Senhor Ministro Octavio Fialho.

A iniciativa de traduzir para o vosso idioma pátrio as melhores produções dos poetas brasileiros, além de constituir um serviço digno de todo louvor, espontaneamente [sic] prestado às relações culturais entre os nossos países, revela especial simpatia pelo Brasil, fato que registramos com especial agrado, ainda mais quando o seu autor é uma figura de alto relevo [sic] na literatura contemporânea na Hungria.

Atenciosas saudações,

Getulio Vargas

¹⁴⁰ Carta a Ribeiro Couto, 9 de outubro de 1939. FCRB

A carta, assinada de próprio punho,¹⁴¹ revela uma relação de mútuo interesse entre Paulo Rónai e o Brasil. Assim, diante da guerra, o Brasil era mais que um eco poético, mas verdadeira terra prometida.

O silêncio da escrita pessoal é justificado nos últimos dias do mês pelas intermitentes dores de cabeça que marcaram vários de seus dias em 1939. Segundo Paulo, esta teria sido a principal razão que o impedira de escrever constantemente nos três meses finais do ano.

O mal-estar é relatado também em nova carta a Ribeiro Couto, de 22 de dezembro. Nela, Paulo conta que não sabia ao certo o que lhe acometia, sinusite, nevralgia. E diz ao amigo que a “nevralgia” da Europa o tinha abatido consideravelmente. “Faço meu trabalho na escola, uma vez que não requer iniciativa ou resolução; para além disso, eu estava cansado demais para realizar qualquer coisa”.

A tradução continua sendo uma opção pela sanidade. Paulo conta a Ribeiro Couto que voltara ao ofício, trabalhando na edição dos poemas do seu próprio interlocutor, que sairia em uma pequena edição húngara no ano seguinte: *Santosi versek (Poemas de Santos)*. Era ao que se dedicava no momento. Assim, detalha para Ribeiro Couto a construção da edição, para em seguida comentar o lançamento de *Mensagem do Brasil*. “Foi em um mau momento”, Paulo sublinha. “Um dia antes da redução da circulação de jornais e do fim de uma grande parte das revistas literárias por conta da falta de papel!”¹⁴²

Nessa última carta de 1939, Paulo despede-se do amigo, celebrando, a despeito dos horrores que já se encenam, os ganhos e não as perdas que vivera. “O ano que passou foi de grandes desafios. Mesmo assim, para mim ele trouxe muitas alegrias, entre elas, a sua amizade”. Sem dúvida, aquele ano de 1939 selava seu frutífero encontro com Ribeiro Couto e também com o Brasil.

¹⁴¹ Já no Brasil, a carta seria emoldurada e pendurada na biblioteca de Rónai, reconhecendo a importância dessa correspondência para a concretização de sua vinda ao país.

¹⁴² Carta a Ribeiro Couto, 22 de dezembro de 2015. FCRB

No diário, atravessando as últimas páginas do ano, Paulo resume de uma só vez os principais eventos que não pôde relatar antes:

Enviou 50 exemplares de sua antologia para o Brasil. E recebeu as primeiras respostas, como a de Oswaldo Aranha.

Foi recebido por Otávio Fialho no fim de dezembro para uma audiência pedindo um emprego.

Dores de cabeça incessantes. Novo tratamento de irradiação.

Rompeu seu namoro por carta.

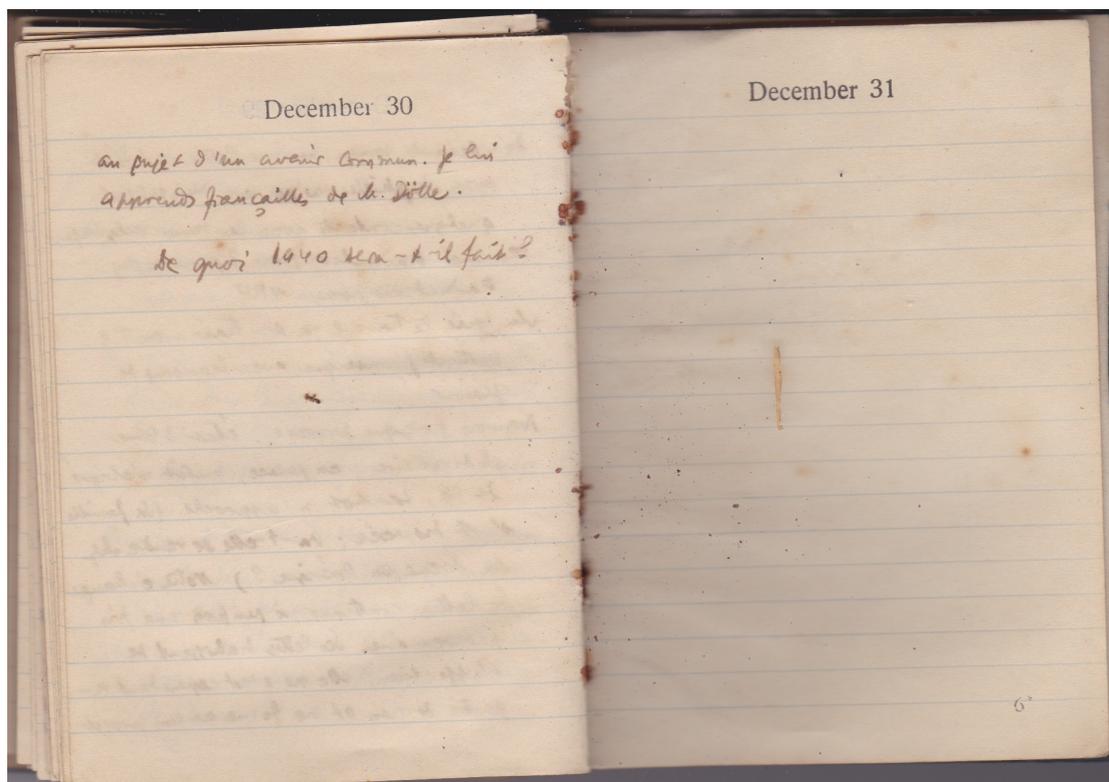
Continuou fazendo traduções para *NRH*.

Encontrava quase ninguém.

Estado de animo parado.

Na última página do diário, com a tinta que se esgarça em uma letra apressada, ou angustiada, pergunta:

“De que 1940 será feito?”



Fazendo mel sobre o abismo¹⁴³

“Sou húngaro. A minha índole é grave,
 Como os primeiros sons de nossos violinos.
 O sorriso às vezes me aponta nos lábios,
 Mas é raro ouvir-se o meu riso.
 Quando o prazer melhor me cora as faces,
 De tão disposto desato a chorar,
 Mas no tempo da mágoa meu rosto é alegre,
 Pois não quero que tenhas pena de mim”
 Petöfi

“Estou fazendo a guerra”
 Georges Clémenceau

A guerra avançava e varria a Europa. No começo de 1940, diversos países estavam em conflito declarado contra a Alemanha. As tropas de Hitler dominavam a Polônia e haviam enviado para lá diversos judeus da Áustria e Tchecoslováquia, países também ocupados pelo Reich.¹⁴⁴ Grande parte do território europeu eram dominado por bombardeios, pela destruição, ameaça, morte. Mas o conflito ainda estava longe de assumir suas mais graves feições.

Paulo Rónai enfrentava também uma outra guerra, essa de contorno particular. Lutava para deixar sua Hungria natal, cada vez mais hostil para ele assim como para toda a comunidade judaica. Paulo tinha ainda como inimigos o tempo e a saúde que se fragilizava com as intermitentes dores de cabeça, motivo que o fez começar o ano no hospital judaico para tentar um novo tratamento com irradiações.

No segundo dia de 1940, Paulo encontra Moreira da Silva, que lhe promete ajuda, dessa vez, como ele anota no diário, uma bolsa para poder ir ao Brasil. Logo depois, Paulo comenta com o diretor do liceu onde trabalhava a ideia da partida. Só nesse momento o tradutor começava a sentir as repercussões do lançamento de sua

¹⁴³ “O mundo não é bom nem mau. Ele é (o que é mais terrível). Qualquer coisa que seja, devemos olhá-lo cara a cara, fazendo nosso mel acima do abismo”. Romain Rolland em carta a Stefan Zweig, em 1919. Apud DINES, Alberto. *Morte no paraíso – A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004 (3ª edição ampliada), p.173.

¹⁴⁴ O isolamento total (o famoso e nefasto Gueto de Varsóvia, que aprisionou cerca de 1 milhão de judeus e matou de fome e doenças diversos deles antes do envio massivo aos campos de extermínio) ainda não era uma realidade na Polônia no começo de 1940, mas os judeus que ora habitavam o país já eram obrigados a usar atada ao braço a estrela de David.

antologia. No mesmo dia 2 de janeiro, recebera livros do jornalista e historiador Hélio Viana, um contato estabelecido por intermédio de Ribeiro Couto; também de Carlos Drummond de Andrade (que registra apenas Carlos Drummond) e um artigo de Tasso da Silveira. Como esperava, os laços com o Brasil e sua gente começam a se estreitar. E as cartas que chegam dos poetas traduzidos em sua coletânea se sucedem. No dia 5 de janeiro chegam juntas as de Jorge de Lima e Cecília Meireles.

A essa altura o plano de emigração para o Brasil está plenamente assumido e declarado. Sobre ele escreve aos irmãos Jorge e Clara, ambos já seguros na Turquia. É a essa costura que se dedica nesses dias em que Budapeste congelava a temperaturas que chegavam a 16° negativos e nos quais mantinha os ouvidos atentos às notícias do seu rádio TSF (como chamava ainda tecnicamente: *Télégraphie Sans Fil*), que se tornara parceira cotidiana, relatando os movimentos da guerra. Determinado e persistente em seu *front* particular, Paulo continuava a trocar cartas com Menotti del Picchia e Moreira da Silva. Recebia correspondências oficiais da Academia do Paraná, da Secretaria do interior de Minas Gerais, provavelmente para onde enviara exemplares de seu livro.

O dia 26 de janeiro, como faz usualmente em datas que busca destacar como importantes, é sublinhado em seu diário com um delicado risco de caneta. Não foi à toa. Recebia pelos correios a carta do Presidente da República do Brasil, Getúlio Vargas, que escrevera ao húngaro em novembro, após receber a edição de *Mensagem do Brasil*. No mesmo dia, recebe ainda uma carta de Otávio Fialho. Paulo fixava todas as suas esperanças no Brasil e as duas correspondências de alto escalão eram motivo para celebrar. Afinal, Paulo não tentava mais, como fizera no ano anterior, ampliar contatos com instituições, escolas e profissionais de outros países, até porque, aparentemente, todas as suas tentativas alhures já haviam sido esgotadas. O Brasil permanecia em foco. Assim, sua atividade de tradução estava objetivamente concentrada no português, em verter para o húngaro novos poemas brasileiros, sobretudo os de poetas que já lhe eram mais próximos, como Jorge de Lima, cuja obra o tocara pessoalmente e com quem travara contato por cartas, além do amigo Ribeiro Couto.

No primeiro dia de fevereiro Rónai anota a tradução de *Ave*,¹⁴⁵ de Jorge de Lima. E se mantém compenetrado no antigo desejo de editar em húngaro um livro inteiramente dedicado à poesia de Ribeiro Couto. Este é o assunto principal da carta que escreve ao brasileiro no fim de janeiro. Nela agradece o envio de novas informações biográficas, explica detalhadamente o critério de sua seleção.

Ribeiro Couto demonstra toda reciprocidade de atenção, reconhecendo a dedicação investida pelo amigo na divulgação de sua obra na Hungria. Chega a sugerir a Rónai que vá a Holanda, onde servia como diplomata, em Haia, proferir uma conferência sobre o Brasil. Diante do contexto do momento, Paulo responde que não conseguiria sair de Budapeste. “Quem sabe depois da guerra? Quando será?”¹⁴⁶

Não era possível saber. Por isso, Paulo Rónai aborda pela primeira vez com o amigo o tema de sua necessária partida para o Brasil. Naquele momento, a ideia seria conseguir uma bolsa de estudo junto ao governo brasileiro, nos moldes das que recebera duas vezes da França, dessa vez para o período de um ano. A sugestão teria partido originalmente de Otávio Fialho depois de ouvir a conferência sobre o Brasil proferida por Paulo em Budapeste em junho do ano anterior. Mas o plano ficara um pouco vago e aquele momento parecia ideal para se retomar o projeto, até porque um amigo próximo de Paulo havia assumido a direção do liceu onde trabalhava e poderia, dessa forma, conseguir uma licença sem dificuldades. Paulo avisara Fialho que poderia partir imediatamente. E de Moreira da Silva tinha a promessa de um acerto dos trâmites com o ministro Oswaldo Aranha. Paulo tinha esperanças de que a dupla de diplomatas o pudesse ajudar e já contava com uma partida no mês de junho; esperava notícias de Moreira da Silva com imensa ansiedade.

Na conversa com Ribeiro Couto, a possível viagem está encoberta de outros sentidos que não o principal: a necessidade vital de partir diante do cerco que os judeus viviam na Hungria, aliada aos alemães. Paulo prefere sublinhar a importância que teria para a sua vida intelectual essa experiência de conhecer de perto o país que aprendera a amar através de seus poetas; seria a possibilidade de verdadeiro “*Erlebnis*”, a vivência, a

¹⁴⁵ “A ave era antropomorfa como um anjo/e solitária como qualquer poeta”. O poema faz parte de *A túnica inconsútil*, de 1938. LIMA, Jorge de. *Poesia completa*: volume único. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997, p. 389.

¹⁴⁶ Carta a Ribeiro Couto, 21 de janeiro de 1940. FCRB

compreensão profunda a partir desse encontro físico com o Brasil. Evocava uma dimensão filosófica sem mencionar o sentido prático primordial. Tratava-se, afinal, de uma questão de vida ou morte. No entanto, era mais objetivo justificar seu desejo de estar no Brasil por razões de outra ordem, afinal era apenas sob a justificativa de uma cooperação intelectual que o Ministério das Relações Exteriores poderia conceder uma bolsa e um visto a um jovem judeu húngaro.

Não que seu objetivo maior anulasse o sentido genuíno de seu interesse pelo Brasil e sua literatura. Tratava-se de uma confluência desses movimentos e interesses: a vontade maior de chegar a um porto seguro potencializava de maneira profícua o envolvimento com a literatura brasileira e seus expoentes. Rónai estava em bom caminho. Recebia continuamente diversos livros e cartas. Nesse começo de 1940 chegam volumes com a obra poética completa de Alphonsus de Guimarães (“*grand artiste que je regrette n’avoir pas connu plus tôt*”), títulos de Cecília Meireles, de quem recebia cartas com frequência, de Cassiano Ricardo (*A Academia e a poesia moderna*, livro de 1939), de Menotti del Picchia (*Salomé*, romance de 1940), do português José Maria Belo, e outros que anota sem grandes detalhes. Já os temas que tratam de Ribeiro Couto, Paulo Rónai coloca sempre em relevo. O diplomata voltaria para o Rio de Janeiro e avisara a Paulo Rónai em carta que recebe no dia 19 de fevereiro. “*Lettre de R. Couto: partira pour Rio.*”¹⁴⁷

Pouco depois, Paulo escreve ao amigo e o assunto é todo ele voltado às notícias da antologia em húngaro de sua obra. De início, Paulo agradece o envio do livro *Cancioneiro de Dom Afonso*, que o brasileiro lançara pouco antes no Brasil, e se estende mais sobre sua seleção poética. Como tradutor, explica a impossibilidade de verter para sua língua, por “questões técnicas e outras”, poemas como “Consolações do Caboclo devoto”, “Encontros de Guaranis e Tapuias” e “Sanfona do menor imperial”. Todos eles intrinsecamente relacionados a questões da cultura e dos tipos humanos do país, de difícil acesso aos leitores húngaros. Da mesma maneira as expressões do poema “Santos”, do livro *Noroeste*, também representavam para Paulo alguma dificuldade. Por essa razão, escreve sucintamente em 17 de março buscando sanar algumas últimas dúvidas: o que seria brincar de pique?, bater bola?, cantar de

¹⁴⁷ Diário, 19 de fevereiro de 1940.

roda? Paulo, que se tornara uma espécie de embaixador da poesia de Ribeiro Couto na Hungria, fazia os últimos ajustes para edição húngara do amigo.

Logo publicaria *Versos de Santos (Santosi versek)*,¹⁴⁸ uma seleta de poesias traduzidas de Ribeiro Couto, com uma introdução biográfica e crítica. O trabalho é atestado nas breves anotações em dias sucessivos em seu diário. Na carta que escreve ao brasileiro no dia 19 de maio, avisa que o livro já estava na gráfica e celebra o fato de Ribeiro Couto já estar de volta à terra natal, longe da guerra. Paulo desejaria o mesmo para si e aproveita a correspondência para pedir uma ajuda de forma mais explícita. “É necessário importuná-lo dessa vez *pro-domo*”, ele diz, para em seguida detalhar seu pedido:

“A Legação [do Brasil] me informou que meu visto brasileiro foi aceito. Mas ela não sabe nada sobre a bolsa demandada ao Ministério das Relações Exteriores. Será que você poderia se informar sobre esse assunto? Pois eu não poderei usufruir do visto sem receber ao mesmo tempo uma bolsa ou um convite por parte das autoridades brasileiras. Isso por duas razões: 1. Nenhum homem em idade militar pode deixar o país como turista, sem uma razão realmente especial. 2. É proibido levar dinheiro para o exterior. Eu seria muito grato se você pudesse saber se já há uma decisão nesse sentido. Se houver, então, uma decisão favorável, eu devo partir o mais rápido possível, ou correria o risco de não poder partir.”¹⁴⁹

¹⁴⁸ *Santosi versek*. Budapest: Officina, 1940. Organização, tradução e introdução de Paulo Rónai).

¹⁴⁹ Carta a Ribeiro Couto, 19 de maio de 1940. FCRB. Grifos em vermelho são do próprio Ribeiro Couto.

Budapest, le 19 mai 1940.

Cher Monsieur et Ami, Notre recueil est à l'imprimerie. Malgré mon intention, je n'ai rien pu y insérer du CANCIONEIRO: les événements des dernières semaines ne m'ont pas laissé le calme nécessaire pour ce genre de travail. D'autre part, je n'ai pas voulu attendre davantage de peur de voir empêchée, toujours par les événements, la possibilité même de la publication. Le manuscrit que j'ai communiqué à l'imprimerie comprend: Chuva, Elegia para uma rapariga doente, A moça da estaçãoinha pobre, O desconhecido / O JARDIM DAS CONFIDENCIAS / Surdina, Reflexo, Cartas do amigo de outora / ROMENTOS / As asyladas, A invenção da poesia brasileira, O milagre, Dialogo sobre a felicidade, Dependurada num portal / UM HOMEM / Rio de Janeiro, Santos I, VI, X / NOROESTE / História local, A romantica, Aspiração a estrada de ferro, Lavadeiras, O estudante, Moço do Rio, Bar, Bilhares, Polémicas / PROVINCIA. Je sais moi-même combien ce choix est imparfait. Si nous vivions par une époque plus calme, j'aurais encore attendu pour ajouter d'autres traductions - mais à l'heure qu'il est, on s'empresse de tout terminer, de peur que demain il ne soit trop tard.

Vous pensez combien les nouvelles de votre ancien poste m'ont bouleversés. Autant je suis heureux de vous savoir parti, autant mon cœur se serre à l'idée de tous ceux qui ont succombé aux événements ou qui ont dû y assister. J'espère que vous êtes arrivé à Rio sans difficulté et que la comparaison avec l'Europe vous fait goûter d'autant mieux la joie de retrouver votre patrie. Mais je suis sûr aussi que votre pensée revient souvent sur notre pauvre continent.

Je vous renvoie aujourd'hui-même, par le courrier ordinaire, votre exemplaire de Um homem na multidão que vous m'avez si aimablement prêté et plusieurs revues que vous m'avez envoyées parce que contenant des articles sur votre poésie. - J'ai fait savoir à la Nouvelle Revue de Hongrie votre changement d'adresse: on vous envoie maintenant la revue au Ministère, dites-moi si elle vous arrive.

Il faut que je vous importune cette fois "pro domo". La Légation vient de m'informer que le visa brésilien m'a été accordé. Elle ne sait rien encore de la bourse qu'elle m'avait demandée au Ministère des Affaires Étrangères. Seriez-vous assez aimable de vous informer à ce sujet?

Il me semble, en effet, que je ne pourrais guère profiter du visa si je ne reçois pas en même temps une bourse ou une invitation de la part des autorités brésiliennes, et cela pour deux raisons: 1/ Aucun homme d'âge militaire ne peut quitter le pays comme simple touriste, sans une raison tout à fait spéciale. 2/ Il est interdit d'emporter de l'argent à l'étranger.

Je vous serais bien reconnaissant de vous renseigner si une décision a déjà été prise. Si en effet cette décision était favorable, je devrais partir le plus vite possible - ou autrement je risquerais de ne pouvoir partir du tout. Pour le moment, le seul moyen qu'il y ait pour nous d'aller en Amérique, c'est de prendre un paquebot italien. Il suffit que l'Italie entre en guerre, pour que nous soyons définitivement enfermés dans notre coin - et alors, hélas, je devrais renoncer sans doute définitivement à ce voyage qui me tente tellement. Vous me rendriez un grand service en me répondant par retour du courrier et par avion. Actuellement, je me trouve dans une assez grande incertitude / sans parler de l'incertitude générale / car je devais partir, si la demande de la Légation était favorablement accueillie, au mois de juin; or, je ne sais encore rien. Selon la Légation, l'attribution du visa permanent est un indice d'un règlement favorable.

Pardonnez-moi, Cher Monsieur et Ami, de vous déranger par cette demande; j'espère que vous ne m'en voudrez pas trop, et que vous me donnerez prochainement de vos nouvelles.

Paulo Rónai

Àquela altura a única maneira de viajar para a América era através de um navio italiano. Com a ameaça da entrada da Itália na guerra, Paulo não enxergava outra maneira de sair do país. Ribeiro Couto aparentemente se comove com o apelo e circunda com caneta vermelha o trecho da carta em que o amigo pedia socorro. Já no Rio de Janeiro, teria meios mais eficazes para ajudá-lo. Justiça seja feita, Otávio Fialho já trabalhava nesse sentido desde o ano anterior. Em constantes ofícios enviados ao Ministério das Relações Exteriores, Fialho vinha atestando a qualidade intelectual e os serviços que Paulo Rónai vinha prestando em prol da divulgação do Brasil e de sua literatura na Hungria. Em 30 de abril de 1939, em longa carta, o diplomata escreve ao Brasil elencando em pormenores as atividades de Paulo Rónai.

“Com verdadeiro prazer, e não sem alguma surpresa, encontrei aqui um homem de letras húngaro, Professor Paulo Rónai, dedicado ao estudo da nossa literatura e empenhado em torná-la conhecida em seu país.

2. O Senhor Paulo Rónai é moço ainda mas seu nome já se fez prestigioso na Hungria e no estrangeiro onde é sempre citado entre os jovens representantes da intelectualidade húngara. (...)
6. Tenho animado muito o Sr. Rónai a continuar no seu belo propósito. Ele mesmo confessou-me ver nesse programa grandes oportunidades, para êxito literário que, naturalmente, como jovem, ambiciona. E a verdade é que a conferência¹⁵⁰, tanto quanto alguns artigos de ensaio que ele publicara anteriormente, pode-se considerar um grande sucesso.
7. O Sr. Rónai é homem de grande cultura literária, professor de grego e latim e literatura latina. O seu trato é agradável, deixando a impressão de perfeita seriedade.
8. Com ele e por intermédio dele conto que em pouco tempo a cultura brasileira se tornará conhecida neste país.”¹⁵¹

No mesmo acervo do Itamaraty, outros documentos revelam essa comunicação diplomática que construía uma imagem positiva do jovem amante das letras brasileiras. Em outra carta de Fialho, de 19 de outubro de 1939, ele remete ao Ministério o artigo de László Gáldi sobre a antologia publicada por Paulo Rónai e reafirma na correspondência seu empenho pessoal na aproximação cultural entre Brasil e Hungria, o que de fato estava amplamente comprovado, tanto nos encontros que o próprio Paulo promovia com escritores húngaros na Legação em Budapeste quanto no permanente movimento de transmitir informações a Fialho e Ribeiro Couto das publicações húngaras sobre o Brasil.

Esse correio diplomático (o que temos conhecimento, uma vez que o Arquivo do Itamaraty não dispõe de toda documentação do período) segue na virada de 1940. No começo do ano, Otávio Fialho envia novo ofício, dessa vez solicitando uma série de livros para Rónai, os quais enumera em lista indicada como anexa, mas a qual não se tem conhecimento. E reafirma o bom trabalho de Paulo: “Como Vossa Excelência sabe, o Sr. Rónai acaba de publicar uma tradução de poesias brasileiras e está preparando, além de artigos que escreve regularmente sobre a nossa literatura, um novo livro de poesias brasileiras traduzidas para o húngaro.”¹⁵²

Todas as cartas de Otávio Fialho são remetidas ao Ministério das Relações Exteriores, especificamente ao Serviço de Cooperação Intelectual (SCI), divisão criada

¹⁵⁰ Aqui, refere-se à conferência apresentada em 13 de junho, em Budapeste, na qual esteve presente.

¹⁵¹ Ofício de Otávio Fialho. Legação dos Estados Unidos do Brasil. Budapeste, 30 de abril de 1939. Nº 89. Arquivo Histórico do Itamaraty.

¹⁵² Ofício de Otávio Fialho. Legação dos Estados Unidos do Brasil. Budapeste, 6 de janeiro de 1940. Nº7. Arquivo Histórico do Itamaraty. Fialho se refere à antologia de Ribeiro Couto.

oficialmente em 1937, no âmbito do Ministério, com o objetivo de estimular uma política de diplomacia cultural no governo Vargas. Dessa forma, seria através das atividades do SCI que se encontraria a brecha necessária para um convite oficial a Paulo Rónai. Nesse sentido, a história costura novamente os passos de nossos personagens. Pois foi em 1934 que Ribeiro Couto, então cônsul de terceira classe, encaminhou ao então Ministro Félix de Barros Cavalcanti de Lacerda uma proposta da criação de uma seção voltada para intercâmbio cultural entre o Brasil e outras nações. Ao que chamava, na época, Serviço de Expansão Cultural. Para Ribeiro Couto as finalidades do órgão estariam concentradas em nove frentes, destacando-se:

“Fazer, discretamente, a propaganda dos valores literários do Brasil no estrangeiro, tirando-se, o mais que possível, o caráter ostensivo de ‘propaganda oficial’ aos trabalhos e para tanto,

Organizar um fichário com o endereço de todos os escritores, de todos os países, capazes de se interessar pela literatura e pela vida cultural do Brasil, sobretudo aqueles que, por conhecerem o idioma castelhano, possam mais facilmente entender o português;

Idem com o endereço de todas as instituições culturais, revistas, jornais e associações literárias, capazes do mesmo interesse;

Fornecer informações e traduções de obras literárias, históricas, científicas, etc. do Brasil, a todos aqueles que solicitem ou possam interessar-se por elas;

Fornecer livros;

Estimular, por todos os meios, os estudos e conhecimentos de escritores estrangeiros a respeito do Brasil;

Estabelecer ligação entre escritores estrangeiros e os do Brasil, levando-se em conta afinidades comuns, assim como as respectivas especialidades;

Informar sobre tudo que tenha relação com os interesses intelectuais do Brasil.”¹⁵³

No mesmo ano, no mês de agosto, uma circular é enviada às missões diplomáticas e consulados brasileiros no exterior informando: “A Secretaria de Estado está

¹⁵³ Documento enviado em 1º de março de 1934, p. 1 e 2. Arquivo Ribeiro Couto. FCRB

organizando o Serviço de Cooperação Intelectual, que se inspirará nos planos de trabalho adotados, nesse sentido, pela Sociedade das Nações (Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, de Genebra e Paris)”¹⁵⁴ e apresentando seus princípios em bases muito semelhantes as propostas por Ribeiro Couto.

Nesse mesmo sentido atuaria alguns anos depois o Serviço de Cooperação Intelectual. Assim, não é difícil concluir as contribuições de Ribeiro Couto para esse contexto favorável que permitiria a entrada de Paulo Rónai no Brasil; tanto de modo indireto, a partir dessa elaboração conceitual da atuação do Serviço, quanto na pessoal, considerando a tão provável influência que faria em prol de um convite e de um visto para o amigo Paulo, ele sim, obstinadamente fazendo-se merecer qualquer ajuda. Mesmo sem haver documentação que credite a Ribeiro Couto a institucionalização dessas ideias, na prática, a relação da diplomacia brasileira com Paulo Rónai efetivou várias das iniciativas propostas nesse documento de 1934 e do próprio Serviço que atuaria de forma contínua a partir de 1937, sendo consolidado em 1938, com o nome Divisão de Cooperação Intelectual¹⁵⁵, no âmbito da Reforma Oswaldo Aranha.¹⁵⁶

A campanha positiva empreendida por Otávio Fialho em sua correspondência ao Ministério brasileiro teria resultado. No entanto, não tão cedo como desejado. Paulo continua seu trabalho em suas traduções brasileiras e para a *NRH*. No começo de abril, precisa visitar o alfaiate para preparar um smoking. Que evento lhe esperava com tamanha *raffinée* em plena guerra? Se tratava de uma festa organizada pela revista da qual era assíduo colaborador, como ele esclarecia dias depois em seu diário: 16 de abril. *Soirée de NRH* (smoking). Alguns dias antes, recebe dos irmãos Jorge e Catarina um belo livro enviado da Turquia antecipando as comemorações de seu 33º aniversário. Nesse mês frequenta a sinagoga. Mais de uma vez anota suas visitas ao templo judaico, em assiduidade inédita. O comentário que faz no fim do mês em seu diário talvez explique a razão: “Estado de ânimo: à espera de um milagre”.

¹⁵⁴ Circulares do Ministério das Relações Exteriores 1930-1939. Cadernos do CHDD. Brasília: Funag, 2006. Ano V, nº 9, p. 129.

¹⁵⁵ Decreto-Lei nº 791, 14 de outubro de 1938. Ver em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3175-7-abril-1941-413194-publicacaooriginal-1-pe.html>

¹⁵⁶ Oswaldo Aranha assume o Ministério das Relações Exteriores em março de 1938, cargo que exercerá até agosto de 1944.

No dia anterior, anotara com angústia: “Carta de Otávio Fialho: nada ainda”. Os dias seguem sem horizonte, enquanto o Danúbio degela e as dores de cabeça insistem em provocar imenso mal-estar. O cenário mudaria um pouco de figura no mês seguinte quando conhece a jovem estudante Magda Péter, também judia. Estão em meados de maio, quando combinam um encontro no Café Seemann. Os encontros se sucedem nos dias seguintes em outros cafés da cidade. No dia 27 de maio Paulo está desesperado e corre de um lado ao outro: Cia de Navegação italiana, escritório de emigrantes e Departamento de Polícia, tentando mais uma vez um passaporte. Nada. Em casa, no fim do dia, recebe do Brasil mais seis livros – romances, anota entre parênteses, sem mais detalhes. 28 de maio: capitulação do exército belga. No dia 29 de maio sua ansiedade tem um motivo adicional. “*Perdi o sono. Será que devo me declarar à P. M?*”¹⁵⁷

Os acontecimentos da guerra se impõem ferozes no começo de junho, em meio aos dias de aplicação do *baccalauréat* aos seus alunos. O conflito se agrava conforme Paulo registra dia a dia:

Dia 10 de junho: A Itália entra na guerra. (Paulo sublinha em destaque).

Dia 12 de junho: Alemães a 20 km de Paris.

Dia 14 de junho: Tomada de Paris pelos alemães

Dia 16 de junho: Alemães tomam a cidade de Verdun e atravessam a linha imaginária.

Dia 17 de junho: A França se rende

Um tempo de contrastes. Vida e morte. Amor e ódio. No Café Philadelphia, em Buda, Paulo propõe casamento à Magda, que em um primeiro reflexo, recusa o pedido. Paulo pede para que reflita um pouco. Às 22h, pegam um taxi e voltam para casa. Paulo ainda revisa traduções aquela noite e segue esperando uma resposta da namorada. Dois dias depois, em 2 de julho, anota não ter recebido ainda uma notícia positiva. Em casa, 1 e meia da madrugada, o cunhado Américo, casado com Clara, recebe uma convocação militar. No dia seguinte ele se apresenta em serviço. Não demoraria para que Paulo também recebesse a convocação militar de trabalho, como se chamava o serviço em campos de trabalho na Hungria, operado pelo governo húngaro alinhado à Alemanha. Tratava-se de um estágio imediatamente anterior aos campos de concentração. Era 11 de julho de 1940.

¹⁵⁷ Péter Magda.

Na manhã seguinte Paulo sai de casa às 11h para pegar um trem em direção a Gödöllő, meio do caminho para seu destino final, a Ilha de Háróssziget, no Danúbio, a cerca de 20 km do centro de Budapeste, que se transformaria alguns anos depois, em 1944, em campo de prisioneiros. Chegaram primeiro a uma escola calvinista. Paulo é recebido por quem chama *Mm. Balla*, que faz com que seu doutorado seja reconhecido, o que provavelmente lhe garantiria algo naquele contexto. Fica preso durante todo dia e lê *Eneida*, de Virgílio. Conhece outros vários judeus húngaros que estavam ali na mesma situação. À noite, um cabo surdo, como ele sublinha, impõe o lugar onde Paulo deveria se deitar. Está em um espaço apertado ao lado de Béla Stelmann, que só permite que o novo interno se acomode depois de saber que Paulo era doutor. Estranha solidariedade.

Paulo vai relatando os dias no campo, em rotina que é um misto de trabalho militar, serviços completamente inúteis e ócio forçado. Na verdade, naquele momento as autoridades húngaras pró-hitlerista ainda não sabiam ao certo como lidar com a situação dos judeus. Há judeus entre os próprios militares em postos de comando. Há judeus tratados como lixo no campo, outros, mais respeitados, muitas vezes em razão de sua formação e atividade. Mas no contexto geral, mantinham os internos presos sem objetivo compreensível que não o próprio enclausuramento e a punição gratuita. “Fui convocado como trabalhador escravo. (...) Éramos pessoas de todas as profissões, em condições sub-humanas. Morria muita gente nos campos, de tifo e outras causas. Depois foram assassinados, mas nessa primeira fase ainda dependia de acaso,”¹⁵⁸ resumiria adiante os seis meses que viveria no campo.

13 de julho

Primeiro alinhamento e juramentos militares.

Presos todo dia, sem fazer nada. Rápida visita do pai.

Pensando o que poderia acontecer. Um incidente com um dos internos fez com que um tenente o ameaçasse de morte.

14 de julho

Passeio sob supervisão de militar severo.

Passeio no parque. Não pode entrar no restaurante. Os outros internos recebem visita.

¹⁵⁸ “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”, op. cit.

No quarto dia de campo, Paulo é chamado para ajudar nos serviços da cozinha, e descasca uma batata; uma única batata. Em seguida, o grupo caminha durante longo tempo com baldes amarrados ao braço; e para isso deve ter servido um truque ensinado naquela manhã por um amigo que conhecera no seu dia de chegada. Paulo escreveu: “Pólgar ensina um truque do balde”.

No quinto dia, Paulo obtém um licença por 36 horas. A dispensa foi aproveitada em Budapeste: apressou-se em fazer compras e anotou: “provavelmente encontrei Magda”. No fim daquele dia, com asterisco, explica em letra clara, escrita a lápis: “digo provavelmente por que as notas foram todas escritas depois de um período no campo, em 25 de setembro.”¹⁵⁹ Assim, entendemos que no terror e na angústia dos acontecimentos, Paulo interrompeu suas anotações. Quando retomou seu diário, os primeiros dias no campo estavam ainda claros em sua memória. As anotações são intensas, com letras mais apressadas, seguindo com velocidade como que para não perder as lembranças dos fatos, que ocupavam mais espaço que o habitual nas páginas apertadas do diário. Mas em agosto várias páginas ficariam em branco, na intenção pouco “memorável” de uma experiência sem sentido possível. Anos mais tarde ele resumiria a estupidez de tudo aquilo. E é em um texto ocasional sobre línguas desconhecidas, “As línguas que não aprendi”, publicado em seu livro *Como aprendi o português e outras aventuras*, de 1956, que Paulo trata aparentemente de maneira ligeira da experiência.

“Tivesse eu, pelo menos, estudado o sogdiano. Num dos milhares de ‘campos de trabalho’ inventados pelos nazistas, onde passei cinco meses, topei um dia com um amigo querido, especialista, já famoso, em línguas orientais. Os dois nos defendíamos contra o desespero com a leitura nas horas que não levávamos a derrubar uma casa para construir outra, exatamente igual, cinco metros mais adiante.”¹⁶⁰

No mesmo texto, um pouco à frente, Paulo fala um pouco mais sobre o período:

“Mas no estábulo onde nos recolhíamos para pernoitar, eu tinha como vizinho um astrólogo. Este me predisse que ia escapar do campo, chegar a uma terra longínqua, e iniciar uma carreira completamente nova. (...) (Viverá ainda o astrólogo? E o meu sábio filólogo, tão desambientado naquela desumana realidade? Terá sobrevivido ao campo de concentração, à deportação, às matanças?).”¹⁶¹

¹⁵⁹ Diário, 16 de julho de 1940.

¹⁶⁰ RÓNAI, Paulo. *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 25.

¹⁶¹ Idem, p. 26

Até onde lembra, registra. No retorno a um novo campo, na pequena cidade de Nagytarcsa, no dia 17 de julho, o grupo se instala numa escola luterana. Continuam a fazer todo tipo de trabalho fictício. Cortar batata na cozinha, cortar lenha, aplanar terreno em torno do monumento ao soldado desconhecido. Um amigo foi despachado para trabalhar na biblioteca local. Sorte dele, Paulo comenta. O isolamento não é total e Paulo recebe algumas cartas. Uma delas é da *NRH* encomendando tradução de um conto em italiano. Uma boa notícia, afinal. No grupo, os judeus são em maioria de boa formação, fluentes em várias línguas, é o que indica um comentário no qual Paulo descreve a cena em que o coronel em inspeção fala ao grupo: “Sinto inveja, pois vocês são quantos homens, quantas línguas falam.”

Esses registros sucintos, avulsos e incompletos servem como indicações para um apreensão mais ampla – e singular – de todo o contexto vivido. Quando Paulo diz ter dado aulas de francês para a filha de Tralec, um oficial de alta patente e que gozava de poder no campo, ou quando conta ter sido convocado para elaborar a árvore genealógica do tenente Simkó,¹⁶² fica claro que o lugar de certo destaque que ocupa nesse ambiente é devido a uma competência específica que é usada pelos oficiais. Nessa via de mão dupla, Paulo consegue obter por algumas vezes, nem sempre, alguns benefícios. As licenças são os benefícios mais desejados. No fim de julho, Paulo consegue mais uma, de apenas 24 horas. Encontra Magda, dorme em casa e lê *Andromaque (Andrômeda)*, de Racine; uma tragédia que se passa durante a Guerra de Tróia.

Na volta a Hárossziget, Paulo encontra o amigo Telegdi na estação de Budafok e o saúda com os primeiros versos de *Britannicus*, de Racine,¹⁶³ “por ser ele um amigo tão fiel”. Os serviços continuam sem sentido e mais pesados. Nesse retorno, Paulo carrega palha em dia de sol forte, faz exercícios físicos, monta guarda. Está física e emocionalmente abalado.

Em agosto as anotações ficam mais esparsas e sem clareza. Anota isoladamente a esperança de poder sair; a expectativa de novas licenças. No dia 31 daquele mês Paulo pede três dias de dispensa para participar dos exames e das matrículas no Liceu. O

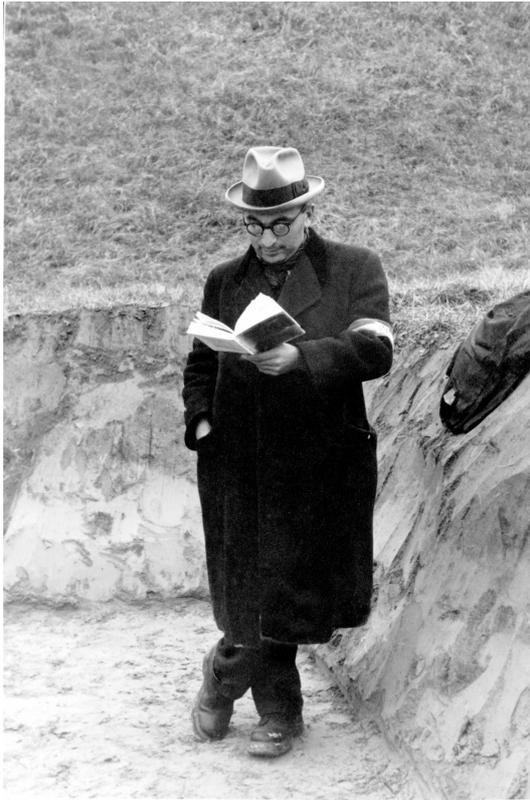
¹⁶² Diário, 23 de setembro de 1940.

pedido é recusado. No dia seguinte, trabalha um pouco em traduções e assiste às visitas dos outros detentos mesmo estando de guarda. Alguns dias depois, em 4 de setembro, volta a solicitar um dia de licença portando uma carta do ministro do Brasil (ao que tudo indica, Otávio Fialho). O oficial Tralec recusa de início a saída; em seguida promete pedir ele mesmo ao comandante da Ilha que o dispense. Paulo espera com grande ansiedade a resposta ao seu pedido. Ela chega alguns dias depois e Paulo parte ao encontro de Otávio Fialho. O diplomata lhe dá a notícia: Paulo terá um convite do governo brasileiro para emigração.

Fialho recebera do Ministério das Relações Exteriores um ofício informando a autorização para o visto de Paulo Rónai. No entanto, o documento não seria suficiente para a liberação de saída do húngaro, como ele já informara em carta à Ribeiro Couto. Era necessário um documento oficial do governo brasileiro, atestando o convite e o visto. Mas Paulo estava “servindo” e não tinha muito o que pudesse fazer; precisava voltar ao campo e continuar sua périplo na Ilha do Danúbio. Em 13 de setembro, o Sargento Spásfalvi obriga cruelmente o grupo a fazer exercícios depois das 18 horas, quando as temperaturas já estavam bastante baixas. “Tentativa modesta de resistência passiva: vamos nos recusar a jantar?”. O clima é tenso e Paulo confessa que, nervoso, pede para Sptizer se calar. Ele cantava aquela noite.

A rotina do campo é de tensão e pouca comida, o que faz com que se monte um esquema de contrabando de alimentos feito por parentes. Clara faz uma visita e entrega um pacote de comida com o qual conseguiu entrar ilegalmente. Alguns dias depois, novamente em rápida licença, Paulo Rónai encontra o amigo Bálint no Café Szabadság. O *maître* do estabelecimento pede a Paulo que leve um pacote para o filho que também está no campo. Antes de embarcar de volta, encontra Magda na estação.

Paulo está agora acompanhado novamente da poesia. Levou na mala alguns livros em português e de Ady, cujos poemas lê em voz alta para os outros detentos. Para conseguir trabalhar em suas traduções, se esconde numa barraca para não ser visto pelo capitão. Mas teme a punição. Naquele mesmo dia alguns fugitivos do campo são capturados e duramente punidos.



Paulo lendo no campo de trabalho de Hárossziget

Paulo tenta driblar a angustia dos dias. Ao mesmo tempo em que é destacado para montar guarda em frente ao instituto Militar e dormir no ateliê de marceneiros, faz traduções para a *NRH*¹⁶⁴ e tem a alegria de receber cartas de alguns de seus alunos. Em alguns dias, no entanto, não há espaço para nada além de trabalho duro. No fim de setembro, a rotina é de serviços árduos ao ar livre e Paulo começa a sentir-se mal, enjoado. Sem obter dispensa, é destacado para fazer guarda em frente ao novo edifício erguido pelo grupo e para preparar o estábulo que será seu novo alojamento. Os enjoos persistem e Paulo pede para ver um médico, que receita um purgante forte. Em seguida é examinado em revista médica e considerado apto para os serviços pesados.

As licenças rareiam e no dia 2 de outubro Paulo decide pegar um trem para Budapeste sem concessão de dispensa. Passaria o dia e voltaria algumas horas depois sem que notassem – é o que supunha. Mas acaba atrasando no retorno à ilha e na checagem do dia é tido como ausente. Na manhã seguinte chega a punição: é forçado a fazer exercícios extenuantes por toda manhã e uma faxina em todo o celeiro. À tarde uma audiência interna o condena a 21 dias de prisão severa por saída não autorizada.

¹⁶⁴ Paulo destaca entre as traduções feitas no momento, *Le Mauvais médecin*, de Konztolányi.

“Tentei em vão protestar”, ele escreve no diário no dia 4 de outubro. Em seguida, escreve carta ao ministro apelando para suspensão da punição. Mas não tem escapatória. À noite é conduzido para a prisão, onde 26 pessoas se espremiavam em um pequeno espaço. Tentou mais uma vez protestar, em vão. “Dormi sentado, ao lado de Erdős, Kalmán, Jörsef e de um alemão”. Paulo está emocionalmente ainda mais abalado. A situação na prisão o leva ao desespero.

Na manhã seguinte, o grupo é deslocado para o trabalho, fora da prisão. Antes, no entanto, é imposta mais uma nova série de exercícios forçados. Paulo vai à direção do campo para dizer que não existe mais espaço no alojamento onde estão encarcerados. Não lhe dão ouvidos. À tarde escreve uma carta a M. Balogh, diretor da NRH, pedindo sua intervenção urgente. Fala em suicídio. “*Écrit une lettre désespérée à M. Balogh, demandé son intervention sous peine de suicide.*”¹⁶⁵

Naquele mesmo dia, o grupo é obrigado a fazer exercícios em pleno ar livre no outono húngaro. De volta à prisão, um oficial “mais humano” instala os detidos numa garagem onde dormem com um pouco mais de espaço, sobre a palha.¹⁶⁶ Saem da prisão de manhã cedo e fazem a transferência para o estábulo. Às 10h, no entanto, o comandante da ilha, Capitão Temesváry,¹⁶⁷ ordena que voltem ao confinamento, depois de fazerem exercícios punitivos em frente a visitantes. Ficam todo o dia na garagem. Paulo recita novamente poemas de Andy e estuda um pouco de português. Andy é sempre seu refúgio e o português a esperança de um futuro.

Nesses dias de confinamento, em começo de outubro, Paulo escreve muitas cartas aos pais e durante as poucas pausas do dia, como a hora do almoço, estuda “*brésilien*”. À tarde o trabalho é quase sempre catar madeiras na floresta. Os poucos momentos de contentamento se resumem às cartas que recebe, de Magda e de casa, e ao tempo que pode ter ao lado de seus livros. Paulo continua a fazer da leitura um antídoto contra o horror de seus dias.

¹⁶⁵ Diário, 5 de outubro de 1940.

¹⁶⁷ As grafias dos nomes são as apreendidas no diário de Rónai, muitas delas sem confirmação possível.

A articulação para liberação de seus documentos continua. Em 9 de outubro Paulo recebe uma carta o convocando para encontro no Ministério de Relações Exteriores da Hungria. Com o documento em mãos pede uma permissão para licença temporária. É repreendido publicamente mas em particular consegue um acordo para uma rápida saída. Volta para a prisão e na garagem onde dormirá lê poemas do português Guerra Junqueiro.

A expectativa de saída é grande. No dia 10 de outubro, logo após fazer uma faxina no instituto técnico, recebe do comando do campo a notícia da anistia do resto de sua pena de prisão. A notícia é boa, mas naquela noite Paulo dormiria no estábulo pela primeira vez. A situação no campo continua fatigante e nas dez horas de licença que obtém aproveita para tentar resolver as pendências da esperada viagem de fuga. Antes, vai à livraria comprar livros para os jovens internos no campo; em seguida visita rapidamente seus alunos no Liceu. Quando chega ao posto de polícia recebe mais uma vez resposta negativa e sai de lá sem um passaporte. Na *NRH* tenta conseguir algum dinheiro; explica sua situação periclitante e pede ajuda, mas Balogh, o diretor da revista e seu amigo, não se encontra na redação. No seu roteiro ainda estão o Ministério da Defesa Nacional e o Ministério das Relações Exteriores, instituições nas quais tenta desembaraçar seus documentos. No fim da tarde, vai à casa da família Péter para rever a noiva. A visita é rápida – tão mais curta do que gostaria. Às 17h15 está de volta ao campo.

Aos domingos os internos são normalmente liberados, e é nesses dias que Paulo aproveita para fazer ligações que podem lhe ajudar a resolver as providências para a viagem: vistos para os países pelos quais passará no caminho para o Brasil, liberação do campo, dinheiro para o bilhete de trem e navio. Ainda encontra tempo para rever as traduções que faz e segue lendo poesia brasileira e portuguesa.

A esperada carta convite da Legação do Brasil chega na noite do dia 22 de outubro. Paulo deixa a ilha no dia seguinte, se juntando ao grupo de doentes que partiam para Budapeste, depois de um dia de desentendimentos entre os comandantes do campo. No dia 24 de outubro estava de pé antes das 5 horas da manhã. Comprou livros na livraria do bairro, reparou seu rádio para ouvir as notícias. Era um dia de boas notícias: no departamento de Polícia conseguiu finalmente obter seu passaporte graças

a presença de um detetive da polícia que conheceu por intermédio de amigos. Em seguida, corre para a Legação do Brasil, onde obtém seu visto, emitido naquele mesmo dia, segundo comprova documento oficial.

Legação dos Estados Unidos do Brasil

Budapest, 2 de novembro de 1940

Nº SC.79

Relação de passaportes concedidos, renovados e visados

Nº 22401 Polícia Real Húngara de Budapest

22-10-1940

Dr. Rónai Pál, húngaro, Destino: Rio de Janeiro

Data de visto: Outubro, 24, Nº 81, permanente, autorização do Ministério das Relações Exteriores, despacho Nº20/16/511.14 de 1-4-1940¹⁶⁸

Foi, portanto, meses antes, que o Ministério das Relações Exteriores havia concedido o direito ao visto a Paulo Rónai. Otávio Fialho recebera não se sabe exatamente quando o documento de 1 de abril de 1940 em que tem a resposta positiva ao pedido de visto, conforme atesta do documento do Ministério:

Secretaria de Estado das Relações Exteriores

1º de Abril de 1940

SP/16, S 11.14 (241)

Senhor ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício nº 20 de 12 de fevereiro¹⁶⁹ próximo [sic] passado pelo qual Vossa Excelência transmite o pedido de visto em passaporte feito pelo Sr. Paulo Rónai.

Em resposta, cabe-me comunicar à Vossa Excelência que o referido visto poderá ser concedido de acordo com a Circular Nº 1.352¹⁷⁰

¹⁶⁸ Arquivo Histórico do Itamaraty. Missões Diplomáticas Brasileiras. Ofícios Recebidos. 9/3/12. Apud BRUNN, Adam von. "Paulo Rónai – Documentos inéditos do Itamaraty" In: *Tradterm* (Revista do Centro Interdepartamental de Tradução Terminologia – FFLCH – USP, nº 1, 1994, pp.31-37.

¹⁶⁹ Documento não encontrado.

¹⁷⁰ Apud BRUNN, Adam von, op., cit. No entanto, o número da circular aparece errado, pois ao que tudo indica ele se refere à circular nº 1127, que abria exceção para concessão de vistos no caso de pessoas de destaque.

Aproveito a oportunidade para renovar à Vossa Excelência os protestos da minha perfeita estima e distinta consideração.

Labienco Salgado dos Santos¹⁷¹

A diplomacia brasileira concedia o visto se referindo à brecha das legislação emigratória restritiva em relação à entrada de judeus, mas que previa, conforme já apresentado na Circular Secreta nº 1127 de 7 de junho de 1937: “Quando a circunstância de origem semítica se verificar em relação a pessoas de notória expressão cultural, política e social, assim como em relação a artistas especialmente contratados para se exibirem no Brasil, por tempo determinado, poderão os respectivos passaportes ser visados, mediante consulta prévia a esta Secretaria de Estado e sua indispensável autorização para que assim se proceda.”

Paulo, sem dúvida, era um caso que se encaixava na exceção destacada no item da circular. Seus contatos no momento eram de natureza cultural, como grandes poetas brasileiros, destacando aqueles que também gozavam de influência no governo, como Menotti del Picchia, e política, desfrutando de ótimo trânsito entre diplomatas como seu próximo amigo Ribeiro Couto e também Otávio Fialho. Não se pode esquecer ainda que o próprio presidente da República lhe escrevera uma carta, assim como Oswaldo Aranha, então chanceler. Não é possível mapear em detalhes a contribuição de cada um em toda essa articulação para a vinda de Paulo Rónai ao Brasil. Sabemos da decisiva ajuda do corpo diplomático então em Budapeste, com ênfase na atuação de Otávio Fialho. E o fato de Ribeiro Couto estar no Rio de Janeiro e ser pessoa de pleno acesso ao governo e, especificamente, aos tomadores de decisão, também o coloca como figura de destaque nesse movimento que salvaria Rónai do contexto da guerra e da perseguição aos judeus. Mas, justiça seja feita, em maior medida foi o próprio Paulo Rónai quem salvou a si mesmo, devido à persistência inabalável na construção de uma ponte com o Brasil por meio da literatura, em um momento em que a cultura era considerada valioso instrumento de elo entre povos e de defesa das civilizações.

¹⁷¹ Arquivo Histórico do Itamaraty. Missões Diplomáticas Brasileiras. Despachos. 9/4/1, 1931-1941. Apud BRUNN, Adam von, op. cit.

Com o visto brasileiro carimbado em seu passaporte, Paulo tinha boa parte de seu problema resolvido. Mas ainda precisava de outros vistos para os países de passagem, como Espanha e Portugal, este último, de onde partiria para o Brasil. A tensão continuava. Principalmente porque Paulo ainda não estava liberado dos serviços no campo de trabalho. Assim, no dia 25 de outubro está de volta à Ilha. Antes de pegar o trem, faz mais um trabalho para *NRH*, uma tradução de Lázló Teleki, e compra flores para Magda. Em Hárossziget, os homens acima de 42 anos são desmobilizados. Começava a fazer muito frio. Em frente ao depósito do campo, Paulo cortou lenha e carregou pedras debaixo de chuva. Clara providencialmente visita o irmão e leva seu sobretudo de inverno.

No dia 30 de outubro, Paulo anota a transferência de 100 homens para outro campo,¹⁷² onde os trabalhos tornavam-se mais duros, extenuantes. Em Hárossziget o tratamento aos detentos também se asseverava. No primeiro dia de novembro, parte do grupo saiu cedo para trabalho ao ar livre; no fim do dia, Paulo, que ficara recluso, vê os companheiros retornando exaustos. A maioria dos homens desmoronava no caminho. No dia seguinte ele também trabalha intensamente, carregando materiais pesados e escavando terrenos, novamente sob chuva e frio. Durante a licença da semana, no sábado, Paulo tem a notícia positiva de seu visto de Portugal. Quando retorna à ilha no domingo, não consegue fazer nada. A temperatura está gélida dentro do celeiro onde está instalado. Tenta revisar um artigo para a *NRH* e revê amigos liberados pela idade que voltam para visitá-lo, entre eles, Imre Kalmán.

As baixas temperaturas e as condições do campo deixam Paulo doente. No dia 4 de novembro ele é liberado dos serviços devido a um forte resfriado. Tem apenas dois dias de dispensa e volta ao trabalho sob chuva. Dessa vez, empurrando caminhões e tanques de guerra. Os dias continuam frios, chove muito e o trabalho é cada vez mais exaustivo. No dia 10 Paulo anota: “trabalho de 7 da manhã a 14 horas sem intervalo”.

Nas licenças que se tornam mais esporádicas, faz sua romaria pelas instituições húngaras, como a receita federal, para conseguir liberação para imigração, visita

¹⁷² O nome é ilegível.

amigos em busca de dinheiro e não deixa de ver Magda, nem de jogar uma rápida partida de xadrez com seu pai.

Contando com alguma simpatia de oficiais, Paulo consegue conquistar um lugar quente junto à calefação. Na verdade, como antes, Paulo continua sendo útil para fazer alguns serviços intelectuais. No dia 13 de novembro ele escreve um programa de diversão do lugar a pedido de Buzás, um dos comandantes. A noite teria bingo e leitura de poemas, entre eles um que ele próprio escrevera no dia anterior. Mas na manhã seguinte, nada de diversão; ao lado dos companheiros, Paulo refaz uma cerca e transporta munição de armamento pesado. No fim da tarde emendam serviços burocráticos, mexendo com documentação de escritório. Alguns dias depois, Paulo narra um incidente com o Sargento Pál, sem explicar melhor o ocorrido. Conta apenas que foi puxado pelo oficial com força pelo cotovelo e citado em nova audiência disciplinar. Naquela tarde, é forçado a fazer uma série de exercícios à tarde. Mas, ao contrário do esperado, não é punido pelo comando do campo.

No fim de novembro chega a notícia de que as licenças de saída serão proibidas na companhia. Também é informado que fará serviços acompanhando o capitão em Budapeste; era comum para Paulo ser destacado pelos oficiais para os acompanhar em compras em Budapeste. É dia 26 de novembro e Paulo parte para a capital às 5h20 da manhã. Vai ao Consulado do Reich, faz compras para companhia seguindo ordens do oficial que acompanha. Durante o dia, encontra amigos que estão partindo: M. Fuchs para o Brasil, outros para Austrália. Quando retorna ao campo, às 8h30, soube que uma nova ordem foi promulgada durante sua ausência: seria permitida apenas uma saída por semana a partir de então.

Na tarde seguinte, depois de fazer serviços de correio e cortar lenha, Paulo pede baixa por motivo de emigração. Marcam uma audiência para dali a dois dias. Muito animado, liga para os pais e para Magda contando a novidade. Paulo ainda precisa de dinheiro para pagar o visto suíço, também necessário para sua rota de saída. Assim, no dia 28 de novembro parte às 6h para Budapeste. Na casa do Sr. Hoch, seu aluno, pega a quantia necessária emprestada a título de adiantamento de trabalho e parte direto para fazer o pagamento. No caminho, encontra o jovem Kemény, de 21 anos, que conta a Paulo que todos os judeus húngaros nascidos em 1919 estão convocados a

Gödölö. Na base militar Paulo é esperado no dia 29 de novembro pelo tenente Enrich que o recebe com inesperada hostilidade. Não o dispensa e ainda sugere detê-lo em Gödölö. Mas Paulo consegue ao menos partir e volta ao encontro de sua companhia na Ilha.

A despeito da liberação definitiva, nos dias em que está em casa no começo de dezembro Paulo começa a arrumar suas coisas para partir. Aproveita para visitar os liceus em que trabalhava e a *NRH*. Está em processo de despedida. Na casa do amigo Bálint recebe a notícia do suicídio de uma amiga em comum. A atmosfera pesava feito chumbo. No dia 3 de dezembro, Paulo ainda encontra o tempo para ir ao cinema com Magda. Nesse mesmo dia, obtém certificado de emigração na Receita Federal. Ao que tudo indica, Paulo continuaria um pouco mais no campo. Entre os dias 3 e 24 de dezembro não há indicações em seu diário. Algumas vezes chegou a dizer que sua liberação final se deu em uma licença de fim de ano. “Deixaram-nos sair durante o inverno, depois convocaram de novo e, então, os que foram para lá nunca mais saíram”,¹⁷³ contaria anos mais tarde. Paulo aproveitara uma brecha, como diz. Mas, aparentemente, a liberação oficial para sair do país foi de fato concedida pelas autoridades húngaras. É o que mostra o encadeamento dos fatos e das permissões que vai passo a passo conquistando, com incansável persistência.

Os preparativos entram em sua fase final. No dia 25 de dezembro, Paulo vende alguns livros, encontra amigos no café Szabadág e almoça com Magda. Em meio às aflições da partida, Paulo beija sua noiva pela primeira vez – (“*l’embrassée pour la première fois*”).¹⁷⁴ Ainda há tempo para o trabalho e Paulo acorda cedo no dia seguinte para organizar seu próximo livro, uma antologia de poesia latina que preparava. À tarde aluga um carro e vai com Magda e os pais dela vão visitar os pais adotivos da futura sogra e uma antiga empregada. Depois vão todos para casa dos Rónai. Paulo embala mais livros. À noite chega a notícia que deverá partir no dia seguinte.

Na estação, encontraria pessoas que o ajudariam com as últimos desembaraços para atravessar a fronteira. Mas elas não apareceram. Volta para casa e almoça com Magda e juntos vão a uma joalheria provar as alianças de noivado. Paulo, então, segue seu

¹⁷³ . “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”, op. cit.

¹⁷⁴ Diário, 25 de dezembro de 1940. Paulo escreve sem o verbo auxiliar (*l’ai embrassée*).

roteiro de despedidas. Primeiro sua avó, depois os ministros do Brasil e Portugal. Novamente no Café Szabadág, encontra os amigos, sempre com Magda. Volta para casa e prepara pacotes para os irmãos e pais. Arruma as últimas coisas. Deixa para trás a biblioteca e muitos papéis. Destruiu algumas cartas, como as de Ribeiro Couto. “Seria perigoso atravessar a Alemanha com aqueles papéis em que o diplomata brasileiro tomava a defesa da Polônia, condenava as perseguições raciais, mostrava-se abertamente hostil ao nazismo. Havia neles, inclusive, alguns trechos pessimistas e proféticos sobre o futuro da Hungria, que muito me assustaram quando os li; o meu correspondente exótico estava muito melhor informado sobre as condições do meu país do que os próprios húngaros, enganados por notícias tendenciosas”,¹⁷⁵ justifica Paulo.

No fim desse mesmo dia 27 de dezembro, véspera de sua partida, leva Magda em casa e na volta tem uma surpresa: o caçula Francisco, recrutado pelo serviço militar húngaro, consegue uma liberação para se despedir do irmão. A família Rónai está em boa parte reunida: Miska, Gisela, Paulo, Clara, Américo, Eva, Francisco. Jorge e Catarina estão seguros na Turquia. Paulo não veria mais sua família nessa mesma configuração. Dormiria pela última vez em seu quarto na Alkotmány utca.

Na manhã seguinte, dia 28 de dezembro de 1940, Paulo levanta às 7h para a despedida definitiva. Volta ao Café Szabadág para um último abraço nos amigos; segue para *NRH*, Legação do Brasil. Em casa, beija os pais e parte para a estação de trem; está repleta de pessoas partindo. Claire e Américo, Eva e Magda o acompanham. Nas duas malas, Paulo não leva muito: documentos de viagem, algumas fotos da família, a fotografia de formatura da turma da universidade de Budapeste, o histórico escolar, diplomas, o certificado de boa conduta, a carta de Getúlio Vargas, algumas roupas, poucos livros, sobretudo os brasileiros, e sua máquina de escrever. À 1 hora da manhã Paulo parte em direção à Áustria deixando para trás sua Budapeste natal. No seu passaporte, carimbam: “Sem validade para retorno”.

¹⁷⁵ RÓNAI, Paulo. “Notícias de Ribeiro Couto”. In *Encontros com o Brasil*, op. cit., p. 86.

Nos dias que se seguem, os últimos daquele ano torturante, Paulo marca apenas o roteiro por onde escapa nos trilhos da Europa convulsionada:

29 de dezembro Viena
30 de dezembro Munique
31 de dezembro Munique

Nos primeiros dias de 1941 passaria por Tarascon, Cerbère, Portbou, Barcelona. Nesse caminho, vê alguns sinais da guerra, sobretudo em Portbou, norte da Espanha, dorme em hotéis pelas estações, conhece o museu do Prado e visita o Monumento a Cervantes em Madri, conhece, inclusive, uma outra família Rónai também em rota de emigração. O tempo é frio em toda a viagem. No dia 7 de janeiro chega em seu último porto europeu. Estava em Lisboa e falava português.

4.1

Última parada – Lisboa

Existe uma espera ansiosa na capital portuguesa. Muitos emigrantes, como Paulo, circulavam por Lisboa aguardando o momento de partir nos navios que faziam as rotas de escape para a América. Nesse momento Lisboa era o principal porto de saída da Europa em direção aos Estados Unidos e países da América do Sul.

No diário de Paulo, agora uma pequena agenda da firma portuguesa Araújo & Sobrinho, do Porto, a escrita torna-se intensa, as letras se apertam no papel; cruzam-se nomes de amigos e de famílias em fuga; de lugares, de pessoas que deveria procurar para resolver ainda questões de viagem, do bilhete do navio, retido no momento de sua chegada, e de personalidades do mundo literário com quem tentava travar contato. Nesse compasso de espera, o mês de janeiro segue dedicado às inúmeras providências, a primeira delas, encontrar um quarto. Paulo também visita assiduamente o Consulado da Hungria, o Consulado do Brasil, instituições universitárias, a biblioteca nacional. No meio dos dias, Paulo reencontra Martha, a ex-namorada que se preparava para emigrar para os Estados Unidos.

Sem um trabalho fixo, Paulo se dedica à organização de sua antologia latina. Recebe e escreve cartas. Faz trabalhos para a *NRH*. Na solidão do exílio, frequenta muito o Café A Brasileira e Café Chiado, ambos no bairro do Chiado. Sente-se deslocado;

experimenta o sabor da emigração compulsória, do desterro. Ali, em Portugal, pela primeira vez veste a pele do exilado. “Um dos dias mais tristes da minha vida”, ele escreve no dia 13, depois de finalizar sua nova antologia e jantar sozinho num pequeno restaurante. Nenhuma razão objetiva para a tristeza e todas as razões.

A melancolia o acompanha também no dia seguinte. “Dia triste” (“*triste journée*”). Busca a Legação da Hungria, novos contatos, anda pela cidade, conversa com uma japonesa num café e vai para seu quarto alugado (antes de se mudar para o Hotel metrópole, no Rossio – trocava de hotel várias vezes nessas poucas semanas) ler Eça de Queirós, *O mandarim*. O melhor a fazer. O escritor português passa a ser leitura constante. Emenda *O Conde de Abranhos*, *Cartas de Inglaterra*, *A relíquia*, *Os Maias*. A leitura do português transcorre sem problemas. No entanto, nas ruas, Paulo tem dificuldades de entender o português falado na dicção local. “Passei seis semanas em Lisboa sem que conseguisse entender patavina da língua falada”¹⁷⁶, recordaria.

Com a peculiar persistência, Paulo se aproxima do escritor Vitorino Nemésio, a quem procurou algumas vezes na universidade, e do poeta e crítico Adolfo Casais Monteiro, que encontrou uma primeira vez ao visitar a redação da revista *Seara Nova* (*Rua da Rosa*, 240 – anotou no diário) à sua procura. Casais Monteiro e sua mulher seriam as companhias mais frequentes na temporada lisboeta. Almoçam juntos, passeiam pela cidade, visitam o Museu das Janelas Verdes, de arte antiga.

À exceção desses momentos mais aprazíveis, a rotina se estende em um périplo de *démarches* para que Paulo possa continuar sua viagem: posto de polícia, Consulado da Hungria, companhia de navegação, para reaver seu bilhete do navio. Escreve cartas como nunca. Também intensifica sua correspondência com a noiva. Recebe notícias sobre seu livro latino e as primeiras provas. No dia 6 de fevereiro encontra o ministro de Relações Exteriores de Portugal e pede um visto para Magda. Não tem tempo de receber uma resposta. No dia 12 está pronto para a partida. Mas o navio não desatraca. Assim, ainda tem tempo de receber outras cartas da mãe, de Magda, de amigos de Budapeste. Uma senhora húngara, madame König, chega de Budapeste e lhe entrega uma prova completa do seu livro.

¹⁷⁶ RÓNAI, Paulo. “Como aprendi o português”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 18.

No dia seguinte, 13 de fevereiro, quinta-feira, Paulo embarca no navio espanhol Cabo de Hornos, que fazia frequentemente a rota Lisboa – Rio de Janeiro. Já era noite. Paulo enjoou no começo da viagem. Dormiu. No dia seguinte, faz amigos à bordo. (“*Toute la journée causette à bord*”). Escreve aos pais, à Catarina e Magda. Está cruzando o Atlântico na terceira classe, dividindo espaço com um aglomerado de famílias no porão. Por alguns dias o navio ancora em Cádiz, partindo no dia 19 de fevereiro em um mar agitado. Paulo não escreve em seu diário em boa parte da viagem, mantendo o silêncio na travessia do Atlântico.

Segunda-feira, 3 de março. *Brésil – Rio*. Paulo acorda e no convés é informado que já está em águas brasileiras, a apenas uma hora do Rio de Janeiro. Avista os contornos da cidade no horizonte. Âncoras lançadas e as formalidades de desembarque levam 8 horas. O controle emigratório é severo e a saída confusa. “No desembarque eu quase perdi minha máquina de escrever”,¹⁷⁷ escreve Paulo. Com os Szönek, companheiros de bordo, parte da Praça Mauá para Hotel Paissandu, na rua de mesmo nome, no Flamengo. Lá, encontra por acaso Sr. e Sra. Picard, casal que conhecera no Hotel Borges, em Lisboa. Estão todos em trânsito. Paulo chegou finalmente ao Brasil, quase três anos depois de vislumbrar o país como seu refúgio e iniciar seu obstinado plano de salvamento de si mesmo. Ainda não estava tranquilo. Nesta primeira noite no Rio de Janeiro dormiu mal.

¹⁷⁷ Diário, 3 de março de 1941.



Paulo em foto feita no Rio, no mês de sua chegada

5

A costura do mundo Brasil, 1941

“O mundo é a pátria natural de todos os homens. O desterro não é mais que uma passagem feita de uma província para a outra. Esta outra província onde se acha o desterrado é o país de todos aqueles que nasceram nele, e também o pode ser do desgraçado, se ele tiver entendimento para se acomodar com a sua sorte.”

Cavaleiro de Oliveira (1702-1783)

Carta à Sra. Condessa de Roccaberti, 12-X-1736

Amanheceu um dia de pleno verão carioca. Paulo Rónai sentia pela primeira vez toda a intensidade do calor tropical. Mesmo assim vestiu-se com um bom terno, de lã, naturalmente. Tinha no bolso uma pequena caderneta que comprara ainda na Hungria e que preencheria com parte do itinerário de saída da Europa e principalmente com muitos endereços, alguns telefones que se cruzavam com os diversos nomes brasileiros, pessoas e instituições, e depois com os compromissos que seguiria agendando. Era sua bússola para navegar em um novo território. Nesse primeiro dia, seguiu as direções de Ribeiro Couto, que esperava, enfim, poder conhecer pessoalmente. Bateu à porta de seu apartamento na Rua Senador Vergueiro, Flamengo, e foi recebido com frieza por sua esposa, Ana Jacinta Pereira, a Menina, que explicou que o diplomata não estava no país, mas em uma viagem à Argentina. A visita, assim, não duraria muito e Paulo trataria de se dedicar às providências junto à polícia e à aduana, para conseguir documentos e liberar sua bagagem.

No dia 5 de março, com os Szoněk, vai ao cabelereiro e após acertar a barba e o cabelo segue sozinho para o Ministério das Relações Exteriores, sediado no Palácio do Itamaraty, Centro do Rio, em busca do velho conhecido Moreira da Silva. Paulo tenta refazer os contatos que travou em Budapeste para poder reconstruir sua vida na nova cidade. A recepção do diplomata é “muito apresada” (“*trop d’empressement*”), como ele descreve em seu diário, o segundo caderno que acompanha seus dias, ao lado da pequena caderneta de endereços. Paulo resolve, então, procurar o poeta Tasso da Silveira, em vão. O périplo de um estrangeiro na cidade nos anos 1940 não é dos mais simples. Naquele mesmo dia retorna à polícia portuária na tentativa de

desembaraçar suas malas. Nada feito. De volta ao Flamengo, sai em busca de um hotel onde possa ficar em uma temporada mais longa.

É na Rua Senador Vergueiro, que atravessa o bairro, que o húngaro encontra sua nova hospedagem, no Hotel Elite. Se instala na tarde seguinte, depois de conhecer o Palácio Guanabara, o bairro de Laranjeiras e Cosme Velho. No dia 7 consegue finalmente liberar as malas no porto. Assim, Paulo se sente um pouco mais assentado, com todas as suas roupas, papéis e fotos. A de Magda, sua noiva, coloca na cabeceira.

Paulo tem urgência em encontrar seus contatos no Ministério das Relações Exteriores, afinal, o convite para vir ao Brasil conseguido por intermédio do departamento de cooperação intelectual lhe garantiria uma bolsa e uma ocupação no país. Não demorou para estar novamente com Moreira da Silva, que, dessa vez, lhe apresenta a Themístocles da Graça Aranha, diplomata e então chefe da Divisão de Cooperação Intelectual, que se encarrega de mostrar a sede do Ministério para o convidado húngaro. Naquela ocasião, no entanto, nada se falou sobre *nervus rarum*, como registrou Paulo, um tanto apreensivo. Suas reservas, afinal, estavam bastante escassas.

A cidade com seus edifícios art déco e automóveis em profusão, já exibia ares de grande metrópole. Era esse cenário do Distrito Federal que Paulo atravessava todos os dias buscando conhecer pessoalmente os brasileiros com os quais trocara cartas nos tempos da Europa; e também alguns outros nomes indicados por Ribeiro Couto. Ainda guardava o fôlego para tomar providências práticas em relação a seus documentos e a uma estabilidade, pessoal e financeira. No meio tempo, aproveitava a cidade. Novamente com os Szoněk vai à Copacabana, caminha à beira mar e segue andando até Ipanema, àquela altura uma orla muito menos movimentada que a badalada Copacabana.¹⁷⁸ Em seguida, o grupo se dirige à Tijuca, toma o caminho do Alto da Boa Vista e conhece a Cascatinha, a mesma que encanta estrangeiros desde o século XIX no coração da Floresta da Tijuca. Paulo e os Szoněk seguem para o Corcovado, onde passam a tarde contemplando a paisagem. Descem pela Rua das

¹⁷⁸ Dois fotógrafos estrangeiros, o austríaco Kurt Klagsbrunn e a Americana Genevieve Naylor, documentaram com vasto material o Rio de Janeiro dos anos 1940, com grande destaque para universo da praia de Copacabana.

Laranjeiras até o Flamengo. Assim, Paulo vai aos poucos se aclimatando, com passeios aprazíveis e água de coco que bebe pela primeira vez, na Praia do Flamengo.

O dinheiro é curto e Paulo ainda não tem um trabalho. Consegue uma carta de recomendação no Ministério das Relações Exteriores, mas nada de notícias nem sobre a bolsa nem sobre a ocupação prometida pelo governo. Por isso, começa a trabalhar por conta própria no que para ele poderia lhe ser útil em algum momento, e dá início à tradução de *A tragédia do homem*, do escritor húngaro Imre Madách. Também passa a pesquisar um tema que lhe parece propício: os viajantes húngaros no Brasil.

No intervalo dos trabalhos de tradução, Paulo toma um rápido banho de mar e concede uma entrevista ao *Correio da Manhã*, que seria publicada dois dias depois, em 14 de março: “Está no Rio o filólogo Paulo Rónai – Vai estudar a literatura brasileira e introduzir em nosso país os escritores húngaros”, dizia a manchete, apresentada sobre um sóbrio retrato do visitante ilustre.

ESTA NO RIO O PHILOSOFO PAULO RONAI
CORREIO DA MANHÃ
Veiu estudar a literatura brasileira e introduzir em nosso paiz os escriptores húngaros 14-III-1941

Encontra-se no Rio, desde ha dias, o sr. Paulo Ronai, que veio a este paiz attendendo ao convite que lhe foi dirigido pelo Ministerio das Relações Exteriores, por intermedio do sr. Octavio Fialho, chefe da representação diplomática brasileira em Budapest.



Paulo Ronai.

O sr. Paulo Ronai, philologo diplomata das Universidades de Paris e de Budapest, em cujo Lyceu lecciona francez, latin e italiano, traz um plano de estudos do nosso idioma, da nossa literatura e de suas figuras mais representativas. Esses estudos valerão como complemento das observações já feitas e divulgadas pelo sr. Ronai no seu paiz natal e que, justamente, motivaram o convite por elle recebido.

Em rápida entrevista que nos concedeu, o sr. Paulo Ronai teve occasião de relatar como veio a se interessar pelo estudo de nossa literatura, desconhecida, até pouco tempo, na Hungria. Disse-nos: "Li, ha poucos annos, uma tradução franceza do Dom Casimiro, de Machado de Assis. Confesso que a minha satisfação não foi menor que a minha surpresa ao comprovar a existencia de escriptores tão bons quanto os francezes, nesta parte da America. E a minha curiosidade pela literatura brasileira levou-me ao estudo do idioma, desconhecido. De Portugal já havia eu antes lido Camões sobre cuja obra publico *Le Porteur Intellectuelle de Camões en Hongrie*, em que annuo certos curiosos pontos de contacto com poetas húngaros. Mas do Brasil foi *Dom Casimiro* a primeira e grata surpresa. Dediquei-me ao estudo do portuguez e pude, pouco depois, traduzir alguns poemas brasileiros como, *Os quatro emigos da guerra truce*, de Corrêa da Silva. Durante os meus estudos, contei com o valiosissimo auxilio do sr. Mario Moreira da Silva, então consul do Brasil em Budapest e, mais tarde, do sr. Octavio Fialho. Esses diplomatas auxiliavam-me não somente na pratica do idioma, falado como na accucação de volumes brasileiros. Progreði, assim, com relativa facilidade e, recentemente, publico em Budapest, *Santos Verses*, (Versos de Santos) tradução e estudo de poemas da Ribeiro Couto e *Brazilia Lusa*, (Mensagem do Brasil) collectanea de modernos poetas brasileiros, com prefacio do sr. Octavio Fialho.

Quando um recorte do *Correio da Manhã* de 29 de novembro de 1938, referente á tradução feita do poema de Corrêa da Silva e que *seu por mim guardada e este soc-*

nos a tres mezes honro no nivel da adozes do antigo conselho de Prefeitura.

Chegou á Bahia o "Cuyabá" de regresso da Europa

Bahia, 13 ("Correio da Manhã") — Chegou o "Cuyabá", procedente de Lisboa e repleto de refugiados de diversas nacionalidades. A tripulação seleta que o navio quasi ficou despejado ao encontro ao case de Leixões, durante um temporal em que afundaram diversas embarcações.

O chinês Ickoo Walter Stein, que viaja para o Rio, pretendendo depois residir em Nova York, disse que os allemes estão fazendo trabalhos, com a maxima intensidade, fabricas de productos chimicos da Tchecoslovaquia, acreditando, por isso, que esteja proxima a guerra chimica.

Um grande incendio em Nova Orleans

Nova Orleans, 13 (U. P.) — Trompeu hoje o maior incendio registrado nesta cidade nos ultimos vinte annos. Foram destruidos diversos armazens entre os quaes um que guardava dois milhes de saccos de assucar e grande quantidade de café, arroz, algodão e Whiskey. Trinta e cinco corpos de bombeiros lutaram durante algumas horas contra as chamas que causaram consideraveis estragos nos predios contiguos antes de que o fogo fosse suffocado.

O ministro da Justiça visita a sede da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro

Bello Horizonte, 13 (A. N.) — O ministro Francisco Campos está realizando uma excursão por varias fazendas do municipio de Uberaba, onde vem recebendo homenagens dos criadores e fazendeiros do Triangulo Mineiro. No dia 7 ultimo, visitou o titular da pasta da Justiça a sede da Sociedade Rural do Triangulo Mineiro, tomando conhecimento da vida e influencia dessa entidade na pecuaria do Triangulo.

nal, segundo recommendação do sr. Octavio Fialho.

— E sobre os seus actuaes planos de estudo?

"Durante o anno de estada no Brasil, pretendo colher impressões da vida do paiz e que enfeixarei num volume. Organizarei tambem um vocabulário brasileiro-húngaro, que será o primeiro a apparecer, e tentarei traduzir para o portuguez alguns escriptores do meu paiz. Possivelmente traduzirei obras brasileiras para o húngaro. Enfim, é meu intuito colaborar ao máximo para a aproximação dos dois povos que têm tantas afinidades e que não obstante quase se desconhecem. Será uma forma gratissima de retribuir o convite que muito me desvaneceu."

Além de contar sobre os caminhos da descoberta da língua portuguesa, Paulo revelara na conversa, com um vocabulário tinindo, seus planos para a temporada brasileira, prevista para um ano de estudos.

"Durante o ano de estada no Brasil pretendo colher impressões da vida no país o que enfeixarei em um volume. Organizarei também um vocabulário português-húngaro que será o primeiro a aparecer e tentarei traduzir para o português alguns escritores do meu país. Possivelmente traduzirei obras brasileiras para o húngaro. Enfim, é meu intuito colaborar ao máximo para a aproximação dos dois povos que têm tanta afinidade e que não obstante quase se desconhecem. Será uma forma gratíssima de retribuir o convite que muito me desvaneceu."¹⁷⁹

Paulo está a menos de dez dias na cidade. Seus contatos são de alto nível, todos eles indicados por seu amigo Ribeiro Couto. O primeiro encontro entre os dois é uma marca profunda para Rónai, que confirmava pessoalmente o afeto construído até ali

¹⁷⁹ "Está no Rio o filósofo Paulo Rónai". *Correio da Manhã*. 14 de março de 1941.

por cartas. Naquele momento adentrava de uma tacada só o vivo ambiente intelectual carioca.

“Foi precisamente num 13 de março, em 1941, que vi pela primeira vez o poeta com quem já estava em correspondência havia uns dois anos. Ao chegar no Rio, dez dias antes, fugido da Europa convulsionada, fora ele a primeira pessoa que eu procurava, vindo a saber, como vivo desapontamento, que estava ausente do país. Mas eis que na tarde de 13 de março ele me aparece no hotelzinho do Flamengo trazendo-me o conforto da sua extraordinária vitalidade e o primeiro abraço de brasileiro para, ao cabo de breve conversa levar-me sem mais nem menos a um jantar de amigos, um dos famosos jantares do dia 13. Às voltas ainda com o idioma, o calor, os hábitos novos, minhas ânsias e minhas saudades, vi-me atirado de chofre no meio de um tertúlia de literatos e jornalistas, uma algazarra de observações maliciosas, frases de gíria, alusões a acontecimentos do dia, comentários mordazes sobre pessoas e coisas. Esgotado pelo esforço de pegar pontinhas de conversação e de não parecer inteiramente palerma, saí do jantar atordoado, sem ter fixado a identidade de nenhum comensal. (Também, como me soavam complicados aqueles sobrenomes que não acabavam mais!).”¹⁸⁰

Entre os presentes nesse primeiro jantar do dia 13, no Restaurante Portugal, no Centro, estão os amigos mais próximos de Ribeiro Couto: Dante Costa, Raimundo Magalhães, Odilo Costa Filho, Francisco de Assis Barbosa e Peregrino Júnior. “... se tornariam amigos queridos e, por sua vez, me poriam em contato com outros futuros amigos.”¹⁸¹ Todos eles eram jornalistas bem colocados nas redações de jornais e revistas cariocas, e com vocações ampliadas para as letras, sendo muitos deles escritores e futuros membros da Academia Brasileira, como já o era Ribeiro Couto, desde 1934.¹⁸² Coincidência ou não, no dia seguinte Paulo é entrevistado pelo *A Noite* e seria tema de mais uma matéria, bastante longa, publicada em 21 de março com abordagem profunda sobre a literatura magiar e sublinhando o caráter extraordinário de seu interesse pelo país. “O Brasil tem sido procurado por muita gente que busca

¹⁸⁰ RÓNAI, Paulo. “Ribeiro Couto, tradutor de si mesmo”. In: *Encontros com o Brasil*, op. cit., p. 91-92.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Os jantares do dia 13 era verdadeira instituição, como lembra Francisco de Assis Barbosa: “Outra lembrança que me é grata recordar aqui: o jantar do dia 13, instituído pelo nosso irmão maior Ribeiro Couto, tão grande poeta como prosador. Amigo incomparável, era o homem cordial em pessoa. Tinha o dom da sociabilidade. Gostava de noitadas literárias, reunindo na mesma mesa os velhos e os novos amigos, confraternizando veteranos e calouros, à base de bacalhau e vinho verde. (...) Dos convivas dessas reuniões pertenciam à Academia Ribeiro Couto e Múcio Leão. Manuel Bandeira, já glorioso cinquentão, não tardaria a vestir o fardão aurifulgente, uma única vez, no dia da posse, tornando-se mesmo de casaca ou paletó saco o mais perfeito dos imortais. Vieram depois Peregrino Júnior, Magalhães Júnior, Afonso Arinos e Odylo Costa, filho. Sou portanto o sexto da turma. Ficamos aguardando outros comparsas: Sérgio Buarque de Holanda, Dante Milano, Luís Martins, Hélio Viana, Paulo Rónai. Mas não posso deixar de lembrar aqueles que não podem mais ser candidatos: Martins Castelo, Amadeu Amaral Júnior, Rafael Barbosa, Joaquim Ribeiro, Dante Costa.” Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, novembro de 1970.

flora tropical, fauna esquisita, paisagens deslumbrantes e costumes exóticos. Não tínhamos, porém, notícia de alguém que se houvesse encaminhado para a nossa terra com a finalidade de estudar a nossa literatura, dando, assim, um desmentido formal à ideia tão divulgada de que a língua portuguesa ‘é o melhor meio para esconder o pensamento.’”¹⁸³

Paulo aproveita os contatos do amigo Ribeiro Couto para ir construindo sua própria rede. No próprio dia 13, à tarde, o diplomata o acompanhara pessoalmente ao registro de estrangeiros onde lhe apresenta ao chefe (Paulo escreve presidente) do Itamaraty. Na Biblioteca Nacional é recebido pelo diretor da casa, o historiador Rodolfo Garcia. Na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) é ciceroneado também pelo presidente, o experiente jornalista Herbert Moses. Poucos dias depois, com seu artigo “Viajantes húngaros no Brasil” em mãos, Paulo vai à *Revista do Brasil* tentar a publicação do texto. A revista estava na sua terceira fase, inaugurada em 1938 quando o grande magnata da comunicação Assis Chateaubriand resolveu relançar a publicação sob direção do historiador Otávio Tarquínio de Souza. Chatô adquirira a chancela da revista mais de uma década antes, em 1925, quando ainda iniciava a construção de seu império, e aproveitou a falência dos negócios editoriais de Monteiro Lobato, responsável pela publicação desde 1918. Nessa segunda fase, de 1925 a 1927, Rodrigo de Melo Franco de Andrade foi seu redator-chefe e Prudente de Moraes Neto, secretário. A origem da *Revista do Brasil*, no entanto, tem origem no tino de Júlio Mesquita, proprietário do *Estado de S. Paulo* e responsável pela criação da revista em 1916. Dois anos depois, venderia a publicação, que já gozava de prestígio entre os letrados no país, para Lobato.

Com Tarquínio, a revista adotava viés de debate de questões nacionais e dava notável espaço para temas literários, incluindo crítica, criação (contos, novelas, poesia, impressões de viagem), sessões de contos nacionais e estrangeiros, lançamento de livros e contextos internacionais. Assinando os textos da revista figuravam alguns dos mais destacados intelectuais da época, como Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira. Na secretaria da revista trabalhava Aurélio Buarque de Holanda. Tinha 30 anos naqueles

¹⁸³ “Esplendores da literatura magiar”. *A Noite*. 21/03/1941.

primeiros meses de 1941, quando Paulo Rónai visitou a redação para oferecer seu artigo.¹⁸⁴ Nasceria ali uma amizade profunda, duradoura e que representaria para Paulo a linha na agulha de sua costura no Brasil, entre jornais, editoras e transitando entre as funções de tradutor, crítico e professor, caminhos também conhecidos por Aurélio. Aurélio seria, assim, articulador principal do movimento de integração de Paulo na língua, nas letras e no meio intelectual do país.

“Essa integração, no caso de um professor de línguas, havia de realizar-se principalmente por meio da palavra – lida, escrita e falada: e foi grandemente facilitada pelo encontro deveras providencial de um mestre da língua como Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que pôs à disposição do imigrante os seus conhecimentos, tão ilimitados quanto a sua capacidade de ser amigo.”¹⁸⁵

Antes dessa aproximação mais intensa com Aurélio, Paulo recupera os contatos com os poetas de sua antologia. No fim do mês, confere o endereço de Copacabana de Cecília Meireles, para onde havia enviado cartas e de onde recebera tantas outras, e arrisca uma visita. Mas Cecília não está em casa. Em seguida, faz outras duas tentativas: Ribeiro Couto e o chefe de gabinete do ministro da Educação, Carlos Drummond de Andrade, também poeta, com quem já se comunicara logo após a publicação dos poemas brasileiros na Hungria. Não encontra nenhum dos dois, em casa e no Ministério, respectivamente.

No dia seguinte, em nova tentativa, Paulo encontra Cecília e a conversa flui por longas horas. Paulo já conhecia boa parte da obra da poeta, que lhe enviara, em Budapeste, alguns de seus livros. Cecília já demonstrara o interesse nessa amizade, no conhecimento humanista e vasto de seu correspondente húngaro. No começo da tarde saem para tomar um *sundae* juntos. Na ocasião, Paulo ganhou da nova amiga um exemplar do livro *Viagem*, uma reunião de sua obra de 1929 a 1937 e que recebera em 1938 o I Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. “Ao Dr. Paulo Rónai, muito cordialmente, Cecília Meireles. Rio, 1941.”¹⁸⁶ Chove muito. Uma chuva equatorial, como Paulo anota naquela despedida do verão.

¹⁸⁴ SILVA, Sérgio Barbosa da. “Paulo Rónai, 100 anos”, publicado pelo Instituto Moreira Salles no centenário de Rónai. Acesso no verbete de Paulo Rónai em www.casastefanzweig.org

¹⁸⁵ RÓNAI, Paulo. Introdução de *Encontros com o Brasil*, op. cit, 1958.

¹⁸⁶ O livro integra a biblioteca de Paulo Rónai, hoje conservada no sítio Pois é, em Nova Friburgo.

O contato com Cecília vai ganhando profundidade. A poeta tem uma especial capacidade de acolhimento, revestida por uma hospitalidade generosa. Era comum nesse período de guerra, quando outros tantos estrangeiros chegavam ao Brasil fugindo do cenário de terror na Europa, encontrar grupos de exilados em sua casa, no número 466 da avenida Atlântica, em Copacabana, onde vivia “cercada da atmosfera mágica que lhe compunham o afeto do marido, a presença de seus livros, de seus quadros, de seu museu de bonecas folclóricas, de suas plantas.”¹⁸⁷ Desde a primeira vez que visitou a amiga, Paulo teve a impressão de alguém que vivia *au-dessus de la mêlée*, expressão que ele mesmo usou para descrever essa postura de Cecília, acima da confusão,¹⁸⁸ sempre avessa às banalidades e intensa em seus afetos. Foi em um desses encontros que Paulo conheceu o casal de pintores Árpád Szenes, judeu húngaro, como ele, e a portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, que chegara ao Brasil cerca de um ano antes. Ambos se tornariam companhia frequente de Paulo, se encontrando muitas vezes na intimidade da casa de Cecília Meireles e de seu marido, o professor e engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira Grilo, com quem a poeta se casara um ano antes.¹⁸⁹

“Durante os anos terríveis da guerra, refugiados de vários países nos reuníamos ali para respirar, no aroma do chá, uma sensação e intimidade que nos fazia esquecer o exílio. A grande maioria dos brasileiros recebia-nos, é verdade, com a instintiva doçura e a gentileza característica da terra, mas poucos aquilatavam como ela a profundidade do drama individual de cada um de nós. A capacidade requintada de sentir, adivinhar e imaginar levava-a a compreender-nos.”¹⁹⁰

Essa afinidade de espírito Paulo encontraria na mão amiga de outro poeta brasileiro, Jorge de Lima, quem, assim como Cecília, já conhecia por cartas da época das traduções brasileiras na Hungria. No Rio, Paulo rapidamente passaria a frequentar a casa do autor alagoano, que àquela altura já desfrutava de reconhecimento no cenário literário brasileiro, tendo publicado obras de destaque, como o romance *Calunga*, de 1934, e uma série de livros de poemas. Jorge migrara da sua alagoana União dos Palmares natal, onde nascera em 1893, primeiro para Maceió, com a família, depois

¹⁸⁷ RÓNAI, Paulo. “Lembrança de Cecília Meireles”, In: *Pois é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 45.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Cecília Meireles casara antes com o pintor português Fernando Dias Correa, que se suicidara em 1935, enforcando-se em casa.

¹⁹⁰ RÓNAI, Paulo. “Lembrança de Cecília Meireles”, In: *Pois é*, op. cit., pp. 45-46. O texto é escrito em 1969.

sozinho para Salvador, seguindo o desejo de estudar medicina, e, em seguida, para o Rio, onde finalmente formou-se médico em 1914. Nesse momento, já publicava poesia. Mas voltou para Maceió em 1915 e por quinze anos dividia-se na capital alagoana entre as letras, a política e a medicina. Em 1930 está de volta ao Rio de Janeiro e em torno do ateliê que montou no Centro para exercitar outra paixão, a pintura, reuniam-se escritores da melhor safra da sua terra: José Lins do Rego e Graciliano Ramos, além do mineiro e também poeta Murilo Mendes. Essa boa turma, Paulo conhece por duplo intermédio, de Jorge de Lima e de outro alagoano, ainda pouco ilustre, mas igualmente brilhante e muito bem relacionado, Aurélio Buarque de Holanda.

É ainda em março de 1941 que Paulo Rónai encontra, na casa de Jorge de Lima, Murilo Mendes, convidado, como ele, para um almoço frugal. Murilo era amigo dos mais próximos de Jorge de Lima. Juntos haviam publicado em 1935 o livro *Tempo e eternidade*, um conjunto de poemas que buscavam “a restauração da poesia em Cristo” e que representou um dos principais eventos da renovação da literatura cristã no país, movimento do qual faziam parte outros poetas como Augusto Frederico Schmidt. Paulo recebe dos novos amigos boa parte de sua produção em exemplares autografados. De Murilo Mendes ganha *O visionário*, título lançado no próprio ano de 1941, com a dedicatória “A Paulo Rónai, afetuosamente, M.M.”. As dedicatórias nos exemplares que Paulo guardava na biblioteca que recompunha no Brasil são índice notável desse relacionamento que se estreitava com os autores nacionais. De Jorge de Lima já tinha um bom número de títulos. Com autógrafo datado de 31 de março de 1941, estava uma edição do romance *Calunga*, lançado em 1935, que trazia as palavras carinhosas: “Ao meu caro amigo Paul Rónai, com um abraço afetuosamente, Jorge de Lima.” No mesmo dia, outro livro de sua lavra, *A túnica inconsutil*, série de poemas lançada em 1938, levava a dedicatória: “Com admiração e grande apreço ofereço a Paul Ronai”. Alguns meses depois, o poeta dedicaria a Paul, forma como escrevia o nome de seu novo amigo húngaro, um volume de *O anjo*, outro romance, de 1934. Todos esses títulos se juntariam a uma outra obra de Jorge de Lima, esta trazida de Budapeste entre os pouquíssimos exemplares que cruzaram o Atlântico: *Poemas escolhidos*, publicado em 1932, que reunia sua produção entre 1925 e 1930, embalado por bela capa de Manuel Bandeira, apresentava apenas na sua página de rosto a assinatura do poeta e a data de 1935.

O encontro com Jorge de Lima era, na verdade, um reencontro. Pois à exceção de Ribeiro Couto, com quem solidificara uma amizade de admiração recíproca, era Jorge de Lima o poeta que mais lhe impressionara no momento em que organizava a antologia brasileira em Budapeste. “Desde o primeiro contato com a poesia de Jorge de Lima, admirei a extraordinária multiplicidade de aspectos com que ela se apresentava. (...) A sua autenticidade parecia-me acima de qualquer dúvida”,¹⁹¹ destacou Paulo, que somaria a admiração por Jorge poeta ao Jorge amigo. Uma especial sensibilidade com o contexto dos refugiados e das guerras alinhava o poeta brasileiro a Paulo desde antes. Jorge atestava em sua poesia o olhar atento para os homens sem lugar que se multiplicavam naquele tempo em todo mundo; *displaced people*, que, como Paulo, cruzavam os mares em busca da sobrevivência. “A noite desabou sobre o cais”, poema publicado em *Tempo e eternidade*, de 1935, expressa essa compaixão.

*A noite desabou sobre o cais
pesada, cor de carvão.
Rangem guindastes na escuridão.
Para onde vão essas naus ?
Talvez para as Índias.
Para onde vão.*

(...)

*A noite desabou sobre o cais
pesada, cor de carvão.
Rangem guindastes na escuridão.
Donde é que vêm essas naus ?*

*Serão caravelas ? Serão negreiros ?
São caravelas e negreiros.
Há sujos marujos na caravelas.*

*Há estrangeiros que ficaram negros
de trabalharem no carvão.
Homens da estiva trabalham, trabalham,
sobem e descem nos porões,
Para onde vão essas naus ?*

*Saltam emigrantes embuçados,
mulheres, crianças na escuridão.
De onde vêm essa gente ?*

¹⁹¹ RÓNAI, Paulo. “Encontro com a poesia de Jorge de Lima”. In *Encontros com o Brasil*, op. cit., p. 49.

Não há mais terras de Santa Cruz gente valente !

(...)

*Para onde vão os degredados,
os que vão trabalhar dentro da noite,
ouvindo ranger esses guindastes ?*

*Capitão-mor que noite escura
desabou sobre o cais,
desabou nesse caos.*¹⁹²

Jorge de Lima era além de poeta de seu tempo, figura de bom trânsito no universo intelectual, artístico e político. Foi em sua casa que Paulo conheceu outras personagens de relevo naqueles primeiros tempos no Rio de Janeiro, como o ministro Oswaldo Aranha. Esses contatos tornavam-se preciosos nessa fase de adaptação, quando Paulo precisava, além de construir seus laços profissionais e fraternais na nova terra, de real ajuda para resolver impasses burocráticos. É por esse viés, inclusive, que procura Carlos Drummond de Andrade com mais assiduidade. O primeiro encontro é lembrado pelo poeta:

“Lembro-me daquele dia de 1941, em que um senhor baixo, de óculos, cortês e sóbrio, se fez anunciar no salão do 16º andar do Edifício Rex, onde trabalhava este escrevinhador. Expressava-se calma e corretamente em português, e entendia perfeitamente o que se lhe dizia. (...) Assim, ele não só aprendera na Hungria o português, como a nossa maneira de falar essa língua. Os motivos pessoais de angústia que trazia da Europa não afetariam esse abasileiramento progressivo, semelhante a um crescer pacífico de árvore.”¹⁹³

Como chefe de gabinete do então ministro da Educação Gustavo Capanema, Drummond era desde a posse do ministro, em 1934, o elo entre artistas e intelectuais e o governo de Getúlio Vargas, através das ações empreendidas pelo ministério ao qual servia – (“Drummond continuaria, até o final do Estado Novo, a servir como ponte e filtro nos contatos entre a cultura brasileira e o ministério Capanema.”)¹⁹⁴

¹⁹² Trechos de “A noite desabou sobre o cais”, de Jorge de Lima. O poema foi publicado originalmente no livro “Tempo e eternidade, de 1935. Em 1947 foi incluído na edição de *Poemas negros*, antologia publicada pela editor *Revista Acadêmica*, conjugando 39 poemas de Jorge de Lima e ilustrações encomendadas ao judeu russo Lasar Segall, no Brasil desde 1923.

¹⁹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Ronai, brasileiro”. *A Tribuna*, 4/03/1961.

¹⁹⁴ SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*, São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 102.

Paulo estava recém-chegado, provavelmente ainda um tanto alheio aos contornos políticos do governo de então; sabia, no entanto, desde Budapeste, que a articulação com figuras ligadas ao poder era decisiva no país. Dessa forma, procurou mais uma vez Drummond para lhe pedir uma ajuda no processo de validação de seus diplomas europeus. O poeta mostra imediata disposição para o apoio e o ajudará, de fato, durante todo o processo. Não era, de fato, apenas a necessidade de ajuda oficial que unia Paulo a Drummond. Nascia ali uma amizade que só se intensificaria com o tempo, fazendo dos dois além de parceiros nas letras, também fiéis amigos.

No fim de março, indicado pelo Ministério da Educação, Paulo vai ao Instituto Nacional do Livro conhecer o escritor, poeta e ensaísta gaúcho Augusto Meyer, diretor do órgão desde sua criação, em dezembro de 1937, por iniciativa de Capanema. Como objetivos principais do Instituto estavam a edição de livros, com ênfase em projetos alinhados com a ideologia do Estado Novo que enaltecessem e afirmassem a identidade nacional, como uma enciclopédia e um dicionário nacionais. Paulo em breve se aproximaria dos dois projetos, que, no entanto, nunca seriam concluídos. Ampliar o número de bibliotecas públicas pelo país era outra importante atribuição do órgão, que contou, ao longo dos anos do Estado Novo (1937-1945), com a colaboração de intelectuais da envergadura de Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade.

Enquanto Paulo não define as condições de sua vinculação ao Instituto Nacional do Livro, mantém sua rotina visitando instituições que lhe parecem centrais para seu trabalho, como a ABI e Biblioteca Nacional. Numa tarde trabalhando nesta última, recebe do presidente da casa duas edições de Manuel Bandeira, *Estrela da vida inteira*, de 1936, e *Lira dos Cinquent'anos*, de 1940. Durante a tarde faz pequenas compras na rua do Ouvidor e na São José. Visita um alfaiate para encomendar um terno novo. Mais fresco.

Já com os exemplares de Bandeira em mãos, Paulo tem a oportunidade de conhecer o poeta pessoalmente em um jantar na casa de Ribeiro Couto ainda em março, ocasião em que compareceram também os poetas Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, ambos intelectuais bem posicionados, fosse no cenário literário propriamente dito, ou ainda em ambientes da imprensa e do governo. Cassiano dirigia naquele momento o

jornal governista *A manhã*. Menotti, que então atuava no governo, assumiria no ano seguinte a redação de outro jornal do governo, o *A noite*, em São Paulo.

Eram tempos contraditórios, em que intelectuais muitas vezes opostos aos ditames do governo Vargas aderiam ao sistema assumindo cargos em empresas incorporadas à União – caso dos jornais citados e também da própria Rádio Nacional – e ao próprio governo, fosse no Ministério da Educação, por meio dos diversos projetos que desenvolvia, ligados a diferentes áreas da cultura (arquitetura, folclore, patrimônio, fotografia, literatura), ou em cargos do próprio sistema, como aconteceria com poetas como Menotti, Cassiano e também Adalgisa Nery, esses três incorporados ao Departamento de Imprensa e Propaganda, o afamado e temido DIP que teve sua gênese ainda em 1931 com a criação do Departamento Oficial de Publicidade (DOP), sendo sucedido pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) e o Departamento Nacional de Propaganda (DNP), criado no mesmo ano da implantação do regime, em 1937 – assumindo feições mais coercitivas a partir de 1939, quando ganha autonomia e amplia suas atividades sob a nova designação. Vinculado diretamente à presidência da república e investindo mais enfaticamente na propaganda e no controle da vida cultural brasileira, o DIP atuava particularmente atento a todos os meios de comunicação, que passaram a sofrer censura e interdições resultando até mesmo no fechamento de alguns veículos. Contexto que ilustra bem o contexto é a interdição e expropriação do jornal *O Estado de S. Paulo* por cinco anos, a partir da invasão de sua redação, em março de 1940, com a justificativa de sufocar uma suposta conspiração armada contra o governo.¹⁹⁵

O espírito ambíguo atravessava diversos ambientes no período. A Academia Brasileira de Letras (ABL) era instituição que refletia esse trânsito entre a política e a intelectualidade, acolhendo não apenas grande número dos intelectuais que participavam do governo, assim como o próprio presidente Vargas, eleito em 7 de agosto de 1941¹⁹⁶ para a cadeira nº 37, mesmo sem ter obra que justificasse seu assento na casa de Machado de Assis; como a própria ABL atesta na biografia oficial

¹⁹⁵ A família Mesquita, proprietária do jornal, havia apoiado a Revolução Constitucionalista de 1932 contra Vargas. No episódio de 1940, militares forjaram depósito de armas no forro da sede do diário, justificando sua interdição por ameaça ao governo.

¹⁹⁶ Getúlio só tomaria posse em 29 de dezembro de 1943, sendo saudado pelo acadêmico Ataúlfo de Paiva, então presidente do Supremo Tribunal Federal.

do acadêmico: “A obra literária do presidente compreendia apenas alguns discursos de natureza política em sua maior parte, que vieram a ser reunidos, muitos sem autoria definida, em *A Nova Política do Brasil*.”¹⁹⁷ Getúlio não era escritor, mas um notável, caráter que também marcaria as escolhas dos eleitos para Academia. Mas nos anos 1940 o elenco de imortais ajuda a formar uma fotografia desse ambiente em que intelectuais e políticos se cruzavam em diferentes vias, entre tensões e aproximações. Parecia haver uma bipartição: o governo que tortura, reprime e prende (ação da qual foram vítimas diretas Graciliano Ramos, preso em 1936, e Monteiro Lobato, em 1941) e o governo que promove, concilia, realiza; como pode ser visto em iniciativas como a construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde (também conhecido como Ministério da Educação e Palácio Gustavo Capanema), entre 1935 e 1938, a criação do Instituto Nacional do Livro e a de revistas como *Carioca* e *Vamos ler*, a primeira focada em cinema, música e rádio, a segunda em literatura, entre outras iniciativas no âmbito cultural. Nesse ambiente ambíguo, as relações entre os intelectuais e o governo assumiam caráter pessoal, muito em conta da postura do ministro Capanema.

“Capanema buscava o convívio, a amizade e a colaboração dos intelectuais, tratando de colocar-se, tanto quanto possível, acima e alheio ao fragor dos combates ideológicos nos quais todos estavam engajados, e que envolviam seu ministério.”¹⁹⁸

A ambiguidade era caráter intrínseco do governo Vargas e, podemos afirmar, também seu sustentáculo. Pois se de um lado Vargas era um ditador que sufocava ameaças e até mesmo supostas ameaças ao seu poder, por outro atuava de forma inédita, desde sua chegada ao poder, em 1930, em prol de mudanças sociais, sobretudo implementando reformas e melhorias nos campos do trabalho e da educação, garantindo assim o amplo apoio popular.

“Se o avanço dos direitos políticos após o movimento de 1930 foi limitado e sujeito a sérios recuos, o mesmo não se deu com os direitos sociais. Desde o primeiro momento, a liderança que chegou ao poder em 1930 dedicou grande atenção ao problema trabalhista e social. Vasta legislação foi promulgada, culminando na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) de 1943.”¹⁹⁹

¹⁹⁷ <http://www.academia.org.br/academicos/getulio-vargas/biografia>. Acesso em 18 de julho de 2015.

¹⁹⁸ *Tempos de Capanema*, op. cit., p. 102

¹⁹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 110

Sob essa falsa atmosfera de normalidade, a repressão e a censura alteravam o universo cultural brasileiro. “Ninguém podia escrever livremente, nem nos jornais, nem nas revistas, nem mesmo em livros; fogueiras deles encheram as ruas e praças, bibliotecas foram vasculhadas e expurgadas, sob o clima de terror que abafava tudo”, como sublinha Nelson Werneck Sodré.²⁰⁰

Esse mesmo governo era o responsável pela presença de Paulo Rónai no país. Talvez por enxergar no professor um homem de valor, que ajudara a desenhar uma boa imagem do país no exterior. Ainda no fim de março Paulo celebra o recebimento da primeira verba de sua bolsa: 7 contos (de réis, moeda corrente), em cheque. O recebimento é motivo de alívio.

Mas a garantia da primeira parcela de sua bolsa ainda não livra Paulo da burocracia que cercava um estrangeiro recém-chegado no Brasil. É preciso voltar muitas vezes ao Serviço de Registro dos Estrangeiros e ao Gabinete de identificação. Anota em letras largas as obrigações: “1) Certificado consular – *avec les noms des parents, dates, etc.* 2) Rua do Lavradio, 84. Gabinete de identificação”. Digitais, papéis, carimbos, traduções de documentos, um sem-número de exigências. São muitas idas e vindas aos departamentos responsáveis pela legalização dos emigrantes no país.

Pouco depois de chegar ao Brasil, foi promulgada a Lei 3.175 (7/4/1941), que conferia ao Serviço de Visto do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores, então sediado no Palácio Monroe, a plena competência para tratar de entrada de estrangeiros no Brasil, excluindo, portanto, o Ministério das Relações Exteriores de tais decisões – o que funcionaria nesses moldes até 1945.

Decreto-Lei nº 3.175, de 7 de Abril de 1941

Restringe a emigração e dá outras providências

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição,

²⁰⁰ CASTRO, Nelson Werneck de. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 443-444

DECRETA:

Art. 1º Fica suspensa a concessão de vistos temporários para a entrada de estrangeiros no Brasil. Executam-se os vistos concedidos:

- 1) a nacionais de Estados americanos,
- 2) a estrangeiros de outras nacionalidades, desde que provem possuir meios de subsistência.

§ 1º Em qualquer caso, é indispensável que o estrangeiro esteja, de direito e de fato autorizado a voltar ao Estado onde obtém o visto, ou ao Estado de que é nacional, dentro do prazo de dois anos a contar da data de sua entrada no território brasileiro.

§ 2º O visto de trânsito a que se refere o art. 25, letra *a*, do decreto nº 3.010, de 20 de agosto de 1938, será válido por 60 dias.

Art. 2º Fica suspensa igualmente a concessão de vistos permanentes. Excetuam-se os vistos concedidos:

- 1) a portugueses e a nacionais de Estados americanos;
- 2) ao estrangeiro casado com brasileira nata, ou à estrangeira casada com brasileiro nato;
- 3) aos estrangeiros que tenham filhos nascidos no Brasil;
- 4) a agricultores ou técnicos rurais que encontrem ocupação na agricultura ou nas indústrias rurais ou se destinem a colonização previamente aprovada pelo Governo Federal;
- 5) a estrangeiros que provem a transferência para o país, por intermédio do Banco do Brasil, de quantia, em moeda estrangeira, equivalente, no mínimo, a quatrocentos contos de réis;
- 6) a técnicos de mérito notório especializados em indústria útil ao país e que encontrem no Brasil ocupação adequada;
- 7) ao estrangeiro que se recomende por suas qualidades eminentes, ou sua excepcional utilidade ao país;
- 8) aos portadores de licença de retorno;
- 9) ao estrangeiro que venha em missão oficial do seu governo.

Mesmo já estando no Brasil, Paulo sentiria as consequências do recrudescimento do Ministério da Justiça, uma vez que o decreto restringia também a concessão de vistos para os estrangeiros já emigrados. Um ponto do artigo terceiro interessaria especificamente a Paulo, uma vez que caberia ao Ministério da Justiça:

- 3) conceder autorização de permanência definitiva na forma do decreto-lei nº 1.532, de 23 de agosto de 1939, ou, nos casos não compreendidos no mesmo, mediante autorização prévia do Presidente da República, aos temporários que entraram no país antes da vigência desta lei;

Assim, o périplo para legalizar sua situação continua. Em uma das visitas ao Serviço de Registro de Estrangeiros é informado que terá que “retificar” seu nome: PAULO, abandonando definitivamente Pál ou mesmo Paul, como muitos os chamavam até ali.

Além do registro no país, Paulo precisa ainda da validação de seus diplomas para que pudesse pleitear o retorno à função de professor. Para isso, contaria com a ajuda do escritor e também destacado professor de Literatura portuguesa Thiers Martins Moreira, que o acompanharia pessoalmente ao Ministério da Educação para encontros com Drummond, em fins de abril, de onde sairia com mais uma promessa de ajuda, além de dois livros – que anota em seu diário sem mais informar.

Estar no Brasil naquele momento ainda não era uma completa solução para os problemas do jovem húngaro. Aos desafios das documentações se somava uma forte desconfiança sobre seu futuro. Mais grave, sobre o futuro de sua família. Pais, irmãos e noiva estão dispersos. Paulo está sem dinheiro, ainda sem meios para trazer os parentes para o Brasil. E na Europa, a guerra vai tomando contornos mais dramáticos.

6 de abril: invasão da Alemanha a Iugoslávia.

7 de abril: primeiros bombardeios na Iugoslávia e ingleses sobre a Hungria.

As anotações em destaque no diário revelam a apreensão permanente do jovem emigrante, que segue em sua luta cotidiana por documentos e estabilidade. Tentativa muitas vezes inglória. “Dia terrível. Mas não perderei minha coragem!”, ele escreve em abril. A necessidade de tantas conexões, endereços, contatos, faz com que Paulo mantenha a sua caderneta de endereços sempre a mão. É ali que anota nomes de pessoas e instituições que poderiam ser úteis em sua estadia no Brasil. Entre as anotações, um bom número levava Paulo a diferentes órgãos ligados ao governo. “Dr. Raymundo de Magalhães Jr. – DIP”. Encontraria o jornalista e escritor no departamento de propaganda do governo e com ele estreitaria contato, sobretudo por razões profissionais. E dessa forma, Magalhães²⁰¹ aparecerá em outros registros em sua caderneta.

Paulo logo dispensaria a agenda para visitar Aurélio Buarque de Holanda e guardaria de cor o endereço de seu apartamento em Copacabana que passaria a frequentar com bastante assiduidade, reflexo da amizade que se solidificava. Foi em um desses

²⁰¹ Em entrevista, o jornalista justifica sua participação do departamento como censor de cinema. Jornalistas contam a história. Folha de S. Paulo. 6 de janeiro de 1979. Depoimento de Raimundo Magalhães Jr ao repórter Gilberto Negreiros Eu era censor de cinema. Então, era um censor de cinema muito liberal. Dentro da censura havia elementos muitos liberais. Basta dizer o seguinte: que colegas meus da censura eram Vinícius de Moraes, o Pedro Dantas, Nazareth Prado, dos Prados de São Paulo.”

encontros que o brasileiro lhe fez uma proposta. “Paulo, pensei que você poderia me dar algumas lições de latim. O que pensa a respeito?”. Ora, a ideia era perfeita. Além de conseguir um primeiro aluno e garantir, conseqüentemente, uma remuneração, Paulo poderia estar mais perto de Aurélio, que já se mostrara disposto a ajudá-lo pessoal e profissionalmente. Não demoraria muito para que Paulo tivesse um artigo publicado na *Revista do Brasil*. Seu “Viajantes húngaros no Brasil”, texto que levara para a redação quando conheceu Aurélio, um dos primeiros que escrevera em português, ganharia as páginas da revista em sua edição nº 38, de agosto daquele ano. Antes disso, havia publicado outros: “O propósito de Ossian”, na revista *Dom Casmurro*, em 26 de abril de 1941; “Literatura da Hungria”, no *Jornal do Commercio*, em 23 de julho de 1941, e “Babits”, na *Revista Acadêmica*, também no mês de agosto. Na mesma *Revista do Brasil* publicaria meses à frente um artigo sobre o livro *O cacto roubado*, do escritor tcheco Karel Capek.²⁰² Paulo começava a apresentar escritores ainda pouco conhecidos ou muitas vezes desconhecidos dos leitores brasileiros.

A partir do fim de abril, Paulo fixa um calendário de aulas de latim com Aurélio. Tranquiliza-se um pouco. Sublinha o fato no diário, com a ênfase que dá aos acontecimentos importantes. Aurélio, no entanto, não seria aluno dos mais aplicados, cancelando as aulas sucessivamente. O primeiro encontro acontece no dia 5 de maio. Paulo chegava sempre pontualíssimo, a aula preparada, exercícios pensados. Aurélio fazia o tipo mais descansado. Houve uma manhã que fez o amigo professor esperar seu banho, o ritual de se vestir, para então entrar na sala desfiando um novelo de temas para conversar, os mais distantes possíveis do latim, e acabariam os dois na mesa de almoço sem desviarem do português cotidiano. Repetidas vezes o dia de Paulo começa anotando em seu diário na primeira hora do manhã “*Dr. Aurélio ne prend pas de leçon*”²⁰³ Somente no mês de maio, são cinco cancelamentos, nos dias 7, 9, 12, 20 e 26. Mas quando ocorrem, as aulas rendem além do latim. No dia 28 de maio, uma quarta-feira, o encontro ganha novos contornos e Paulo sente nascer ali,

²⁰² RÓNAI, Paulo. “O cacto roubado – Um livro do escritor tcheco Karel Capek”. *Revista do Brasil*, ano IV, nº 41, Novembro de 1941 (pp.14-19)

²⁰³ Alguns exemplos nos dias 7, 9, 12, 20 e 26 de maio. Diário de Paulo Rónai, 1941 A.

entre as declamações de hexâmetros²⁰⁴, a amizade entre os dois. E registra sucinta e delicadamente: “Começamos a nos tornar amigos. Conversa”.²⁰⁵

As lições de latim não avançariam muito, mas nasceria entre Paulo e Aurélio, para além da amizade, uma parceria intelectual que atravessava os domínios da literatura, principal tema de seus encontros. Existia, assim, uma via de mão dupla, em que, de um lado, Paulo transmitia ao amigo o conhecimento profundo do latim, também de poesia e metrificações, enquanto Aurélio ajudava Rónai, de forma fundamental, com o português, corrigindo artigos e orientando caminhos - e os dois ainda trocavam impressões sobre diversas línguas que frequentavam, como o espanhol e o francês. Assim, mesmo enfrentando os frequentes *forfaits* de Aurélio, os encontros mantêm-se profícuos e seguem durante quase todo o ano. Paulo aproveita as ocasiões para apresentar alguns artigos que começa a produzir já na língua local; e uma série de contos até ali desconhecidos por Aurélio. No dia 20 de junho leva dois contos húngaros que começa a traduzir para o português. Em breve esse interesse comum pela produção de contos de todo o mundo renderia uma inabalável parceria que teria como produto direto uma coleção monumental de contos universais (*Mar de Histórias*, a partir de 1945) e uma coluna semanal no jornal *Diário de Notícias*, “Conto da Semana”, que se iniciaria em 1947, dedicada à apresentação de contos de autores das mais diferentes nacionalidades e também autores brasileiros de diferentes períodos.

Coincidência ou não, é nesse mesmo 28 de maio, marca do nascimento da amizade com Aurélio, que Paulo anuncia intimamente: “Decidi começar uma vida nova.”²⁰⁶ É um recado para si mesmo, que anota no alto da página de seu diário, após a jornada do dia anterior em que também no cabeçalho da data anotara: “muito abatido.”²⁰⁷ Publica um anúncio no *Jornal do Brasil* oferecendo seus serviços como professor de francês e italiano. É com as aulas particulares que Paulo vai segurando as pontas, entre alunos fixos, como Aurélio, e outros também regulares como Mme Alvári, que tem aulas de húngaro, além de alunos mais eventuais a quem ensina sobretudo francês.

²⁰⁴ Forma de métrica poética muito presente na poesia épica grega e latina, especialidade de Rónai.

²⁰⁵ “*Commeçons à devenir amis. Causette*”. Diário, 28 de maio de 1941.

²⁰⁶ “*Décidé de com. vie nouvelle*”. Diário, 28 de maio de 1941.

²⁰⁷ “*très abattu*”. Diário, 27 de maio de 1941.

Aprenda linguas e literaturas estrangeiras com professor registrado, doutor de filologia, formado na Universidade de Paris e outras universidades europeias, autor de obras didáticas com proprio método, grande pratica e ótimas referencias. Lecciona francês, latim, italiano e alemão a domicilio ou em sua residencia. Laranjeiras — Tel. 25-4223.

Sem um emprego fixo, os dias tornam-se sempre mais extenuantes, exigindo de Paulo um vasto circuito pela cidade. Muitas vezes o dia começa cedo, antes das 9h, na casa de Aurélio. Em seguida, parte para casa de Mme. Alvári para sua segunda aula do dia. Às vezes sem almoço, corre para Gabinete de Identificação, continua o périplo pelo Serviço de Registro de Estrangeiros. Busca alguns outros contatos, muitas vezes em vão, visita o DIP a partir de outras indicações. Termina o dia invariavelmente preparando aulas ou lendo livros brasileiros. Em 15 de maio, por exemplo, ao fim do dia em que seguiu exatamente este roteiro, mergulha em *Um lugar ao sol*, de Érico Veríssimo.

Os encontros com escritores são uma constante para Paulo, sempre empenhado em travar e estreitar esses contatos. Em meados de maio, após caminhar da Rua Farani, no Flamengo, até Botafogo para um almoço com Jorge de Lima, e de uma rápida conversa com o pintor romeno Emeric Marcier, amigo de Jorge de Lima, Paulo tem seu primeiro encontro com Augusto Frederico Schmidt, na casa do poeta. Schmidt já tinha à época reconhecimento por sua produção literária. Antes disso havia tido uma significativa carreira como editor, a partir do início dos anos 1930 quando assumiu a Livraria Católica, em torno da qual se reuniam intelectuais como Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto e Hamilton Nogueira, todos intelectuais católicos. Nos fundos da Livraria abriria a Schmidt Editora em 1931, pela qual publicaria autores e obras importantes, como Gilberto Freyre (*Casa Grande e Senzala*), Jorge Amado (*O país do Carnaval*), Graciliano Ramos (*Caetés*), Raquel de Queiroz (*João Miguel*), Lucio Cardoso (*Maleita*), Marques Rabelo (*Oscarina*) e Vinicius de Moraes (*Caminho para distância*). Era, assim, um intelectual com vastas conexões. Schmidt também integrava o elenco de poetas traduzidos por Paulo para a antologia húngara e já era, assim, admirado por ele. No entanto, o contato mais direto com o brasileiro e sua obra, naquele momento, despertaram em Paulo o fervor da tradução. Logo passaria a

se dedicar a verter os versos de Schmidt para o latim, passando tardes na Biblioteca Nacional ao lado de dicionários para aprimorar sua compreensão do vocabulário em português. O movimento é justificado por uma observação explicitada em um dos primeiros artigos que Rónai publica na imprensa brasileira, em 29 de junho de 1941, em *O Jornal*,²⁰⁸ com o título “Latinidade na poesia de Augusto Frederico Schmidt”.

“Augusto Frederico Schmidt é, sem dúvida, o mais latino dos poetas modernos e, talvez, não somente do Brasil. Já haviam dado esta impressão alguns dos seus versos anteriores que eu verti para o húngaro – mas nunca a senti tão nitidamente quanto ao ler na “Estrela Solitária” o soneto abaixo. Logo surgiu em mim a tentação de traduzi-lo em latim.”²⁰⁹

O soneto ao qual se refere é “Hora vergiliana”, poema que Rónai verte na métrica latina. Sendo o primeiro artigo que publica no Brasil tratando da produção literária/poética local, Paulo inicia o texto oferecendo sua visão sobre esse panorama que conheceu um pouco antes, para depois exaltar as qualidades de seu poeta em análise.

“Todos os estrangeiros que veem ao Brasil admiram deslumbrados a riqueza inesgotável duma natureza pródiga e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento assombroso da cultura técnica. Mas poucos europeus enxergaram, até agora, ao lado destes dois milagres, um terceiro que não é porém, menos admirável. Queremos falar da poesia, cuja viçosa florescência merece a maior atenção, pois constitui uma valiosa contribuição do Brasil ao tesouro universal da arte. Assim foi com um verdadeiro êxtase que descobri, há alguns anos, os tons, os perfumes, as cores novas desta poesia tropical quase totalmente desconhecida na Europa, e que apresentei alguns dos seus produtos mais esplendidos aos meus patrícios através dum modesto e pequeno volume de traduções. Tomando agora, em terra brasileira, contato mais direto com as letras brasileiras, encontro com renovada delícia outros versos que, embora de absoluta originalidade, respiram o sopro inspirador da poesia clássica e mantêm, num sentido perfeito das proporções e da medida, a mais nobre das tradições. Tal é o caso da obra de Augusto Frederico Schmidt. Apesar de cultivar o verso livre, este grande poeta sabe realizar nas suas criações líricas o equilíbrio perfeito, a pureza serena, a harmonia verbal e estrutural de certas odes de Horácio ou de alguns versos líricos da *Eneida*.”²¹⁰

A dedicação à obra de Schmidt tomara os dias de Paulo Rónai. No fim de maio, por exemplo, mostra para Aurélio algumas de suas versões para o latim. Antes de partir

²⁰⁸ O próprio Schmidt ajudaria a publicação no jornal do governo, com quem tinha estreito contato. Paulo escreve sobre isso em seu diário: “*Matin chez Schmidt: fera publier ma traduction dans O Jornal*”. Diário, 22 de junho de 1941.

²⁰⁹ RÓNAI, Paulo. “Latinidade na poesia de Augusto Frederico Schmidt”. *O Jornal*. 29/06/1941.

²¹⁰ Idem.

de Budapeste, Paulo deixara pronta uma antologia latina, bilíngue (latim e húngaro), perpassando mais de 2000 anos e seria publicada naquele mesmo ano de 1941.²¹¹ Para além da poesia, Paulo continuaria próximo de Schmidt, que parecia entender a sua necessidade de resolver sua grande aflição do momento, conseguir o visto brasileiro para sua noiva Magda. Para isso, Paulo lançava mão de todos os seus contatos, no Brasil e também em Budapeste. Por aqui, Schmidt parecia sempre disposto a lhe prestar ajuda.²¹² Em um jantar em sua casa, em maio, apresenta Paulo ao advogado Heráclito Sobral Pinto. Na esperança de mais um apoio, Rónai narra sua história e segue costurando sua rede.

Ribeiro Couto continua sendo figura central desse diagrama de relações brasileiras. Ainda no fim de abril, já em novo endereço – Paulo havia se mudado para um quarto na Rua Alice, 36, em Laranjeiras²¹³ – o diplomata faz uma visita surpresa ao amigo húngaro. Quer saber notícias, conversar um pouco e presenteia Paulo com um retrato de Machado de Assis. Em seguida, indica uma visita à Livraria Kosmos, na rua do Rosário, Centro da cidade. Paulo já não era um desconhecido e é visitado por alguns poetas, como o fluminense Aristeo Seixas (autor de livros como *Pôr de sol*, *Noite de luar* e *Livro de Isa*, autor que também traduzira na Hungria). Aristeo quer mostrar seus poemas ao crítico e faz leituras de alguns de seus versos. Paulo não registra sua opinião, mas comenta o incômodo que lhe causou a pergunta que o poeta lhe fizera durante o passeio pelo Joá e Tijuca, que emendaram após o encontro. “Ele me pergunta sobre a minha religião.”²¹⁴ O tema rondava Paulo. O antissemitismo era um espírito que circulava pelos mais insuspeitos ambientes no Brasil daquele momento. Tintas anti-judaicas escureciam discursos até mesmo de intelectuais de franca postura democrática, como Mário de Andrade.²¹⁵ As ideias, afinal, fazem parte de uma composição de circunstâncias históricas, germinando no ambiente onde circulam outras ideias e crenças, podendo, assim, encontrar ou não ressonância. O contexto de

²¹¹ *Latin Költök – Anthologia latina – Textus Carminum Latinorum*. Budapest: Officina, 1941. (139 páginas). Em seu diário escreve o dia em que recebe seu exemplar em sua casa no Rio: 29 de abril de 1941.

²¹² Em 26 de maio ele escreve no diário: “*Soir chez Schmidt, lui exposé mon cas: il va m’aider pour faire venir Magdi*”. (Magdi é diminutivo de Magda). Diário, 26 de maio de 1941.

²¹³ Apenas em 22 de maio Paulo anota em seu diário receber primeira carta em seu novo endereço.

²¹⁴ Diário, 26 de abril de 1941.

²¹⁵ Em seu livro *Eu sou trezentos - Mário de Andrade, vida e obra*, Eduardo Jardim aponta carta do paulista em que fala com tom racista do pintor judeu Lasar Segall. JARDIM, Eduardo. *Eu sou trezentos - Mário de Andrade, vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

preconceito contra judeus dos anos 1940, herdado de tempo ainda anterior, os anos 1930, resultava em parte de uma postura xenófoba disseminada em todo o mundo após o fim da Primeira Guerra, agravada pelas crises econômicas, como a depressão de 1929 que ensejou um protecionismo reativo; também os nacionalismos asseveravam a postura antissemita.²¹⁶ No caso do Brasil, que via no Estado Novo modelo organizado sob inspirações das ditaduras europeias de direita, alinhando-se inicialmente à Itália e Alemanha, nos primeiros anos da Segunda Guerra, herdando deles também as ideias de caráter eugenista, travestidas de ciência, o antissemitismo estava presente em ações oficiais, destacando os ofícios do Ministério das Relações Exteriores, que restringiam a entrada de judeus no país e a correspondência de diversos diplomatas que confirmam o pensamento discriminatório. Como presidente da República, Getúlio Vargas, naturalmente, estava ciente e autorizava as medidas restritivas, e comungava do pensamento de que os judeus eram “inassimiláveis” e, portanto, indesejáveis, como reflete a Lei de Abril de 1941 (Lei 3.175/41). Mas Getúlio Vargas não chega a ter sua imagem arranhada devido a tais medidas. “Essas atitudes de Getúlio Vargas foram sempre encobertas por exaltações nacionalistas”,²¹⁷ ou pelo DIP, preocupado com a imagem do presidente, que nunca assumiu publicamente a política imigratória antissemita adotada pelo Estado Novo.²¹⁸

Nesse ambiente de disfarçada intolerância e também de postura católica asseverada em alguns meios, Paulo teria outras experiências, discretas, que lhe interrogavam sobre sua condição “religiosa”. Uma delas se deu com o poeta Francisco Karam. Intelectual com bom trânsito na época, Karam passou a incluir Rónai em seu círculo de amigos. Foi em sua casa, por exemplo, que Paulo conheceu o crítico Andrade Muricy e o escritor Barreto Filho. Em um encontro onde estavam apenas os dois, Paulo e Karam, de origem libanesa, católico maronita, surge a indagação do brasileiro: “Francisco Karam: me pergunta se sou católico”. Mas uma vez, não é possível saber por suas anotações o que Paulo responde. Mas o fato de registrar o episódio entre as poucas informações anotadas em seu diário denota não se tratar de

²¹⁶ Em *História da inteligência brasileira*, Wilson Martins mostra a existência de um pensamento antissemita no meio intelectual brasileiro nos anos 1930 e 1940, destacando, nesse sentido, as contribuições de nomes como Afonso Arinos de Mello Franco e Solidônio Leite Filho. (Apud. CARNEIRO: MARTINS, W. *História da Inteligência brasileira*, São Paulo: Cultrix, Edusp, 1977-1978, vol. VII (1933-1960), pp 21, 22, 93, 126, 127, 197.

²¹⁷ CARNEIRO, Maria Lucia Tucci. *O Antissemitismo na Era Vargas (1930-1945)*, p. 253.

²¹⁸ Idem, p. 254.

evento desimportante. Também sem muita clareza, narra alguns outros episódios que, apesar da pouca nitidez, deixam claro um clima de desconforto que circulava também no Rio de Janeiro dos anos 1940. Como a ocasião relatada por Paulo, em que havia sido indagado, não se sabe exatamente por quem, gerando desconforto, que mereceu a anotação: “Como você sendo judeu consegue ter a confiança dos meios oficiais?”²¹⁹

A questão judaica, no entanto, não chegou a representar barreiras adicionais a Paulo Rónai no ambiente intelectual carioca. Mas para sua noiva e familiares a condição judaica representava perigo sempre mais crescente na Hungria. Paulo não tirava de foco o objetivo de trazê-los para o Brasil. No entanto, as chances desse resgate tornavam-se mais rarefeitas. Sobretudo após decreto da Lei 3.175²²⁰ que determinava postura ainda mais restritiva em relação à entrada de judeus no Brasil.

Com a liberação de seu registro de professor pelo Ministério da Educação, em 7 de maio, conquista que credita a Carlos Drummond de Andrade, Thiers Martins e também ao professor, poeta e tradutor Abgar Renault, Paulo dá início a uma cruzada pelos colégios do Rio de Janeiro, onde poderia se empregar como professor de línguas. O primeiro destino é o Liceu Franco-Brasileiro. Na instituição lhe pedem uma série de documentos e referências e no dia seguinte, 14 de maio, leva o conjunto de documentos da França e Hungria. A resposta não chega de imediato. Pedem ainda uma carta de Leprévost, diplomata francês que Paulo conhecera em Budapeste e que estava servindo no Brasil.²²¹ Ainda sem emprego acertado, Paulo visita o Liceu Anglo Americano, o Colégio Benjamin Batista, o Ginásio Metropolitano. Apenas em junho teria uma resposta positiva, primeiro do Liceu Francês, no dia 9, quando acerta três aulas de latim por semana para os alunos da instituição. Algumas semanas depois, no dia 26 de junho, chega outra boa notícia. Pelo telefone o diretor do Liceu Metropolitano avisa de sua contratação para sete aulas semanais, de francês. Assim, passa a incluir nos seus dias as idas ao Liceu Franco-Brasileiro, na rua das Laranjeiras, e ao Metropolitano, na Rua Dias da Cruz, no Méier.

²¹⁹ Diário, 3 de junho de 1941. A anotação em sua sequência diz: “*Levé après 8h. Lycée Benj. Constant: en vain. Légation: Alvári, Hortelendry, Horthy (presque gâté bonne impression pour une demande: tel à Leprévost; montré lettre de Bgh – comment, vous juif, jouissez de la confiance des milieux officiels.*” Ao que tudo indica, Bgh é Jozséf Balogh, responsável pela NRH.

²²⁰ Decreto-Lei nº 3.175, de 7 de abril de 1941.

²²¹ Em 18 de junho de 1939 Paulo escreve: “Legação da França: Leprévost parte para o Brasil”. Diário.

Quando não está em sala de aula, tarefa a qual se dedica quase sempre no período da manhã, Paulo está na casa de seus alunos particulares, como Teresa Maria Graça Aranha, filha do diplomata Graça Aranha, ou de amigos, sobretudo Aurélio, Jorge de Lima, Cecília Meireles e José Lins do Rego. Paulo também se esforça para conhecer a obra de todos eles. A literatura se converte, assim, em caminho de duplo de engajamento, marcando a proximidade com seus amigos/escritores e ainda aproximando de temas brasileiros e da língua local. Como hábito Paulo anota e estuda o vocabulário de cada livro que lê, prática que registra em seu diário. E aproveita o contato com os autores para aprofundar o entendimento da língua; como faz com Jorge de Lima, com quem se encontra algumas vezes para discutir o vocabulário de seu *Calunga*.

A lista de obras brasileiras de Paulo é variada, indo de clássicos como *O mulato*, de Aluísio Azevedo, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Quincas Borbas*, de Machado de Assis, aos títulos de seus contemporâneos, como *Um lugar ao sol* e *Música ao longe*, de Érico Veríssimo, *Salomé*, de Menotti del Picchia, e *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, exemplar que recebeu do próprio, no começo de maio.

José Lins do Rego teria um papel importante para Paulo por outra razão. Na tarde de 31 de maio, o escritor apresentaria o crítico a José Olympio, o editor visionário do interior paulista que havia se transferido para o Rio havia sete anos e que se firmara rapidamente como catalisador dos escritores nacionais. Filho de uma paulista com um baiano, José Olympio resultaria, na definição do próprio Rónai, numa “feliz combinação da visão do baiano caloroso e imaginativo com a energia do paulista sério, positivo e trabalhador.”²²² José Lins do Rego havia sido, ainda no começo dos anos 1930, uma das maiores apostas – e acertos – do editor.²²³ Desde então, tornaram-se amigos próximos. Era na editora do amigo que Zé Lins passava quase todas as

²²² Apud HALLEWELL, Laurence. *A história do livro*. São Paulo: Edusp, 2012, 3ª edição, p. 475.

²²³ José Olympio lançou edições de *Menino do engenho* e *Benguê* com tiragens inéditas de 5000 exemplares do primeiro título e 10.000 do Segundo. Inovando ainda na capa, contando com desenhos de Cícero Dias, e inaugurando a noite de autógrafos com autor. Ver HALLEWELL, Laurence, op. cit, pp. 483-487.

tardes. Ao lado da caixa registradora, costumava redigir, de pé, em um pedaço de papel, um artigo que seria publicado no dia seguinte na imprensa.²²⁴

O escritório do editor estava instalado num simpático imóvel art déco na rua do Ouvidor, nº 110. Àquela altura já faziam parte do catálogo da editora escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, que também eram presenças no endereço, os dois primeiros com maior assiduidade. A eles, se juntavam os ilustradores Tomás Santa Rosa e Luiz Jardim, Otávio Tarquínio, Murilo Mendes, Nelson Werneck Sodré. Ainda era possível encontrar numa tarde, nos fundos da loja – já que, para evitar que os debates por vezes acalorados afugentassem fregueses, José Olympio transferira seu escritório para o andar de cima da loja, liberando o espaço ao fim da loja para as suas visitas – personagens como Aníbal Machado, Marques Rebelo, Peregrino Júnior, Lucio Cardoso, Gastão Cruls, Lucia Miguel Pereira, Adalgisa Nery, Emeric Marcier, Aurélio Buarque de Holanda e, a partir de então, Paulo Rónai.

A Livraria José Olympio e seu proprietário aparecem com frequência nas anotações de Paulo, uma vez que os encontros no local e as conversas com o editor passam a ser de fato cotidianas. Outras livrarias também estavam no roteiro do professor e tradutor. Como a Kosmos e a São José, esta última muito frequentada por José Lins do rego e Raimundo Magalhães Júnior, onde Paulo encontra uma boa seleção de títulos franceses, como *Le rêve*, de Zola, que compra em uma das visitas ao lugar. Em seu circuito ainda está a Editora Nacional, comandada pelo experiente editor Octalles Marcondes Ferreira, ex-sócio de Monteiro Lobato na empresa, que fizera da casa editorial negócio sólido com edições didáticas e obras gerais. Paulo passa a frequentar o escritório da editora acertando alguns trabalhos de tradução. Logo começaria a produzir também para o mercado editorial, meio do qual já era bastante íntimo na Hungria. No Brasil, por conta de sua rede de amigos, editores e escritores, se tornava cada vez mais próximo de importantes casas editoriais.

Havia um trânsito intelectual intenso no Rio de Janeiro da época, que atravessava as livrarias, as editoras, as redações dos jornais e as revistas e instituições oficiais, como

²²⁴ A cena é narrada por Emeric Marcier em sua autobiografia. MARCIER, Emeric. *Deportado para a vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004, p. 76.

DIP e Instituto Nacional do Livro; reflexo do próprio cruzamento das atividades dos intelectuais da época, que se desdobravam entre a produção literária, a colaboração na imprensa, a atividade editorial - e também a necessidade de emprego formal. Caso de escritores com Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Francisco de Assis Barbosa, Odylo Costa Filho, Austregésilo de Athayde, Marques Rebelo, Peregrino Júnior, Augusto Meyer, Menotti del Picchia, entre tantos outros da época. Existia assim, uma verdadeira rede que ligava instituições e atividades, nunca de forma excludente, mas afirmando um intenso espírito de comunhão pela cultura e de crença na arte. Mesmo em se tratando, por exemplo, de atividades desenvolvidas para instituições ligadas ao governo, caso de jornais e revistas, o próprio DIP, e outras iniciativas oficiais, como ações do Ministério da Cultura. “(...) a crença na força da arte e da cultura talvez fosse, naqueles anos, a única forma de legitimar o convívio entre os intelectuais e o Estado Novo.”²²⁵

Para além da observação política, a análise desse contexto desenha um ambiente muito propício para alguém como Paulo Rónai que, a partir de contatos com a diplomacia brasileira, escritores e jornalistas, pode deslizar na esteira de conexões que lhe permitiam efetivar uma integração pela via profissional e também pessoal. Paulo tinha, para isso, os instrumentos necessários, que eram virtudes intelectuais verdadeiramente extraordinárias (o que era muito valorizado na época), além de uma personalidade afável e de uma invejável determinação para realizar seu projeto de engajamento e reconstrução da vida no novo país, ao lado de sua família.

Estreitando laços no meio literário, Paulo começa a trocar cartas com diversos escritores, tratando sempre de temas ligados aos livros. Em abril de 1941 escreve a Cassiano Ricardo, falando da grata lembrança do encontro que tiveram e lembra o amigo escritor da promessa de lhe enviar um exemplar de *Martim Cererê*, primeira obra do escritor, publicada em 1928. Paulo está interessado em conhecer a produção modernista do autor e pede para que ele não esqueça a dedicatória. Ainda pede desculpas pelos erros e incorreções da linguagem, mesmo não havendo nenhum na carta. E se despede com “respeitosas saudações do seu tradutor e admirador.”²²⁶ Grande parte de sua correspondência da época evidencia uma intensa troca literária;

²²⁵ *Nos tempos de Capanema*, op. cit., p. 113.

²²⁶ Carta a Cassiano Ricardo. 28 de abril de 1941. (Cópia) Acervo Paulo Rónai

Paulo guarda praticamente todas as cópias das cartas datilografadas que envia a escritores agradecendo livros recebidos. Em agosto faz um agradecimento especial ao escritor e jornalista de Porto Alegre, Manoelito de Ornellas, que lhe mandou dezenas de volumes, “uma verdadeira biblioteca”. Sua “primeira alegria de refugiado”. “Há um tempo que manifestações de hospitalidade brasileira não me surpreendem mais, porém o gesto de alta cortesia e cordial compreensão com que quis honrar-me após tão breve e superficial conhecimento, deixou-me quase espantado”,²²⁷ escrevera Paulo. Talvez ainda não se desse conta, mas sua figura já era devidamente respeitada e admirada no meio intelectual brasileiro.

Em setembro do mesmo ano é quando Paulo agradece em carta a Adalgisa Nery o livro *A mulher ausente*, ao qual dedica comentários elogiosos reconhecendo as “altas qualidades artísticas” da escritora, que já tinha entrevisto “no longínquo recanto da Europa: elevado sentido social, poderoso egocentrismo dentro duma espécie de atmosfera cósmica, empolgante expressão sensual e, acima de tudo, vigor estranho, força mais que viril”.²²⁸ Paulo, que incluía um poema seu na antologia de poesia brasileira, diz que gostaria muito de encontrá-la para conversar sobre sua obra poética e projetos e promete incluir vários de seus poemas na segunda edição da antologia de poesia brasileira, que, na verdade, não se realizaria. Despede-se, mais uma vez, pedindo desculpas pelo que chama “português precário”, mesmo não existindo em seu texto, de fato, nenhum deslize ortográfico.

A troca de cartas com a família é mais intensa. Em um dia de junho contabiliza 13 cartas recebidas aquele mês: 6 de Catarina e Jorge, da Turquia, 2 de Magda e 5 de casa.

Com Ribeiro Couto manterá intensa correspondência por toda a vida. Mas nos tempos em que o diplomata está no Rio, dispensam as cartas e se encontram frequentemente em eventos sociais, como os jantares oferecidos pelo diplomata que reunia nomes como Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, Francisco de Assis Barbosa, Peregrino Júnior. Há apenas uma carta enviada por Paulo a Ribeiro Couto em 1941, opção feita por Paulo depois de tentativas sem êxito de falar com o amigo ao telefone, como ele

²²⁷ Carta a Manoelito de Ornellas. 30 de agosto de 1941. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

²²⁸ Carta a Adalgisa Nery. 20 de setembro de 1941. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

explica no início da mensagem. Datada de 15 de Julho, a carta é acompanhada por um recorte de jornal com artigo que Paulo escrevera sobre os livros do diplomata-poeta para uma revista em Budapeste²²⁹ e com um convite pessoal para que Ribeiro Couto fosse assistir à conferência que faria na Academia Brasileira de Letras dentro de poucos dias. Paulo aproveita para lhe dar notícias de sua estada.

“Sabendo com quanto amabilidade se interessa pela minha sorte, apresso-me de comunicar-lhe que comecei minhas aulas de latim no Liceu Francês e, além disso, fui contratado por um ginásio do Meyer [sic] como professor de francês. Assim a minha situação está resolvida. Que país admirável onde isso foi possível em tão pouco tempo! E como estou reconhecido ao Amigo que possibilitara a minha entrada aqui!”²³⁰

Era de fato um feito. Apenas quatro meses após sua chegada, Paulo Rónai já estava empregado e dominava inteiramente o português, escrito e falado, o que lhe permitiu aceitar o desafio de proferir a conferência da Academia Brasileira de Letras na língua local. Às 17h30 de 22 de julho dá início à apresentação, no Salão Nobre da instituição, Centro do Rio, sobre Literatura húngara, dentro da série Panorama de literaturas contemporâneas. O evento, presidido pelo acadêmico, jurista e ensaísta, Levi Carneiro, é prestigiado. Paulo faz questão de registrar a lista de amigos e ilustres presentes: “Alvári, Bolgár, Fayer, Munk, Lukács, Spritz, knöpler, os Szenes, os Bernheim, Lobo Vilela, Ramiro, Souza de Andrade, Amorim, Jorge de Lima, Tarso da Silveira, Andrade Muricy, Augusto Frederico Schmidt, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade, Dante Costa, Francisco Assis Barbosa, Manuel Bandeira, Miguel Osório de Almeida, Claudio de Souza (presidente do Pen Club)”.

A imprensa noticiou o evento e o *Correio da Manhã* do dia 23 de julho publicou uma pequena cobertura, apresentando Paulo Rónai como escritor magiar membro do Pen Club Internacional.

“O Sr. Paulo Rónai falou em português e produziu uma conferência muito agradável, bem interessante. Em maneira amena passou revista a literatura contemporânea da sua pátria, destacando as principais figuras, cuja obra analisou com profundidade, e narrando fatos para formar o ambiente da vida cultura da velha nação de S. Estevão.”²³¹

²²⁹ Carnet Sud-Américain. “Les deux nouveaux livres de M. Ribeiro Couto”. [*Prima Belinha, Largo da Matriz*]. Budapest, Gazette de Hongrie, 26/04/1941.

²³⁰ Carta a Ribeiro Couto, 15 de julho de 1941. FCRB

²³¹ Conferência. *Correio da Manhã*. 23 de julho de 1941.

A reportagem dava conta dos nomes evocados, do poeta romântico Sándor Petöfi, passando pelos escritores Ferenc Herczeg, Szigmond Moricz e Ferenc Mólnar, dando merecido destaque ao poeta Endre Ady, para concluir: “Foi excelente a impressão produzida pela conferência do distinto homem de letras húngaro”.



Paulo Rónai na conferência da ABL, junho de 1941. Ao lado, Levi Carneiro.
Na plateia identifica-se na metade à esquerda, centro, Carlos Drummond de Andrade.

As conquistas de Paulo não o desviam de seu objetivo principal, trazer Magda para o Brasil. Quase todo dia reflete sobre a situação da noiva, buscando caminhos para resolver a questão. Em conversas com amigos e pessoas próximas no governo, entende que a única maneira é, primeiramente, efetivar um casamento por correspondência. Para isso, pede ajuda a todos, Cecília Meireles, inclusive. Ninguém encontra meios para ajudar. Schmidt é o único que lhe dá alguma esperança, prometendo continuar a apoiá-lo. Paulo então decide escrever ao presidente da República. Aurélio revisa a carta em 29 de julho. Paulo entrega uma cópia a Schmidt

e tentaria também contato com a primeira dama Darcy Vargas, segundo escreve em seu diário.

Rio de Janeiro, 6 de Agosto de 1941

Excelentíssimo Senhor Presidente da República:

O autor da presente, professor e escritor húngaro, estabelecido no Brasil em caráter permanente, pede a preciosa atenção de Vossa Excelência para um modesto pedido que a Vossa Excelência deseja fazer.

Atrevo-me a recorrer a Vossa Excelência porque já tive ocasião de experimentar o seu benévolo interesse. Em 1939, tivera eu o prazer de enviar a Vossa Excelência, por intermédio de S. Excia. O Sr. Otávio Fialho, ministro do Brasil na Hungria, um exemplar de minha antologia de poetas brasileiros, em língua húngara, - BRAZILIA UZEN – e Vossa Excelência me fez a grande honra de agradecer a oferta, constituindo para mim a sua bondosa carta o testemunho mais grato e mais elevado da compreensão dos meus modestos esforços por parte da elite brasileira.

Após ter publicado, ainda, vários estudos sobre a literatura do Brasil, e traduções de obras brasileiras, fui honrado com um convite da Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores para estudar de perto um país que já de longe admirava.

Recebido com simpatia nos meios intelectuais, auxiliado pelas autoridades, encontrei aqui um ambiente extremamente favorável aos trabalhos que projeto: um livro sobre a civilização brasileira, uma reedição ampliada de minha antologia, um dicionário húngaro-brasileiro²³², e outros.

Achei, assim, nesse país hospitaleiro, todas as condições objetivas duma atividade intelectual. Mas apesar de assegurados os meios de vida, não me é ainda possível dar começo à execução de tão interessante programa. Tenho o espírito tomado por incessantes preocupações. É que deixei na Europa, em condições incertíssimas, a pessoa que me é mais cara, minha noiva e colaboradora. Estou certo que Vossa Excelência, que tão plenamente encarna a faculdade compreensiva, a bondade natural e a riqueza sentimental do brasileiro,

²³² Nenhum dos projetos mencionados foi realizado por Paulo Rónai.

compreenderá quanto é amargo, para quem os afetos têm maior importância na vida, viver assim separado de sua companheira.

Por isso peço a Vossa Excelência o extremo favor de conceder entrada no Brasil a minha noiva, Srta. MAGDA PÉTER, de nacionalidade húngara, com quem desejo casar-me logo após sua chegada.

Seria isto, para mim, nova e mais tocante manifestação da excepcional generosidade de Vossa Excelência para com um admirador e amigo do Brasil.

Peço a um tempo, desculpa a Vossa Excelência, por não lhe escrever nos moldes castiços de estilo pois esta carta foi redigida por mim numa língua cujos admiráveis recursos estou ainda longe de manejar com certeza, e firmo-me com sincera gratidão e veneração profunda.

*Paulo Rónai
(Rua Alice, 36-A)²³³*

A carta destinada a Getúlio Vargas ajuda a desenhar a situação de Paulo Rónai no Brasil. Alguns poucos meses após sua chegada, dominava a escrita em português (mesmo dizendo com exagerada modéstia que estava longe de manejar os recursos do idioma e contando com a revisão de seu amigo Aurélio). Descrevia um cenário favorável de trabalho, fruto de suas articulações, e, sobretudo, acentuava a firme determinação em permanecer no país, onde estava estabelecido “em caráter permanente”.

Dois meses antes, em uma carta endereçada a Otávio Fialho, que permanecia em Budapeste, Paulo descreve toda a boa atmosfera de recepção e a facilidade com que se adaptava ao Brasil – mesmo que em seus diários mantivesse a franqueza sinalizando o desânimo e o medo. Àquela altura, além do contato que travara com diversos nomes da literatura brasileira, colaborava para algumas revistas, como a *Revista do Brasil*, lecionava em colégio ginásial, dava aulas particulares e lhe sobrava tempo, como ele narra, para frequentar a Biblioteca Nacional e reuniões literárias. Seguiu aprimorando o conhecimento do português. “Já vi muitos intelectuais de

²³³ A carta que se encontra no arquivo de Paulo Rónai parece ser um rascunho da enviada e possui o espaço destinado à assinatura do remetente.

grande prestígio, como os Snrs. Afrânio Peixoto, Levi Carneiro, Graça Aranha, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira e outros. À medida que aprendo a língua, a sua companhia torna-se para mim cada vez mais interessante e proveitosa.”²³⁴ Na mesma carta, Paulo ainda conta que fora no Ministério das Relações Exteriores onde obtivera as recomendações para o contato com as “personalidades de destaque”. Junto ao Ministério da Educação, conseguira validar seus diplomas e, desse modo, garantia no Brasil o direito de lecionar. Estava satisfeito, mesmo já tendo conhecido o sentido da palavra saudade.

“Apesar de começar a sentir saudades da minha terra e da minha família, estou sempre e cada vez mais sob o golpe da primeira impressão. O meu deslumbramento em frente da beleza do Rio de Janeiro não passou ainda e, provavelmente, nunca há de passar. Quase que tenho a impressão que sempre tinha vivido aqui – o que demonstra bastante quanto me sinto bem. Está-me parecendo que em nenhum outro país ter-me-ia ambientado tão depressa, este pensamento de novo me lembra a gratidão profunda que devo a Vossa Excelência.”²³⁵

Com Fialho, Paulo mantém comunicação constante, o deixando informado de todos os passos no Brasil, suas produções intelectuais, empregos e conexões. O diplomata continua sendo um apoio fundamental no contato com autoridades brasileiras e húngaras, na articulação para trazer Magda ao Brasil.

Paulo também conta com apoio oficial húngaro. Em setembro, a Legação Real da Hungria escreve ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil descrevendo a situação integrada de Paulo Rónai no Brasil, resultado, é certo, de um esforço hercúleo driblando todas as *démarches* brasileiras. “O professor Rónai, já devidamente registrado no Ministério d Educação e Saúde Pública, no Ministério do Trabalho e na Prefeitura do Distrito Federal, está contratado pelo Liceu Franco-Brasileiro e pelo Ginásio Metropolitano desta capital”,²³⁶ sublinha a carta, que enumera ainda os artigos feitos por Paulo sobre o Brasil e publicados em jornais húngaros e as traduções de escritores húngaros já feitas em português, além de citar a concorrida conferência feita na ABL meses antes. “Esta Legação não conhece outra pessoa que tenha desenvolvido trabalho tão assíduo e profícuo em prol do interesse cultural entre os dois países”, resume. O pedido para o visto de Magda aparece em

²³⁴ Carta a Otávio Fialho, datada de 5 de junho de 1941. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

²³⁵ Idem.

²³⁶ Carta da Legação Real da Hungria ao Ministério das Relações Exteriores dos Estados Unidos do Brasil, datada de 22 de setembro de 1941. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

seguida, creditando a noiva o papel de auxiliadora de Rónai nos trabalhos referidos a fim de reforçar a justificativa.

A boa adaptação de Paulo não o faz se distanciar da Hungria natal. Os nomes dos amigos que ainda estão em Budapeste aparecem constantemente em seus diários, carta enviadas e recebidas. Também acompanha sempre de perto a marcha da guerra em seu país. Paulo vive um momento dramático. A intensa vida social era naquele momento uma condição de sobrevivência. E as relações que travava eram como uma segunda pele. A primeira estava rasgada, em carne viva. Paulo estava sozinho e sua família estava em perigo. Completamente angustiado, cobrado por ele mesmo por estar salvo em terras brasileiras, teria que ser agora o salvador. Por isso, seguia a sua marcha.

Em setembro, a larga vivência que teve durante toda a juventude nos cafés de sua cidade natal é vertida em artigo publicado na revista *Diretrizes*, “Budapest, a cidade dos cafés”.²³⁷ A Hungria permanece próxima e não deixa de ser elo com seu novo tempo e espaço, sendo sempre tema de seus artigos e ensaios nesse primeiro momento no Brasil. “Saudade brasileira e saudade húngara”, é o título do ensaio publicado em *Rio Magazine*.²³⁸ Paulo também publica traduções de pequenos contos de autores húngaros. O primeiro deles, *As jóias da família*, de Alexandre Hunyady,²³⁹ sai na revista *Vamos ler!*. Depois traduz contos de Molnár para *Dom Casmurro*,²⁴⁰ de Zsolt Harsányi para *Diretrizes*²⁴¹ e Kosztolányi para a *Revista do Brasil*.²⁴²

Sua produção ainda continua aparecendo na Hungria, com artigos, resenhas e traduções publicados na *Nouvelle Revue de Hongrie*, na revista *Új Idök*, na *Gazette de Hongrie*. Trata-se de uma via cultural de mão dupla. Enquanto no Brasil Paulo apresenta sua cultura e arcabouço literário magiar, e também de outras origens europeias, na sua terra natal revela a experiência brasileira em artigos sobre a própria

²³⁷ “Budapest, a cidade dos cafés”. *Diretrizes*, 18/09/1941.

²³⁸ “Saudade brasileira e saudade húngara”. *Rio Magazine*, 1941.

²³⁹ *Vamos ler!*, 29/05/1941.

²⁴⁰ Molnár, F. *O boneco de neve*. *Dom Casmurro*, 12/07/1941.

²⁴¹ Harsányi, Zsolt. *A superstição*. *Diretrizes*, 17/07/1941.

²⁴² Kosztolányi, D. *A auréola cinzenta*. Coluna O conto estrangeiro. *Revista do Brasil*, julho de 1941.

viagem, como o que publica em abril de 1941,²⁴³ e resenhas de livros brasileiros, como os de Ribeiro Couto e de José Lins do Rego.²⁴⁴

As colaborações na imprensa são ao mesmo tempo um meio para se integrar ao ambiente intelectual e garantir uma renda, mesmo que muitas vezes sem grande expressão. No começo de agosto recebe os primeiros pagamentos como professor. Mas os salários ainda não são suficientes para lhe garantir segurança financeira e os envios que começa a fazer para sua família. Assim, segue buscando novos trabalhos e agenda um encontro com Lourival Fontes, o diretor do DIP. Na ocasião da visita ao Departamento de Imprensa e Propaganda, anota: “DIP (Prediz vitória alemã).”²⁴⁵ Parece natural que no órgão de confiança da presidência se confiasse no poder bélico do então aliado Reich.

No DIP, apesar da boa recepção, condicionam qualquer possível trabalho à apresentação de seu registro brasileiro. Poucos dias depois Paulo consegue finalmente sua carteira de identidade – passaram-se cinco meses desde a sua chegada. As contas se apertam. Na última folha do diário de cada mês, Paulo anota detalhadamente todos os seus gastos. Cada café, cada lâmina de barbear e outros artigos de *toilette*, livros, selos para cartas, um convite de jantar para Aurélio, bilhete de loteria, taxi, folhas de papel, aluguel do quarto. As receitas não são muitas. As aulas particulares, àquela altura também os salários de professor, ainda tímidos, e os artigos para imprensa. A contabilidade precisa mostra que no fim do mês lhe sobrava pouco dinheiro. “Não é sopa”, ele diria, usando a expressão que anota em sua caderneta, ao lado de palavras que vai apreendendo, de expressões que passam a integrar seu vocabulário: pândega, piada, carnificina, cafezinho, chamego, cangaceiro, pior emenda que soneto, não se deve gastar cera com mau defunto, o que me der na veneta, dobrar o cabo da boa esperança, voltemos à vaca fria. As descobertas linguísticas se misturam aos compromissos, nomes e endereços. Nessas coletas vocabulares cotidianas, Paulo vai construindo seu dicionário pessoal da língua.

²⁴³ “Brazíliai napló – I, Megérkezés” (“Diário do Brasil, I – A chegada”). Budapest: *Új Idök*, 27/04/1941. A segunda parte saíria na mesma revista em agosto.

²⁴⁴ “Carnet Sud-Américain – Pedra Bonita”. Budapest, *Gazette de Hongrie*, 01/07/1941. Escrito em francês.

²⁴⁵ “DIP (prédit victoire allemande)”. Diário, 25 de agosto de 2015.

seguinte com as notas e apresentação feitas por Dante Costa, técnico em alimentação, como informaria uma nota sobre a obra em *Diretrizes*²⁴⁶ – “Professor de dietética do ‘Serviço de Alimentação da Previdência Social’ Ministério do Trabalho. Membro da ‘Société Scientifique d’Hygiène Alimentaire de Paris,’²⁴⁷ segundo assina no prefácio da edição. O livro, primeira tradução do húngaro diretamente para o português, apresenta um panorama histórico e também pitoresco do universo das vitaminas e da alimentação, com abordagem ao mesmo tempo científica e curiosa. O texto, “tão inteligentemente”²⁴⁸ traduzido por Rónai, é agradável e informativo ao discorrer sobre uma temática cara aos húngaros, que fizeram grandes contribuições na área da ciência médica, destacando a identificação da Vitamina C por Szent Györgyi, o que lhe valeu o Prêmio Nobel.

Depois do lançamento, Paulo continua traduzindo incansavelmente. Do húngaro para o português; do português para o húngaro, das duas línguas para o francês; do francês para o húngaro. Está determinado: seu projeto brasileiro vingará e continua firme na luta pelo visto de Magda. Até 9 de setembro, conforme ele anota, Schmidt o ajudava como podia. Neste dia, no entanto, o poeta avisa que seu amigo, alguém próximo do ministro da justiça, irá se desligar do ministério. A partir de então, Paulo sente que Schmidt o evita - muitas vezes nem o recebe e ao telefone diz que está com pouco tempo. Em seu diário, Paulo anota com desgosto a esquiva do poeta. Por confiar na sua ajuda, acaba por demorar a tomar as devidas providências que poderiam ajudar a trazer a noiva. Depois de insistências sem resposta, Paulo busca outros caminhos. Insiste, persiste. A Schmidt, nunca mais daria a mão.²⁴⁹

As novas conexões vão levando Paulo aos caminhos oficiais. No fim de setembro o diplomata Graça Aranha reforça essa articulação encaminhando a Vasco Leitão da Cunha,²⁵⁰ Chefe de Gabinete do Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Francisco Campos (naquele momento afastado das funções por motivos de saúde), uma carta de recomendação para o visto Magda Péter, após um encontro amável e próximo que

²⁴⁶ *Diretrizes*. 30/04/1942, p. 27.

²⁴⁷ FÁZEKAS, Estevão. *O romance das vitaminas*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

²⁴⁸ Idem, p. 11. Comentário de Dante Costa no prefácio.

²⁴⁹ Nora Rónai conta que Paulo creditou a Schmidt toda a demora no processo do casamento com Magda, pois prometia ajuda e não lhe dava mais notícias.

²⁵⁰ Vasco Leitão da Cunha atuou interinamente como ministro no Ministério da Justiça e Negócios Interiores de 20 de agosto de 1941 a 17 de julho de 1942.

teve como Rónai, como o próprio descreve. A carta, datada de 23 de outubro de 1941, remete a correspondência anterior no qual o diplomata já tratava do assunto e informa sobre dossiê enviado pela Legação Real da Hungria, que reforçaria a justificativa para que o governo concedesse a Paulo a garantia do visto para sua noiva, com quem se casaria por procuração, e defende:

“Tendo o senhor Paul [sic] Rónai, em virtude das suas qualidades eminentes, consolidado a sua posição intelectual e financeira no Brasil, pretende realizar aqui, por instrumento de procuração, o seu casamento, o qual ficara dependente de situação que lhe permitisse efetivar o compromisso assumido perante a noiva, na Hungria. É natural que esse senhor, antes de concluir ato de tão grave responsabilidade, deseje certificar-se de que a futura esposa poderá obter, uma vez realizado o casamento, visto permanente para o Brasil, onde viria reunir-se ao marido. É o que tenho a honra de consultar Vossa Excelência”.²⁵¹

Mas Paulo permanece sem nenhuma sinalização oficial para o caso. Em outubro, consegue entregar carta para Leitão da Cunha, que promete consultar Ernani Reis, idealizador, ao lado de Francisco Campos, do sistema de controle de estrangeiros do governo Vargas e responsável pelos despachos do Serviço de vistos do Ministério da Justiça. No dia 30 de outubro, Paulo escreve no diário que Leitão da Cunha fará com que o dossiê chegue ao presidente. Paulo pede ajuda também para Otávio Fialho, para quem transborda sua aflição do momento. “Para não morrer de desespero, para continuar a viver e a trabalhar, a gente precisa cada dia dum esforço extraordinário. Para mim, o pensamento de que V. E. pensa em mim com simpatia e continua a me ajudar através duma distância enorme é uma fonte de energia e de conforto.”²⁵²

Enquanto aguarda alguma notícia vai ao Cinema Plaza assistir *Cidadão Kane*, de Orson Welles. No dia seguinte Cecilia Meireles apresenta a ele e a Árpád Szenes um filme em cores sobre o carnaval. Fora das telas, no entanto, as notícias não são festivas. Após audiências com João Neves da Fontoura, político experiente, amigo de Vargas desde os tempos remotos do Sul, naquele momento dedicado a funções diplomáticas, tem a notícia de que o presidente indeferiu o pedido do visto para Magda a partir do casamento por correspondência. Paulo se abate mas não desiste. Segue tentando ajeitar a vida; procura um quarto para alugar, consegue sua carteira de trabalho e tenta um emprego no DIP. Não consegue um posto no departamento do

²⁵¹ Carta de T. Graça Aranha, 23 de Outubro de 1941. Cópia guardada por Paulo Rónai em seu acervo.

²⁵² Rascunho da carta datilografada, com muitas correções, datada a mão 18.X.41. Acervo Paulo Rónai.

governo, mas acerta a publicação do artigo “*A European’s Impression of Rio in 1941*”, publicado na revista *Travel in Brazil*, financiada e editada pelo departamento, com intuito de divulgar a boa imagem do país no exterior. Escrita inteiramente em inglês e ricamente ilustrada com fotografias da melhor qualidade, a edição contava com nomes como Cecília Meireles, responsável pelo texto editorial do primeiro número, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Tasso da Silveira, José Lins do Rego e Sérgio Buarque de Holanda.²⁵³ A colaboração rende 200 mil réis para Paulo. Parte desse valor, envia aos pais na Hungria.

Em 6 de dezembro, dois extremos se encontram nas páginas do diário de Paulo. O registro da primeira carta de amor que escreve à Magda, no acolhimento de seu quarto na rua Alice, em Laranjeiras. E a notícia da declaração de guerra da Inglaterra à Hungria que sublinha com temerosa aflição. Os dias que se seguem são de calor terrível e chuvas torrenciais na cidade. No cenário externo, Itália e Alemanha declaram guerra aos Estados Unidos.

Paulo sente que precisa correr para resolver a questão do visto de Magda e depois de muitas tentativas consegue uma audiência com Leitão da Cunha, em 19 de dezembro. Diante do ministro interino, explica toda a sua situação, mas sai sem promessas. Depois almoça com Levi Carneiro, a convite do jurista. À tarde cuida da questões da procuração de Magda e no dia seguinte, comparece ao banquete oferecido pela ABL e emenda um cafezinho com Dante Costa e Peregrino Júnior. Na Livraria José Olympio encontra em seguida os amigos José Lins do Rego e Aurélio Buarque de Holanda.

Como resultado de tantos apelos e uma notável eficiência para transitar nos meandros da burocracia brasileira, no fim do ano, os papéis para o casamento com Magda estão em ordem. Paulo continua procurando um novo pouso e na véspera de Natal percorre um longo circuito pela cidade: Ladeira de Santa Teresa, rua Dias de Barros, rua Teresina, Santo Amaro, Pedro Américo. Volta para casa para ler *Bangué*, de José Lins

²⁵³ Segundo a historiadora Tania Regina de Luca: “A julgar pelos exemplares disponíveis na Latin American Library, a revista foi lançada em setembro de 1941 e circulou sem interrupção, no mínimo, até fevereiro de 1942. Em 1944, ressurgiu com o título *This is Brazil*, da qual se conservou apenas o primeiro número. Ver LUCA, Tania Regina de. “A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso”. *Revista Brasileira de História*. vol.31 no.61, São Paulo, 2011.

do Rego. No dia de Natal, almoça com Jorge de Lima e família (a mulher Adila, a filha Teresinha). Juntos, ouvem uma sinfonia de Mozart e conversam. Paulo parte sozinho para uma sessão de cinema de *O Dragão dengoso*, de Walt Disney e encerra a noite na companhia do amigo Emeric Marcier e um amigo suíço do pintor, engrenando uma boa conversa até meia noite, na pequena varanda do quarto de Paulo.

Os últimos dias do ano continuam dedicados ao desembaraço dos documentos para o casamento. A união oficial, no entanto, não era garantia de uma autorização para a entrada de Magda no Brasil. Conseguir visto para uma jovem judia, sem grande lastro ou conexões no país, não era tarefa fácil. Em nova audiência com Leitão da Cunha, no dia 26 de dezembro, Paulo tem a notícia da decisão desfavorável do presidente para o visto de sua noiva. Sai do encontro com muito mau humor. No dia seguinte, o ataque a Pearl Harbor chacoalha o já dramático cenário da guerra. Paulo arruma mais uma vez as malas se preparando para a mudança para um novo quarto que encontrou na rua Marques de Abrantes, novamente no Flamengo. No último dia do ano encontra Jorge de Lima para uma tarde de conversa, envia flores a Cecília Meireles e Ribeiro Couto, amigos que lhe acolheram no Brasil, desenhando um horizonte de acolhimento.

Era, afinal, nos laços e na amizade que Paulo poderia recompor sua existência. Esse mesmo caminho de integração foi o escolhido – também porque possível dentro das circunstâncias – por tantos outros exilados, em busca de um novo começo. Como pontua Hannah Arendt, ela mesma parte do grande contingente de *displaced people*, desterrados pela guerra e perseguição nazista, era preciso converter o contexto esgarçado do exílio em experiência fraterna. É no texto “We Refugees”, de 1943, que a pensadora alemã compartilha esta visão, aqui com sua interpretação ampliada por Celso Lafer:

“(…) para o ser humano, que perdeu seu lugar na comunidade política, perdeu o seu lar e, portanto, a familiaridade da vida cotidiana, perdeu o seu trabalho e, com isso, a confiança de que tem alguma utilidade no mundo, perdeu a sua língua e, dessa maneira, a espontaneidade das reações, a simplicidade dos gestos e a expressão natural dos sentimentos, a sua humanidade só pode ser reconhecida e resgatada pelo acaso imprevisível da amizade, da simpatia, da generosidade ou do amor.”²⁵⁴

²⁵⁴ LAFER, Celso, prefácio In: KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal – O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiras no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 13

Paulo era alguém verdadeiramente interessado no outro. “Amor e medo se excluem reciprocamente, daí a razão da desesperada procura do amor para viver sem medo”, ouvia do amigo, o pintor romeno, também exilado no Brasil, Emeric Marcier. No fim daquele seu primeiro ano em uma nova terra, tão distante da sua, Paulo podia dizer que estava inserido em um círculo de amigos. Sua biblioteca estava cheia de livros brasileiros com dedicatórias carinhosas e manifestações de admiração. A mesa de trabalho estava sempre movimentada com a produção de artigos, traduções e roteiro de aulas de idiomas. Já reunia em uma nova pasta as correspondências do período. Ao lado de cartas que recebia, guardava também cópias das que enviava e documentos importantes. No início de 1942, Paulo mantém o hábito que o acompanharia por toda a vida. Entre seus papéis, como as cópias de cartas ainda na tentativa do visto de Magda, e correspondência de seus irmãos, Paulo guarda uma folha de papel quase transparente em que está datilografada, provavelmente por ele próprio, a Declaração de Stefan Zweig, escritor húngaro que encerrou seu exílio nos trópicos, em 22 de fevereiro de 1942, envenenando-se ao lado de sua mulher Lotte Altmann, na casa que alugavam em Petrópolis, região serrana do Rio.

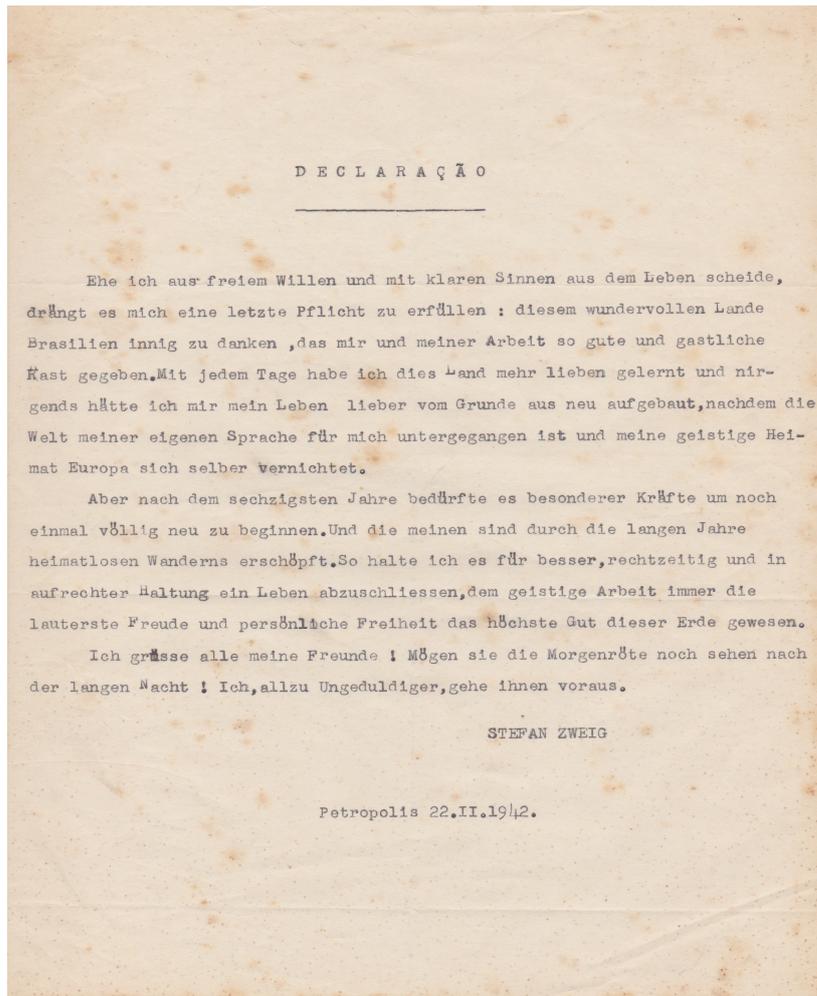
Em três pequenos parágrafos, Zweig justifica sua partida. Desde a saída de sua Áustria natal, em 1934, já diante do avanço nazista, Zweig sentia-se desterrado. Primeiro mudou-se para a Inglaterra, onde tornou-se cidadão britânico, e em 1940, com a Europa encurralada, partiu para Nova York, Estados Unidos. Em agosto do mesmo ano faz sua viagem rumo ao Brasil, onde passou efetivamente 372 dias, fazendo no mesmo período viagens sucessivas para Nova York, Buenos Aires, entre outros destinos para onde viajava proferindo palestras e cumprindo outros compromissos.

A notícia da morte trágica do prestigiado escritor logo se espalhou pela capital. O editor Abrahão Koogan, da Editora Guanabara, e o advogado Samuel Malamud, duas pessoas mais próximas do casal e indicadas por Zweig a serem avisados em um bilhete, correram para Petrópolis. Todos estavam chocados. O ato de Zweig, o escritor prestigiado em todo o mundo, atingia ferozmente os exilados, tamanha a carga simbólica que evocava naquele momento. Thomas Mann cravou o questionamento preciso: “Ele não tinha consciência de sua responsabilidade perante centenas de

milhares de pessoas para as quais seu nome era importante e diante das quais sua capitulação provavelmente teria um efeito deprimente? Perante os muitos outros refugiados como ele, mas para os quais o exílio era uma experiência incomparavelmente mais dura que a sua, celebrado como ele era, e sem preocupações materiais?”.

Sem nunca ter conhecido o escritor morto, mesmo circulando em mesmo ambiente, mas movido por um sentimento de comunhão espiritual e empatia, Paulo subiu até Petrópolis para acompanhar os acontecimentos de perto. Em Petrópolis encontrou Cláudio de Souza, Levi Carneiro e depois de um dia de perplexidades e homenagens, conseguiu chegar de volta à sua casa de madrugada. Estava atordoado. Temia acabar da mesma maneira, sucumbindo à desesperança. Procurou alguns amigos e encontrou em Drummond o acolhimento para aplacar o desespero. “Zweig não conheceu as pessoas certas. Sua história é outra, meu caro amigo”.

O poeta tinha razão. Pois se por um lado fortes semelhanças uniam o trajeto de Zweig e Rónai, ambos filhos do Império Austro-húngaro, refugiados no Brasil, homens das letras, outros traços pessoais e opções aparentemente circunstanciais criaram efeitos tão substancialmente opostos quanto a morte e a vida.



Declaração

“Antes de deixar a vida, de livre vontade e juízo perfeito, uma última obrigação se me impõe: agradecer do mais íntimo a este maravilhoso país, o Brasil, que propiciou a mim e à minha obra tão boa e hospitaleira guarida. A cada dia fui aprendendo a amar mais e mais este país, e em nenhum outro lugar eu poderia ter reconstruído por completo a minha vida, justo quando o mundo de minha própria língua se acabou para mim e meu lar espiritual, a Europa, se autoaniquila.

Mas depois dos sessenta anos precisa-se de forças descomunais para começar tudo de novo. E as minhas se exauriram nestes longos anos de errância sem pátria. Assim, achei melhor encerrar, no devido tempo e de cabeça erguida, uma vida que sempre teve no trabalho intelectual a mais pura alegria, e na liberdade pessoal, o bem mais precioso sobre a terra.

Saúdo todos os meus amigos! Que ainda possam ver a aurora após a longa noite! Eu, demasiado impaciente, vou-me embora antes.

Stefan Zweig
Petrópolis, 22. 2. 1942”

5.1.

O desterro – Identidades em trânsito

No contexto da Segunda Guerra Mundial, o Brasil recebeu inúmeros refugiados. Muitos anônimos, outros tantos notórios, como o crítico literário austríaco Otto Maria Carpeaux, o dramaturgo polonês Zbigniew Ziembinski, o artista plástico romeno Emeric Marcier, o escritor alemão Anatol Rosenfeld, os fotógrafos franceses Jean Manzon e Marcel Gautherot, a fotógrafa alemã Alice Brill. Para porto transitório passaram ainda nomes como dos escritores Georges Bernanos, Ulrich Becher e Herman Görgen, o ator e diretor teatral Louis Jouvet, os pintores Árpád Szenes e Vieira da Silva. Todos buscavam abaixo do Equador um porto seguro. Tratavam de criar novos modos de vida, mas não conseguiam fugir do *mal de pays*; saudades de casa, em bom português – nostalgia.

Mas nostalgia demais mata, como atesta Alberto Dines, biógrafo de Stefan Zweig. Escritor de renome internacional, Zweig fez do exílio brasileiro o cenário de sua morte voluntária. Sentia-se espiritualmente devastado diante da “longa noite” pela qual passava a Europa, mundo de sua língua e seu “lar espiritual”. “Mas depois de sessenta anos precisa-se de forças descomunais para começar tudo de novo. E as minhas se exauriram nestes longos anos de errância sem pátria”, como escreveu em sua “Declaração”.

Zweig acabou vencido pelo sentimento de desterro, reforçando o sentido intrínseco da ideia do exílio, a do abandono forçado da terra de origem, alienação: “Há também um sentimento persistente de desobediência, uma recusa em aceitar que o que acontece pode ser permanente.”²⁵⁵ Há em Zweig o desejo do retorno ao lugar de origem e, diante da impossibilidade, é tomado pelo doloroso sentimento de não pertencimento. “Em toda parte sou estrangeiro e, na melhor das hipóteses, hóspede”,²⁵⁶ declarou o escritor.

²⁵⁵ “There is also a lingering sense of defiance, a refusal to accept that what has happened can be permanent.” SIMPSON, John. *The Oxford book of exile*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 3

²⁵⁶ ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 14.

Vítima de uma “insuportável dor-de-mundo”, Stefan Zweig suicidou-se ao lado da companheira e ex-secretária Lotte, ingerindo substâncias letais nunca esclarecidas (“ditaduras abominam autópsias. Também os suicídios”²⁵⁷), em sua casa em Petrópolis.²⁵⁸ Deu fim à própria vida diante da exuberância tropical da Mata Atlântica e apenas quatro dias depois de presenciar a alegria do carnaval carioca. Assim, com seu ato final, Zweig mostrou que não havia cenário idílico que superasse a irremediável melancolia do desterro, o “fígado negro” (*schwarze Leber*).

“O exílio é sempre desolador, mesmo no mais aprazível recanto. O trópico viçoso não espanta todas as sombras, o sol nunca basta para secar os naufragos encharcados.”²⁵⁹

No Brasil, Zweig foi do início ao fim um exilado, sem nunca conseguir encontrar na nova terra uma aderência cultural, social ou afetiva. Não apenas por questão de temperamento próprio (contido e reservado), mas também por circunstâncias particulares. Escritor de renome em toda Europa, Zweig gozava de prestígio também no Brasil, onde Getúlio Vargas instaurara em 1937 o Estado Novo. Nesse ambiente, o autor austríaco escreve em 1941 *Brasil, país do futuro*, exaltando as paisagens naturais e humanas brasileiras, o caráter conciliatório de seu povo, a harmonia étnica existente no país, a junção esplêndida da natureza e do desenvolvimento. Um país notável, era o que apresentava em seu livro caloroso e impressionista.

Obra de afeição, como Zweig sempre destacaria, o livro é fruto de indisfarçável ânimo e entusiasmo nascido do contato com o país, cujo futuro, o austríaco previa, seria admirável. Mas com a publicação da obra, de caráter claramente ufanista, o que parecia ser um ato de aproximação com o país que o acolhia, tornou-se razão de um isolamento ainda maior para o escritor.

Acusado de propaganda política do governo Vargas, o livro viraria objeto de críticas virulentas por parte da imprensa local, sobretudo do *Correio da Manhã*, e de intelectuais brasileiros. O público leitor, no entanto, não lhe dava ouvidos. E o livro virou um imenso sucesso comercial. “Mas um êxito com sabor de fiasco”.

²⁵⁷ DINES, Alberto. Op. cit., p. 491.

²⁵⁸ A Casa, na rua Gonçalves Dias (“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”) foi recentemente convertida em centro de memória da imigração no Brasil, sob o nome de Casa Stefan Zweig e dirigida por Alberto Dines.

²⁵⁹ DINES, A., op. cit., p. 17

“‘Picaretagem’, é o que se diz à boca pequena. Escrito por encomenda é a acusação mais branda. Ninguém fala que a mercadoria de troca foi um visto de residência. Como jornais e jornalistas não ousam criticar o governo pela desumana política migratória, resta o recurso de denegrir aquele que conseguiu um brecha para entrar, ficar e sobreviver. Em letra de forma, saem pesadas críticas ao livro e ao autor. Resguarda-se a musa inspiradora – o país –, desanca-se o autor da ode”.²⁶⁰

Nas rodas intelectuais, em revistas e jornais, o coro era quase unânime: *Brasil, país do futuro* era mesmo obra de encomenda política. Ainda nos anos 1980, a crença permanecia, e Alberto Dines a comprovava na série de entrevistas feitas para a biografia do escritor. Nelas, de Jorge Amado, passando por Carlos Drummond de Andrade, Joel Silveira e Rubem Braga, o que se repete é a ideia que o livro era fruto de propaganda do governo estadonovista. Apenas o jornalista Samuel Wainer desafina: “Claro que não foi encomenda. Cá entre nós, difamação e galhofa valem mais do que as obras. Zweig não precisava de nada, no máximo de um visto. Desde Dreyfus, sempre inventam para o judeu uma história suja de ouro e suborno”.²⁶¹

O apátrida Zweig resolvia ser patriota com a terra alheia, como sublinha Dines, e pagava preço alto pela investida. A partir da edição do livro, todo o ambiente a sua volta se transformaria. Zweig sente-se rejeitado, hostilizado e o exílio toma, assim, um sentido ainda mais desolador. “Quem tem pátria e um teto não pode imaginar o padecimento do exilado que vagabundeia a pedir asilo de terra em terra”, diria ao então amigo, o escritor Cláudio de Souza, que após o lançamento da obra passaria a tratar o escritor com propagado desdém.

“No bom estilo europeu e na condição de estranhos no ninho, refugiados veem-se e visitam-se em suas casas. Encontram-se em restaurantes mas não nos cafés da moda. Não fazem parte, não pertencem, estão fora. Compreende-se que Stefan não visite a Taberna da Glória, frequentada pelos jovens intelectuais cariocas e pelo paulista Mário de Andrade sempre que vai à capital federal. Compreende-se que Zweig não frequente os cabarés da Lapa, onde artistas misturam-se a boêmios, compreende-se que não apareça no fim da tarde na livraria José Olympio, rua do Ouvidor, onde se encontram para dois dedos de prosa os ficcionistas e poetas da nova geração (no fundo, sempre em pé, José Lins do Rego rabisca sua crônica esportiva para O Globo). Agastado pela reação ao livro, Stefan Zweig imagina os outros agastados com ele. O que não compreende é a ausência de uma alma sensível capaz de atalhar o enorme mal-entendido que confina o exilado a um exílio maior ainda.”²⁶²

²⁶⁰ idem, p. 358.

²⁶¹ Apud DINES, A., op. cit., p. 389.

²⁶² DINES, A., op. cit., p. 401.

Mantendo-se em excessiva reserva, eram raríssimas as oportunidades que Zweig tinha para se defender publicamente. Em entrevista à revista *Vamos ler!* aproveitou a abertura e desabafou: “Em quarenta anos de vida literária, orgulho-me de jamais ter escrito um livro por outra razão que não a paixão artística e nunca visei qualquer vantagem pessoal ou interesse econômico.”²⁶³

Tristes e ainda mais recolhidos, Zweig e Lotte, já em Petrópolis, onde passam a morar no fim de 1941, vão se isolando mais e mais.

“Com Lotte ao lado, quase dentro, Zweig não podia se envolver, a não ser consigo mesmo. Metido em um redoma, não tinha condições de transmitir, aproximar ou mediar. Seu deslumbramento pelo Brasil era necessariamente solitário, pessoal, intransferível. Entocado, só podia compartilhar fantasmas. Algo tolhia seu instinto para promover aproximações e cruzar fronteiras. Está diferente, a guerra o assusta, as críticas o intimidam, resta apenas aconchegar-se no ‘gueto.’”²⁶⁴

Stefan Zweig sofre. Talvez de uma doença de diagnóstico conhecido: “mal de exílio”. A patologia pode ser resumida na dor de querer voltar para casa, na obsessão do retorno. Sabe-se, inclusive, que no século XVII um jovem cientista suíço, Dr. Johannes Hoffer, estudou casos de rapazes que ao deixarem suas aldeias de origem para se tratarem em hospitais suíços das cidades maiores, eram acometidos de uma tristeza avassaladora.²⁶⁵ O único “remédio” parecia ser a possibilidade de retornarem ao lar. Sem diagnóstico claro, eram autorizados a regressar. E, então, em casa, viam-se miraculosamente curados. Diante dos casos, Dr. Hoffer concluía sua pesquisa com o diagnóstico preciso.

A tese do suíço ganhou repercussão, refutações e desdobramentos. Houve quem associasse a patologia ao clima suíço, a uma questão de raça, fisiologia ou hábitos alimentares. Porém logo ficaria claro que o mal não era sintoma geográfico.

“A anamnésia, o diagnóstico e a etiologia suscitados pelo estudo e observação dessa curiosidade patológica sofreriam refutação ao descobrir-se que o mal não era desgraça própria dos Alpes nem típica da Suíça como a princípio se julgara. Prontuários médicos de soldados da Borgonha e de marinheiros da Bretanha, transportados a terras distantes, e de gente refugiada nas solidões glaciais da Groelândia patenteavam a semelhança de comportamento com os jovens

²⁶³ Idem, p. 389.

²⁶⁴ Ibid, pp. 395-396.

²⁶⁵ O caso é narrado em QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, pp. 34-36.

montanhenses: os sonhos obsessivos, a ansiedade do regresso, numa palavra, a nostalgia.”²⁶⁶

A nostalgia, ela sim, ganhou eco na voz de inúmeros exilados. Menos como patologia e mais como lamento e marca dos tempos. No Brasil, a voz de Zweig foi a mais contundente. Um ano antes de morrer, enviara para amigos e familiares um cartão de Ano Novo com os versos:

*No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida:
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme e se indigne o Céu sereno,
Contra um bicho da terra tão pequeno.*

Camões escreveu seu poema épico *Os Lusíadas*, de onde Zweig extraiu a estrofe 106 do Canto Primeiro, quase um século antes das pesquisas do Dr. Hoffer. Nas conclusões médicas, o que talvez o suíço não tivesse previsto é que a doença que mapeara seria, séculos mais tarde, tantas vezes fatal.

A trajetória de Stefan Zweig parece ser claro contraponto a de Paulo Rónai.

As proximidades entre os dois já são conhecidas, origem e *métier*; e uma apreensão mais atenta dessas duas experiências de exílio evidencia a distância que separa a postura de ambos na vivência do desterro tropical. Para Zweig, a perda da pátria era um estado insuportável, de esfarelamento da própria identidade. Já Rónai, sem omitir intimamente as dores do exílio ou reconhecer todos os desafios da condição, optara por assumir a vida no Brasil como possibilidade de reconstrução, ciente de sua própria sorte. Afinal, lutara por anos para conseguir deixar a Hungria. Zweig, cidadão britânico, escritor de imenso prestígio, não enfrentara dificuldades para partir da Europa e circulava na América com invejável liberdade. Mas desde que deixara para trás Viena, nunca mais se sentiria com os pés no chão.

²⁶⁶ QUEIROZ, Maria José de., op. cit., p. 36.

“Toda forma de imigração já causa em si inevitavelmente uma espécie de perturbação do equilíbrio. Perde-se – e até isso é preciso ter experimentado para compreender – a postura ereta quando não se tem a própria terra debaixo dos pés, torna-se inseguro e desconfiado contra si próprio. (...). Algo da identidade natural com o meu eu original e verdadeiro foi destruído para sempre. Tornei-me mais retraído do que deveria ser, de acordo com a minha natureza, e tenho hoje constantemente a sensação - eu, o velho cosmopolita – de que deveria agradecer por cada porção de ar que inspiro e tiro de um povo estranho.”²⁶⁷

Zweig reflete sobre sua condição na autobiografia que escreve, em grande parte, durante o período em que está no Brasil. No livro, reconhece sua retração no exílio, fator que o levaria para um estado ainda mais depressivo. Paulo, por outro lado, passava os dias em sucessivos encontros, desde a manhã em suas aulas nos ginásios do Rio, com seus alunos particulares, almoços com amigos das letras, cafezinho à tarde com outros tais e um impulso genuíno para integração afetiva e efetiva. Não chega a refletir em textos sobre sua condição de estrangeiro, mas faz de sua produção e da própria vida um atestado de interesse pelas possibilidades que o Brasil lhe oferece. Esse investimento pode ser visto no grande esforço e em seu resultado bem-sucedido de engajamento em uma vida prática, de trabalho e múltipla atuação profissional. Paulo dedica-se a conhecer o país e vai construindo sua obra como testemunho desse percurso de integração, de um “processo de adaptação ao meio brasileiro que tão generosamente me acolheu e no qual procurei me integrar.”²⁶⁸

Não se tratava, para Paulo, de um processo suave. No primeiro dia de 1942, pouco mais de um mês antes do suicídio de Zweig, ele termina o dia em um estado que descreve como apático. “Estou abatido fisicamente e moralmente”. Há a ameaça do rompimento das relações diplomáticas entre Hungria e Brasil, o que se confirmaria no começo de março; ainda não resolveu o arrastado processo para obter o visto de sua noiva e não deixa de pensar com apreensão na situação de sua família. Há o exílio ele mesmo. Mas o desânimo não o deixa parar. Se no contexto íntimo Paulo está atormentado, abatido, socialmente mantém-se como o mesmo homem de ação, trabalhando e aprofundando sempre mais sua integração.

²⁶⁷ ZWEIG, S. op. cit., p. 364.

²⁶⁸ RÓNAI na Advertência de *Encontros com o Brasil*, 1958.

Já Zweig está recolhido e isolado. Numa carta de novembro de 1941, enviada a Manfred e Hannah, o escritor descreve seu cotidiano em Petrópolis: “não vou ao teatro há um ano, a um concerto há seis meses, não vejo rigorosamente ninguém há semanas.”²⁶⁹ Zweig goza de boa situação financeira. Além dos recursos poupados de toda uma carreira de escritor de sucesso, fazia frequentemente palestras na América Latina e Estados Unidos, o que também lhe provia bons ganhos. Já Paulo, contando seus réis, precisa trabalhar e, para isso, encontrar, conhecer, solicitar, se movimentar. Como estrangeiro, dependia de contatos para tudo, inclusive para lutar pela publicação de artigos em revistas, que o ajudava na contabilidade feita não apenas para sua própria subsistência, como também para garantir a ajuda aos seus pais na Hungria.

Profissionalmente, Stefan Zweig, depois de seu frustrado olhar sobre o “país do futuro”, estava exclusivamente voltado ao mundo e temas europeus, ao “mundo de ontem”, título que deu a sua autobiografia, em que revive os tempos de formação, a pujança cultural austríaca, os ocasos das guerras, uma Europa que muitas vezes evoca nostalgia. Zweig está ligado a outro tempo e espaço que parecem para ele irrecuperáveis. A lista de títulos que aventa para sua autobiografia mostra que para ele, sua vida se resumia no relato de uma perda; “These days are gone”, “Anos irrecuperáveis”, “O mundo desaparecido”, entre outros. Já Paulo mirava o presente, fazia do Brasil e sua literatura principal tema de seus estudos e produção. Sem que para isso fosse necessário abandonar sua matriz cultural. Nesse empreendimento, o conhecimento do português era, de fato, um fortíssimo aliado do emigrante húngaro. Para Zweig, aos 60 anos, o aprendizado do novo idioma não era algo que estivesse em seus planos, Talvez mesmo pelo caráter provisório que creditava ao Brasil. Em mais uma carta a Manfred e Hannah, em 21 de fevereiro de 1942, cerca de um mês antes de sua morte, o escritor explicita a questão.

“Nosso isolamento tem como desvantagem o fato de que meu português não faz progresso algum – há também em mim alguma repressão interior; quando estudei francês, inglês, italiano aos quinze anos de idade, eu sabia que estava fazendo um esforço que valeria por quarenta ou cinquenta anos. Mas por quantos muitos, ou melhor, por quantos poucos anos valeria meu estudo de português?”²⁷⁰

²⁶⁹ DAVIS, Darién J. e MARSHALL, Oliver., op. cit., p. 207.

²⁷⁰ DAVIS, Darién J. e MARSHALL, Oliver., op. cit., p. 233

Pouco tempo depois enviaria aos cunhados a derradeira carta. “Nós gostamos deste país enormemente, mas aqui sempre tivemos uma vida provisória longe do nosso lar, de nossos amigos e para mim que já estou com sessenta anos a ideia de esperar alguns anos pelo fim desses tempos terríveis se tornou insuportável”²⁷¹, Zweig escrevia às vésperas no suicídio. Não se tratava de um ato intempestivo, mas uma escolha diante da condição insustentável.

5.2.

Como flores no vaso

No próprio cenário brasileiro do anos 1940, outro intelectual europeu deixou em seus escritos a expressão do desterro de forma lúcida, crítica, intensa.

Filósofo judeu Vilém Flusser abandonou sua Praga natal aos 19 anos, em 1939, fugindo da perseguição nazista, tentando ter um fim diferente de toda a sua família (pai, mãe e irmã), assassinada em um campo de concentração nesse início da Segunda Guerra. Foge com a namorada Edith Barth, chegando ao Rio de Janeiro em 1940, depois de uma escala na Inglaterra. No Brasil, não tem grandes dificuldades para se adaptar, a não ser, é claro, o aprendizado do português, idioma do qual não conhecia sequer uma palavra.

“Com Vilém Flusser tudo corre bem – refugiou-se no Brasil, integrou-se, aprofundou-se na compreensão do país, sendo reconhecido e louvado pelos brasileiros, uma das raras histórias de amor correspondido. (...) Casou com uma refugiada, fixou-se em São Paulo, onde nasceram e cresceram os três filhos. Retornou à Europa três décadas depois para fazer da França o centro de uma atividade fecunda ao longo dos vinte anos seguintes. Morreu em um acidente de carro.”²⁷²

Assim Alberto Dines resume a experiência de Flusser no país, em contraposição à realidade vivida por seu biografado. De fato, Flusser adere rapidamente ao cenário intelectual brasileiro. Primeiramente passando a escrever com regularidade n’*O Estado de S. Paulo*, depois sendo convidado para dar aulas de filosofia na Universidade de São Paulo (USP), mesmo sem ter o curso superior completo. Continuou colaborando para a imprensa local, lançando mão de um repertório de

²⁷¹ Idem, p. 243.

²⁷² DINES, A., op. cit., p. 393

assuntos variados: comunicação, linguagem, arquitetura, literatura e política. Com a instalação da ditadura militar, entra na mira da censura. Nova partida. Muda-se para a França.

Mas para compreender essa experiência de exílio, em parte simultânea a de Rónai, o melhor é recorrer ao próprio Flusser, que produziu em seu livro *Bodenlos – uma autobiografia filosófica*, um dos mais eloquentes e expressivos depoimentos sobre a experiência da expatriação, assumida por ele como, ela própria, objeto filosófico. Para batizar a obra, o filósofo escolheu um título derivado da palavra alemã que significa sem chão.

Apesar de ter construído uma vida atuante no Brasil, Flusser não se absteve do inevitável sentimento de não pertencimento, de inadequação e isolamento. Dos primeiros anos passados em São Paulo, o tcheco guardava viva a sensação incômoda de um distanciamento ameaçador.

“... tal distanciamento criava, de imediato, o seguinte: na medida em que a gente se comportava como os demais imigrantes (e como a burguesia brasileira) a gente se desprezava a si própria, e na medida em que a gente se comportava de forma diferente, a gente se afastava tanto dos imigrantes quanto da burguesia brasileira. E isso reforçava o jogo do pensamento de matar-se. Este o clima existencial dos primeiros anos em São Paulo: os fornos nazistas no horizonte, o suicídio pela frente, os negócios de dia, e a filosofia de noite.”²⁷³

Por que não se matou? Flusser lançou ele mesmo a pergunta, vasculhando respostas em possibilidades opostas. Não se matou por covardia, por medo das dores da morte – era uma primeira opção. A segunda, por extrema coragem, “porque acreditava obscuramente que tinha uma tarefa a cumprir, embora ignorasse qual tarefa.”²⁷⁴ Mas a chave para essa resposta parece estar numa atitude ligada, certamente, ao segundo movimento de assumir para si uma tarefa tendo como meio o engajamento, a participação ativa na nova realidade. Não apenas assimilação da cultura, mas interação com ela, integração.²⁷⁵

²⁷³ FLUSSER, Vilém. *Bodenlos – Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 41.

²⁷⁴ Idem, p. 48.

²⁷⁵ Paulo Rónai guardou em uma de suas pastas a declaração de Stefan Zweig. Em entrevista com Nora Rónai, viúva de Paulo, ela narra que o momento do suicídio do escritor foi de enorme desespero e que Paulo teria procurado Drummond dizendo estar com medo de ter o mesmo fim.

Sobre as vivências possíveis no contexto do encontro com uma nova cultura, Flusser desenha um movimento de diferentes tipos. Partindo do princípio de que há inicialmente a cultura demarcada pelo território de nascimento, a cultura como dado, *tout court*, a descoberta de outras culturas, que não esta fundante, provoca um movimento de percepção externa da cultura à qual se pertence. E essa descoberta, experiência de relativamente poucos, como ele sublinha, é o caminho que possibilita transcender sua cultura de origem. Ora, a verdadeira descoberta de uma outra cultura não significa ter informações sobre ela, mas sim, imbuído de um certo despojamento, aceitá-la verdadeiramente como alternativa à cultura de origem. Desse modo, o que se apresenta é a possibilidade de uma conseqüente transcendência da cultura original. A partir desse movimento, o que se tem é a instalação do que Flusser denomina falta de fundamento – “Uma vez transcendida a própria cultura (isto é, na situação de falta de fundamento), a gente passa a pairar por cima de um conjunto complexo de várias culturas, e a gente se vê a si própria assim pairando.”²⁷⁶ – o que impele a um processo de auto-alienação, “constante abandono do próprio ‘eu’”.²⁷⁷

Uma terceira via caminha na direção da substituição da cultura de origem pela nova, de adoção. No interior do imigrante se encontram duas em choque. A assimilação e troca entre elas se apresenta como caminho de conciliação e sobrevivência. Assim, desenha-se uma operação em que, gradativamente, o imigrante vai sintetizando dentro de si as duas culturas entre as quais se encontra e nesse ritmo cadenciado uma realidade, a da cultura que absorve e é absorvida, vai ampliando seu espaço. Dessa maneira, “a ‘nova cultura’ é vivenciada como paulatina penetração de uma realidade.”²⁷⁸

Mas Flusser apresenta esses itinerários para negá-los como experiência própria, revelando o seu caminho alternativo encarnado como vivência distinta.

“Nos primeiros dez anos de vida brasileira, a cultura do país era para a gente uma entre muitas, que a gente observava a partir da distância proporcionada pela falta de fundamento. E, subitamente, a gente tomou a decisão (*Entschluss*) de engajar-se nela, de forma que a vivência que a gente dela tinha não se enquadra em nenhum dos tipos de vivência que acabam de ser esboçados. De passagem seja dito que isso explica, em

²⁷⁶ FLUSSER, Vilém, op. cit., p. 68

²⁷⁷ Idem, p. 69

²⁷⁸ Ibid, p. 70

parte, o fato curioso de que doravante a gente se sentia muito mais ligada a ‘brasileiros natos’ que aos imigrantes”.²⁷⁹ Viver boiando, como flores no vaso. Para Flusser, quem não tem fundamento tem, ao mesmo tempo, a possibilidade de flutuar por cima dos tempos.²⁸⁰ Com isso, evoca a mesma liberdade entoada por Victor Hugo no exílio:

“... me encontro livre para escolher minhas ligações. E essas ligações não são menos carregadas emocional e sentimentalmente do que aquele encadeamento [da pátria], elas são tão fortes quanto ele; são apenas mais livres. Creio que isso mostra o que significa ser livre. Não é cortar a ligação com os outros, mas sim tecer essas ligações em trabalho conjunto, em cooperação com eles. Não é negando a pátria perdida que o migrante se torna livre, mas sim quando ele a sustém (*aufhebt*). Sou praguense, paulistano, robionense e judeu, e pertença ao círculo de cultura chamado alemão, e eu não nego isso, mas sim o acentuo para poder negá-lo”.²⁸¹

Húngaro, carioca e judeu, pertencente ao círculo de cultura latina, e conhecedor de tantas outras culturas e línguas. Um homem de absorções e conciliações. No Brasil, via-se desde sua chegada – na verdade desde antes – profundamente inclinado a aderir à cultura brasileira. Lembrando o carimbo cravado em seu passaporte húngaro (“sem validade para retorno”), Rónai não nutria o desejo de volta e fazia de cada dia no novo país uma possibilidade de adesão, construção, engajamento.

²⁷⁹ Ibid, p. 70

²⁸⁰ Ibid, p. 39

²⁸¹ Ibid, p. 226

6

**“Trabalho para merecer o meu destino.”
Brasil, 1942 – 1945**

“Criar é matar a morte”
Romain Rolland

“O trabalho persistente vence tudo”
Labor Omnia vincit improbus
Virgílio, *Geórgicas*, I.

“*Mon unique amour*, desde 30 de março nós somos casados. Você deverá saber logo pelo telegrama que enviei hoje a Jorge e Catarina, assim escrito: *Casamento concluído, tramitações para o visto continuam*. Eu sei que você tem vivido por muito tempo uma grande inquietude e que não me foi possível responder os telegramas de 30 de dezembro e 28 de fevereiro. Mas eu espero que essa novidade coloque fim a todas as suas incertezas e lhe dê a alegria e a serena confiança que me deu a mim mesmo. (...) Noite e dia continuo trabalhando para conseguir seu visto. Desde o começo do ano nenhum visto foi concedido. Mas eu tento o impossível. Sempre certo de um futuro feliz, eu construo projetos sobre projetos, sonhos sobre sonhos. Enquanto preparo aqui nossa vida futura”²⁸²

Numa carta amorosa, nos primeiros dias de abril de 1942, Paulo anunciava a Magda a conclusão do longo processo do casamento dos dois, resultado de um excepcional esforço que fizera, articulado com diversas esferas do governo através do empenho de diferentes amigos. O casamento estava concluído por procuração em 30 de março, mesmo momento em que Hungria e Brasil rompiam relações diplomáticas. Assim, a chance de conseguirem o visto para Magda, objetivo final de todo processo, tornava-se possibilidade ainda mais remota. Mas Paulo tinha como objetivo, em pleno senso de responsabilidade, trazer ao Brasil Magda Péter Rónai, agora sua esposa.

Naquele momento, Paulo ainda morava no número 19 da Rua Marques de Abrantes, Flamengo, a poucas quadras da praia do Flamengo. Seu quarto tinha uma agradável varanda coberta, onde instalou seu escritório de trabalho, a um metro das fartas copas

²⁸² Carta a Magda, 2 de abril de 1942. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

das árvores da rua. Comia sempre que podia na própria pensão para economizar. Continuava lecionando no Liceu Francês e no Metropolitano, atravessando muitas manhãs de bonde até o Méier, quase sempre superlotado, o obrigando a viajar em pé, no estribo. Naquele ano, passou a cultivar o hábito de acordar pouco depois da 6h e iniciar o dia com um banho de mar, o que lhe fazia bem.

As amizades se solidificavam e eram comuns encontros em grupo que reunia convivas mais afinados entre si. Na Leitaria Ouvidor, no Centro, se reunia como Tasso da Silveira, Barreto Filho, Andrade Muricy, Francisco Karam. No bistrô da Primeiro de Março ou no português Rio Minho, na rua do Ouvidor, almoçava com Aurélio, José Lins, Astrogildo, Álvaro Moreira, Joel Silveira. Conversavam sobre a vida literária, os artigos dos jornais, os colegas. Sempre que podia, em contextos mais particulares, com um ou outro amigo, Paulo desabafava sua angústia por não conseguir o visto de Magda.

Pouco antes do primeiro aniversário de sua chegada ao Brasil, o que anota com merecido destaque em seu diário, Paulo conhece o Carnaval carioca. De ônibus, atravessa primeiro o Largo da Lapa e se encaminha em seguida para a Praça XI, onde assiste desfiles das escolas de samba, antes de uma grande operação de demolições na região feitas para a construção da avenida Presidente Vargas que a partir do ano seguinte ligaria a Praça da Bandeira à Igreja da Candelária. Aquele dia, encantado com o ritmo e as cores da festa popular não volta às traduções e fica na rua até mais tarde. Uma pequena folga para a febre cotidiana.

Nos dias que seguem, Paulo retoma o trabalho da tradução d'*O romance das vitaminas* e busca novos títulos para oferecer aos editores que conhece. Nem sempre tem êxito. No fim de fevereiro, José Olympio recusa *Neron, le poète sanglant*, livro de Dezső Kosztolányi. Logo depois oferece a tradução a Companhia Editora Nacional, que também não se anima com a proposta. Para dar conta de suas despesas, amplia sua função de tradutor e começa a trabalhar em uma série de publicações técnicas sobre fotografia para a Fotoptica, loja de material fotográfico fundada em São Paulo nos anos 1920 por Desidério Farkas, húngaro como ele, pai do fotógrafo Thomas Farkas, que assumiria a direção da empresa algum tempo depois. O trabalho continua sendo seu antídoto contra o medo e a impotência. As notícias ruins sobre a

guerra sucedem. Paulo recorta algumas e vai guardando em pequenos envelopes. “Não deverá restar um só judeu na Hungria”, diz uma das manchetes guardadas.²⁸³

Desde fevereiro, com o suicídio de Zweig, Drummond tornara-se amigo ainda mais próximo. Acolhedor, sereno, presente. Era sempre a Drummond que Paulo recorria nos momentos de maior desespero. Falam ao telefone, se encontram em diferentes horários. O poeta sempre pronto a encorajar o amigo. No fim de março, Paulo se vê em mais uma profunda crise existencial, sem encontrar saída para a situação de Magda e de sua família. Drummond vai ao seu encontro; leva com ele o poema “Depois que Barcelona cair”, feito para uma edição manual e clandestina.²⁸⁴ Lê em voz alta para o amigo.²⁸⁵

Drummond também promete escrever a Capanema e Ernani Reis. E o faz. De seu esforço resulta uma carta oficial enviada em nome do Ministério da Educação a Vasco Leitão da Cunha. Datada de 10 de abril de 1942, o documento narrava a trajetória de Rónai, explicando que sua situação de estrangeiro estava regularizada e solicitava, mais uma vez, o visto brasileiro para Magda, anteriormente negado.

“(…) e dado o natural interesse que ao Ministério da Educação suscitam as atividades intelectuais do prof. Rónai, que me permito solicitar para o assunto a esclarecida atenção desse Ministério, pedindo a V. Exc. que se digne de autorizar a revisão do processo, que, talvez, possa receber do Sr. Presidente da República uma decisão final em harmonia com a pretensão do distinto escritor, tão vinculado já ao Brasil.”

E frisa:

“Cabe-me esclarecer a V. Exc. que o prof. Rónai não veio ao Brasil como emigrado político, mas a convite da Divisão de Cooperação intelectual do Ministério das Relações Exteriores; que se casou nesta capital, por procuração, sob regime da lei brasileira, que sua esposa se acha em aflitiva situação, na Hungria, privada de

²⁸³ Os recortes não têm data, muitos são de anos posteriores, mas estão no mesmo envelope que guarda documentos dos primeiros anos no Brasil e revelam a agonia que sentia diante da situação dos judeus na Hungria.

²⁸⁴ Na mesma época, no contexto do Estado Novo, Drummond fazia poemas políticos como este e os difundia por meio de cópias aos amigos e edições mimeografadas. Assim aconteceu com, além de “Depois que Barcelona cair” (também referido como “Quando Barcelona cair”); “Carta a Stalingrado”; “Telegrama de Moscou”; “Com o russo em Berlim” e “Mas viveremos”, que seriam mais tarde incluídos no livro *A rosa do povo*, com exceção deste lido para Rónai. CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 22

²⁸⁵ Drummond “tinha escrito, às vésperas da queda de Barcelona nas mãos dos franquistas, um longo, reiterado e apaixonado poema para ser distribuído clandestinamente, no qual são enumeradas numerosas cidades no mundo inteiro que restariam como cidadelas ainda a serem vencidas “quando Barcelona cair”. CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006 p. 160.

qualquer comunicação com o marido; e que é intenção do prof. Rónai permanecer em nosso país, mesmo depois de se normalizar a situação internacional, para aqui prosseguir seus estudos e trabalhos relacionados com o Brasil.”²⁸⁶

Em Budapeste, estudando letras, tentando melhorar seu francês com a leitura das tragédias de Corneille, e tendo lições sobre Aristóteles, Magda, aos 20 anos, tinha poucas notícias de Paulo. Com a guerra se alastrando e forçando rompimentos diplomáticos, o sistema de correios encontrava toda sorte de limitações e censuras. Cartas mais demoradas entre Paulo e Magda seguiam o caminho primeiro de Portugal, através do editor Lobo Vilela e da diplomacia portuguesa, e de lá partiam para o Brasil ou para a Legação de Portugal em Budapeste, para alcançar Magda. Para comunicações mais curtas o casal utilizava os serviços da Cruz Vermelha, mesmo assim de funcionamento esporádico e para mensagens curtas e “unicamente assuntos familiares”, em português ou francês, como indicava. Em abril, Paulo envia a notícia do casamento também através da Cruz Vermelha e reforça sua luta pelo visto. No mesmo pequeno papel, Magda faz caber nas 15 palavras um resumo das notícias e de seu estado de espírito. “Estou cheia de esperanças”, ela diz, “Eu te espero pacientemente. Trabalho e estudo bastante”, assinando seu nome à francesa: *Madeleine*.

²⁸⁶ Carta a Vasco Leitão da Cunha, encarregado do expediente do Ministério da Justiça, datada de 10 de abril de 1942. (Cópia). Acervo Paulo Rónai. Sem assinatura.

3408
av. 06

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA
12, PRAÇA CRUZ VERMELHA
RIO DE JANEIRO (Brasil)

REMETENTE (Expéditeur)

Nome (Prénoms) Paulo (Magda)

Sobrenome (Noms de famille) Bonai

Endereço (Adresse) Rua Marques de Abrantes 19

Localidade (Localité) Bel. 25-540-1

Estado (Province) Rio

Deseja notícias do destinatário (Désire-tu nouvelles du destinataire) Já conclui o casamento. Mas, minha esposa não conseguiu ir. Ela tem que ir em novembro, ela não. Je t'en rassure.

DESTINATARIO (Destinataire)

Nome (Prénoms) Peter Magda

Sobrenome (Noms de famille) Bonai Valri

Endereço (Adresse) M. Demjanich n. 12

Localidade (Localité) Bujaprat

Provincia (Province) Hungria

Rio 9 de 4 de 1942

Resposta no verso (Répondre au verso)

77 MAI 1942

EMSEI 109/150

ESCREVER COM LETRA CLARA (Ecrire lisiblement)

Não passar de quinze palavras - Uniquement assuntos familiares
(Pas plus de quinze mots - Uniquement nouvelles de famille)

RESPOSTA (Réponse)

Je t'ai écrit plusieurs fois. Bonnes nouvelles de janvier de mon frère. Suis pleine d'espoir. Je t'attends avec patience. Travaille et étudie beaucoup. Embrassements de Madeline.

O dia do 35º aniversário de Paulo transcorre sem celebrações. “*Rien m’arrive*”, ele anota, na expectativa de receber uma carta dos pais, irmãos ou de Magda. É mais um dia de trabalho e um almoço com amigo Aurélio lhe dá algum conforto familiar e afetivo.

O cotidiano já instalado se anima apenas em 3 de junho, quando comemora a notícia dada por Drummond: o presidente Getúlio Vargas concedeu o visto brasileiro à Magda! À noite vai jantar na casa de Moreira da Silva e sabe que, apesar da garantia do ato presidencial, o despacho não havia sido feito. Mesmo assim, Paulo prepara uma série de cartas de agradecimento. Para Vargas, Capanema e Ernani Freire, a quem diz: “Fico profundamente sensibilizado em aprender que V. Exa, que com tanto zelo e competência cuida da aplicação das leis que regulamentam a imigração, quis examinar um caso não previsto nas normas jurídicas, com o maior espírito de compreensão.”²⁸⁷ Para Capanema, guarda as mais devotas palavras, comovido com a iniciativa do ministro que encontrara tempo “para interessar-se pelo caso dum professor estrangeiro a quem nunca viu, cuja obra, mesmo porque escrita, em maior parte, em língua inacessível, não podia conhecer, e a respeito de quem apenas sabia

²⁸⁷ Em seu diário Paulo registra o envio das cartas em 7 de junho de 1942. Os rascunhos corrigidos a mão ficaram guardados na pasta Magdi (diminutivo de Magda).

que ama a arte, a sensibilidade, a essência espiritual de seu país. Num momento em que a Europa está sendo transformada num braseiro de ódios e destruição, e em que, para encontrar sentimentos de fraternidade e compreensão, é preciso buscar refúgio nas poucas bibliotecas que ainda não foram incendiadas, um testemunho de generosidade como o que V. Exa. acaba de dar, reacende em mim uma fé quase apagada.”²⁸⁸

Sem dúvida, a amizade de Drummond e seu empenho pessoal para ajudar Rónai seriam fator decisivo para esse verdadeiro milagre. Paulo também tinha créditos próprios que justificavam que Capanema se sentisse à vontade para efetivar o pleito. Afinal, uma relação já antiga ligava Paulo ao Brasil e também aos seus homens da política. A corrida era agora para fazer com que o visto chegasse até Budapeste. Paulo estava bem encaminhado com a diplomacia portuguesa, que faria a conexão.

No Rio, Paulo ampliava seu círculo de relações. Na casa de Aurélio conheceu outro emigrado, literato como ele, também poliglota: o crítico e ensaísta austríaco Otto Maria Carpeaux, no Brasil desde 1939 e já transitando bem na imprensa e meio intelectual em geral, escrevendo regularmente no *Correio da Manhã*. Com alguma vantagem de tempo em relação a Paulo, Carpeaux se sente bem adaptado na cidade, que reconhece como fortemente europeizada. “As pessoas falavam em português, mas era a mesma língua dos alemães, franceses, ingleses. Digamos, era a mesma linguagem”,²⁸⁹ refletiria anos à frente. A partir daquele momento, Carpeaux e Rónai passariam a se encontrar com frequência, não somente na casa de Aurélio, amigo próximo de ambos, mas também em suas próprias casas, na livraria José Olympio, e em restaurantes do Centro carioca.

Era no centro da cidade que Paulo encontrava muitas vezes, no consultório médico de Jorge de Lima, Emeric Marcier e Cecília Meireles. O lugar era um verdadeiro oásis para quem buscava uma palavra amiga, um sorriso aberto no rosto, um bom conselho. Naquele ano, além das companhias mais frequentes, Paulo em curto espaço de tempo conheceu os dois pilares do modernismo nacional: em 28 de abril, Oswald de Andrade. No dia 1º de maio, Mário de Andrade, com quem vai ao Brahma, bar no

²⁸⁸ Cópias das três cartas estão juntas na pasta Magdi, no acervo de Paulo Rónai.

²⁸⁹ Entrevista concedida a Sebastião Uchoa Leite e Luiz Costa Lima publicada no revista *José* (RJ), nº 1, junho de 1976.

Centro carioca, para uma noite de conversa ao lado de Murilo Miranda e Guilherme Figueiredo. Ficam na rua até 11h30. Os encontros entre homens de letras resultavam obrigatoriamente numa gentil troca de obras literárias. De Oswald Paulo receberia exemplar de *Os condenados* (com a dedicatória: “Para Paulo Rónai com a simpatia intelectual de Oswald de Andrade. 1942”); Mário de Andrade enviaria em sua volta a São Paulo seu *Amar, verbo intransitivo* (“Paulo Rónai, oferece Mário de Andrade. São Paulo, 1942”). Paulo mantinha leitura intensa, sem deixar Flaubert e Anatole France de lado, mas privilegiando os autores brasileiros. *Malasarte*, de Jorge de Lima, *São Bernardo*, de Graciliano, *O quinze*, de Raquel de Queiroz; *Mar morto*, de Jorge Amado, *A estrela sobe*, de Marques Rebelo, *Vaga música*, de Cecília Meireles, sobre o qual escreve um artigo, sem garantia de publicação.

O primeiro livro que leva sua assinatura de tradutor no Brasil chega às livrarias em outubro. “Embora o assunto: *O romance das vitaminas*, não me interesse muito, era ótimo exercício para melhor aprender o português. O principal interesse talvez consista em ter sido a primeira obra traduzida diretamente do húngaro para o português”,²⁹⁰ explicou o próprio Paulo, no dia 24 daquele mês, em carta a Otávio Fialho. O objetivo era mostrar ao ministro o quanto àquela altura sentia-se integrado no Brasil. A primeira tradução era apenas parte de seu relatório pessoal, que incluía ainda as notícias sobre seus empregos de professor e outros livros que estava preparando no momento, como as cartas húngaras do jesuíta David Fáy, missionário no Maranhão durante o século XVIII,²⁹¹ e a tradução para o francês de *As memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, cuja pesquisa fazia nos velhos bairros e morros cariocas em companhia do amigo Astrogildo Pereira.

Fialho havia se transferido para Portugal. Por conta dos bombardeios em Budapeste, deixou a capital húngara ao lado de outros diplomatas brasileiros e estava a salvo em Lisboa, como anunciou o *Correio da Manhã* em 8 de outubro. A saída dos diplomatas de Budapeste atrapalhava os planos para Magda, afinal o visto brasileiro ainda não havia lhe chegado às mãos, mesmo já tendo sido enviado pelas autoridades

²⁹⁰ Carta a Otávio Fialho, 24 de outubro de 1942. Acervo Paulo Rónai.

²⁹¹ O trabalho seria publicado nos Anais da Biblioteca Nacional daquele ano, e sairia pela Cia Editora Nacional. *As cartas do P. David Fáy e sua biografia*. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1942, v. 64, p. 191-273. _____. Ministério da Educação e Saúde, Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. Tradução do húngaro e do latim.

responsáveis. No dia 20 de outubro um telegrama de Fialho dizia: *Estou informado. Visto chegou destinatário. Abraço.* O visto brasileiro de Magda estava em poder da Legação de Portugal em Budapeste. Mas a demora, num contexto de profundas mudanças e instabilidade diária, poderia ser fatal. Ciente das ameaças que envolviam sua mulher, e toda a comunidade judaica húngara, Paulo pede mais uma vez ajuda Fialho: “... é meu dever fazer até o impossível para tentar o salvamento de minha querida”. No momento, Paulo achava difícil que dessem a Magda a permissão de trânsito tendo como destino final o Brasil, que não era mais país neutro. Estando em Lisboa, Fialho poderia articular com diplomatas portugueses indicados pelo próprio Paulo a fazer com que a Legação de Portugal visasse o passaporte de Magda tendo Lisboa como destino, sem mencionar o Brasil.

“Nunca me atrevera a incomodar V. Exa. com tão ousado pedido, se não conhecesse o seu espírito generoso, a sua grande sensibilidade humana. Também a hora que estamos vivendo é trágica, e o fato de se tratar de uma preciosa vida humana autoriza atrevimentos, inadmissíveis em outras épocas. V. Exa. viu o meu trabalho desde a Europa, viu o empenho com que sempre procurei mostrar-me digno de sua benevolência; e conhece minha esposa, o que basta para compreender as saudades que dela tenho e a agonia em que estou vivendo. Podendo dar-me a menor esperança, V. Exa. aumentaria ainda a minha já imensa dívida de gratidão.”²⁹²

Paulo parece buscar fazer da sua vida no Brasil um gesto de permanente retribuição e merecimento. Enquanto continua a viver sua agonia, compartilha a alegria alheia. Anota em seu diário em 22 de novembro de 1942: *Carpeaux naturalizado brasileiro.* No fim da manhã, encontrara o amigo em seu apartamento no Leme, almoça em sua companhia e de sua mulher, Helena. Leva flores para celebrar a data memorável. Otto Maria Carpeaux era agora um brasileiro. Depois do encontro, seguem para o quarto de Paulo no Flamengo, conversam, sobretudo em português, um pouco em alemão, sobre a situação na Europa, a distância de casa, o medo. Paulo não esconde sua falta de otimismo. Carpeaux também não acredita num fim próximo para a guerra. Estão irmanados no exílio. Antes de se deitar, Paulo está novamente nas páginas de seu diário, onde escreve um resumo do dia: “*Journée du bonheur des autres*”.

No Natal está com os amigos mais queridos: Cecília, Árpád e Maria Vieira da Silva, Drummond, Aurélio e Hubert Bernheim. No Réveillon, janta na casa de Carpeaux,

²⁹² Carta a Otávio Fialho, 24 de outubro de 1942.

com que discute literatura húngara. Aurélio se junta aos dois. Paulo não perde o gentil hábito de enviar flores, em grata retribuição, aos amigos, Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Carpeaux, Bernheim. Envia também à diretora do Liceu Franco-brasileiro.²⁹³

Paulo entra em seu terceiro ano no Brasil, mas sua cabeça ainda está na Europa. As primeiras anotações descrevem a contraofensiva russa, o avanço do exército vermelho na Europa e também fora dela. A morte do colaboracionista François Darlan parece facilitar a união dos franceses, ele comenta. Na Hungria, há inúmeras manifestações pela paz. A notícia mais dura vem escrita no verso da capa de seu diário, que não é mais uma agenda, mas pequenos cadernos comprados na Casa Bruno, no Largo da Lapa, que vai datando dia a dia.

Papai morreu em 16 de janeiro. Eu só saberia no dia 20 de abril

Francisco desapareceu em 10 de janeiro. Eu só saberia em 19 de julho.

A mesma anotação acompanharia cada um dos seis cadernos do ano. Paulo não queria esquecer o destino trágico da família. Seu pai morreria depois de uma hemorragia no estômago, tentando chegar ao hospital mas impedido devido às batalhas que se travavam pela cidade e as barricadas que bloqueavam os caminhos. Francisco desapareceria em um campo na Sibéria, segundo notícias que teriam. Mas as anotações sobre as mortes só seriam feitas em meados do ano, quando Paulo receberia, com muito atraso, as más notícias por carta dos irmãos Jorge e Catarina. Até lá, Paulo segue mergulhado no trabalho, fazendo contas.

Paulo aceita um novo emprego para ensinar latim no colégio Paiva e Souza, três turmas, quatro aulas para cada uma, com salário menor que o que recebia no Metropolitano. Depois de aceitar a oferta, ainda em janeiro,²⁹⁴ se arrepende por alguns dias e faz uma promessa pessoal: “prometo ajeitar a minha vida”. A vida não se ajeita exatamente, mas segue, entre a leitura de *A cinza do purgatório*, de Carpeaux, carinhosamente dedicado “A Paulo Rónai com todas as simpatias e amizade”; os contos de Machado de Assis (“Adão e Eva”, “A cartomante”, “Entre Santos”, “Conto de Escola”), uma noite no Cassino da Urca, onde Paulo perde alguns réis, o encontro com um caixeiro viajante judeu para comprar bom linho para um terno novo, jogos de

²⁹³ Paulo trabalhará no Liceu por nove anos.

²⁹⁴ Paulo trabalhará apenas um ano no colégio, de março de 1943 a março de 1944.

xadrez com Marques Rebelo, que se tornaria seu fiel parceiro no jogo. Paulo comemora mais um aniversário.

Uma semana depois de completar 36 anos com um jantar na casa de Ribeiro Couto, ao lado do poeta Dante Milano e do jornalista e historiador Hélio Viana, Paulo escreve pela primeira vez em português em seu diário: “Invasão alemã na Hungria”. No dia seguinte, um bilhete sucinto de Jorge e Catarina, escrito em francês, dava conta da morte de Miksa Rónai, ocorrida em janeiro. No mesmo momento os irmãos escreveram também uma carta, mas que havia sido interceptada por estar escrita em húngaro, linguagem não autorizada nos tempos de guerra. Paulo foi então chamado pelo departamento de censura do governo, com dia e hora marcados. O episódio se verteria num dramático e irônico episódio. Desde que chegara ao Brasil, atarantado com a necessidade de entregar um sem-número de traduções juramentadas de seus documentos, então exigidas pelo Registro de Estrangeiros, conheceu em um sobrado na avenida Marechal Floriano, em frente ao Itamaraty, um intérprete francês, poliglota, que trabalhava em diversas línguas, mas não tinha conhecimento do húngaro. Entendendo as dificuldades de Paulo, lhe ofereceu que assumisse as traduções que chegassem em sua língua. Paulo, precisando de dinheiro, aceitou de imediato. Sempre que surgiam documentos dessa natureza, Paulo era convocado.

Eis que em junho de 1943 Paulo é chamado para um novo serviço de tradução oficial. Tratava-se de uma carta húngara que o estabelecimento recebera do governo para tradução urgente. Dada a urgência, precisou traduzir o documento, ali mesmo, na máquina de escrever do colega francês. Ao começar o trabalho, a surpresa: a carta era de seu irmão Jorge, que narrava em pormenores a doença e a morte do pai. Como falavam mal o francês, Jorge e Catarina escreveram no bilhete apenas a notícia de forma breve. Na carta explicavam todo o ocorrido. Paulo sentou-se à mesa e pôs-se a traduzir a narrativa da morte do velho Miksa, sem evitar as lágrimas. Fazia a tradução mais difícil de sua vida. Percebendo seu abatimento, o francês lhe convidou para um chope. A convocação do governo estava marcada para o dia seguinte e Paulo prometeu que não revelaria ter tido conhecimento da carta anteriormente, para não comprometer o parceiro. Diante do censor, Paulo era obrigado a ler em voz alta o conteúdo do documento, enquanto conferiam o teor pela sua própria tradução.

“Comecei a traduzir a carta aos arrancos, parando de vez em quando: fingia procurar uma palavra aqui, outra ali, tentando não reproduzir exatamente os termos da minha própria tradução; e, como quem só naquele momento tomasse conhecimento daquela notícia acabrunhadora, forcei-me a dar sinais exteriores da dor que me dominava. Tudo aquilo que parecia necessário para não entregar o meu colega. Afinal, o penoso exercício acabou e eu recebi, com os pêsames do censor, a carta dos meus irmãos, que naquele momento já sabia de cor e cujo teor nunca mais havia de esquecer.”²⁹⁵

Abatido, o filho primogênito recebe em casa o afago dos amigos, entre eles, os húngaros exilados Paulo Munk, médico, e Marton Lukács,²⁹⁶ joalheiro, além de Drummond. Aurélio e Carpeaux buscam acolher a dor do amigo no dia seguinte. A perda é profundamente sentida por Paulo, tomado pela desesperadora consciência de impotência diante de tantos desastres, dos ocorridos e dos que ainda estavam por vir. Longe da mãe e dos irmãos, a distância parecia amplificar a dor. “Papai era meu melhor amigo, não o sabia doente, e, sozinho em minha nova pátria, sua falta doeu-me duplamente. Durante meses, talvez anos, acordaria de manhã com a ideia de sua morte,”²⁹⁷ lembraria anos adiante.

Aurélio é amigo fiel e atento e passa a encontrar Paulo quase todos os dias. A paixão comum faz com que passem horas lendo juntos contos de todo o mundo, em diferentes línguas. Descobrem autores, se deliciam com as histórias, aprendem e ensinam um com o outro. Em 30 de abril há um acontecimento relevante. É nesse dia, depois de dar seis aulas no Franco-Brasileiro, de passar na Editora Atlântica, na José Olympio e na *Revista do Brasil*, que Paulo resolve com Aurélio traduzir contos para uma antologia universal. Um projeto audacioso, que se tornaria um marco no mercado editorial brasileiro e também na vida literária do país. “*Avec Aurélio, résolu traduire contes pour une anthologie universelle.*”²⁹⁸ A partir desse dia, trabalharia diariamente na tradução de contos. Começaria, inclusive, por essa razão, a estudar russo, e a afrouxar sua economia para comprar muitos livros, animado com o projeto. As primeiras traduções são de Bocaccio e, junto com Aurélio, trabalha em contos de Katherine Mansfield. Daí em diante seria um universo inteiro de pequenas pérolas a descobrir, traduzir, reunir, revisar.

²⁹⁵ Discurso na associação Brasileira de Tradutores (Abrates), em 27 de abril de 1987, em ocasião de cerimônia em sua homenagem, pelo Prêmio internacional de Tradução C. B. Nathhorst. Apud “A tradução mais difícil” In: RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*, op. cit., p. 172.

²⁹⁶ Munk e Lukács haviam sido testemunhas do casamento de Paulo e Magda.

²⁹⁷ RÓNAI, Paulo. “A tradução mais difícil” In: *Escola de tradutores*, op. cit., p. 170.

²⁹⁸ Diário, 30 de abril de 1943.

O garimpo para a antologia distraía Paulo das turbulências cotidianas. Tem alguns desentendimentos no liceu com a diretora da instituição e é provocado pelos alunos. “Professor Rónai é burro”, encontrara escrito numa manhã no quadro negro da sala. O professor sabe pelo menos um dos autores: Geraldo Hertz. Terá consequências, ele pensa, enquanto se encaminha ao Centro da cidade para encontrar Drummond. Faz três pedidos ao amigo: ajuda para obter o visto de Magda, para publicar o trabalho sobre David Fáy, e para oferecer a Abgar Renault, que dirigia o Departamento Nacional de Educação, seus serviços na produção de livros didáticos. Antes que possa ter uma resposta sobre essa sua última solicitação, Carpeaux apresenta Rónai a Arquimedes de Melo Neto, da editora Casa do Estudante do Brasil. Com a experiência de ensino nos colégios, tanto brasileiros quanto húngaros, Rónai está com um livro pronto na cabeça sobre ensino de latim que gostaria de publicar em português. O editor se entusiasma com a ideia e aprova o projeto. Logo mandaria um contrato para o lançamento de *Gradus primus – Curso básico de latim I*. Mais experiente que o amigo húngaro, Carpeaux alerta para necessidade de rever seu contrato para o livro, que sairia nos primeiros meses do ano seguinte. Paulo o faz, tudo se acerta, mas um projeto de livro concorre na movimentada escrivania do tradutor e professor, que traduzia, naquele momento, Fáy, Manuel Antônio de Almeida, além de inúmeros contos.

No ambiente interno, “vai muito mal, desencorajado”, escreve no começo de junho, após receber um carta de Magda. A situação na Hungria é alarmante. Tem pesadelos à noite com o irmão caçula, Francisco. Sonha que ele está morto. A preocupação e pressentimentos eram justificados. Havia tempos não se tinha nenhuma notícia do caçula, que também havia passado por campo de trabalho, informavam Catarina e Jorge. Em nova carta, contam também sobre o desaparecimento de amigos. Estão igualmente aterrados.

Paulo tenta lhes dar boas notícias. O contrato firmado com uma importante editora brasileira, a José Olympio, é a melhor delas. Paulo estava contratado para fazer uma antologia de contos universais e pelo trabalho recebera naquele mês de agosto 500 cruzeiros. Àquela altura está num quarto na rua Riachuelo, onde ficaria apenas um mês. Partiria após desentendimentos com a proprietária do apartamento,

d. Ester, se mudando em 12 de setembro para o Hotel Vistamar, na rua Candido Mendes, na Glória, seu nono endereço no Brasil em menos de três anos. No dia seguinte vai no Registro de estrangeiros informar a mudança. Aproveita e relembra no papel seu roteiro de hospedagens até então:

Hotel Paissandu – 3 meses
 Hotel Elite, na Rua Senador Vergueiro – 1 mês
 Rua Alice 36^A – 7 meses e meio
 Rua Joaquim Murtinho, 263 (quarto) – 1 mês
 Marques de Abrantes, 19 – 8 meses
 Rua Paissandu, 34 Pensão Palacete – 2 meses
 N. S. Copacabana 308 (quarto. Sra. Kaiser) – 9 meses
 Rua Riachuelo 353, (quarto, d. Ester) – 1 mês

É em seu hotel que janta quase todas as noites, inclusive na do réveillon daquele 1943. Após o jantar, escreve a Drummond e a sua mãe. Com ele está a última carta enviada por Magda aquele ano, cheia de interrogações sobre o futuro, mas ainda confiando nele: “Alguns dias e escreveremos 1944. Quem sabe este ano nos trará felicidade. Esperemos! Feliz ano novo, *Chéri*.”²⁹⁹

Repleto de compromissos, Paulo aproveita as férias dos colégios para adiantar seus trabalhos de tradução. Não está na melhor forma. Há meses, desde abril de 1943, tem problemas intestinais constantes por conta de uma disenteria amebiana e o calor do verão o faz sentir ainda pior. “Calor terrível”, ele comenta diversas vezes ao longo de janeiro. Na primeira página de seu diário, marca os principais eventos de sua vida, ou de sua nova vida:

No Brasil, Rio de Janeiro
Desde 3 de março de 1941
Longe de Budapeste desde 28 de dezembro de 1940
Papai morreu em 16 de janeiro de 1943
Chiquinho desapareceu no mesmo dia

Segue acompanhando e anotando as movimentações da guerra, e contabilizando os ganhos com os sucessivos trabalhos.³⁰⁰ Em março, mais um adiantamento para outro

²⁹⁹ Carta sem data, assinada a mão por Magda. Acervo Paulo Rónai.

³⁰⁰ Em 14 de Janeiro a *Folha Carioca* publica o que Paulo diz ser seu segundo artigo para o periódico, “Primeiro contato com o Brasil”.

serviço editorial, 500 cruzeiros, primeiro adiantamento de um projeto colossal, a organização da tradução das obras completas de Balzac, um assunto sobre o qual era não apenas *expert*, como também inteiramente apaixonado. As conversas começaram em janeiro com o editor Mauricio Rosenblatt (“*10 de janeiro: Mauricio Rosenblatt: grandes projetos de Balzac*”). De origem argentina, radicado em Porto Alegre desde 1925, Mauricio trabalhara em lojas de discos até ser levado ao mercado editorial pelas mãos de Érico Veríssimo, para a já tradicional editora Livraria da Globo. Com a expansão da empresa, foi destacado para dirigir a sucursal no Rio, função que desempenhou entre 1942 a 1953, período em que a editora arregimentou um time de primeira, como Drummond e Mário Quintana, para desenvolver um grande projeto de tradução de obras importantes de autores como Marcel Proust e Thomas Mann. Rónai já estava, assim, entre os grandes tradutores no Brasil e era a pessoa mais indicada para cuidar da operação Balzac. O momento no mercado editorial brasileiro era de grande ênfase para traduções. “A breve idade de ouro da tradução brasileira”, como pontua Rónai.³⁰¹ Com a guerra, a conseqüente dificuldades de chegarem da Europa as novidades literárias, as editoras como Cia. Editora Nacional, José Olympio, Melhoramentos, Pongetti, Vecchi, Difusão Europeia do Livro e a Globo investiam em coleções de obras universais. “Os tradutores, embora não muito bem pagos, podiam caprichar em suas traduções e muitos fizeram-no por amor à arte.”³⁰² Assim, os leitores brasileiros passavam a ter contato com bons textos em português da obra de autores como Dickens, Dostoiévski, Maupassant, Flaubert, Proust, Tolstói, Stendhal e Balzac.

As frequentes conversas sobre a condução da aventura literária e editorial faziam de Paulo e Mauricio sempre mais próximos. Ambos, afinal, estavam morando no mesmo hotel, o Vistamar. Logo se encontrariam não apenas para falar dos livros. Era comum que se reunissem em almoço no fim de semana, Luiza Russowsky Rosenblatt, mulher do editor, e as duas filhas do casal.

O trabalho que Paulo teria à frente não era pouco. “Ficarei encarregado da organização desse grande empreendimento. Eu verei controlar as traduções, fazer as notas, prefaciar cada romance e conto, escolher as ilustrações, etc., em resumo, fazer

³⁰¹ RÓNAI, Paulo. “Usos e abusos da tradução”. In *A tradução vivida*, op. cit., p. 108.

³⁰² Idem, p.109.

uma edição séria, de valor filológico e literário. Por dois anos receberei uma remuneração mensal fixa,³⁰³ Paulo contava a Magda. Nessa mesma carta, de março de 1944, Paulo contabilizava todos os trabalhos que acumulava no momento. O primeiro, na editora Atlântica, onde desde fevereiro dirigia o serviço de imprensa. Lia todos os livros publicados, fazia análises e resumos que seriam enviados para os jornais e revistas. Para esta tarefa dedicava três horas diárias. Já na Globo e na José Olympio, ele explicava, apesar de receber uma remuneração mensal, não tinha compromissos fixos – “não vou mais que uma vez por semana”, já que o trabalho para essas casas (para as quais fazia a organização da obra de Balzac, além da organização e tradução, com Aurélio, da antologia de contos universais) fazia em expedientes próprios.

O mais importante de todos os ofícios que assumira era, para Paulo, o de desenvolver no Instituto Nacional do Livro uma colaboração para redação de uma grande enciclopédia, a partir de um convite de Augusto Meyer e de um empurrãozinho de Drummond. Fazendo expediente na Biblioteca Nacional diariamente, de 13h às 17h, trabalhava no vocabulário etimológico de termos científicos, que faria parte da grande publicação planejada. “Eu amo o trabalho intelectual”, comentava Paulo. “Esse trabalho não é somente interessante, mas também extremamente instrutivo e me permite recuperar meu grego.”³⁰⁴

Com os trabalhos editoriais, Paulo fez a conta: não precisaria mais correr de um colégio a outro para tantas aulas de latim e francês. Pela primeira vez, desde que começara a trabalhar, Paulo poderia deixar o magistério. “Mas você sabe que eu adoro lecionar. Assim, por razões sentimentais e de reconhecimento eu guardarei algumas horas para aulas de latim no liceu francês”. Não aceitaria mais que 12 aulas semanais. No ano anterior eram 45!

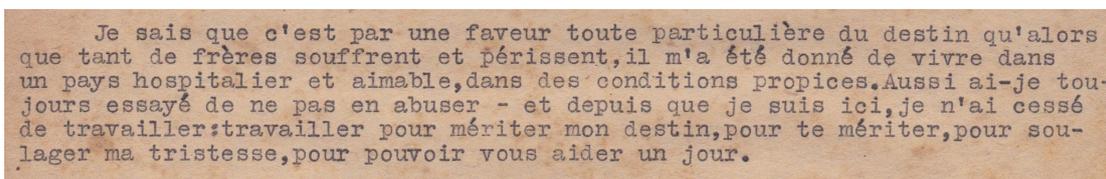
Paulo tem ainda mais a contar, destacando o convite de San Tiago Dantas para uma série de conferências sobre Balzac na Faculdade Nacional de Filosofia. Com tantas boas notícias, Paulo pede que Magda as transmita à mãe e às irmãs Clara e Eva. Há

³⁰³ Carta a Magda datada de 3 de março de 1944. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

³⁰⁴ Idem. Com tantos compromissos, Paulo esquece de informar a mudança de emprego ao registro de estrangeiros e é multado por um inspetor do órgão pelo deslize em 20 de março.

uma mensagem de otimismo que atravessa a carta. Paulo quer mostrar o resultado de seus esforços, apreciados no meio em que vive. “Eu tenho amigos que se interessam por mim. E mais uma vez eu sinto que nada do que se aprende se perde.”³⁰⁵

Esta carta enviada à Magda, com quem falava com intimidade e franqueza, é talvez o documento mais revelador da postura assumida por Paulo Rónai em seu projeto de engajamento nesses primeiros e definitivos anos no Brasil. Nela, Paulo demonstra plena consciência de sua sorte, ao conseguir assegurar sua vida no Brasil, e do que deveria fazer com ela. Em outras palavras, entendia ter sido favorecido pelo destino e faria assim tudo por merecê-lo e para usá-lo a favor também de sua família. A verdade é que, nesse caso, o destino fora ajudado pelo próprio Paulo, trabalhando por sua própria sorte. E era apenas através do trabalho, de muito trabalho, que encontraria o caminho para se manter vivo e poder tentar garantir a vida também a suas irmãs, mãe e Magda. A postura era, portanto, reflexo de dois movimentos internos: retribuição e uma necessária aposta no futuro.



Je sais que c'est par une faveur toute particulière du destin qu'alors que tant de frères souffrent et périssent, il m'a été donné de vivre dans un pays hospitalier et aimable, dans des conditions propices. Aussi ai-je toujours essayé de ne pas en abuser - et depuis que je suis ici, je n'ai cessé de travailler; travailler pour mériter mon destin, pour te mériter, pour soulager ma tristesse, pour pouvoir vous aider un jour.

“Eu sei que é por causa de um favor muito singular do destino que, enquanto tantos irmãos estão sofrendo e morrendo, ele me permitiu viver em um país hospitaleiro e amável, em condições propícias. Assim, eu tenho sempre tentado não abusar dele – e desde que eu estou aqui, eu não paro de trabalhar: trabalho para merecer meu destino, para te merecer, para aplacar minha tristeza, para poder ajudar vocês um dia.”³⁰⁶

A Hungria é ocupada pela Alemanha. Paulo anota angustiado em 21 de março. Em 1 de abril: *começa a deportação em massa*. 2 de abril: *centenas de deportações por dia. Policia húngara colabora com gestapo*. No próprio mês de março de 1944 Adolf Eichmann, responsável pela perversa logística do extermínio de judeus pelo Terceiro Reich, chega a Budapeste, depois de enviar para campo de concentração milhares de judeus de outros países europeus, como Polônia, Holanda, França, Bélgica. Àquela altura os judeus da Hungria, que viviam até ali em uma “ilha de segurança em meio a

³⁰⁵ Ibidem.

³⁰⁶ Carta a Magda Péter Rónai, 3 de março de 1944, (Cópia). Acervo Paulo Rónai

um oceano de destruição,³⁰⁷ já sabiam da existência do Holocausto, assim como boa parte do mundo. A operação de deportação para os campos de concentração começaria logo, em maio, e duraria apenas dois meses, o suficiente para enviarem para morte mais de 400 mil judeus, em grande parte assassinados nas câmaras de gás de Auschwitz diretamente do desembarque. Graças principalmente à ação dos sionistas, a catástrofe judaica na Hungria fora amplamente noticiada. O presidente americano Franklin Roosevelt já havia dado seu ultimato: “O destino da Hungria não será igual ao de nenhuma outra nação civilizada [...] caso não parem as deportações.”³⁰⁸ No dia 2 de julho Budapeste é fortemente bombardeada pelos Estados Unidos. No entanto, a Gestapo continuaria atuando no país. A Alemanha apoia um golpe de estado colocando no poder Ferenc Szálasi, líder do partido fascista e antissemita Cruz Flechada. A caça aos judeus continuaria em curso.

Países neutros como Suécia, Suíça, Espanha e Portugal estavam à frente de um movimento que protegia cerca de 33 mil judeus em casas especiais.³⁰⁹ Dos 800 mil judeus na Hungria cerca de 160 mil ficaram no gueto de Peste, como a família Rónai, que em boa parte do tempo de assédio à cidade, conseguira refúgio na Legação da Suécia, onde a mãe de Américo, marido de Clara, primogênita entre as irmãs de Paulo, trabalhava como cozinheira, fingindo-se camponesa ariana. Durante longo período Gisela Rónai, Clara e Américo, Eva e Estevão (marido de Eva), se escondiam nos armários do palacete.³¹⁰ Magda e sua mãe seriam acolhidas pela Legação de Portugal em setembro.

Rónai acompanha as notícias em todos os jornais, acorda cedo, inquieto. Está tomado de angústia, com o rompimento de toda e qualquer comunicação com sua mãe, irmãs e Magda. Ribeiro Couto servia em Portugal como primeiro secretário da Embaixada do Brasil em Lisboa e tentava como podia assistir à família do amigo, pedindo informações através da diplomacia portuguesa. Em carta de outubro de 1944, em que já escreve em português, Paulo agradece suas tentativas e pede para que não desista de ajudá-lo. “Aliás, você sente, bem o sei, que a minha vida perde todo o sentido que

³⁰⁷ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.214-226.

³⁰⁸ Idem, p.221.

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ Nora Rónai, viúva de Paulo, narra o período, lembrando das conversas com suas cunhadas.

possa ter se não conseguir salvar os meus.”³¹¹ Na carta, Paulo procura dar conta de seu trabalho. Se detém em muitos detalhes sobre a antologia de contos em preparação. Já havia sido batizada, em junho,³¹² como *Mar de Histórias*. Segundo comentário de Paulo na carta, o título é inspirado em uma antiga coletânea hindu. *Kathasaritsagara* carrega o bonito significado de “mar formado pelos rios da história”. Junto com Aurélio, havia acabado de entregar o primeiro volume, com cerca de 400 páginas, quase todos os contos traduzidos do original, em mais de doze línguas. Por conta do prazo para entrega do originais, Aurélio se mudara em setembro de mala e cuia para o Vistamar, onde ficou, dormindo com Paulo, por 16 dias. Trabalhando desde janeiro na Atlântica, editora comandada por Charles Hofer, conhecido de Ribeiro Couto, Paulo conta, estava também finalizando *Memórias de um Sargento de Milícias*, parte da coleção *Les maîtres des littératures américaines*, que seria lançado em 21 do mês seguinte, com autógrafos. “Quando você receber esta carta os russos provavelmente terão ocupado toda a Hungria. Leio nos jornais que Budapeste está sendo evacuada. Oxalá pudesse a ocupação melhorar a sorte de minha família. Sei que você não a perderá de vista, sejam quais forem as circunstâncias.”³¹³

Um mês depois, em nova carta, Paulo dá conta da revisão – de português! – que fez do livro *O crime do estudante Batista*, do próprio Ribeiro Couto. Procura manter-se ocupado, vive sobre o silêncio e a dúvida, aterrado com a situação de Budapeste. Os assuntos se atravessam: literatura, livros, guerra.

“Escrevo-lhe esta carta num estado de depressão horrível e que facilmente imaginará. Na Hungria está acontecendo o pior do que podia acontecer: regime nazista, perseguições, pilhagem... e agora a guerra dentro do próprio [sic] Budapest. Viverão ainda os meus queridos? Onde e em que condições? A impossibilidade em que estou de fazer qualquer coisa por eles me mata. Provavelmente a você também faltarão agora os meios para obter informes. Mas a situação está em contínua evolução. Sei que tentará todos os meios para salvar os meus, pois com sua sensibilidade de poeta pode calcular e viver todo o meu desespero”.³¹⁴

³¹¹ Carta de Ribeiro Couto, 15 de outubro de 1944. FCRB

³¹² Em 1 de junho Paulo registra no diário que vai com Aurélio encontrar José Olympio, que gosta muito do título proposto para antologia: *Mar de Histórias*. O editor propõe que terminem o mais rápido possível. Saem de lá diretamente para o Vistamar para revisar as traduções de contos turcos e encomendam livros russos na Livraria Kosmos.

³¹³ Carta de Ribeiro Couto, 15 de outubro de 1944. FCRB

³¹⁴ Carta a Ribeiro Couto, 27 de novembro de 1944. FCRB

No dia 24 de dezembro recebe um telegrama da Legação de Portugal, expedido em Genebra: *Senhora Rónai vai bem*. Seriam as últimas boas notícias que teria de Magda. Paulo adentra o ano cindido. Assiste Budapeste se estilhaçar com a invasão do Exército Vermelho e as batalhas que se alastravam pela cidade, a falta de notícias da família, a impotência desesperada. A situação em conjunto provoca algum tipo de fratura existencial. Paulo retorna à língua materna para escrever o seu diário. É como se virasse a chave que alterava seu registro pessoal. No espaço mais íntimo, está perto dos seus. Da sua língua mãe. No seu território simbólico, se recolhe e escolhe a língua primeira para falar consigo mesmo. Talvez diante da Hungria devastada, ressurgisse em Paulo um sentimento de irmandade nacional: “Uma língua que só eu e mais dez milhões de pessoas falamos cria entre nós uma espécie de cumplicidade, mil segredos que só nós partilhamos, uma intimidade agasalhadora e gostosa que talvez seja o que há de melhor no sentimento nacional.”³¹⁵

Assim, Rónai faz de seus diários um espaço ainda mais reservado. É possível apreender apenas algumas informações dos dias que atravessam 1945. Há sempre a palavra Balzac. Em pouquíssimas ocasiões, não mais de três, o francês aparece novamente sem razão aparente, “*Aurélio e Marina se querellent tout le temps*”³¹⁶. “*Arrivent les 4es épreuves de Gradus Secundus*.”³¹⁷ Lê-se também nomes próprios, Aurélio, Rosenblatt, Magdi. Onde estará Magda?

Sem ter notícias da família, após a entrada do exército russo, Paulo apela mais uma vez a Ribeiro Couto, em nova carta, de 20 de janeiro. “Procuro um narcótico no trabalho”,³¹⁸ diz. “Ao mesmo tempo ando cuidando da minha naturalização.”³¹⁹ O processo de naturalização já estava no Palácio do Catete à espera de um despacho positivo do presidente da República, bem encaminhado desde meados do ano anterior, sendo protocolado em novembro da 10ª Vara Civil da Capital. Paulo conversara algumas vezes com Ernani Reis, com quem já falava ao telefone, e contava mais uma vez com a ajuda do Ministério da Educação e de seus fiéis amigos Aurélio e Drummond. Além disso, um imenso volume de documentos e traduções oficiais

³¹⁵ RÓNAI, Paulo. “De quantas línguas precisa o homem”. In: *Babel e antibabel - Ou o problema das línguas universais*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 185

³¹⁶ Diário, 6 de janeiro de 1945.

³¹⁷ Diário, 26 de janeiro de 1945.

³¹⁸ Carta a Ribeiro Couto. 20 de janeiro de 1944. FCRB

³¹⁹ Idem.

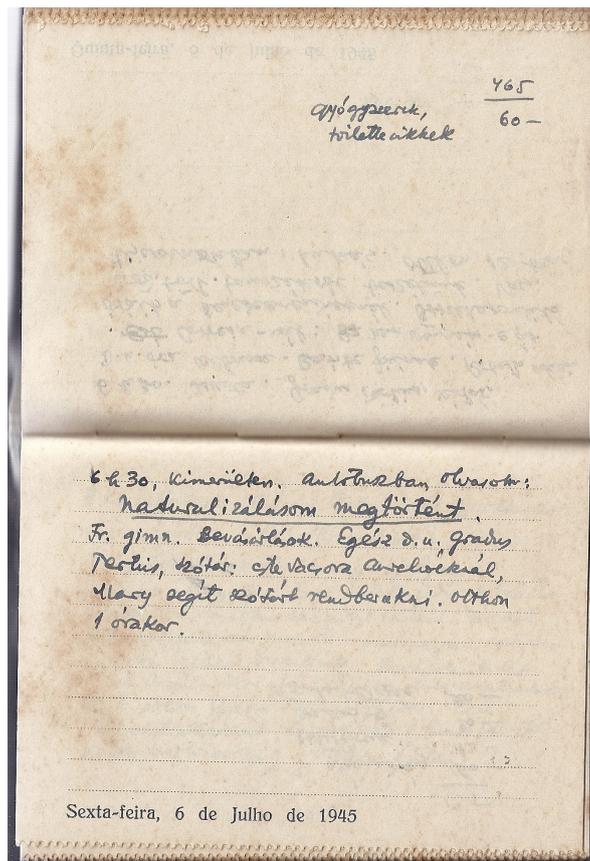
denotava o grau de exigência de todo trâmite. Juntados ao processo estão 25 documentos, incluindo a própria petição em que Paulo declara sua renúncia à cidadania húngara, afirmando nunca ter compactuado com as ideologias antidemocráticas de seu país de origem. Há ainda, juntados, atestados de todos os hotéis, pensões e quartinhos em que se hospedara, atestado de bons antecedentes, certidões de nascimento e casamento com Magda, documentos de diferentes origens, Ministério do Trabalho, Instituto Nacional do Livro, a carta escrita por Getúlio felicitando por *Brazilia üzen*, em 1939, uma carta elogiosa de Capanema, dirigida ao então Ministro da Justiça Marcondes Filho, traduções de certificados acadêmicos, contratos com editoras, cópia de seus documentos pessoais.

A audiência ocorre em 2 de janeiro, com a presença das testemunhas Carlos Drummond de Andrade, Aurélio Buarque de Holanda e Waldemar Cavalcanti, escritor e jornalista, alagoano como Aurélio, amigo e admirador de Rónai. “(...) esse homem tímido, que tem o ar de seminarista, vem fazendo pela literatura brasileira, em silêncio, alguma coisa de extraordinário. E a sua atitude discreta pode ser considerada um exemplo de dignidade e pudor da inteligência.”³²⁰ Waldemar repetia na audiência o que escrevera um pouco antes na *Folha Carioca*.

Mais uma vez como forma de reconhecimento, o governo brasileiro dava a Paulo Rónai sinais de apreço dispensando-o, por bons serviços prestados à nação, do prazo mínimo de 10 anos de residência no país para efetivar o pedido de naturalização, assim como o prazo de um ano entre o requerimento e a decisão oficial.³²¹ Paulo entregaria a papelada em outubro. No processo do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, de número 1581, há ficha geral de informações, de uso interno, onde no último item a ser preenchido, pergunta-se: Há circunstâncias especiais a assinalar? Lê-se, escrito a mão: “A redução do prazo de permanência e a do período de um ano foram autorizadas pelo P. R [Presidente da República]”. Em julho de 1945 estaria naturalizado, pouco mais de quatro anos depois de sua chegada. *Naturalizálásom megtörtént* - ele escreve curiosamente em húngaro, no dia 6 de julho.

³²⁰ Waldemar Cavalcanti fala sobre os projetos de Paulo Rónai como *Mar de Histórias* e coleção Balzac. Boletim literário. *Folha Carioca*. 30/09/1944.

³²¹ Documentação encontrada no Arquivo Nacional. Agradeço muito o professor Maurício Parada pelo acesso ao material.



Pelo irmão Jorge, ainda em Ancara, Paulo tem a notícia que sua mãe, irmãs e cunhados estão vivos. Com a chegada dos russos, foram libertados do gueto de Peste por milagre, abandonaram em seguida a capital, onde já faltava comida e outros itens básicos, e se instalaram em uma pequena cidade na fronteira com a Romênia. Dali, conseguiram mandar notícias. Nada sabiam de Magda e sua mãe, que haviam ficado em Buda, ainda não libertada e cenário dos piores combates. Paulo sentia-se aliviado por parte da família e ainda mais atormentado por Magda. “Se ela sobreviveu às provações daqueles meses terríveis – e esforço-me para acreditar que sim – estou certo que você a ajudará”.³²² Paulo datilografava mais uma correspondência para Ribeiro Couto, em maio de 1945, buscando conexões em Portugal para esclarecer o paradeiro da mulher. “Continuo trabalhando, mecanicamente, mas não vivo quase. Há mais de quatro anos luto para não perder a esperança. Você é um dos poucos amigos com quem posso contar. Conheço teu coração”.³²³ O diplomata continua ajudando em

³²² Carta a Ribeiro Couto, 20 de maio de 1945. FCRB

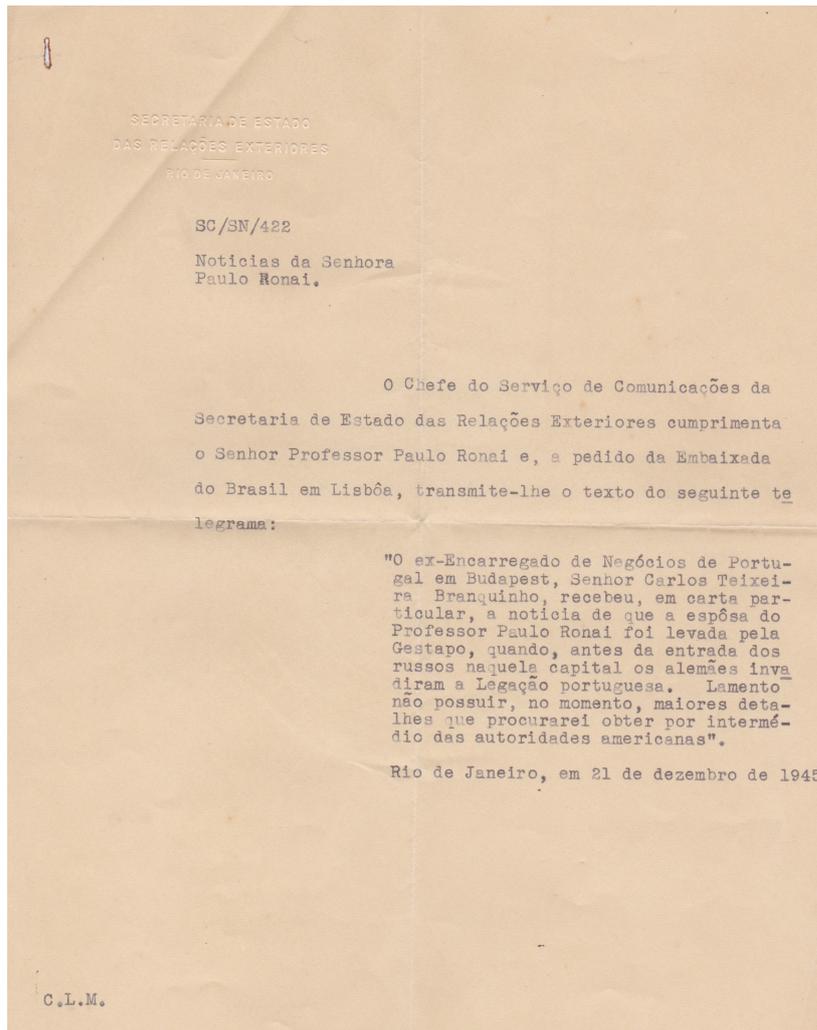
³²³ idem.

todas as frentes que podia, inclusive no assunto dos vistos para mãe, irmãos e cunhados. Mas a verdade, é que não havia mais nada a ser feito.

Numa carta que receberia, em dezembro, de Ferenc Péter, irmão caçula de Magda, que lutara na Brigada Judia do VIII Exército Inglês, a narrativa do destino da irmã é dramática. Enquanto ouviam-se troar os canhões russos chegando do Oriente, Magda e sua mãe estavam em Buda, no sopé da Colina das Rosas, no palacete da Legação portuguesa. O próprio cônsul honorário partira, abandonando o local. As duas, não se sabe por que razão, ali permaneceram. Segundo relatos, uma arrumadeira denunciou-as para Gestapo por serem judias e não portuguesas. Às dez horas da noite do dia 1º de janeiro, oficiais alemães levaram Magda, sua mãe e outras oito pessoas para o comando da Gestapo. A mulher que morava na adega da casa que servia de base para os alemães na cidade lembra, em conversa com Ferenc Péter, que no dia 12 de janeiro levaram de lá dez pessoas cuja descrição se aproximava muito das que foram capturadas na legação portuguesa. Apesar de não ter reconhecido Magda pelas fotografias, a mulher contou que entre as dez pessoas, uma moça chorava muito pedindo para que não lhe fizesse mal. Ferenc não tinha a confirmação da morte da irmã, mas dizia a Paulo para se prepararem para o pior. Em 21 de dezembro a Secretaria de Estado das Relações Exteriores transmite oficialmente um telegrama vindo da Embaixada do Brasil em Lisboa, informando o desaparecimento de Magda Péter Rónai.

“O ex-Encarregado de Negócios de Portugal em Budapest, Senhor Carlos Teixeira Branquinho, recebeu, em carta particular, a notícia de que a esposa do Professor Paulo Rónai foi levada pela Gestapo, quando, antes da entrada dos russos naquela capital os alemães invadiram a Legação portuguesa. Lamento não possuir no momento mais detalhes que procurarei obter por intermédio das autoridades americanas.”³²⁴

³²⁴ Documento da Secretaria de Estado das Relações Exteriores, 21 de dezembro de 1945. Acervo Paulo Rónai.



Carta recebida por Paulo Rónai, noticiando a captura de Magda.

Coberto por um remorso persistente, como ele mesmo descreve, Paulo precisa sublimar o peso da dor para seguir com seu propósito principal, ainda irrealizado e já mutilado pela morte da mulher e sogra, o de trazer sua família para o Brasil. Sobreviventes, os Rónai faziam parte da minoria judia que sobrevivera ao Holocausto na Hungria. Menos de um terço dos judeus húngaros estavam vivos. Para Rónai, os sentidos de responsabilidade e compromisso sobrepõem o seu estado de espírito devastado.

“Para mim, o caso seria dos mais simples se tivesse ficado no mundo tão sozinho como meu cunhado. Sem a menor hesitação e nem saudade daria por encerrada a minha existência estéril e estúpida. Não quero, não espero mais nada. Mas resta a minha família. Por dois telegramas recentes soube que a minha mãe e minhas duas irmãs, com os respectivos maridos, salvos por milagres de guetos e de campos de concentração, aguardam um outro milagre de mim: eles esperam recomeçar tudo aqui

no Brasil onde eu me acabei. Não posso fugir a esse dever e continuo a encher de trabalho todas as horas do dia para lhes preparar uma vida melhor.”³²⁵

Paulo continua a sua guerra. Durante quase quatro anos tentara desesperadamente trazer para o Brasil sua Magda, a jovem e bela estudante que fizera sua noiva, ainda em Budapeste, aos 19 anos, e depois sua mulher. Utilizara, para isso, todos os seus contatos, pessoais, profissionais chegando até as mais altas patentes do governo brasileiro, investindo boa parte de seus recursos financeiros para providenciar papeladas do casamento, buscando todas as saídas para salvá-la, pensando nisso com obsessão. O desespero que acometera Paulo nos últimos tempos parecia pressentimento do desfecho trágico que a história teria. Após a notícia, a sensação de culpa e impotência o dominavam. Numa pasta, guardava todas as cartas da amada, a certidão de casamento dos dois, correios da Cruz Vermelha, documentos variados e até mesmo uma carteira do Santa Teresa Piscina Clube com o nome da nova sócia: Magdolna Péter Rónai. A tristeza acompanha o jovem viúvo, que prefere não comparecer a jantares sociais, nem ao menos ao tradicional jantar do dia 13, para não impor sua tristeza. Encontrava mais comumente Manuel Bandeira, “sempre jovem, sempre bom”.³²⁶ Paulo está de luto. Discreto, se recolhe em seu quarto na Glória. “(...) tenho levado uma vida cada vez mais retraída, sem tomar a menor parte no que se chama vida literária. Se não cessei de trabalhar, foi porque justamente o trabalho era para mim o único remédio, uma espécie de narcótico que me permitiu sobreviver.”³²⁷

O saldo da guerra era devastador para Paulo. Além de sua mulher, o nazismo assassinara os amigos mais próximos. “Os escritores meus amigos, alguns dos quais amigos fraternais, que faziam parte comigo da sociedade Vajda János (editora de *Brazilia üzen*) não existem mais: todos foram assassinados ou desapareceram em campos de concentração. Antônio Szerb, Nicolau Radnóti, Jorge Bálint, Akos Molnár, Andrea Gelléri...”. De todos os países europeus, fora a Hungria que perdera o maior número de intelectuais de origem judaica. Em Budapeste, quase nada existia de sua época de infância ou juventude. A destruição material era sem medida, mas nada em comparação à horrível desmoralização espiritual que a guerra proporcionara ao povo húngaro.

³²⁵ Carta a Ribeiro Couto, 8 de dezembro de 1945. FCRB

³²⁶ Revelaria a Ribeiro Couto em carta alguns meses depois, em 17 de fevereiro de 1946. FCRB

³²⁷ Carta a Ribeiro Couto. 17 de fevereiro de 1946. FCRB

Paulo nunca saberia ao certo o que acontecera a Magda. Assassinada como muitos outros judeus húngaros às margens do Danúbio? Jogada no rio gelado para compor a grande estatística de desaparecidos? Nos registros oficiais era designada simplesmente “desaparecida em circunstâncias que fazem supor risco de morte”³²⁸. Por cerca de dois anos Paulo lutaria junto aos órgãos competentes em Budapeste por uma certidão de óbito da mulher para poder então ser validada em solo brasileiro. “A desaparecida foi raptada da Legação de Portugal em 1º de janeiro de 1945 por um destacamento da Gestapo e, presumidamente, assassinada em 12 de janeiro de 1945. Como, segundo conhecimento geral, a grande maioria das pessoas raptadas durante o assédio de Budapeste foram assassinadas [sic], é de supor que a desaparecida não vive mais, e, portanto, o requerimento, conforme os dispositivos dos decretos supracitados há de ser deferido.”³²⁹ Magda era, assim, declarada morta aos 23 anos de idade. Paulo estava viúvo aos 38. E ainda sozinho no Brasil, desamparado, emocionalmente retalhado, naquele mesmo ano de 1945 retomaria o fôlego para lutar pela vinda de sua família.

Os vistos não eram mais um grande problema e o regime de autorizações de entrada no Brasil abrandara significativamente. Mas a saída da Hungria ainda era um desafio. Sua irmã Catarina viria antes, de Ancara. Seu irmão Jorge iria diretamente para Nova York atrás de uma paixão.³³⁰ Enquanto acompanha o trânsito de sua família em direção ao Rio de Janeiro, Paulo faz o que prometeu, trabalha. O ano é de experiências avessas. De um lado tanta dor e desconsolo, de outro realizações significativas. Dois dos mais relevantes empreendimentos que realizaria em sua carreira de tradutor e organizador de projetos editoriais têm 1945 como marco inaugural. O primeiro deles, *Mar de Histórias*, as águas universais que irmanaram de forma definitiva Paulo e Aurélio. O primeiro volume da coleção, que seria integralmente realizada em 10 volumes cerca de quatro décadas depois,³³¹ reunia os

³²⁸ Cópia do processo do Tribunal Distrital de Budapeste, 1 de setembro 1947. (tradução para o português). Acervo Paulo Rónai.

³²⁹ Idem.

³³⁰ Há na sessão de obras raras da Biblioteca Nacional um conjunto de documentos procedente de Jorge Rónai, doado por Paulo Rónai, à instituição. Manuscritos sobre gramática e literatura árabe, tratados filosóficos muçulmanos. Aparentemente material enviado a Paulo pelo irmão durante o período em que estava na Turquia. Informação foi levantada por pesquisa de Monique Sochaczewski Goldfeld, no âmbito do projeto "O Oriente Médio no acervo da Biblioteca Nacional", realizado nos anos 2007-2008.

³³¹ O segundo volume sairia seis anos depois, em 1951. O terceiro em intervalo parecido, em 1958. E seguiriam assim até 1963, data do lançamento do quarto volume, todos esses pela José Olympio. A

precursores do conto, intitulado “Das origens ao século XVIII”, com uma bela capa de Luis Jardim, assíduo colaborador da José Olympio. Na abertura do livro estavam as dedicatórias dos organizadores:

À Marina, A.B. de H

À Magda, P.R.

Este primeiro volume tinha a marca de mais de dois anos de trabalho intenso. Uma apresentação de 14 páginas explicava as intenções e critérios da dupla de organizadores e tradutores, que garimparam no Egito os precursores do gênero, empreendendo por meio de 50 contos uma viagem com escalas em Esopo, parábolas do Novo Testamento, passando pelas tradições das mais diversas civilizações. Além de autores como Boccaccio, Maquiavel, Cervantes, Voltaire e Kleist, o volume, que buscava oferecer um panorama da “progressiva depuração e cristalização do gênero”,³³² ainda depurava o universo popular alemão, russo, turco, incluindo também o conto popular esquimó e cheremisso. Uma viagem extraordinária pelas paisagens literárias mais desconhecidas, em uma edição cuidadosíssima, com apresentações de cada uma das 37 pequenas seções, diversas notas explicativas sobre conteúdo específico, história e vocabulário.

O processo de construção da edição era todo ele um imenso prazer para Paulo e Aurélio. Muitas vezes o trabalho é verdadeiramente conjunto. Traduzem e corrigem a quatro mãos. Em novembro de 1944, é possível acompanhar pelo diário de Paulo os dias em que revisam juntos, em diferentes lugares e ocasiões, um único conto. Como “Cabeças”,³³³ conto de origem judaica, retirado do Talmude. Em geral, Paulo traduzia os contos em latim, grego, italiano, alemão, inglês, russo e húngaro. Aurélio, os escritos em francês e castelhano.³³⁴ Aurélio também revisava o português do parceiro, ainda, digamos, em consolidação, ficando responsável pela revisão estilística integral da coleção. “A situação nova para mim, em todo esse empreendimento, era a obrigação de traduzir textos de várias línguas estrangeiras para uma que tampouco era

coleção seria retomada em 1978 pela Nova Fronteira, que continuaria a série, com alterações de título dos exemplares, revisões e somando 10 volumes.

³³² RÓNAI, Paulo. *Mar de Histórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1945, Vol. I, p. 10.

³³³ Na edição final, este não é incluído. Pelo menos não com este nome.

³³⁴ Paulo narra os bastidores do trabalho no texto “Saldos de balanço”. *A tradução vivida*, op. cit., p.189-212.

a minha: o português. Graças à presença contínua do meu colaborador e amigo fraternal, essa tarefa quimérica, que poderia ter redundado em fracasso, terminou revelando-se um processo único de aprendizado.”³³⁵

A dupla buscava contos pouco ou nada conhecidos no país, com o intuito de dar acesso a um universo amplo da literatura mundial. Para isso, depois de tentarem pentear traduções literais que encomendavam de profissionais não especializados na área da literatura, o que se mostrou ineficiente e perigoso, Paulo e Aurélio optaram por se utilizar, nos casos das línguas que não dominavam, de traduções indiretas, de qualidade indubitável. Assim, puderam ter acesso a textos de literaturas exóticas como a egípcia, chinesa, persa, hindu, árabe, turca. Para explicar o processo, no prefácio da obra, ofereciam ainda sua visão sobre o compromisso da tradução.

“Dos 50 contos deste primeiro volume, 40 foram traduzidos pelos dois autores cujos nomes figuram na capa. Ambos estudiosos de literatura e filologia, consideramos dever elementar, por parte de quem traduz, respeito absoluto ao pensamento e ao estilo do autor. Tradução não é aventura individual da inteligência – embora nela exista, é claro, certa margem para a manifestação do bom ou do mau gosto do tradutor.”³³⁶

O trabalho era intenso. Pois mesmo antes de sair o primeiro volume, ainda em 1945, o segundo já estava pronto. Pela primeira vez, Paulo tinha acesso a um universo ainda maior de línguas e culturas e reconhecia a beleza da experiência.

“Nos longos serões passados nesse entretenimento cheguei à convicção de que a maneira ideal de ler e absorver integralmente uma obra-prima era traduzi-la. Aí, nada de leitura dinâmica, em diagonal, para colher apenas por alto o sentido e correr direto ao desfecho; Saboreia-se cada palavra, lê-se nas entrelinhas, penetra-se o estilo do escritor, aprende-se a conhecê-lo de perto e a amá-lo.”³³⁷

Contando com o estímulo interessado do editor, a coleção sairia até 1963,³³⁸ em quatro volumes.³³⁹ O trabalho continuaria por décadas, desenhando em dez volumes um completo panorama da produção do conto mundial, dos precursores ao século XX.

³³⁵ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 205-206.

³³⁶ RÓNAI, Paulo. *Mar de Histórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1945, Vol. I, p. 18.

³³⁷ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p.205.

³³⁸ Edições parciais (Contos franceses, Contos russos, Contos ingleses, Contos norte-americanos, Contos alemães, contos italianos) feitas pelas Edições de Ouro a partir de 1966. Em 1986, nova edição

Com Balzac, a operação seria talvez ainda mais exigente. Para a editora Globo colocar nas prateleiras toda *A comédia humana* significava para Paulo coordenar os 20 tradutores que formavam a equipe incumbida da tarefa, “cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.”³⁴⁰ Vale destacar que entre os tradutores estavam poetas e escritores de primeira linha, como Carlos Drummond de Andrade, Brito Broca, Waldemar Cavalcanti, além de Mário Quintana, colaborador antigo da editora. A tarefa, que resultou em 7000 mil notas de rodapé,³⁴¹ perdurou por 15 anos, resultando em 17 alentados volumes, num total de 12 mil páginas³⁴² e uma regozijadora sensação de dever cumprido. O último dos volumes seria publicado em 1955, cinco anos depois do previsto – 1950 marcava o centenário de morte do autor, mas a empreitada era muito mais exigente do que se esperava. “Considero esse empreendimento editorial um dos mais importantes do Brasil em todos os tempos”,³⁴³ escreveu Érico Veríssimo. “Não creio que Balzac tenha encontrado em qualquer parte, fora da França, moldura mais proporcionada a sua grandeza”,³⁴⁴ observara o escritor e crítico literário Eugenio Gomes. Ambos tinham razão. O empreendimento era admirável. Além dos textos do próprio Balzac, cotejamento atento, notas e revisões exaustivas, existia ainda uma série de artigos introdutórios para cada volume, escritos por especialistas franceses. Para esta tarefa, Paulo arregimentou outro grupo

da coleção pela Nova Fronteira e ampliação dos volumes, alcançado 10 volumes, Nova edição em 1998 também pela Nova Fronteira, que em 2014 lançou reedição da coleção completa.

³³⁹ Volume II: De 1800 a 1860 (Século XIX – 1ª parte I), 1951. Volume III: Século XIX – 2ª parte, 1958. Volume IV: Século XIX (3ª parte) e Século XX (1ª parte), 1963.

As reedições teriam outros títulos Volume I: Das origens à Idade Média. Volume II: Do fim da Idade Média ao Romantismo. Volume III: Romantismo. Volume IV: Do Romantismo ao Realismo.

³⁴⁰ RÓNAI, Paulo. “A operação Balzac”. In: *A tradução vivida*, p. 214.

³⁴¹ Em sua tese de doutorado Marileide Esqueda aborda o processo de elaboração desse trabalho de Rónai, a partir de uma análise das notas de rodapé da edição de *A Comédia humana*. “Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir”. Unicamp/IEL, 2004.

³⁴² Em 1947 Paulo lança pela Globo *Balzac e a Comédia humana*, com cinco ensaios que investigam diferentes aspectos da obra de Balzac. Uma edição revisada e aumentada sairia em 1957. Recentemente este texto foi reeditado pela Globo Livros, selo Biblioteca Azul, como parte do grande projeto de reedição de todos os volumes da obra de Balzac. Até setembro de 2015, 9 dos 17 volumes teriam reedições.

³⁴³ RÓNAI, Paulo. “A Comédia humana no Brasil – História de uma edição”, Revista Travessia Brasil/França (Revista de Literatura Brasileira do curso de pós-graduação em literatura brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), 1988/1989, p. 272.

³⁴⁴ Idem. Paulo explica que ambas citações foram publicada no fascículo *A comédia humana* que a editora Globo publicou em 1950 em ocasião do centenário de morte de Balzac.

de tradutores. Maurício Rosenblatt também traduzia parte desses escritos, assim como o próprio Paulo.

O ofício de traduzir, no entanto, era, mais que um trabalho, também um prazer. “Se o trabalho não trouxesse em si mesmo seu prêmio, Goethe não teria vertido Diderot para o alemão, Mérimée não se haveria empenhado em introduzir os clássicos russos na França, Baudelaire não se houvera debruçado meses a fio sobre as novelas de Edgar Allan Poe, Rilke não transporia Valéry em sua própria língua. Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade um grande espírito.”³⁴⁵ “Traduzir é a melhor forma de ler”, acreditava Rónai, leitor apaixonado, citando Salas Subirat, tradutor de *Ulisses* para o espanhol.

Balzac foi também o tema do primeiro artigo escrito para o jornal *O Estado de S. Paulo*: “Aspectos da Comédia humana de Balzac I – Gênese e organização da Comédia humana.” A partir dessa colaboração, publicada em 4 de outubro de 1945, Paulo passaria a ser colaborador do jornal paulista.³⁴⁶ No mesmo ano de 1945 escreve cerca de 15 artigos para o jornal tratando de diversos aspectos da obra do escritor francês. Continuará a colaborar para a publicação em diferentes momentos da década de 1940, sempre tratando de temas literários.

No impulso de todo o trabalho da organização das edições da *Comédia*, Paulo dá forma a uma edição de ensaios seus sobre Balzac. *Balzac e a Comédia humana* apresenta aspectos variados, e por vezes curiosos, da obra que Paulo conhecia pelo avesso. Lançado em 1947 pela própria Globo, o pequeno livro, parte da coleção Tucano, de divulgação cultural, é inscrito para concorrer ao Prêmio Sílvio Romero, de ensaio e erudição, oferecido pela Academia Brasileira de Letras. Paulo escreve a

³⁴⁵ RÓNAI, Paulo. “Definições da tradução e do tradutor”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 37.

³⁴⁶ A partir de 1959 inaugura uma nova fase, escrevendo de forma mais assídua até fim da década de 1970, e tratando de variados assuntos literários, com destaque para resenhas sobre livros de interesse geral, mas também dando espaço para debates sobre livros didáticos, dicionários e linguística. Andrea Aredes tem como tema de sua dissertação de mestrado a colaboração de Paulo Rónai em *O Estado de S. Paulo*, com foco no período no “Suplemento literário”, uma produção que vai de 1959 a 1974: “Um estrangeiro entre nós: a produção crítica de Paulo Rónai (1907-1992) no ‘Suplemento Literário’ d’*O Estado de S. Paulo*”. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2007.

Manuel Bandeira, membro da casa, mencionando a sua participação e pedindo seu apoio.

“Meu querido Manuel Bandeira,
(...)

Este trabalho, é claro, é completado pelos 17 volumes da *Comédia*, cuja biografia, notas e introduções são, como sabe, de minha autoria, mas que, por falta de categoria adequada, não pode concorrer a prêmio algum. Se não achar descabido o meu pedido, leve esse fato ao conhecimento dos membros da comissão com que você se dá e assinale-lhes as características de um empreendimento que eles podem ignorar.”³⁴⁷

Não se sabe se contando ou não com a ajuda de Bandeira, mas o fato é que Paulo Rónai teve sua obra premiada em 1948 pela Academia Brasileira de Letras. Tudo parecia conspirar a favor de Paulo e Balzac. O primeiro volume da *Comédia*, “o maior afresco do século XIX”,³⁴⁸ que contava com um alentado estudo biográfico do escritor francês, foi muitíssimo bem recebido, desde o lançamento, em 1946. As vendas iam muito bem.³⁴⁹ Paulo Rónai estava cercado de bons amigos, era reconhecido no meio intelectual, tinha trabalhos que lhe davam prazer e uma renda satisfatória, encontrava espaço fixo na imprensa para publicar seus artigos e críticas, e podia dizer que estava bastante realizado como tradutor.



Paulo (2º da esq. para dir.) na cerimônia de premiação na ABL, ao lado de Lygia Fagundes Telles.

³⁴⁷ Carta a Manoel Bandeira, 24 de março de 1948. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

³⁴⁸ RÓNAI, Paulo. “A operação Balzac”. In *A tradução Vivida*, op. cit., p. 219.

³⁴⁹ Em carta a Henrique Bertaso, de 1947, Paulo comenta o fato, dizendo que Maurício Rosenblatt calculava que logo teriam reimpressão. 28 de julho de 1947. Acervo Paulo Rónai.

Balzac era, afinal, tema de toda uma vida, dos primeiros livros lidos na livraria de Miksa Rónai, em Budapeste, passando pelos estudos em Paris, seu doutorado, e chegando aos leitores brasileiros. Uma viagem que se completava, acompanhando o trânsito do próprio tradutor. Aliás, essa era precisamente uma das belezas do ofício, a capacidade de costurar o mundo, unir pessoas e tempos através da palavra, a despeito da geografia e mesmo das guerras. Para Paulo, cuja trajetória era atravessada por conflitos gerados pela incapacidade de comunicação entre os homens, a tradução ganhava seu significado mais preciso na definição de seu conterrâneo Babits: “A tradução, que força uma língua a dobrar-se acompanhando as curvas de um pensamento estrangeiro é, mais ou menos, o único meio de comunhão espiritual requintada entre as nações.”³⁵⁰

O humanista Paulo Rónai faz da tradução expressão de sua sólida crença na universalidade dos valores culturais. “A tradução pressupõe a tradutibilidade, ou seja, acredita no fato de que as melhores realizações da cultura escrita e mesmo oral são transmissíveis não só entre os falantes da língua do original, mas para todos os outros seres humanos”³⁵¹, aponta Nelson Ascher, em texto sobre Rónai. Este é, pois, o pressuposto do tradutor Paulo Rónai: a produção de uma certa cultura diz respeito a todos os homens; a tradução, portanto, se coloca como uma ponte entre todas elas, fazendo-as se encontrar, e, dessa forma, fazendo encontrar toda humanidade. Em outras palavras, para Paulo a tradução é um exercício humanista; uma atividade que aposta na universalidade dos valores culturais, na crença de que podem e devem ser universais.

Em sua própria escala, Paulo faz dialogarem através da tradução suas principais referências – poetas brasileiros passam a falar húngaro; Balzac é lido em português, clássicos húngaros também; mestres latinos se reúnem em antologia húngara, contos do mundo todo, de todos os tempos, se encontram nas páginas de uma mesma coleção. A palavra atravessa o tempo, a geografia, as barreiras culturais. A literatura se torna ponto de encontro de toda a humanidade.

³⁵⁰ RÓNAI, Paulo. “Confidências de tradutores”. In: *Escola de tradutores*, op. cit., p. 90.

³⁵¹ ASCHER, Nelson. “Paulo Rónai – “Tradução e Universalidade”. In *Pomos da discórdia*. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 57.

De um ponto de vista objetivo, a tradução foi para Rónai o caminho que o aproximou espiritualmente do Brasil, depois o trouxe de fato para o país - “Não lhe devo a rigor a própria vida?”,³⁵² pergunta, examinando seu percurso. Para um filólogo, professor de latim e francês, crítico de literatura, natural que se desse através da língua seu engajamento com o universo brasileiro: lembrando, “Essa integração, no caso de um professor de línguas, havia de realizar-se principalmente por meio da palavra – lida, escrita e falada.”³⁵³ O ofício da tradução era, portanto, a mão na luva para possibilitar essa profunda e generosa integração de Paulo ao novo ambiente, à nova vida. “Foi ele que em parte me permitiu superar o transe doloroso do desarraigamento e me ajudou a integrar-me na minha nova pátria”,³⁵⁴ avaliava. Nessa via de mão dupla, era a convivência com o Brasil que alimentava sua atividade na tradução. Afinal, “traduzir é conviver”, como resume Guimarães Rosa, que, não à toa, se tornaria outra peça chave para o assentamento intelectual e afetivo de Paulo Rónai em terras brasileiras.

³⁵² RÓNAI, Paulo. “A tradução mais difícil”. In: *Escola de tradutores*, op. cit., p. 172. Dedicado a Drummond, quem, na sua opinião é o melhor tradutor entre todos no Brasil. “Bandeira traduzia bem, confessa. Mas com alguns erros. Em Drummond não encontrei erro”. Em “O drama da tradução”. Reportagem do Jornal do Brasil, 10/05/1975.

³⁵³ RÓNAI, Paulo. Introdução de *Encontros com o Brasil*, op. cit., 958.

³⁵⁴ RÓNAI, Paulo. “Saldos de balanço”. In: *A tradução vivida*, op. cit., p. 212

O Arremate

“Estou me tornando (e sentindo) cada vez mais brasileiro.”
Paulo Rónai em carta a Ribeiro Couto.

Os vistos de Gisela, Catarina, Eva, Américo Gárdos, Clara e Estevão Soltész estavam assegurados. Mais uma vez, Ribeiro Couto era decisivo no destino da família Rónai, que se preparava para se reunir novamente; dessa vez não mais na Alkotmány Utca, V distrito de Budapeste, mas no Rio de Janeiro. Gisela organizava a partida da maneira que podia. A situação era a mais precária possível. A Europa Central, arrasada pela guerra, enfrenta privações de todo tipo, até mesmo a fome. Em Budapeste não era diferente. A senhora Rónai consegue vender a loja térrea do edifício onde antes funcionava a simpática e agregadora livraria de Miksa Rónai e embala roupas, fotografias, documentos e livros, a maior parte deles, os que seu filho Paulo deixara em casa, sem ter como levar em suas malas para Brasil.

Catarina, que estava na Turquia, chegaria antes, em março, passando por Lisboa. O trânsito até a capital portuguesa e o desembarço de documentações para embarque foram acompanhados diretamente por Ribeiro Couto que, acionando a autoridades locais, resolveu ainda a questão da passagem da jovem húngara junto à agência inglesa Cook, que havia emitido o bilhete de Catarina custeado pelo irmão Paulo, mas alegava lotação no momento da partida. No Brasil, Clara estava feliz. “gosta da cidade, da gente, da vida...”, conta Paulo a Ribeiro Couto.³⁵⁵

O diplomata é solicitado sem reservas. “Você agora vê o que é amparar um emigrado que traz para a sua pátria um séquito de dolorosos problemas quase insolúveis”,³⁵⁶ Paulo brinca com o amigo em carta de março de 1946. Em julho, Clara, a irmã mais próxima de Paulo, companheira dos tempos de juventude nos banhos turcos e cinemas, agradece ao ministro os vistos permanentes para o Brasil, em carta feita a

³⁵⁵ Carta a Ribeiro Couto. 14 de março de 1946. FCRB

³⁵⁶ Idem.

próprio punho. “O visto significa para minha mãe, que há anos espera para encontrar seus filhos, uma verdadeira alegria”,³⁵⁷ diz Clara, contando ainda que assistira recentemente, em um grande teatro de Budapeste, ao conhecido recitador Oscar Ascher apresentar um poema de sua autoria, “Diálogo sobre a felicidade”, com grande êxito, sendo transmitido também na rádio local. O poema havia sido traduzido por Paulo anos antes e naquele momento demonstrava uma profunda atualidade, como sublinhava Clara. Ela tinha razão. Afinal, os versos articulavam, em forma de diálogo, o mote do deslocamento, do estrangeiro, a promessa de felicidade sempre pousada em outro lugar.

Diálogo sobre a felicidade

- *Bendito seja o teu país.*

- *Estrangeiro que vieste encontrar no meu país
o bem que em vão no teu mesmo procuraste
obrigado, estrangeiro.*

- *Aqui vim ser feliz. Aqui é a terra da abundância e da fortuna. Aqui vim ser forte, rico e feliz.*

- *Obrigado, estrangeiro.*

- *Aqui ficarão vivendo os meus filhos.
Aqui nascerão os meus netos.
Aqui, saudosos embora do meu país
fecharei os meus olhos.
Deus abençoe o teu país.*

- *Estrangeiro, ainda mais uma vez obrigado.*

Eu sei que é verdade tudo quanto dizes.

Mas, ah! Ensina-me:

qual é o caminho que leva ao teu país?

Qual é o caminho? Dize, estrangeiro

eu quero ir-me! Eu quero ir-me!

Eu também quero ser feliz, estrangeiro.

Clara escrevia em julho, à espera de sua saída rumo ao Brasil, diante da promessa de felicidade. A essa altura, Paulo fazia as contas, juntando tudo o que recebia para tentar providenciar as passagens da família. O dinheiro não dava. Paulo resolve, assim, apelar para Associação Beneficente Israelita, pedindo ajuda financeira para trazer ao

³⁵⁷ Carta de Clara Rónai (assinando Mme Imré Gardós/Clara Rónai) a Ribeiro Couto. 31 de julho de 1946. FCRB.

Brasil, por intermédio da Legação da Suécia, os cinco membros de sua família que haviam sobrevivido na Hungria. É necessário pagar US\$ 5000 (US\$ 1000 por pessoa) para o resgate de seus familiares, mesmo já tendo conseguido para eles visto de saída da Hungria, o visto de trânsito sueco e o visto de entrada e permanência ao Brasil. Contraindo dívidas, assumindo incontáveis compromissos de trabalho, Paulo consegue juntar US\$ 3000. “Sou um intelectual que vivo unicamente de meu trabalho. Moro num quarto de hotel³⁵⁸ há cinco anos, levo uma vida das mais modestas”,³⁵⁹ atesta em sua carta. Na mesma mensagem, expõe a sua agonia e narra a perda recente de sua mulher. “Desde que estou no Brasil, tenho procurado sem descanso salvar a minha família que ficou na Europa. Obtive, em 1942, o visto brasileiro para minha esposa e sua mãe; infelizmente elas não conseguiram sair da Hungria e foram assassinadas pelos nazistas.”³⁶⁰

O comitê da Associação não negaria ajuda e providenciaria rapidamente a quantia necessária, como empréstimo, para custear as passagens. Em setembro, Gisela, filhas e genros já estavam em trânsito. A movimentação de saída da Europa era intensa e os embarques limitados. Assim, os cinco húngaros embarcam apenas em dezembro na Suécia rumo à nova pátria. Francisco, ainda desaparecido, é procurado em Belgrado. Paulo deixou o Hotel Vistamar e alugou uma pequena casa na Ilha do Governador, arranjada pela amiga Rachel de Queiroz³⁶¹, com mais espaço e um jardim para receber sua família. Estaria perto da praia e poderia oferecer ar fresco e algum conforto como boas-vindas às irmãs, cunhados e à sua mãe, que reencontraria depois de longos e trágicos quatro anos. “Não me escreva mais para o Hotel Vistamar, que me mudei para a ilha do Governador, onde aluguei uma pequena casa para a família”, conta Paulo ao amigo Ribeiro Couto. Estava gratíssimo ao diplomata, mais uma vez.

“(...) devo-lhe a minha vida e a dos meus queridos. Nunca poderei agradecê-lo o bastante mas, pelo menos, procurarei por todos os meios a meu alcance demonstrar-lhe a minha gratidão.”³⁶²

³⁵⁸ Nesta época, Paulo ainda vivia no Hotel Vistamar, na Rua Candido Mendes, na Glória.

³⁵⁹ Cópia da carta datada de 7 de agosto de 1946 encontra-se entre documentos no arquivo pessoal de Paulo Rónai.

³⁶⁰ Idem.

³⁶¹ Ele conta em carta a Ribeiro Couto. “Foi a Rachel de Queiroz, muito nossa amiga, que me arranjou uma pequena casa na Ilha.” 13 de abril de 1948. FCRB/.

³⁶² Carta a Ribeiro Couto. 17 de fevereiro de 1946. FCRB.

“Estou pensando muito para lhe demonstrar de maneira tangível e manifesta a minha gratidão – mas até agora não encontrei meio. Tenho, porém, a vaga impressão de que você julgará seus esforços em parte compensados pelo meu esforço para me integrar no ambiente brasileiro e pelos meus livros publicados aqui, aos quais – seja qual for seu valor – são inspirados pela sincera vontade de me tornar útil ao nosso Brasil.”³⁶³

Fiel à sua promessa, Paulo trabalhava, sem descanso. Dedicaria a Ribeiro Couto o livro que preparava no momento, *Balzac e a comédia humana*, “o primeiro trabalho que dedico a um amigo”,³⁶⁴ e que seria lançado no ano seguinte pela Globo e receberia o prêmio da ABL. A relação era de sincera reciprocidade: “A Paulo Rónai, com a profunda e antiga amizade – mais antiga que nós mesmos – que nos ligou de alma e espírito”, escreve na dedicatória de seu *Dia longo*, lançado em 1945.

Paulo também precisava agradecer outras ajudas, afinal recorrera a diversos contatos que tinha para garantir a vinda da família. Um deles é Dr. Prochnik, um dos diretores da União Beneficente Israelita, a quem escreve em janeiro de 1947, agradecendo a ajuda financeira da instituição, que possibilitou a vinda de seus parentes.

“Cinco membros da minha família que sobreviveram aos horrores da guerra e da perseguição nazista na Hungria – minha mãe Gizella Rónai, dois cunhados e duas irmãs (...) – acabam de chegar da Europa. Assim se realiza uma grande aspiração da minha vida, a de reunir-me aos meus, oferecendo-lhes a possibilidade de recomeçarem a sua existência em um país mais feliz. Devo essa alegria em grande parte à União Beneficente Israelita a qual, em colaboração com as associações congêneres em Praga e Stockholm [sic] tudo fez para facilitar a viagem da minha família. Meus cunhados estão procurando colocação agora: espero que dentro em breve estejamos numa situação que nos permita exprimir a nossa gratidão por meio de uma contribuição substancial em dinheiro. Por enquanto, só posso em meu próprio nome e no de toda a minha família pedir-lhe que transmita aos dirigentes da União Beneficente Israelita os agradecimentos mais sinceros. Aproveito a ocasião para lhe exprimir, caro Dr. Prochnik, a minha mais profunda gratidão pela extrema benevolência e compreensão humana com que sempre tratou desse assunto.”³⁶⁵

No fim de 1946, às vésperas do novo ano, Paulo envia um cartão de agradecimento ao então chefe de gabinete do Ministro das Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, que havia sido outra peça fundamental na articulação para entrada da família Rónai no Brasil: João Guimarães Rosa.

³⁶³ Carta a Ribeiro Couto. 14 de março de 1946. FCRB.

³⁶⁴ Carta a Ribeiro Couto. 14 de março de 1946. FCRB.

³⁶⁵ Carta ao Dr. Prochnik, 13 de janeiro de 1947, (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

O mineiro de 1908, radicado no Rio, era médico de formação mas na diplomacia faria carreira, após passar em segundo lugar no concurso do Ministério das Relações Exteriores, em 1934. A decisão para integrar o Itamaraty era simples: o amor pelas línguas. Nenhuma outra aptidão ou desejo especial. Em 1938 foi nomeado cônsul-adjunto em Hamburgo. Até 1942, atua favoravelmente em relação aos judeus, liberando vistos de entrada ao país, ajudado por Aracy Moebius de Carvalho, que seria sua segunda mulher e naquele momento era encarregada da seção de passaportes do consulado. Após o rompimento do Brasil com a Alemanha, Rosa, ao lado de Aracy, ficou internado em Baden Baden. Seria liberado tempos depois em troca de diplomatas alemães. Uma curta passagem pelo Rio de Janeiro e seguiria para Bogotá em 1944 para ocupar o cargo de secretário da embaixada brasileira. Em 1946 ostentava o posto de chefe de gabinete de João Neves da Fontoura, sendo, portanto, elemento de ligação importante para que Paulo resolvesse os assuntos sobre emigração de seus familiares. Paulo e Guimarães Rosa travariam contato nesse contexto. O episódio do primeiro encontro dos dois tem algo de anedótico.

“Durante a guerra, tinha pedido vistos de entrada no Brasil para minha mãe e irmãs. Quando acabou a guerra, fui chamado ao Itamaraty para falar com o Conselheiro Guimarães. Encontrei esse Conselheiro que me recebeu muito rispidamente e me mandou embora. Eu não entendi porque me chamaram. Aí alguém disse: ‘você deve ter falado com o Guimarães errado. O secretário do ministro é Guimarães Rosa, que é uma pessoa muito cortês.’ Aí eu voltei e fui recebido efetivamente com muita cortesia. Meu pedido foi atendido, a minha família pôde entrar no Brasil. E assim tive os primeiros contatos com Rosa, que eram meramente funcionais”.³⁶⁶

Ainda não sabiam, mas o verdadeiro laço que os uniria estava muito além da política. Guimarães Rosa já escrevia desde muito moço contos para a revista *O Cruzeiro*, de olho no prêmio que a publicação oferecia para os melhores textos. Nas quatro vezes em que concorrera ao prêmio da revista, levava. Também escrevia versos. Em mais um concurso, dessa vez na Academia Brasileira de Letras, teve a veia literária reconhecida recebendo prêmio pelo livro de poesia *Magma*, de 1936.

Em 1938, aos 30 anos, arriscou apresentar uma obra de maior fôlego, inspirada na gente simples, no palavreado espontâneo e na paisagem de sua infância e mocidade passados no interior de Minas Gerais. Com o título *Contos*, submeteu-se a um novo concurso, dessa vez da editora José Olympio. A comissão julgadora era formada pelos

³⁶⁶ Paulo Rónai na entrevista “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”, op. cit.

frequentadores da casa – e que seriam figuras da futura constelação de Paulo Rónai: Marques Rebelo, Graciliano Ramos, Peregrino Júnior, Prudente de Moraes Neto. Esse, Rosa não ganhou. Mas burilaria seus textos, reduzindo radicalmente seu volume, para transformar em *Sagarana*, que a editora Universal lançaria em 1946.

O livro chegaria nas mãos de Paulo diretamente de seu autor. “Você sabe que também sou escritor?”, perguntou à Paulo. Ele não sabia. Mas Rosa conhecendo sua atividade e prestígio, lhe encaminhou seu primeiro livro com um pedido de opinião. Paulo se preocupou. Como poderia recusar o pedido depois de sua ajuda? E se ele fosse um sublitterato? O que fazer se o livro fosse ruim?

Preocupação desnecessária. Paulo reconhece de imediato, no imaginário fértil, na força dos textos curtos e de uma certa subversão do regionalismo, (“[Guimarães Rosa], apresenta-se como o autor regionalista de uma obra cujo conteúdo é universal”),³⁶⁷ uma obra de extremo vigor literário. Trataria de escrever na imprensa sobre o livro. Em “A arte de contar em *Sagarana*”,³⁶⁸ que publica no *Diário de Notícias*, Paulo revela a descoberta de um escritor que recupera uma operação essencial para a literatura, que é a capacidade de narrar, segundo Rónai, uma arte que encontra renovação surpreendente em Guimarães Rosa. É por essa trilha, buscando na obra referências (as antigas épicas, passando por Thornton Wilder e Pirandello), e identificando seus processos narrativos, que caminha o texto de Paulo Rónai. Logo de início, confessa o solavanco enfrentado ao se deparar pela primeira vez com a linguagem inventiva e singular do escritor e sua conseguinte estratégia de análise: “O leitor vindo de fora, por mais integrado que se sinta no ambiente brasileiro, não pode estar suficientemente familiarizado com o rico cabedal linguístico e etnográfico do país para analisar o aspecto regionalista dessa obra; deve aproximar-se dela de um outro lado para penetrar-lhe a importância literária.”³⁶⁹

O jovem crítico tem o mérito de reconhecer os traços do gênio de maneira independente e pioneira. Apenas meses depois, em 17 de novembro daquele ano, Antonio Candido falaria sobre o livro em uma resenha no *Diário de São Paulo*. Com

³⁶⁷ RÓNAI, Paulo. “A arte de contar em *Sagarana*”. *Diário de Notícias*, 14/07/1946.

³⁶⁸ Idem.

³⁶⁹ Ibidem.

elogios e entusiasmo viriam depois outras críticas da obra. Mas nenhuma se comparava à visada de Paulo e Antonio Candido, segundo opinião do próprio autor:

“ (...) o pessoal da nossa ‘*intelligentzia*’ andou transviado, passeando pelas cascas dos contos, sem desconfiar de nada, sem querer saber se um livro pode conter algum sentido... Só o Paulo Rónai e o Antonio Candido foram os que penetraram nas primeiras camadas do derma; o resto, flutuou sem molhar as penas.”³⁷⁰

Natural, portanto, que dessa afinidade nascesse uma relação de intensidade intelectual e mútuo interesse. Paulo e Rosa falavam as mesmas línguas. O conhecimento de filólogo e o deslumbramento com as camadas de significados presentes nos contos do escritor faziam de Rónai um interlocutor apurado e um leitor atento. A intimidade intelectual que logo se configuraria tornaria os dois bons amigos. É dessa forma que Paulo se refere à Guimarães Rosa no tal cartão de agradecimento que envia no fim do ano junto a um exemplar do livro *Canções dos Peregrinos*, em nome de sua família.

“Meu querido amigo: Graças à sua bondade, a minha gente chegou aqui em vésperas de Natal trazendo-lhe essas Canções dos peregrinos. Com elas vão os nosso votos mais sinceros de feliz ano novo para o amigo e todos os seus, na esperança de que um dia destes apareça em nossa casa da Ilha do Governador. Um abraço muito grato de Paulo Rónai.”³⁷¹

No fim de ano, portanto, Paulo está finalmente reunido com sua família. Nada falam do português. Estão acomodados na casa da Ilha do governador na Rua Hilarião Da Rocha, 281, no Tauá, que nos anos 1940 era lugar aprazível, com boas praias, ar puro e natureza. Gisela está cansada, mas contente, e apesar das intransponíveis dificuldades para se adaptar à língua, aclimata-se bem, cuida do jardim e da alimentação da família. Estão todos muito dispostos a trabalhar. Américo já tinha experiência em tecelagem. Na bagagem trouxe um pequeno tear e alguns apetrechos com que monta a pequena produção de tecido. Começa logo a trabalhar, produzindo entretela. Era uma das primeiras oficinas da Ilha e a única fábrica de entretela do Distrito Federal,³⁷² ainda pequena – de tão pequena, parecia até um brinquedo.³⁷³ Estevão torna-se sócio da pequerrucha fábrica e Clara, vendedora, se dividindo

³⁷⁰ Guimarães Rosa em carta Antônio F. Azeredo da Silveira. 25/9/1946. In: ROSA, Vilma Guimarães. *Relembramentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 468.

³⁷¹ Cartão para Guimarães Rosa, encontrado no livro *Canções do peregrinos*, da biblioteca de Guimarães Rosa. IEB/USP.

³⁷² Paulo diz em carta a Ribeiro Couto de 13 de abril de 1948. FCRB.

³⁷³ Idem.

inicialmente entre as tarefas da oficina e os serviços de datilografia francesa que faz para a Faculdade Getúlio Vargas. Paulo sustentaria os membros de sua família por um bom tempo e ainda precisava se organizar para pagar as dívidas contraídas para financiar a viagem da Hungria para o Brasil. O dinheiro é apertado, mas os projetos editoriais, o trabalho na Globo e o Liceu rendem o suficiente para uma vida sem luxo, mas também sem privações. As contas que em todos os primeiros anos no país eram verdadeira obsessão, aos poucos somem de seu diário. O pequeno negócio logo vai engrenando. Paulo aluga perto de casa um galpão para abrigar os teares, insumos e os tecidos que serviam de matéria-prima para fábricas e confecções.

O convívio em casa não é dos mais fáceis. Querelas familiares, sobretudo envolvendo Eva, a irmã mais geniosa, são frequentes. Nem mais nem menos do que seria em qualquer família que vivesse reunida com grande número de membros, como acontecia na casa da Ilha do Governador. Mas há, sobretudo, a vontade de terem êxito na nova terra. “Estamos construindo uma vida nova”, Paulo resume uma conversa com a mãe em seu diário, em novembro de 1947. A vida nova inclui um casal de cães Basset. O macho, Samuel, é o preferido de Paulo, com quem dormia muitas vezes. Samu era o apelido do simpático cãozinho.



Gisela Rónai e o casal de Basset, Iha do Governador

Paulo atravessa a baía de Guanabara diariamente às 7h50 da manhã. Somando as barcas e os bondes, eram três horas diárias na condução.³⁷⁴ Trabalha na Globo como espécie de consultor literário. Lá se anima com a edição da *Revista Província de S. Pedro*,³⁷⁵ publicação trimestral que reunia artigos de temas literários. O trabalho com Balzac é intenso. As conversas com Mauricio Rosenblatt são frequentes como antes, mas se intensificam também com Henrique Bertaso, diretor da empresa, com quem passa a tratar de assuntos de edições e também de sua remuneração, por conta do novo posto ocupado na editora. Bertaso é um editor generoso e reconhece o valor do trabalho hercúleo de Rónai. A correspondência com o editor ilumina essa relação produtiva com a Globo, o que acaba por justificar o incrível sucesso da empreitada balzaquiana.

“Prezado Amigo Sr. Henrique Bertaso,
 Ao assinar o contrato novamente modificado relativo a meu trabalho na edição brasileira da *Comédia Humana*, venho agradecer-lhe sinceramente a generosa compreensão com que me concedeu um aumento tão sensível dos honorários anteriormente estipulados.
 Exprimindo-lhe a minha gratidão, cumpro um dever tanto mais agradável que o seu gesto mostra como o amigo sabe apreciar um esforço intelectual como esse, trabalhoso e demorado, ainda novo no Brasil e que seria impossível se não houvesse editores esclarecidos, cheios de entusiasmo por empreendimentos essencialmente culturais.
 Procurarei corresponder sempre a essa nova demonstração de sua confiança não somente na organização da edição de Balzac, como também em toda a minha atividade de colaborador na Livraria do Globo.
 Subscrevo-me, com essa promessa, seu grato e fiel amigo e admirador,
 Paulo Rónai.”³⁷⁶

Paulo faria valer todo reconhecimento da editora. Nos anos seguintes trabalha na parte da tarde, cinco dias por semana, fazendo pareceres, revisando traduções, produzindo seus próprios livros – uma intensa produção. Em novembro de 1948, em nova carta a Bertaso,³⁷⁷ elenca os trabalhos que entregará antes de suas férias. Na lista estão, além de uma série de títulos de Dickens, Maupassant e a coletânea de contos de Voltaire,

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ A revista seria encerrada no número 10 em razão dos prejuízos gerados. “A revista teve o maior sucesso moral, mas seus leitores são sobretudo escritores que a recebem de graça: a editora teve um considerável déficit com esses dez números e não está disposta a aumentá-lo.” Em carta ao professor romeno radicado em Portugal, Victor Buescu. Novembro, 1947. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

³⁷⁶ Carta a Henrique Bertaso, 28 de julho de 1947. Como PS, Paulo diz ter tido a notícia de que as vendas do primeiro volume da *Comédia Humana* vai bem e se alegra com isso. Mas sublinha que gostaria de, numa reedição, fazer alguns ajustes. Já havia marcado uma série de emendas em seu exemplar: erros tipográficos, notas a melhorar etc. Paulo manteria o hábito de reler e corrigir seus livros editados por toda a vida. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

³⁷⁷ Carta a Henrique Bertaso. 3 de novembro de 1948. Acervo Paulo Rónai.

com um “admirável prefácio” de Roger Bastide, todos os livros avaliados e/ou revisados por Rónai, além de trabalhos de sua própria lavra, em curso: o sétimo volume de *A Comédia humana*, um dicionário gramatical francês, que não seria publicado na casa, e o clássico húngaro de Ferenc Mólnar, *Os meninos da rua Paulo*. Na carta, o título ainda está diferente: “Os rapazes da rua Paulo”, o tradutor escreve. Em 1948, chegavam às livrarias o terceiro volume de Balzac e o segundo de *Mar de Histórias*.

O garimpo dos contos universais continua com a mesma intensidade. Tanto interesse pela matéria fez com que Paulo e Aurélio passassem a assinar em abril de 1947 uma coluna semanal no jornal *Diário de Notícias*. “Conto da Semana” era espaço dedicado à apresentação de contos de autores das mais diferentes nacionalidades e também autores brasileiros de diferentes períodos. Até dezembro de 1960, é nessas páginas do diário carioca que se encontrarão os brasileiros Machado de Assis, Graciliano Ramos, Lêdo Ivo, Osman Lins, os húngaros Dezső Kosztolányi, Gyulla Krudy, Ferenc Mólnar, o italiano Dino Buzzati, o português Miguel Torga, os franceses Marcel Aymé e Guy de Maupassant, a cubana Aurora Villar, o espanhol Miguel de Unamuno, o russo Dostoiévski, o americano Edgar Allan Poe, o romeno Ion A. Bassarabescu, o tcheco Franz Kafka, o sueco Axel Munthe, o argentino Roberto J. Payró, apenas para citar alguns dos autores dos mais de 700 contos publicados por Paulo e Aurélio na coluna nos 13 anos de sua existência. A atividade fazia com que Paulo mantivesse contato vivo com um imenso número de escritores brasileiros. A eles, por carta ou pessoalmente, solicitava o envio de contos para avaliação, assim como dados biográficos que constariam no texto explicativo na página do jornal, em caso de publicação. São muitas as cartas que Rónai guarda que evidenciam esse correio literário, que se intensifica a partir de meados dos anos 1950, quando Aurélio se muda para o México, para lecionar na cadeira de Estudos Brasileiros, na Universidade Autônoma do México, e Paulo assume sozinho a coordenação do espaço. A própria coleção *Mar de Histórias*, de enfoque cronológico, a qual o inventário de contos do jornal também servia, também vai avançando no tempo e se aproximando dos expoentes brasileiros, contemporâneos. São dessa época, cartas de Aníbal Machado,³⁷⁸ remetendo notas biográficas suas, de Adalgisa Nery,³⁷⁹ com um

³⁷⁸ Carta a Paulo e Aurélio. 1 de agosto de 1956. Acervo Paulo Rónai.

conto inédito, de Celso Furtado,³⁸⁰ que agradece a publicação de um conto no *Diário de Notícias*, assim como Luis Martins,³⁸¹ citando apenas alguns.

Esse intercâmbio de produção entre a coluna e a coleção Mar de Histórias era dos mais profícuos, e a dupla se vale do duplo destino para os textos que coletavam, para ir formando esse grande manancial do conto universal, entre expoentes contemporâneos e uma vasta produção de diferentes tempos e origens. Já os livros da coleção seguiam continua e lentamente. “O meu querido Aurélio Buarque de Holanda (...) se é o mais precioso dos colaboradores, é também o mais lento. Por outro lado, as editoras e as tipografias daqui se distinguem também por um ritmo extremamente vagaroso. Basta dizer-lhe que o 2º volume foi entregue ao editor há um ano – pois até hoje não recebemos a primeira prova”, confidencia ao professor romeno Victor Buescu.³⁸²

Assinar a coluna ao lado de Aurélio era para Paulo não apenas um atestado de integração no universo literário brasileiro, como também um canal privilegiado de contato com outros nomes das letras do país. Dessa aproximação e interesse genuíno com autores brasileiros, Paulo faria matéria para artigos e resenhas que publicava na imprensa, muitos deles no mesmo *Diário de Notícias* e outros no *Correio da Manhã*. Os assuntos que trata são todos aqueles de seu interesse. Tradução, dicionários, línguas, muito Balzac, tema que lhe acompanhava todo os dias, resenhas de livros de escritores que admirava, muitos deles seus amigos – como Guimarães Rosa e seu *Sagarana*. No mesmo ano de 1946, Paulo dedica uma resenha ao livro *A rosa do povo*,³⁸³ que antes, em carta a Ribeiro Couto,³⁸⁴ já avaliara como um dos melhores publicados naqueles tempos, ao lado de *Infância*, memórias de Graciliano Ramos.

No *Diário de Notícias* Paulo faz uma atenta análise desse último lançamento de Drummond, amigo próximo para além dos livros. “Os temas tradicionais de toda poesia renovam-se inteiramente nos versos de Carlos Drummond de Andrade”,

³⁷⁹ Sem data. Acervo Paulo Rónai.

³⁸⁰ Celso escreve do México, carta datada de 17 de fevereiro de 1956. Acervo Paulo Rónai

³⁸¹ Carta de 23 de agosto de 1958. Acervo Paulo Rónai.

³⁸² Victor Buescu era professor da Faculdade de Letras de Lisboa. Carta de novembro de 1947 (grifo de data feito por Paulo Rónai a mão). Acervo Paulo Rónai.

³⁸³ *Diário de notícias*, 12/05/1946.

³⁸⁴ Carta a Ribeiro Couto. 17 de fevereiro de 1946. FCRB

começa o texto “Poesia e poética em *A rosa do povo*”,³⁸⁵ em que irá analisar em detalhes os poemas do volume, uma das primeiras críticas consistentes da obra na imprensa. De forma lúcida, reconhece a operação poética do mineiro e segue com suas observações: “À primeira vista, a transformação parece consistir apenas numa despoetização do assunto tradicional, que o poeta despoja de todos os atavios convencionais, reduzindo-lhe os elementos à sua nudez primitiva. Mas quando estão reestabelecidos em sua simplicidade substancial, descobre-lhes um novo e inesperado conteúdo poético”. Para ilustrar sua visão, Paulo aponta o processo de “depuração” da poesia de Drummond, presente em “Mito” (a musa vertida em fulana) e “Resíduo”, (a memória despida dos corriqueiros véus sentimentais); também reconhece o parentesco dos símbolos de Drummond com o cinema de Chaplin e joga luz para as imagens novas, os símbolos provocantes de uma mitologia original do poeta, como a própria rosa que brota do asfalto “como, através da dura casca do presente, o futuro se prepara para sair”.

“O livro cuja densa riqueza só se penetra depois de meditado e quase decorado, abala pela esperança de um desiludido; pela largueza do amplexo de um homem de gestos parcos. Cada leitor encontrará nela o seu poema que o ‘atravessará como um lâmina’”. Para Paulo, “Como um presente” e “Os últimos dias” são exemplos maiores “das coisas que viverão muito tempo depois de nós”.

Paulo e Drummond já eram àquela altura amigos fraternais. “Ao querido Paulo, a quem não pude (por uma traição tipográfica) dedicar um poema deste livro, mas a quem me dedico inteiramente, Carlos. Rio, 1.1.46”.³⁸⁶

Pouco mais de um mês depois, Paulo está novamente no *Diários de Notícias* para falar de poesia. Especificamente do novo livro de Cecília Meireles, *Mar absoluto*, tirado em apenas 150 exemplares naquele ano de 1945. A Paulo coube o de número 30, com uma dedicatória da autora: “Exemplar de Paulo Rónai, com a estima e admiração cordial de Cecília Meireles.”³⁸⁷ Paulo assinaria a resenha do livro, “O

³⁸⁵ *Diário de Notícias*. 12/05/1946.

³⁸⁶ No livro *A rosa do povo*, Biblioteca Paulo Rónai. Todos os livros de Drummond trazem uma dedicatória carinhosa, como a de *Poesias*, de 1942: “Ao caro Paulo Rónai, com um abraço brasileiro de Carlos Drummond de Andrade”.

³⁸⁷ No livro *Mar absoluto*, Biblioteca Paulo Rónai.

conceito de beleza em *Mar absoluto*.³⁸⁸ Já estava bem próximo tanto da poeta quanto de sua obra. Conhecia com intimidade tudo o que ela publicara até ali. Era, afinal, também seu tradutor – como o era de Drummond, desde 1939. Dessa maneira, estava habilitado para ler a nova coletânea de Cecília como afirmação de tendências de sua poesia, “o culto da beleza imaterial, a preferência pela abstração, o desapego pelo ambiente real, a dissimulação do lirismo, a predominância de motivos musicais e pictóricos.” Ao mesmo tempo “clássica e cósmica”, Cecília ganha uma análise sensível e profunda do amigo, que enxerga no poema, que dá nome ao livro, indicações valiosas de seu universo.

“O mar tangível e verdadeiro está para o seu ‘mar absoluto’ como os objetos da realidade para as ‘ideias’ de Platão. ‘Não é apenas este mar que reboia nas minhas vidraças, mas outro que se parece com ele’. Este mar invisível é como que a essência do outro, do qual resume a natureza profunda. A poetisa dispõe não de sentimentos apurados para captar-lhes as emanações, mas também de finíssimos instrumentos – as imagens – para exprimir aquela recôndita essência. (...) As rápidas transições em que a fantasia, ao léu das associações, pula das impressões visuais às da lógica, do mar efetivo ao mar ideal, conferem ao poema uma complexidade singular, característica singular de toda a arte de Cecília Meireles.”³⁸⁹

Cecília inspira outros escritos de Paulo Rónai. (“Uma impressão sobre a poesia de Cecília Meireles”, publicaria em *Encontros com o Brasil*, de 1958, “Lembrança de Cecília Meireles”, “Gravado na pedra” e “O Romanceiro da Inconfidência vinte anos depois” saíam no livro *Pois é*, de 1990, depois de serem publicados em jornais).³⁹⁰ Alguns desses textos teriam como fonte original os jornais, caso da resenha sobre *Vaga música*; outros seriam escritos como depoimentos e testemunhos³⁹¹ esparsos e depois recolhidos em edições como *Encontros com o Brasil* e *Pois é*. Ainda em 1953, Rónai e Cecília estão bem próximos, finalizando a tradução de *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke, para a Globo. A obra, em que Cecília leva o crédito de revisão, solidifica a parceria entre os dois.

³⁸⁸ *Diário de Notícias*. 02/06/1946. O texto também integraria o livro *Encontros com o Brasil*.

³⁸⁹ *Idem*.

³⁹⁰ Alguns exemplos são “Gravado na pedra” publicado em *O Estado de S. Paulo* em 19/07/1969. O mesmo artigo é publicado no *Correio Brasiliense* em 05/07/1969. “Romanceiro da Inconfidência, vinte anos depois” em *Correio da Povo*, 01/09/1973

³⁹¹ No prefácio de *Pois é*, Paulo explica dessa forma a origem de parte dos textos, incluindo os conjuntos sobre Cecília, Drummond e Guimarães. No caso deste último, uma maior parte dos textos havia sido publicada em jornais.

Drummond também é objeto de resenhas e ensaios de Rónai e estaria presente em seus livros, em maior volume, muito em conta dos prefácios que escreveria adiante. Em *Encontros com o Brasil* tem dois textos sobre sua obra, incluindo o sobre *A rosa do povo* e ainda “A poesia de Carlos Drummond de Andrade”,³⁹² que havia publicado em 1943 na *Revista do Brasil*. Nele, Paulo oferece um panorama da produção do poeta até aquele momento, quando reunia sob título *José*, os poemas originalmente publicados em *Alguma poesia*, *Brejo das almas* e *Sentimento do mundo*.

“Sorriso fino e leve, esboçado na ponta dos lábios meio cerrados, rosto quase imóvel, mãos tranquilas, sem gestos. Um as palavras pronunciadas baixinho, sem insistência, sem acentos até, e que entretanto caem sobre a gente com todo o seu peso, e nos deslumbram apesar da sua nudez. Guardai-vos, entretanto, de revelar vossa emoção: ao menor sinal, esse poeta desconfiado paralisaria seu próprio impulso, destruiria seus efeitos, imitaria à sua sensibilidade uma máscara de ironia.”³⁹³

Mas Drummond é amigo um tanto mais chegado. Se frequentariam na intimidade familiar durante toda a vida, continuariam parceiros também nos livros. Rónai seria convocado pelo poeta mais de uma vez para as revisões de suas obras, sanar dúvidas, colher opiniões. E também para escrever prefácios de livros como *José e outros*.³⁹⁴ Paulo escrevia, sobretudo, sobre aquilo que o fascinava; falava do ponto de vista de um leitor preparado, atento, sempre próximo.

Ribeiro Couto e Aurélio, Cecília e Drummond. As sólidas amizades em que convergiam o afeto e a literatura eram determinantes para a inserção cada vez mais ampla de Paulo Rónai no Brasil.

Paulo precisava, além desse bom trânsito no ambiente literário –, o que lhe patenteava um conhecimento mais profundo da cultura local, além de lhe ampliar o repertório para seus artigos e ensaios –, de um emprego no magistério que lhe garantisse a segurança financeira. Mas a busca, de fato, não mirava apenas a desejada estabilidade, afinal Paulo nunca deixou de afirmar sua vocação: “Escritor nas horas vagas, sou

³⁹² RÓNAI, Paulo. “A poesia de Carlos Drummond de Andrade”. *Revista do Brasil*, ano VI, nº 56, dezembro de 1943.

³⁹³ Idem.

³⁹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *José e outros*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967. Paulo escreve o texto “Tentativa de comentário para alguns temas de Carlos Drummond de Andrade”. O texto seria integrado ao livro *Pois é* (1990).

professor por vocação e destino.”³⁹⁵ Paulo exercia o ofício com a consciência de um compromisso, uma missão. No Brasil, as principais experiências no ensino secundário estavam centradas até ali no Ginásio Metropolitano e no Colégio Franco-Brasileiro. Na primeira instituição trabalharia até 1944. Na segunda, até 1949, quando assume o cargo de professor municipal do Distrito Federal. Dois meses antes, Paulo escrevia ao então prefeito Angelo Mendes de Moraes.³⁹⁶

Na carta, trata de se apresentar como profissional de ótima formação e vasta experiência. Na época, já trabalhava para editora Globo na organização da edição brasileira dos 17 volumes de *A Comédia Humana* e já havia sido colaborador na *História da Literatura Brasileira*, edição dirigida por Álvaro Lins e publicada pela José Olympio. Também já havia escrito seis livros didáticos.³⁹⁷ Morava “num bairro silencioso da Ilha do Governador”,³⁹⁸ junto a sua família, sentindo-se inteiramente “ligado a este belo recanto do Distrito Federal”. Elogia obras públicas realizadas naquelas paragens, como a ponte e, principalmente a construção de um novo ginásio na Ilha do Governador, à época em fase de conclusão.

“Foi o que me deu a ideia de me dirigir a V. Exa. Pedindo-lhe que me queira nomear professor do novo Ginásio. Formado em universidades europeias, com grande prática no ensino secundário (e superior) no Brasil e no estrangeiro e, além disso, de posse dos requisitos legais (registro do Ministério de Educação, carteira profissional do Ministério do Trabalho³⁹⁹ etc.) tenho certeza de, caso Vossa Exa. queira deferir o meu pedido, poder corresponder à sua honrosa confiança e iniciar a aplicação dos métodos mais novos no ensino do latim e do francês, minhas matérias”.⁴⁰⁰

Paulo encerrava a carta apresentando nomes dos amigos que poderiam dar referências suas. A lista era nada desprezível no que dizia respeito não somente ao tamanho como também (e principalmente) à notoriedade de seus componentes: Jorge

³⁹⁵ RÓNAI, Paulo. *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 98.

³⁹⁶ Carta ao General Prefeito Ângelo Mendes de Moraes. 4 de março de 1949. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

³⁹⁷ Em minhas pesquisas, contabilizei as edições de *Curso básico de latim – Gradus primus*, volumes I, II, III e IV, publicados respectivamente em 1944, 1945, 1946 e 1949. Além desses, até a presente data Paulo havia publicado *Livres français à l'exposition de Rio de Janeiro e de São Paulo*, pelo Centre d'Études Françaises (1945) e *Balzac e a Comédia Humana*, editado pela Globo.

³⁹⁸ Carta ao General Prefeito Ângelo Mendes de Moraes. 4 de março de 1949. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

³⁹⁹ Em 1941 Paulo consegue junto ao Ministério da Educação Certificado de Registro de Professor. No mesmo ano tem emitida sua primeira carteira de trabalho brasileira.

⁴⁰⁰ Carta ao General Prefeito Ângelo Mendes de Moraes. 4 de março de 1949. (Cópia) Acervo Paulo Rónai.

de Lima, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Peregrino Junior, Josué Montello, Álvaro Lins, Ernani Reis, Augusto Meyer, Eugênio Gomes, José Simeão Leal, Aurélio Buarque de Holanda, Arnon de Mello, José Olympio, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Érico Veríssimo, Rodolfo Garcia, Murilo Mendes, Otavio Tarquínio de Sousa, entre outros.

A mesmíssima carta é enviada três dias depois ao Secretário de Educação Clóvis Monteiro.⁴⁰¹ A investida tem resultado. Em pouco mais de dois meses,⁴⁰² Paulo está empregado como professor do município do Rio de Janeiro, então capital federal. A carreira no magistério segue próspera e Paulo faz planos para se candidatar ao concurso para professor titular de francês do Colégio Pedro II, instituição de ensino secundário de maior prestígio na capital, ponto máximo para um professor ginásial como ele.

Antes, no entanto, sua vida tomaria um rumo verdadeiramente novo. O dia é 25 de novembro de 1951. Paulo estava em casa (então na rua Paranapuã, 58, Tauá)⁴⁰³ e corrigia provas em um pequeno caramanchão no jardim, que àquela altura estava cercado de mangueiras, bananeiras e uma viçosa caramboleira. Paulo estava à vontade. Os papéis voavam sem controle, quando adentram no jardim os Grünfeld, uma família húngara que tinha ido até a Ilha do Governador para aproveitar a praia em um domingo de sol a pino, céu azul sem nuvens. Surpreendidos pela tempestade de verão, sem ter onde se refugiarem, lembram do amigo que morava nas proximidades: “Vamos para a casa do Paulinho!”. Amiga de Judith, a filha do casal Grünfeld, Nora Tausz pergunta: “Que Paulinho?”. “Aquele que escreve no jornal”, respondem. Nora, natural de Fiúme (cidade italiana que depois se tornaria parte da Croácia), viera para o Brasil no mesmo ano de 1941, apenas dois meses depois de Paulo, no mesmo Cabo de Hornos, na mesma terceira classe. Estava também em busca de refúgio e com a ajuda de uma tia próxima do Vaticano, conseguiu visto para o Brasil, assim como sua mãe Iolanda (que morrera um ano antes, em 1951), seu irmão Giorgio e o pai Edoardo, que estava com Nora aquele dia na Ilha do Governador. Durante a adolescência, por conta da transferência do pai, chefe de um

⁴⁰¹ Carta a Clóvis Monteiro. 7 de março de 1949. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

⁴⁰² No dia 20 de março de 1950 Paulo registra em diário a inauguração do Ginásio Visconde de Cairu. Em seu discurso, Clóvis Monteiro cita o nome de Paulo Rónai.

⁴⁰³ A antiga casa ficara com Eva e Américo e com a oficina: Emeric Gárdos Fabricação de Entretelas.

escritório de seguros, Nora morou quatro anos em Budapeste, período que a fez fluente na língua.

Nora e seu pai, em meio ao temporal, ajudavam Paulo a recolher seus papéis, falavam húngaro. Missão cumprida, entram todos em casa e passam o resto da tarde conversando. Além de Gisela Rónai e Paulo, estavam Clara e Américo, que ainda moravam na mesma casa. Eva e Estevão haviam se mudado para outra casinha próxima, assim como Catarina, que se casara com o jovem Kalman, judeu alemão que conhecera no Brasil. A tarde chuvosa se transformou num agradável reencontro dos Grünfeld e os Rónai. Mas Paulo estava encantando com a jovem Nora, então com 28 anos. Arquiteta formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (quando ainda era Universidade do Brasil), empregada na construtora Servenco, já naturalizada brasileira, Nora era sólida, inteligente, linda com vibrantes olhos azuis e 17 anos mais nova que Paulo, que registraria em seu diário a bela impressão que aquele domingo lhe deixaria: “Senhor Tausz e sua filha Nora (todos gostam deles).”⁴⁰⁴ Como fazia desde o início da escrita de seus diários para marcar eventos extraordinários, Paulo sublinha aquele 25 de novembro de 1951.

Poucos dias depois, Paulo retribuiria a “visita”, indo até o apartamento onde Nora vivia com o pai, no Rio Comprido. Por sugestão de Paulo, começariam a fazer um livro juntos: Paulo traduzindo e Nora ilustrando. Para isso, se encontravam quase que diariamente na biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro do Rio. O livro *Mon premier livre*⁴⁰⁵ sai pela Editora Nacional no ano seguinte. Muito antes, sairia o casamento. Um namoro rápido e em pouco mais de dois meses, no dia 9 de fevereiro de 1952, em uma cerimônia simples, realizada às 10h da manhã, em um cartório no Centro, tendo Aurélio, sua mulher Marina, Luckács, Maurício Rosenblatt, os Grünfeld e alguns poucos familiares como testemunhas, Paulo e Nora estavam casados. Naquele mesmo dia à tarde, os recém-casados sobem para a cidade de Petrópolis para passar uma rápida lua-de-mel no elegante hotel Quitandinha. No fim daquele dia, um divisor de águas na vida de Paulo, ele resume em seu diário: “*Très heureux*”.

⁴⁰⁴ Diário. 25 de novembro de 1951. “*M. Tausz et sa fille Nora (plaisent à tout le monde).*”

⁴⁰⁵ RÓNAI, Paulo. *Mon premier livre*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1953. (em colaboração com Pierre Hawelka)



Casamento de Paulo, ao lado da mãe Gisela, e Nora, de braços dados com o pai Edoardo, Rio de Janeiro, 1952.

Paulo deixaria a Ilha do Governador para viver com Nora e o sogro num apartamento de três quartos na rua Citiso, perto da rua do Bispo. O fato de Nora, seu pai e irmão falarem húngaro, aproximava as duas famílias e tranquilizava Paulo, afinal Nora poderia comunicar-se com a sogra, que não falava outro idioma a não ser o seu húngaro natal, além de um pouco de alemão. Alguns anos antes, Gisela enfrentara outro tormento pessoal. Jorge, seu terceiro filho, se suicidara em Nova York, para onde se mudara após a guerra, seguindo uma sedutora turca, por quem se apaixonara e que seria a razão de seu desatino. “Das muitas desgraças que nos atingiram foi a pior, talvez por não lhe sentirmos um caráter tão fatal como às outras”⁴⁰⁶. Nesse mesmo ano da morte do irmão, 1949, Paulo escreveu em seu diário, fechando suas anotações: “A Hungria mais e mais distante”.

Depois de tantas aflições, o casamento dava a Paulo uma estabilidade emocional inédita. Além disso, lhe permitia reencontrar, depois de penoso e longo período, um contentamento geral com a vida. “(...) estou experimentando a felicidade, sensação de

⁴⁰⁶ Carta a Ribeiro Couto, 12 de setembro de 1951. FCRB

que andava tão desabitado nesses últimos anos”,⁴⁰⁷ ele narra ao amigo Ribeiro Couto, em carta escrita logo após o seu casamento.

Paulo durante algum tempo ainda se dividiria entre a Ilha e o Rio Comprido. Adorava o sossego, o ar puro, a natureza da casa da família. Um ano antes, chegou a achar que nunca sairia de lá. “Parece que serei enterrado no pequeno cemitério da Ilha do Governador, onde estou radicado”,⁴⁰⁸ escreveu a Ribeiro Couto. Pouco tempo depois, os Tausz e Rónai deixariam o Rio Comprido para morarem em Copacabana, na rua Décio Vilares, em um edifício projetado por Nora, que comprara sozinha um dos apartamentos de três quartos sem falar com ninguém. Nora também arcava com os custos da casa para que Paulo pudesse ajudar sua família e seguir pagando a dívida que contraía com amigos, como Lukács, e instituições, como a União Beneficente Israelita, para os custos da viagem ocorrida anos antes, ainda não saldada.

Não que a família estivesse em má situação, apenas o dinheiro que ganhavam ainda não era suficiente para todas as despesas. Mas os negócios iam bem. Além das entretelas, a pequena fábrica começava a produzir tecidos mais finos, como o linho. Enviaram certa vez um bom corte para Rachel de Queiroz, outra amiga dileta de Paulo. O gesto rendeu um longo e belo artigo publicado na última página da edição de *O Cruzeiro*, em 12 de abril de 1952.

“Recebi ontem um presente que me deixou comovida: um corte de linho tecido por meus amigos húngaros da Ilha do Governador. A fazenda é perfeita, só não parece linho irlandês porque é mais bonita; tem aquele jeito pessoal e inconfundível que marca a obra do artesão, sem a uniformidade, a falta de caráter e de vida do trabalho em série.

Faz cinco anos que eles chegaram ao Brasil, exaustos da guerra e dos nazistas, em busca de trabalho e de paz. Pela bitola do serviço de emigração, creio que não passariam por bons emigrantes: eram gente urbana, dois homens e quatro mulheres; a palavra certa para os chamar é mesmo intelectuais: não tinham costume de lidar no campo, não eram profissionalmente operários ou técnicos. A ideia é terrível, mas verdadeira: intelectuais! Amam os livros e os leem, a parte mais importante da bagagem que trouxeram era isso mesmo, livros. (...)”⁴⁰⁹

Rachel narra em detalhes as etapas da chegada e do desenvolvimento dos teares da família, o incremento do negócio, desenhando um retrato emocionante de pessoas

⁴⁰⁷ Carta a Ribeiro Couto, 23 de fevereiro de 1952. FCRB

⁴⁰⁸ Carta a Ribeiro Couto, 12 de setembro de 1951. FCRB.

⁴⁰⁹ QUEIROZ, Rachel de. “Um corte de linho”. *O Cruzeiro*, em 12 de abril de 1952.

trabalhadoras, simples, de valor, que se tornaram seus amigos através da amizade com Paulo.

“Não consola a gente ver como são grandes e inesgotáveis os recursos da alma dos homens? Cito este exemplo, especialmente comovida, primeiro porque eles são meus amigos, e a segurança com que eles se estabelecem e prosperam aqui é grata ao nosso coração. Depois porque, meu Deus, não são candidatos a Matarazzos, não pensam em ser reis da entretela – querem apenas viver, com decência e tranquilidade; trabalham apenas para conseguirem a vida que, por direito de nascença, cabe a todo ser humano: - garantir a subsistência de cada dia, e usar o resto das horas livres lendo, estudando, escutando música, tratando das flores do jardim, tomando banho de mar, criando cachorros. Dignidade e segurança, é só o que eles almejam. E pode-se dizer que já o conseguiram. (...)”⁴¹⁰

Enquanto a família Rónai caprichava no linho, belo e impecável, Paulo se preparava para o concurso de titular de francês do Colégio Pedro II. O posto era prestigioso para além do magistério. Muitos intelectuais almejavam integrar o seletivo grupo de titulares da instituição e os concursos eram os mais concorridos e disputados por profissionais de excepcional qualidade e repercutiam nos meios culturais e acadêmicos. No próprio ano de 1952, Afrânio Coutinho e Álvaro Lins são aprovados para a cátedra de literatura brasileira.

No mesmo dia em que conheceu Nora, em novembro do ano anterior, Paulo registrara no diário a decisão de se candidatar à cátedra de francês do colégio, cujo edital havia sido publicado no ano anterior. A inscrição acontece em maio de 1952 e entre os seis candidatos aceitos está o nome de Rónai. O concurso seria adiado diversas vezes pelos mais esdrúxulos motivos e só se concretizaria em 1957. Mas antes disso, em março de 1952, Paulo é selecionado para dar aulas de latim na instituição. Não se tratava de posto de titular, mas a primeira colocação entre 100 candidatos dá a Paulo um reconhecimento especial. Passará a lecionar nas recém criadas seções do externato.

Até o momento da prova de defesa de tese, pública e normalmente com uma rígida comissão julgadora, Paulo publica *Um romance de Balzac: A pele de onagro*,⁴¹¹ a tese de concurso para cátedra de francês do Pedro II, cuja fonte principal era sua própria tese de doutorado, sobre romances de juventude do autor francês.

⁴¹⁰ Idem.

⁴¹¹ RÓNAI, Paulo. *Um romance de Balzac: A pele de onagro*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1952.

Ainda antes da esperada prova, dois acontecimentos muito mais marcantes impactariam a vida de Paulo e Nora Rónai: em 31 de julho de 1953 nasce Cora, a primogênita do casal. Dois anos depois, em 23 de agosto de 1955, Nora dá a luz a segunda filha, Laura. Os padrinhos das meninas são todos eles brasileiros e amigos: Aurélio e Cecília Meireles, de Cora; Drummond e a catedrática de arquitetura da UFRJ, Maria Adelaide Rabello Albano Reis, importante referência para Nora, de Laura⁴¹². Duas brasileiras, cariocas, com quem Paulo falaria exclusivamente o português. Se alguns anos antes Paulo já se sentia mais e mais brasileiro, como revelava em carta ao amigo Ribeiro Couto – “Estou-me tornando (e sentindo) cada vez mais brasileiro. Perdi quase todo o contato com a Hungria, assim como a vontade de voltar ainda à Europa.”⁴¹³ – agora Paulo faz parte de uma família brasileira. Este, sem dúvida, seria o fato mais definitivo de sua vida. O Brasil não era mais apenas a sua pátria de adoção, assim como o era para Nora, mas o país de nascimento de suas filhas, onde cresceriam e sobre essa terra, por opção, o casal construiria uma vida em família, ainda e sempre com muito trabalho. Também por essa razão, a perspectiva de se tornar professor de um colégio como Pedro II ganhava maior peso.

O concurso continua escandalosamente empacado. Em junho de 1957 os jornais dão uma grita contra o evidente conluio arquitetado por um dos candidatos, Raul Penido Filho, com examinadores. Sobrinho de um arcebispo e muito bem relacionado, Penido articulava a mudança da banca examinadora para que pudesse ganhar o concurso; pois se a medida fosse de fato o mérito, não teria chance frente a candidatos como Paulo Rónai. A história ganha contornos burlescos. Eneida, em sua coluna no *Diário de Notícias*, anuncia ter recebido um dossiê de leitor que reunia material bombástico sobre o concurso, cuja primeira data marcada havia sido em julho de 1954, com sucessivos cancelamentos por motivos mais que suspeitos alegados pelos examinadores: viagem do professor Debrot à Europa; impedimento do prof. Correia; viagem do professor Przewodoski à Bahia, falta de dinheiro... Eneida identificava má fé e pedia moralização do respeitado evento, muito em nome de um candidato querido que merecia ser respeitado. “Amiga e admiradora de Paulo Rónai, conhecedora de seu

⁴¹² Por ser Nora agnóstica e Paulo, segundo Nora, declaradamente ateu, não há batismo, mas registro no cartório, ocasião em que os padrinhos comparecem firmando compromisso.

⁴¹³ Carta a Ribeiro Couto. 19 de setembro de 1951. FCRB.

valor e de sua probidade intelectual não estou aqui defendendo-o, nem ele precisa disso. O que aponto é mais uma injustiça e contra as injustiças estarei sempre.”⁴¹⁴ No *Correio da Manhã*, em 23 do mesmo mês, o artigo “Concurso e filhotismo”⁴¹⁵ denunciava o nepotismo que atrasava o concurso. Contava, inclusive, que durante essa longa demora um dos candidatos havia morrido. E que agora, era incluído novo examinador, sem idoneidade para tal e ligado ao candidato despótico. Este, por sua vez, seria ligado ao governo, responsável, por fim, pela inexplicável procrastinação.

Talvez por efeito das manifestações da imprensa, a defesa de tese para concurso do Pedro II é finalmente marcada para 12 de dezembro. Por conta de todo alarde, há uma grande plateia de intelectuais, incluindo Aurélio, Afrânio Coutinho, além de Nora e seu pai. A mãe de Paulo, nervosa com a situação, prefere não ir. Achava que Paulo corria risco, podendo sofrer mesmo um atentado. Mas a defesa é brilhante, assim como a prova escrita, realizada dia 19, e a didática, concluída em 21 de dezembro. Nesse mesmo dia é anunciado o resultado: Paulo tira o primeiro lugar com 178 pontos, de um máximo de 200. Paulo se apressa para dar a notícia ao amigo Ribeiro Couto, a quem sempre busca dar conta de suas conquistas, em agradecimento *ad eternum*. “Em seis anos, o concurso foi adiado sete vezes, um quinto candidato inscrito morreu, um sexto desistiu; um dos examinadores designados morreu, a banca foi remodelada três vezes. Houve uma longa guerra de nervos, uma onda cada vez maior de boatos, polêmicas na imprensa, o diabo. Pois bem: aconteceu um milagre, e este húngaro da Alkotmány-utca que você trouxe para o Brasil e cuja aclimação com tanto carinho e afeto acompanhou, obteve o primeiro lugar.”⁴¹⁶

A nomeação para o cargo só seria publicada no Diário Oficial em julho de 1958.⁴¹⁷ Em Outubro Paulo Rónai finalmente assume o posto em uma concorrida cerimônia de posse como catedrático de francês do Colégio Pedro II. Afrânio Coutinho é o primeiro

⁴¹⁴ Eneida. *Diário de Notícias*, 18/06/1957.

⁴¹⁵ “Concurso e filhotismo”. *Correio da Manhã*, 23/06/1957.

⁴¹⁶ Carta a Ribeiro Couto, 25 de dezembro de 1957. FCRB.

⁴¹⁷ Em carta sem data, o editor Ênio Silveira comenta o evento, que acompanhava de perto, segundo demonstra, citando membro da banca examinadora: “Com referência ao famigerado concurso, você já deve saber, a esta altura, que tudo correu bem no setor da Congregação. As ridículas e imbecis manobras do Accioly não tiveram menor resultado, tendo sido homologados, como deviam, os pareceres da banca examinadora. Não creio, e não creem o Ary da Matta e o Afrânio Coutinho, que ainda haja qualquer outra tentativa de sabotagem nas alçadas superiores. Estarão em jogo não apenas a lisura do concurso, mas o nome e o prestígio do caviloso e maquiavélico Waldyck, de modo que serão favas contadas”. Carta s/d. Acervo Paulo Rónai.

orador da noite e incumbido de fazer a saudação do novo professor catedrático. Em seu discurso, evoca a trajetória de desterrado de Paulo Rónai, colocando-o no rol de emigrantes triunfadores. “O Professor Paulo Rónai era o favorito e venceu”,⁴¹⁸ afirmou Coutinho, lembrando dos 26 anos de magistério do eleito. E experiente na lida do ensino secundário, aconselhou: “Na etapa que tão auspiciosamente agora iniciais, Senhor Professor, temei o desencanto e a rotina. Lembrai-vos sempre de que ‘nada é pior que um homem habituado.’”⁴¹⁹

Após as boas-vindas, Paulo confessava sua emoção e o sabor especial que a conquista tinha para ele. A ocasião servia ainda para fazer um balanço da própria trajetória.

“Se para todo professor esta distinção seria sumamente honrosa, ela se reveste, ainda, para mim, de uma significação muito especial.

Há tempo, já homem feito, com 34 anos de idade, quando o ódio desencadeado pela insânia nazista me forçara a abandonar meu país de nascimento, vim aportar a essas plagas, acabrunhado de saudades e de ansiedade, inteiramente só. Não foi fácil ambientar-me, encontrar o trabalho que me convinha, ‘vencer’, como habitualmente se diz. Mas desde o princípio senti, nitidamente, aliviado e deslumbrado que, exilado embora, não me encontrava em exílio. Respirava uma atmosfera de liberdade, isenta de preconceitos de raça, de classe ou nacionalidade. Não via ninguém perseguido por haver nascido desta ou aquela cor, por ter pais judeus, ou avós protestantes. (...) O que me deslumbrava era haver aqui uma democracia instintiva e natural, existente menos nas leis que nos costumes, no modo de viver suave e despreocupado de um povo bom.”⁴²⁰

No discurso, que intitula “Reflexões de um professor secundário”, Paulo questiona “com toda a sinceridade, em acrobacias verbais e sem hipocrisia”, o sistema educacional, enfatizando: “O ensino secundário brasileiro não satisfaz a ninguém. A grande maioria de jovens que ele atira à vida social apresentam evidentes sinais de incompetência e incultura”. A afirmação era comprovada pelos resultados no ensino superior, com alto índice de reprovação no vestibular. “Ora, o que procuram a Universidade constituem a elite de nosso corpo discente. Se a elite é assim, imagina a massa?”⁴²¹ provoca.

Para Paulo, o quadro era resultado de uma série de equívocos. O primeiro deles era creditado às graves falhas de currículo, “a um falso espírito de enciclopedismo” e às

⁴¹⁸ Citado na reportagem “Prof. Paulo Rónai assume Cátedra apontando soluções para ensino de grau médio”. *Jornal do Brasil*, 31 de outubro de 1958.

⁴¹⁹ Idem.

⁴²⁰ Ibid

⁴²¹ Ibid

“improvisações brilhantes no campo da educação”, apontava, lembrando o projeto de lei ora em curso que tornava facultativo o estudo de inglês e francês, e instituía o ensino obrigatório do espanhol, “pelo ideal de solidariedade continental”. Os outros problemas eram principalmente o excesso da carga horário de professores – mal do qual ele mesmo havia provado, um ano letivo sempre encurtado (o mais curto do mundo inteiro), por longas férias (incompreensíveis quatro meses ao todo), além de uma sucessão de feriados, inigualável. Segundo ele, o excesso de exames era outro recorde mundial e método ineficiente. Paulo apontava as falhas, para estimular a mudança, entre elas a ausência de uma comunicação mais eficiente entre professores e alunos, que precisavam enriquecer seu vocabulário, ampliar seu repertório, aprender a pensar.

Em relação ao francês, sabia ser difícil que as novas gerações tivessem o mesmo interesse de tempos anteriores, mas que não deveriam medir esforços para desenvolver o interesse pela língua de Racine. Motivos para amar o idioma, afinal, não faltavam, Paulo sabia. De tão aguardado, o discurso ganha as páginas do *Correio da Manhã* na véspera de sua posse. Paulo, que havia mostrado o texto para algumas pessoas, como Álvaro Lins, se chateia com o ocorrido. Mas não a ponto de empanar o brilho da grande noite.

Na plateia estão Nora, as irmãs e cunhados de Paulo, seu sogro. Também amigos diletos como Aurélio e Drummond e outros intelectuais que deixaram o salão da cerimônia lotado. Paulo estava no posto mais alto do magistério secundário e se sente recompensado. “Não poderia haver ambição mais alta nem honra mais cobiçada que a de se ver empossado numa cátedra do velho Colégio-Padrão.”⁴²²

7.1

Outras aventuras

O professor catedrático do Pedro II tem uma vasta bibliografia no Brasil. Além de Balzac, *Mar de Histórias*, Paulo acumulava um bom número de traduções no mercado. Em 1952 uma das mais célebres, *Os meninos da rua Paulo*, de Ferenc

⁴²² Ibid

Mólnar, que preparava há muitos anos, é publicada com sucesso. Assim com em muitos países mundo a fora, o livro se tornaria um clássico também no Brasil.⁴²³ Paulo trazia para os leitores brasileiros a história que encantou sua própria mocidade budapestiana – bem verdade que já na sua hora, “tempos menos felizes”,⁴²⁴ a cidade já não vivia a mesma atmosfera dos meninos do terreno baldio de Mólnar; depois do retalhamento ocasionado pela primeira guerra mundial, a Hungria tentava recuperar o fôlego. A obra, de 1907, ano de nascimento de Paulo, é dos raros casos em que um livro feito para jovens rompera fronteiras tornando-se leitura sem limitação etária. “Como é que um livrinho especialmente escrito para os adolescentes de Budapeste se metamorfoseia numa obra-prima clássica, lida com encanto por pessoas de todas as idades, de todos os países?”⁴²⁵ Paulo teve algumas respostas, como a de Edgar Cavalheiro,⁴²⁶ em carta de 2 de fevereiro de 1953:

“Li *Os meninos da rua Paulo* e te agradeço muito vivamente pela oportunidade de conhecer essa obra-prima. Sou um sentimentalão e chorei um bocado com a reconstituição desse mundo perdido que é a infância. Lá em Pinhal também tivemos a nossa quadrilha de uma rua e de um terreno baldio muito parecido com o da rua Paulo. E travamos épicas batalhas com grupos ‘inimigos’. O mundo é um só, meu caro. Pena que os donos da vida continuem a dividi-lo para proveito próprio.”⁴²⁷

Na Hungria ou no Brasil, em Budapeste ou Pinhal, a magia da infância era a mesma, atestava o livro, o que também justificava sua esplêndida recepção no mercado brasileiro, assim como acontecera em tantos outros países.

Em 1952, junto aos meninos húngaros, chega às livrarias pelas mesmas mãos de Paulo Rónai, *Escola de tradutores*,⁴²⁸ uma reunião de sete textos sobre tradução, abordando o assunto por vários ângulos, dos mais técnicos, como uma detida análise da tradução brasileira de *Pensamentos*, de Blaise Pascal, ou das versões para José, de

⁴²³ MÓLNAR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. São Paulo: Edição Saraiva, 1952. O livro já teve mais de 80 reimpressões no Brasil.

⁴²⁴ No texto “Livro de criança e mãos de adulto”, publicado no *Correio da Manhã* em 21/08/1949, Paulo fala sobre o livro. O ensaio seria reunido em *Como aprendi o português e outras aventuras*.

⁴²⁵ Paulo Rónai no prefácio de *Os meninos da rua Paulo*.

⁴²⁶ Edgar foi escritor, crítico e editor. Ocupou cargos com presidência da Câmara Brasileira do Livro e nesse papel foi um dos criadores do Prêmio Jabuti.

⁴²⁷ Carta citada no prefácio de Paulo Rónai. O texto consta na reedição da obra pela CosacNaify: *Os meninos da rua Paulo*. São Paulo: CosacNaify, 2009.

⁴²⁸ RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. “Cadernos de Cultura”. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. 2ª edição, rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. 3ª ed., rev. e aum. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967. 4ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. 5ª ed., aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 6ª ed. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, 2000. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Drummond, passando por resenhas de livros (*A arte de traduzir*, de Breno Silveira, e *Les Belles Infidèles*, de Georges Mounin), reflexões sobre o futuro do ofício, diante, por exemplo da temida invenção da máquina de traduzir (o que é hoje realidade nos meios digitais). A primeira edição não contaria com o depoimento sobre o dramático episódio da tradução da carta que narrava a morte de seu pai. “A tradução mais difícil” seria incorporada ao livro apenas em sua quinta edição, anos à frente. Como conjunto, o livro era testemunho de um interesse vivo sobre a atividade tradutória, uma visão lúcida sobre o ofício e de larga experiência no *métier*, e um das edições pioneiras na área. Resultado prático dessa atividade são *Amor e Psique*, de Lúcio Apuleio (1956), *Sete Lendas*, de Gottfried Keller (1956) e *Uma noite estranha* – peça em 3 atos, do húngaro Alexandre Torok (1957), para o qual faz também uma introdução.

Os livros sempre ganhavam destaque nas colunas literárias da imprensa. *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário de Notícias*, todos noticiam, elogiam, indicam *Escola de Tradutores*, que teve a primeira tiragem esgotada em pouco tempo. Em 1956, em sua segunda edição, foram acrescentados mais quatro textos; na terceira, em 1967, não houve alterações. Apenas na quarta, em 1976, fez-se uma mudança mais substancial somando outros nove artigos e na quinta, em 1987, acrescentou-se o depoimento de Rónai citado anteriormente.

Foi reunindo os textos que havia escrito para jornais desde que chegara ao Brasil que Paulo compôs *Como aprendi o português e outras aventuras*, livro lançado no fim 1956.⁴²⁹ O primeiro dos 27 pequenos ensaios da edição, exatamente o que dá nome ao livro “Como aprendi o português e suas aventuras” havia sido escrito originalmente no jornal carioca *Letras e Artes* e publicado em maio de 1948.⁴³⁰ No ensaio, um dos mais biográficos que escreve, trata da descoberta da língua ainda em Budapeste, traçando toda a trajetória do primeiro contato com o idioma até a sua chegada ao Brasil. Trata-se de sua grande aventura. Dividido em quatro partes, a edição reunia em uma mesma obra os diferentes interesses, as diferentes atividades que se harmonizavam em Paulo Rónai: o estudioso de idiomas (“Do caderno de um

⁴²⁹ RÓNAI, Paulo. *Como aprendi o português e outras aventuras*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1956.

⁴³⁰ *Letras e Artes*. 16/05/1948.

estudioso de idiomas”), o professor de línguas (“Dos monólogos de um professor de línguas”), o especialista em literatura francesa (“Leituras e releituras francesas”), e o húngaro embebido de sua própria cultura (“Salvados do incêndio”).

Publicado 15 anos após sua chegada, o livro revela um autor com pleno domínio do português, um completo à vontade com a língua e com o manejo das palavras, um vocabulário de expressões próprias, um caráter por vezes anedótico; o que pode ser notado desde o batismo de alguns títulos, como “Anatomia do lugar comum” e “Defesa e ilustração do trocadilho”, em frases curtas e bem tiradas, como a que diz que “o latim é a gata borralheira do currículo”,⁴³¹ até passagens sarcásticas, bem humoradas, como esta encontrada em “As cem maneiras de estudar idiomas”:

“Há tempos, li uma nota acerca de um funcionário sueco, o qual, tendo de fazer duas viagens diárias de uma hora entre a casa e a repartição, aproveitava-as metodicamente e, aposentado ao cabo de trinta anos de serviço, via-se dono de doze idiomas. À falta de pormenores no tocante ao método empregado, podemos concluir, apenas, que nos compartimentos de trens suecos não há muita conversa; e, também, que suas condições de conforto devem ser diferentes das da nossa Central.”⁴³²

Ou ainda no início de “Utilidade das ideias afins”, em que se utiliza do refinamento das ideias, do humor e da leveza para colocar o leitor bem perto e então avançar em seu assunto intelectual ou mesmo técnico. Nesse caso, uma análise do Dicionário Analógico da Língua:

“Já confessei certa vez o respeito que me incutem dicionários e dicionaristas. Um respeito que não está completamente isento de medo, desde que sei que Dom Casmurro, antes de ser escrito, já estava inteirinho dentro de um dicionário qualquer: bastava arrumar-lhe as palavras de determinado jeito para daí sair o grande livro de Machado de Assis. Perspectiva tenebrosa, se a gente pensa que, havendo arrumação diferente, o resultado seria a tradução de um romance de Georges Ohnet.”⁴³³

O estilo de Paulo é avesso a formalismos ou impositões; cria através do texto um contato direto com o leitor, uma conversa em que se coloca sempre como narrador e personagem. Sua experiência pessoal acaba sendo sempre o ponto de partida para

⁴³¹ RÓNAI, Paulo. “Uma geração sem palavras”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p.99.

⁴³² RÓNAI, Paulo. “As cem maneiras de estudar idiomas”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 29-30.

⁴³³ RÓNAI, Paulo. “Utilidade das ideias afins”. In: *Como aprendi o português e outras aventuras*, op. cit., p. 56. Aparentemente Paulo não tem o escritor francês George Ohnet em alta conta.

cada uma das “aventuras” narradas; da experiência e observação abre-se espaço para uma análise clara, lúcida, curiosa e prazerosa.

O livro teve grande e boa repercussão. Na sua coluna “Crítica de Domingo”, do *Correio da Manhã*, Drummond faz pequenos versinhos para comentar os livros de que gostou. “Mestre aprendiz”, é o título do poema-resenha que homenageia o livro de Rónai:

“O rude barro
- Paulo Rónai, conta fagueiro,
Outra façanha dele eu vi:
aprendeu a ser brasileiro”⁴³⁴

O livro inspira ainda cartas como a de Raul Bopp (“Vivificar a linguística parecia quase impossível até agora, mas já consegui encontrar um livro lúcido, animado, cheio de sugestões e aventuras”),⁴³⁵ e uma matéria elogiosa no *Diário de Notícias*⁴³⁶ (que encerra o artigo: “Mesmo nesses artigos, mais de escritor que de professor, a gente recebe lições sem o tom dogmático ou rabugento de certas aulas. Rónai ensina com bom humor e simplicidade. Vale a pena ler esse livrinho delicioso”). No mesmo *Diário de Notícias*, alguns meses depois, o crítico Bernardo Gersen publica um extenso e sensível artigo⁴³⁷ destacando as qualidades do livro e, sobretudo, o caráter humanista de seu autor, traço que é em Rónai mais do que determinante.

“Ao abrirmos o livro entramos assim logo em contato com um desses humanistas cada vez mais raros em nossa era de exasperado utilitarismo e de especialização feroz, para quem saber e ciência são antes de tudo um fim em si, uma fonte de descobertas e de vida e exercício livre – aparentemente – gratuito das altas faculdades humanas.”⁴³⁸

As aventuras de Rónai continuam a repercutir, dando conta do prestígio do autor e do caráter original da obra, e é tema de uma longuíssima crítica de Wilson Martins publicada no “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*. Mais do que o livro, a resenha do respeitado crítico literário tem em foco mais detido seu autor e, desse modo, Wilson fazia uma das mais belas declarações a Paulo Rónai, dizendo:

⁴³⁴ *Correio da Manhã*. 16/02/1957. 1º caderno.

⁴³⁵ Carta de Raul Bopp a Paulo Rónai. 30/11/1957. Acervo Paulo Rónai.

⁴³⁶ *Diário de Notícias*. 10/02/1957.

⁴³⁷ GERSEN, Bernardo. “Um humanista moderno”. *Diário de Notícias*. 6/06/1957

⁴³⁸ Idem.

“Assim como não escolhemos nossa família, não podemos escolher os nossos compatriotas. Mas, em uma certa medida, é possível escolher uma pátria: quando o destino nos obriga a abandonar a nossa língua e as nossas tradições nacionais, é natural que, um pouco ao acaso, um pouco deliberadamente, elejamos para moradia definitiva a nação que, por um motivo ou por outro, pareça melhor responder às nossas idiossincrasias, à nossa sensibilidade. O Sr. Paulo Rónai, intelectual húngaro, escolheu, simultaneamente, a liberdade e o Brasil. Eu, de minha parte, se me fosse dado escolher um compatriota, teria escolhido o Sr. Paulo Rónai.”⁴³⁹

Dito, assim, o principal, Wilson Martins se detém nos ensaios, comentando a maior parte deles em detalhes e reconhecendo o enraizamento cultural de Rónai. “Nos seus anos de Brasil, o Sr. Paulo Rónai já sente brasileiramente e as suas páginas podem concorrer, em elegância e correção, com as de qualquer outro escritor nosso”, diz o crítico.⁴⁴⁰

Paulo imprime o mesmo estilo em *Encontros com o Brasil*, lançado dois anos depois, reunindo mais uniformemente impressões sobre autores e livros brasileiros. “São artigos publicados num período de quinze anos sobre livros brasileiros”⁴⁴¹, ele avisa na Advertência inicial. Ribeiro Couto, Érico Veríssimo, Manuel Antônio de Almeida, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Lucia Benedetti, Guimarães Rosa, Aurélio Buarque de Holanda. Paulo é certo quando diz na apresentação da obra que sua intenção primeira era revelar impressões sobre o que havia descoberto de mais prazeroso na literatura brasileira desde que chegara ao país. Não pretendia com isso apresentar um panorama, tampouco demonstrar uma teoria literária. “São apenas os depoimentos de um leitor acerca de leituras que lhe deram prazer – de um leitor que escreve para comunicar a terceiros o próprio entusiasmo e talvez, mais ainda, para melhor compreender o que leu.”⁴⁴² Assim, figuram no livro ensaios sobre livros como *Origens e fins*,⁴⁴³ de Carpeaux,⁴⁴⁴ *A Beata Maria do Egito*,⁴⁴⁵ de Rachel de Queiroz,

⁴³⁹ MARTINS, Wilson. “O homem e as línguas”. *Estado de S. Paulo*. 29/06/1957.

⁴⁴⁰ Idem. A certa altura do artigo, Wilson Martins questiona uma ou outra escolha vocabular, que, para ele, demonstravam certo “excesso de correção”. Na sua opinião às vezes faltava nos textos uma salutar dose de “incorreção espontânea”. O tema é tratado, no entanto, sem grande ênfase. O texto inclui ainda alguns aspectos do livro anterior de Paulo, *Escola de tradutores*. Em carta de 7 de julho de 1957, Paulo diz a Wilson: “Se a gente pudesse escolher os seus críticos, eu escolheria você pela capacidade de penetração, compreensão e simpatia”. Acervo Paulo Rónai.

⁴⁴¹ *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1958.

⁴⁴² Idem, Advertência.

⁴⁴³ Publicada originalmente em *O Jornal*, 12/03/1944.

⁴⁴⁴ Carpeaux, no entanto, nunca dedicou um texto a Paulo Rónai. Segundo Nora Rónai a questão era assinalada por Rónai, mas nunca com tom de mágoa.

O tempo e o vento,⁴⁴⁶ de Érico Veríssimo, *São Bernardo*,⁴⁴⁷ de Graciliano Ramos, *Esqueleto na Lagoa Verde*,⁴⁴⁸ de Antônio Callado, além de *Dois mundos*,⁴⁴⁹ de Aurélio Buarque de Holanda (um de seus livros preferidos e sobre o qual fez extensa pesquisa de vocabulário, reservando todo um pequeno caderno para tal), os já citados textos sobre *A rosa do povo*, de Drummond, *Mar absoluto*, de Cecília Meireles, um tematicamente mais amplo sobre a poesia de Jorge de Lima,⁴⁵⁰ dois outros de caráter mais pessoal sobre a obra do grande amigo Ribeiro Couto,⁴⁵¹ e ainda três artigos sobre Guimarães Rosa; um primeiro sobre *Sagarana*, e os dois outros tratando de obras posteriores: “Rondando os segredos de Guimarães Rosa”,⁴⁵² sobre *Corpo de baile*, e “Três motivos em *Grande Sertão Veredas*.”⁴⁵³

Encontros com o Brasil pode ser visto como um inventário das obras e autores que ligaram Paulo Rónai ao Brasil. Seria, dessa forma também um inventário de suas predileções e afetos, já que para Paulo sua crítica estava intimamente ligada ao seu prazer de leitor. Não é por outra razão que palavras como emoção, frêmito, surpresa se fazem presentes em seus textos, ao lado de adjetivos capazes de transmitir ao leitor suas melhores impressões. Assim, Paulo apresenta sua crítica fundamentada pela experiência pessoal da leitura; leitor equipado, extrai de seu próprio repertório as suas análises, longe de qualquer proposição dogmática. Não se preocupa em fundamentar argumentos em teorias, mas na própria leitura que revela aspectos instigantes a partir da capacidade de esmiuçar o texto, reconhecendo referências, desvendando segredos (léxicos, semânticos) e apontando seus méritos literários; isso por ser ele mesmo um leitor experimentado, também um professor de línguas, um doutor em filologia, um *expert* em literatura francesa e húngara, um dedicado leitor de escritores brasileiros.

⁴⁴⁵ Publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, 18/06/1958.

⁴⁴⁶ Publicado originalmente em *Diário de Notícias*, 12/02/1950

⁴⁴⁷ Publicado originalmente em *Correio da Manhã*, 06/06/1948

⁴⁴⁸ Publicado originalmente em *Diário de Notícias*, 26/04/1953.

⁴⁴⁹ Publicado originalmente em *O Jornal*, 28/03/1943.

⁴⁵⁰ “Encontro com a poesia de Jorge de Lima”, publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, 28/06/1949.

⁴⁵¹ “Notícias de Ribeiro Couto”, publicado originalmente em *Diário de Notícias*, 09/09/1951. “Ribeiro Couto, tradutor de si mesmo”, de 1958, segundo assinala na edição.

⁴⁵² Publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, 10/06/1956, com título “O segredo de Guimarães Rosa”.

⁴⁵³ Publicado originalmente em *Diário de Notícias*, 16/12/1956.

A literatura, afinal, é fruto da relação do homem com o mundo, e não um campo isolado. Os escritos⁴⁵⁴ sobre ela não poderiam ser diferentes. Por isso, Paulo convida os leitores a participar de uma análise pessoal e desnudada, buscando engajá-los no mesmo ambiente íntimo que frequenta com os assuntos que trata. Na sua produção pessoal o que vale mais é o sujeito que fala. As leituras de Rónai (não apenas as sobre literatura *stricto sensu*) são boas porque nelas está ele próprio, repartindo sua vasta experiência, seu amplo conhecimento, seu olhar que clareia as obras. “Tem a arte de ser profundo parecendo apenas deslizar sobre os assuntos. É sutil sem afetação; eu o diria distraidamente arguto. Um clarificador por excelência; um iluminador”⁴⁵⁵, resumiria o amigo Aurélio.

Sua forte presença pessoal em cada texto torna-se a sua marca e também principal qualidade. Um pouco na linha do que diz o crítico Tzvetan Todorov sobre Roland Barthes: “A melhor coisa a ser descoberta no que se chama ‘Barthes’ (a vida e a obra) é Barthes ele mesmo.”⁴⁵⁶

Paulo não chega a reconhecer a existência de um estilo próprio em seus textos autorais: “Creio impossível superar a perda da língua materna e criar na sua de adoção. Felizmente, em mim, tudo se ameniza. Não sou um criador. Portanto, para a missão de informar, a língua adotada será boa e suficiente e creio que a comunicação que almejo seja possível.”⁴⁵⁷

Para a comunicação que almeja, Paulo se aproxima do tom ensaístico.

A escolha do estilo não é acidente. O ensaio abriga mais confortavelmente as ideias subjetivas, sem impositões, imposições ou hierarquia.⁴⁵⁸ É no ensaio que a visão

⁴⁵⁴ Inclui-se aqui os livros de autoria própria, incluindo também *Escola de tradutores* e o futuro *A tradução vivida*, que sairia apenas em 1976, e *Pois é*, de 1990. Todos eles reunindo em maior parte textos escritos para imprensa.

⁴⁵⁵ HOLANDA, Aurélio Buarque de. “O brasileiro Paulo Rónai”. Apresentação para *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 16

⁴⁵⁶ “The best thing to be found in what is called ‘Barthes’ (the life and the works) was Barthes himself.” TODOROV, Tzvetan. *Literature and its theorists – A personal View of Twentieth-Century Criticism*. Cornell University Press, 1987, p. 67. Todorov também abre uma discussão sobre o que chama de crítica dialógica, o que poderia, na minha visão, ser enxergado no método crítico de Paulo Rónai. O que poderá ser tema de um novo trabalho.

⁴⁵⁷ Entrevista a Silvio Castro. *Jornal das Letras*, junho de 1958, p. 14.

⁴⁵⁸ O gênero é frequentado por outros exilados no Brasil, como Carpeaux, Flusser, Anatol Rosenfeld.

humanista e cosmopolita⁴⁵⁹ melhor se acomoda, o que pode explicar a opção feita por outros intelectuais de sua geração em favor do gênero. Notavelmente definido primeiro por Adorno e depois por Luckács, o ensaio encontrou em Paulo Rónai um dos mais destacados representantes no Brasil. É seu gênero por excelência. Nele, há a liberdade do argumento, a voz própria, o espaço para o relato pessoal. Essa é a beleza de seu estilo, que chancela uma postura mais preocupada em transmitir uma visão de caráter íntimo, generoso – e, ao mesmo tempo, consistente em registro rico de opiniões e referências – que impor um saber, uma autoridade intelectual. Paulo se tornou mestre na capacidade de profundo sem parecer sê-lo: “O pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa”,⁴⁶⁰ pontua Adorno. No entanto, por nunca ter ambicionado a construção de uma obra teórica, e, por essa razão, não ter sistematizado seus textos como tal – preferindo sempre arranjá-los em livros, simpática e amorosamente, como “impressões” de um leitor –, sua produção sobre literatura acabou não conformando uma obra crítica reconhecida⁴⁶¹, apesar do *corpus* de seus escritos serem inegavelmente umas das mais importantes contribuições para o entendimento e aprofundamento da literatura brasileira, do mercado editorial do país e também da tradução no século XX.

Em sua admirável despretensão, Paulo não se julga escritor,⁴⁶² no entanto, pouco mais de dez anos navegando em uma nova língua, Ribeiro Couto, seu grande interlocutor e também leitor, atestara já em 1952: “Se tudo o que v. escreve atualmente (leio-o sempre nas edições de domingo do ‘Diário de Notícias’) é escrito diretamente do português – felicito-o calorosamente. Ninguém dirá que v. tenha chegado ao Brasil apenas há dez anos, de tal modo a sua linguagem é direta, fluente e precisa, com

⁴⁵⁹ Ver ASCHER, Nelson. “Paulo Rónai – tradução e universalidade”, op. cit, p.56.

⁴⁶⁰ ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 27.

⁴⁶¹ Paulo é comumente lembrado na bibliografia sobre o assunto como tradutor. Sua contribuição na crítica ainda não foi devidamente reconhecida. E um trabalho de consolidar artigos publicados na imprensa e ainda inéditos em livros poderá ajudar a preencher essa lacuna. Nesse sentido, a recente reedição de suas obras também ajuda a afirmar este seu lugar de destaque na história da literatura brasileira.

⁴⁶² Diz em carta a Ribeiro Couto em 11 de maio de 1959: “Cada escritor, você bem sabe disso, escreve para algumas pessoas. Até eu (que não me julgo escritor) escrevo pensando em quatro ou cinco pessoas, uma das quais é você”. Acervo Paulo Rónai.

torneios elegantes – linguagem de escritor, linguagem de humanista e ensaísta e não de amador.”⁴⁶³

Ribeiro Couto não é o único a partilhar a opinião. “Não posso deixar de lhe confessar que V. S. é para mim um modelo de limpidez e clareza estilística e de transparência de raciocínio e pensamento – precisamente porque sei das minhas deficiências neste campo”,⁴⁶⁴ escreveu o crítico e ensaísta Anatol Rosenfeld, judeu alemão que emigrou para o Brasil em 1937, e que se tornaria outra referência do ensaio no Brasil.

Quando já ostenta um conjunto de obras publicadas, em fins dos anos 1950, Paulo Rónai é um crítico, ensaísta, e também um humanista, como nos lembra Ribeiro Couto – sem esquecer o que também já era antes de chegar ao Brasil, um professor experiente, um tradutor respeitado. O abraileiramento não é mais um processo em curso, um gerúndio – um se tornando, sentindo. Paulo Rónai é um escritor brasileiro.

7.2

“Um abraileiramento radical, um brasileirismo generalizado.”

O sucesso da tradução dos meninos de Ferenc Mólnar foi um motor para que Paulo realizasse um antigo desejo: apresentar para o público brasileiro alguns mestres da literatura de seu país através de uma amostra de contos. “Uma antologia do conto húngaro constituiria o meio mais indicado de nos aproximarmos não somente da literatura, mas da alma húngara”,⁴⁶⁵ Paulo acredita. Por isso, prepara uma pequena seleta, com 12 contos escritos por expoentes das letras de sua terra, como Gyula Krudy, Zsigmond Móricz, Dezső Kosztolányi, Géza Gárdonyi, Antal Szerb, Endre Gelléri e o próprio Mólnar. A edição é realizada graças ao ânimo de José Simão Leal, editor responsável pela coleção *Cadernos de Cultura*, do Ministério da Educação e Cultural da qual o livrinho *Roteiro do conto húngaro* faria parte.

⁴⁶³ Carta a Paulo Rónai. 15 de março de 1952 (cópia). FCRB.

⁴⁶⁴ Carta a Paulo Rónai. 25 de agosto de 1961. Acervo Paulo Rónai. Curioso que em ensaio tratando exatamente de Rosenfeld, em 1984, Roberto Schwarz comenta sobre a escrita de Rónai, o comparando ao ensaísta alemão. “Ao lado de Paulo Róbai e Michel Debrun, é um dos estrangeiros cuja escrita ensaística encerra inspirações para o escritor brasileiro”. SCHWARZ, Roberto. “Os primeiros tempos de Anatol Rosenfeld no Brasil”. *Estado de S. Paulo*, 22/04/1984.

⁴⁶⁵ RÓNAI, Paulo. Prefácio de *Roteiro do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1954, p. 4.

A escolha de Paulo Rónai tinha como norte a preocupação de apresentar aqueles que, na sua opinião, eram os representantes do gênero em sua terra e, ao mesmo tempo, exemplares de riqueza temática assim como estilística: “procurei escolher os contos de tal forma que apresentem quase todos os tipos do conto moderno e todas as suas variantes dentro da literatura húngara.”⁴⁶⁶ O limite histórico da coletânea era 1939, a trágica marca do começo da Segunda Guerra Mundial.

O livro é lançado em meados de 1954, perto do primeiro aniversário de Cora.

“Quanto a nós, continuamos levando uma vida calma e cheia de trabalhos, alegrada pelo sorriso da brasileirinha Cora, que acaba de fazer um ano e um mês”,⁴⁶⁷ escreve a Ribeiro Couto, remetendo seu livrinho. Paulo estava satisfeito em poder ampliar no Brasil o conhecimento da literatura húngara. Mas para ele se tratava de uma representação ainda limitada e, por isso, continuava o trabalho de seleção e tradução de contos para uma futura antologia mais ampliada e representativa. A coletânea ganhava volume, novos escritores e uma representatividade mais significativa, portanto. Eram agora trinta contos escritos por dezoito autores. Paulo sentia que agora teria como dizer: aqui estão os melhores contos da minha terra, os mais talentosos representantes do gênero e uma amostra rica da literatura que me formou, feita por escritores que admiro e alguns também amigos fraternais – como Szerb, Gelléri e Ákos Mólnar.

Quase vinte anos depois de levar a *Brazilia üzen* à sua terra natal, Paulo apresentaria a mensagem da Hungria à nova pátria. Estava costurando as pontas de sua existência, trazendo para o Brasil tudo o que não coube na sua mala, o que havia sido sua referência primeira, os autores de sua formação e também de sua convivência, que agora falavam, como ele, uma nova língua, o português. Para um momento tão relevante, Paulo queria vestir a edição com algo especial. Teve uma ideia, tomou coragem e enviou um convite ao amigo Guimarães Rosa para que fizesse um texto de apresentação da nova antologia. O escritor não disse que sim nem que não. Apenas pediu que Paulo lhe enviasse um resumo de seus dados pessoais. Em pronta resposta ao pedido, Paulo escreve uma carta, em junho de 1956, “com remorsos pela maçada

⁴⁶⁶ Idem, pag. 5. No prefácio Paulo se refere a um livro anterior da mesma coleção, *Variações sobre o conto*, de Herman Lima, que citava alguns dos autores húngaros. Paulo, portanto, diz que sua seleção, dessa forma, também buscou ilustrar o trabalho do amigo, ampliando, contudo, a amostra de autores.

⁴⁶⁷ Carta a Ribeiro Couto. 1 de setembro de 1954. FCRB.

que lhe estou impondo”,⁴⁶⁸ contendo um extrato de sua trajetória: do nascimento, passando aos anos de estudo, a temporada em Hárossziget, o Brasil e a dificuldades dos primeiros tempos, a morte do pai, o assassinato de Magda e sua mãe, a chegada de sua família, e finalmente, a naturalização, o casamento, as filhas brasileiras. E termina, categórico: “Não tenciono mais voltar à Europa. Sinto-me integrado no ambiente brasileiro.”⁴⁶⁹

Alguns anos antes, em 1951, um texto de Paulo, o que publicara em 1946 no *Diário de Notícias*, havia figurado como prefácio da nova edição de *Sagarana*⁴⁷⁰ (e continuaria a constar na abertura da obra em todas as edições seguintes). Em 1956, dez anos depois, os dois estão bem próximos. Rosa, depois de um decênio sem publicar, lança seu segundo livro, *Corpo de baile*, reunindo sete grandes novelas. A obra, entregue a Paulo em primeiro momento, é rapidamente devorada. Em 10 junho relata em um artigo em *O Estado de S. Paulo*, o impacto da leitura. Em “Os segredos de Guimarães Rosa”, Paulo dá ao amigo a alcunha de “inventor de abismos”, “localiza-os [os abismos] em broncas almas de sertanejos, inseparavelmente ligadas à natureza ambiente, fechadas ao raciocínio, mas acessíveis a toda espécie de impulsos vagos, sonhos, premonições, credices, vivendo a séculos de distância da nossa civilização urbana e niveladora”,⁴⁷¹ explica. Mais uma vez, Paulo demonstra ter as chaves para adentrar o universo telúrico, inventivo, singular do escritor.

No próprio título Paulo evidencia o poder que a obra do amigo tem de atizar um repertório que lhe é próximo e afetivo: “Como os grandes poemas clássicos *Corpo de baile* está cheio de segredos que só gradualmente se revela ao olhar atento”, Rónai justifica. De maneira imediata, Paulo reconhece as fecundas arbitrariedades que o amigo impõe à língua: a fusão entre a coleta do vocabulário popular do sertão mineiro e o aprofundamento de derivações e tendências sintáticas desse palavreado, a criação de onomatopeias, o uso de terminações afetivas e a permutação de prefixos verbais, criando um idioma próprio parido do empréstimo de operações recorrentes em outras línguas – coisa que um poliglota sente-se à vontade em fazer e um outro poliglota tem facilidade em reconhecer. Talvez seja Paulo o primeiro a comparar Rosa a James

⁴⁶⁸ Carta a Guimarães Rosa, 21 de junho de 1956. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

⁴⁶⁹ Idem.

⁴⁷⁰ ROSA, Guimarães. *Sagarana*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

⁴⁷¹ “Os segredos de Guimarães Rosa”. *Estado de S. Paulo*, 10/06/1956.

Joyce. “... submete o idioma a uma atomização radical, da qual só encontraríamos precedentes em Joyce.”⁴⁷² O texto de Paulo, certo, em seu estilo claro, iluminador, também se tornaria prefácio de *Corpo de baile*, adotando o título “Rondando os segredos de Guimarães Rosa.”⁴⁷³

Nesse mesmo período, Guimarães Rosa escreve o prefácio da *Antologia do conto húngaro*. Não se tratava de uma troca de favores. Rosa estava pessoalmente estimulado a escrever sobre a coletânea de contos organizada por Rónai, atendendo ao pedido do amigo.⁴⁷⁴ O que existia entre os dois era uma já consolidada afinidade intelectual e também afetiva, e o texto que entregaria a Paulo seria uma amostra disso. “Pequena palavra” é um ensaio de originais 24 páginas, profundo e erudito, de incontido ânimo pela matéria – seja a história da Hungria, o riquíssimo caráter mesclado de seu povo, a empolgante literatura gerada na terra e o organizador da coletânea – “um tradutor, no pleno senso, mestre nessa arte minuciosa e estreita, seu comprovado cultor, seu modesto estudioso”,⁴⁷⁵ destaca Rosa. “Mais, ainda, esse letrado, esse *scholar*, esse *clerc* – escritor de válida formação cultural europeia, humanista, latinista, romanista, erudita em literatura comparada, é um poliglota.”⁴⁷⁶

A fascinação pela Hungria declarada no texto de Rosa está apoiada em uma profunda recuperação histórica e geográfica que faz sobre a nação de tantas matrizes e que se conformou europeia. Nessa trilha, o escrito refaz o caminho de formação do povo húngaro,⁴⁷⁷ para concluir seu caráter atual. “[os magiares] são, principalmente, positivos e realistas, práticos com o gosto do cotidiano e muito bem enraizados nesse mundo; daí, entre outras consequências, seu sólido amor à terra e notável aptidão política. (...) Alegres sãmente, e todavia algo nostálgicos, combinam bem o sonho com a ação, a ironia com a tolerância, a duração em gentileza.”⁴⁷⁸ Para além de sua

⁴⁷² Idem.

⁴⁷³ O mesmo que teria em *Encontros com o Brasil*.

⁴⁷⁴ “Eu quis escrever, por causa de falar de um país, belo, bravo, e digno de estima”. ROSA, Guimarães. “Pequena palavra”. In. RÓNAI, Paulo. *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957, p.28.

⁴⁷⁵ ROSA, Guimarães. “Pequena palavra”. In. RÓNAI, Paulo. *Antologia do conto húngaro*, op. cit., p.11-12.

⁴⁷⁶ Idem, p.12.

⁴⁷⁷ Vale citar a primeira frase dessa rica investigação. “Os húngaros vieram da Ásia – de onde vem quase tudo o que pesa e importa: o sol, os filhos de Adão, o bem e o mal, os flagelos, a sabedoria, as religiões, os germes da ciência”, op. cit., p. 13.

⁴⁷⁸ ROSA, Guimarães, “Pequena palavra”. In: *Antologia do conto húngaro*, op. cit., p.18

pesquisa, Rosa tinha o modelo bem acabado do tipo húngaro bem próximo de si. Também a sua vasta experiência com línguas o permitia ousar em abordagem mais específica sobre o idioma húngaro, analisando suas características principais, fornecendo exemplos de composições verbais e outras peculiaridades e belezas, para dar a medida de distância com o português. Rosa também deixava patente sua simpatia pelo idioma magiar por uma razão especial: trata-se de uma língua *in opere*; em movimento. Nada mais rosiano, pois: “... cada um pode e deseja criar sua ‘língua’ própria, seu vocabulário e sintaxe, seu ser escrito”.⁴⁷⁹ Um idioma, ele conclui, que ficou para sempre nômade, elo permanente com a própria matriz do povo húngaro. De maneira oportuna, Rosa se utiliza de seu conhecimento acerca dos rudimentos do húngaro⁴⁸⁰ para salpicar seu texto de vocábulos formado a partir da língua magiar.

“Destarte, só mesmo um húngaro poderia descobrir (e confesso para a minha vergonha que não descobri à primeira leitura) os adjetivos húngaros *lassu* (‘lento’) e *friss* (‘rápido’) disfarçados com virtuosismo noutro trecho da já citada ‘Pequena palavra’: ‘nas taberna rurais... o país canta e dança suas czardas, que em ritmo alternam: a lentidão melancólica e lassa – e – o fervor tenso e agilíssimo de alegria doidada, que alucina com inaudito *frissom*.’”⁴⁸¹

A leitura mais atenta de Rónai, que o permitiu identificar as referências à sua língua natal se deu em 1958, às vésperas da segunda edição da *Antologia*. Nesse momento, Paulo encaminha ao amigo a proposta de algumas correções ao seu ensaio. Em carta de 1º de setembro deste ano, o escritor envia sua resposta às sugestões, indicando os pontos que estaria acatando e alguns que preferiria deixar como estava. Rosa não queria mexer em vocábulos como *Hussares* e *Czardas*, aceita algumas sugestões da revisão e ainda identifica novos pequenos ajustes a fazer: uma vírgula ausente, a exclusão de uma preposição desnecessária. Acaba agradecendo mais uma vez ao amigo pelas correções. “Seu trabalho foi minucioso e magnífico. E atencioso, como sempre. Com o melhor abraço do seu Guimarães Rosa.”⁴⁸²

⁴⁷⁹ Idem, p. 25.

⁴⁸⁰ Paulo diz ter tido em mãos o livro *Chrestomathie Hongroise*, em que Rosa aprendera os rudimentos do húngaro em 1929. RÓNAI, Paulo. “A fecunda babel de Guimarães Rosa”. In: *Pois é*, op. cit., p. 24. Ensaio originalmente publicado em *O Estado de S. Paulo*, 30/11/1968.

⁴⁸¹ Idem, p.25

⁴⁸² Carta a Paulo Rónai. 1/09/1958. Acervo Paulo Rónai.

O conteúdo permanece absolutamente intacto. Após discorrer sobre a história, a língua húngara e o tradutor da obra, Rosa, com um misto de encanto e surpresa, reserva espaço para tratar objetivamente dos textos da edição dessa *Antologia do conto húngaro*, reconhecendo intimamente proximidades temáticas com sua própria obra, uma afinidade que nasce do vasto repertório popular presente nessa literatura que vem das margens de outros rios, mas que carrega uma bagagem cultural muito ligada à terra, à gente local, suas crenças, sua maneira de viver, seus abismos. Rosa parece muitas vezes reconhecer nessa prosa um surpreendente espelho magiar de seu próprio modo de fazer literatura, se alimentando diretamente das referências populares.⁴⁸³ A maneira de apresentar essa produção instigante, Rosa sublinha, não poderia ser mais bem acabada. Obra e arte “de por em movente acordo dois idiomas”. Uma tradução de tecido “caprichado e homogêneo, com correção, graça e escorrência”. “Sente-se o mestre, *Magister*. Saudável é notar que ele não pende para a sua língua natal, não imbui de modos-de-afeto seus textos, que bem mostram sedimentos de lá; não magiariza. Antes, é um abasileiramento radical, um brasileirismo generalizado, em gama comum, clara, o que dá o tom.”⁴⁸⁴

No começo de sua introdução, Paulo confirma a intenção de apresentar esse “retrato poético” de sua Hungria natal como uma ponte entre o país de adoção e essa fase primeira de sua vida, a de sua formação, em que a leitura dos autores de sua língua ajudavam a moldar a sua individualidade. “Nasceu este volume do desejo de contar ao Brasil, minha pátria de adoção, a Hungria, país onde nasci e me criei, fui feliz e sofri, e de onde me exilei sem trazer outro patrimônio a não ser uma cultura. Reconstruir pela escrita a primeira parte da minha vida equivaleria, para mim, à construção de uma ponte sobre abismo que a separa da segunda”.

A coletânea húngara, verdadeiro retrato poético da pátria primeira, chegaria ao mercado em 1957,⁴⁸⁵ contando mais uma vez com dedicado trabalho de revisão do amigo Aurélio, com capa desenhada por Nora, a quem o livro é dedicado. Antes disso, ainda em 1956, um ano capital em que já havia lançado *Corpo de baile*,

⁴⁸³ No ensaio “A Hungria/sertão de Guimarães Rosa”, Eneida Maria de Souza faz uma detida análise do prefácio à luz da obra do escritor mineiro. SOUZA, Eneida Maria de. “A Hungria/sertão de Guimarães Rosa”. Porto Alegre: revista Conexão Letras, Porto Alegre, v. 10, n. 13 – 2015 – p. 1-7.

⁴⁸⁴ ROSA, Guimarães, “Pequena palavra”. In: *Antologia do conto húngaro*, op. cit., p.25.

⁴⁸⁵ Carta de Guimarães Rosa. 1/09/1958. Acervo Paulo Rónai.

Guimarães Rosa apresenta sua obra-prima, o primeiro e único romance de sua carreira, *Grande Sertão: Veredas*. “Que vem a ser esse título estranho, com dois pontos no meio?”, perguntava Paulo. “A linguagem condensada, elíptica, regional e individual ao mesmo tempo, embora dentro da linha dos livros anteriores, impõe ao interesse um período de adaptação. (...) Mas, lembrados de *Sagarana* e *Corpo de baile*, confiemo-nos sem reserva ao autor, sigamo-lo por seus caminhos tortuosos”, continua o crítico. É um dos primeiros a escrever sobre a obra, em resenha do *Diário de Notícias*.⁴⁸⁶ Esmiuçando temas, analisando algumas das especulações metafísicas do ex-jagunço Riobaldo, o “Fausto sertanejo”, como ele diz de forma acertada, e analisando as opções narrativas do autor, Paulo busca abordar algumas coordenadas da obra; passagens e considerações que reforçam a sua conclusão sobre o livro, “conjunto único e inconfundível, algo de real e de mágico sem precedentes em nossas letras e, provavelmente, em qualquer literatura”. Com o distanciamento, pode não parecer extraordinária a conclusão de Paulo Rónai. Mas deve-se levar em consideração que o crítico avaliava a obra no calor do ano de seu lançamento, sem se apoiar em outras avaliações consagradas, demonstrando, assim, uma capacidade de penetração *sui generis* na obra do escritor.

Cerca de um mês depois do primeiro artigo que escreve na imprensa sobre a obra, Paulo ainda tinha tanto a dizer que publica em *O Estado de S. Paulo*⁴⁸⁷ mais um ensaio cujo título tem apenas o nome da obra: “*Grande sertão: Veredas*”. Novamente Paulo é agente central na divulgação e “tradução” de Guimarães Rosa. O escritor, por sua vez, é canal de estreitamento com a profunda matriz cultural brasileira. Não que Paulo não tivesse tido até ali contato com regionalismos literários, já que obras de amigos seus, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz lhe eram próximas e haviam sido canal de contato com novas referências culturais e com a própria língua. Até por isso, desde 1941, o ano em que chegou ao Brasil, Paulo fazia de suas leituras uma dupla ponte, para entender os temas brasileiros e a língua, mantendo sempre caderninhos para estudo de vocabulário.

⁴⁸⁶ RÓNAI, Paulo. “Três motivos em *Grande Sertão: Veredas*”: *Diário de notícias*, 16/12/1956. O texto seria incorporado à obra como prefácio a partir de 2001 (19ª edição).

⁴⁸⁷ *O Estado de S. Paulo*. 13/01/1957.

Com Guimarães Rosa, no entanto, o mergulho é ainda mais profundo, pois o escritor brinca com a linguagem, provocando o filólogo Paulo Rónai, que se sente convocado a desvendar seus segredos. O vívido e genuíno interesse pelas línguas,⁴⁸⁸ o encanto com léxicos originais e o desafio dos segredos filológicos fizeram nascer entre os dois uma interlocução viva, rica e duradoura. Paulo é o leitor instrumentalizado, o leitor ideal de Guimarães Rosa, por sua bagagem linguística, literária, por saber por quais canais poderá alcançar os múltiplos sentidos de sua obra; lê as referências do autor, compreende suas intenções; alcança os recônditos mais íntimos da escrita de Rosa, chegando conseqüentemente a uma intimidade com o próprio país. O escritor é, portanto, ferramenta para uma ligação ainda mais estreita com a brasilidade e para o abasileiramento. E uma interessante equação é capaz de explicar o vínculo entre os dois, o que fez com que Rónai se tornasse o maior interlocutor *brasileiro* de Rosa. Rónai consegue adentrar o universo rosiano com substancial desenvoltura exatamente por sua vocação universalista, o que se explica pelo fato de Guimarães Rosa tratar em linguagem própria, seu idioma único, temas universais, com referências idem. As referências, Rónai domina, o idioma, quer dominar.

Aqui é necessário avançar um pouco no tempo para a afirmação desse projeto de Paulo Rónai dedicado ao entendimento da obra do amigo. Em 1967, Paulo está na Universidade da Flórida, Gainesville, como *visiting associated professor* em temporada de seis meses, junto à família (Nora, o sogro Edoardo, Cora e Laura). Cartas de recomendação de Aurélio Buarque de Holanda e do próprio Guimarães Rosa ajudaram a concretizar a experiência na universidade americana para uma série de aulas sobre literatura francesa e também um curso intensivo sobre autores brasileiros, incluindo Manuel Antonio de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Drummond, Cecília e Guimarães Rosa. É nesse momento que Rónai faz uma investigação detalhada sobre *Campo Geral*, uma das novelas que integram *Corpo de baile* e sua obra preferida, dentre todas de Rosa.⁴⁸⁹ A partir de uma releitura do texto,

⁴⁸⁸ Em uma carta de 1964, Guimarães Rosa atesta esse interesse compartilhado, ao enviar ao amigo um livro sobre a língua vogul junto à carta. “A você não pode deixar de interessar – filologicamente, ainda que de modo só subsidiário e ocasional – este alentado estudo da língua de uma gente aparentada com os húngaros. E, a mim, o vogul me parece também um belo idioma”. Carta a Paulo Rónai. 10/9/1964. Acervo Paulo Rónai.

⁴⁸⁹ “Se me perguntassem qual das obras de João Guimarães Rosa me toca mais de perto, indicaria – apesar da profunda admiração que me inspiram outros trabalhos do autor – a novela ‘Campo geral’ (...).” RÓNAI, Paulo. “Palavras apenas mágicas”. In: *Pois é*, op.cit., p. 35. Ensaio publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, 09/05/1970.

Paulo percebeu que ele impunha ainda seus mistérios: palavras não-dicionarizadas, expressões insólitas, regências novas. Assim, para dissolver as dúvidas e prevendo indagações dos alunos, Paulo escreveu uma carta a Rosa, com um questionário em que discutia suas interpretações, pedindo ao amigo alguns esclarecimentos para que pudesse, portanto, conformar uma espécie de roteiro de leitura. A resposta não poderia ser mais detalhada. Palavra por palavra, mais de uma centena, o autor esclarece sentidos e intenções, fornecendo um precioso mapa de entendimento de seu léxico pessoal.

“Nas respostas acima, você tem só o resíduo lógico, isto é, o que pode ser mais ou menos explicado, de expressões que usei justamente por transbordarem do sentido comum, por dizerem mais do que as palavras dizem; pelo poder sugeridor. Em geral, são expressões catadas vivas, no interior, no mundo mágico dos vaqueiros. São palavras apenas mágicas. Queira bem a elas, peço-lhe.”⁴⁹⁰

Paulo aproveitou o presente do amigo da melhor maneira e consolidou as informações em um detalhado estudo, finalizado ainda na Flórida, em julho de 1967. “Notas para facilitar a leitura de *Campo Geral* de J. Guimarães Rosa”⁴⁹¹ é verdadeira anatomia da novela centrada no mundo íntimo do pequeno Minguilim. Um trabalho construído a quatro mãos, é verdade. O empenho de Paulo pela “tradução” da obra do amigo era amplamente reconhecido. “O que você me escreveu, a respeito do CAMPO GERAL, comove-me; sério. Grata está a minha alma.”⁴⁹² Paulo já era o grande decifrador dos segredos de Guimarães Rosa e continuava a escrever sobre sua obra.

Nessa mesma carta, o escritor conta que a nova edição de *Primeiras Histórias* (a terceira do livro, lançado em 1962), sairia como introdução assinada por Rónai: “Os vastos espaços”, texto de 26 páginas em que Paulo dissecou a obra em 14 tópicos temáticos. Paulo havia se dedicado ao estudo durante todo o mês de janeiro de 1966. “O livro me encanta, mas também me assusta cada vez mais; por isso o trabalho progride vagarosamente, mas, de qualquer maneira, vou-lhe dar para o fim das férias – não o prefácio que a sua obra merece, mas o melhor que me é possível fazer.”⁴⁹³

⁴⁹⁰ Carta a Paulo Rónai. 3 de abril de 1967 (Rosa datilografou erradamente 1937, o que foi corrigido a mão por Paulo Rónai). Acervo Paulo Rónai.

⁴⁹¹ O estudo foi escrito na Flórida e só seria publicado postumamente em 2002 na revista *Matraga*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. *Matraga*. Rio de Janeiro, ano 9, nº14, jan./dez. 2002.

⁴⁹² Carta a Paulo Rónai. 3 de abril de 1967. Acervo Paulo Rónai.

⁴⁹³ Carta a Guimarães Rosa. 31 de janeiro de 1966. (cópia) Acervo Paulo Rónai.

Em pouco menos de dois meses, Paulo entregaria o estudo ao amigo com um bilhete cheio de modéstia.

“Não sem receio entrego-lhe o estudo introdutivo para *Primeiras Estórias*. Pela sincera admiração que me inspira a obra e pelo profundo afeto que sinto pela pessoa do autor deveria ter saído bem melhor e digno do assunto. Há, porém, as limitações de quem o escreveu e que, com toda a boa vontade, não foi possível superar. Mas ‘*Ut desint vires, tamen est laudanda voluntas*’ – e por isso espero que você acolha com indulgência mais este esforço (e mais esta citação) do modesto professor de latim.”⁴⁹⁴

O livro é publicado enquanto Rónai ainda está na Flórida. Assim, Rosa aproveita a correspondência para lhe dar notícias e reforçar seu agradecimento. Rosa reconhecia em Paulo seu grande decifrador.

“Saiu mesmo a 3ª edição do nosso PRIMEIRAS HISTÓRIAS, e, lendo-o de novo, impresso, exultei mãos ainda com seu estudo, poderoso. Minha gratidão é imensa. Todos que o leem, também, têm palavras sinceras de admiração e louvor. (...) Eu sei que a divulgação de seu trabalho vai fazer muitíssimo, não só para o Primeiras histórias, mas para todos os meus livros. Obrigado! E já entreguei a José Olympio o novo: Tutaméia/Terceiras Estórias”. (“Tutaméia” é o que figura no dicionáriozinho do Aurélio como “tuta-e-meia”.) Acho que ficou bom.”⁴⁹⁵

Paulo seria mais uma vez um dos primeiros a receber o novo livro, lançado em meados de 1967.⁴⁹⁶ Seria o último livro que Rosa lançaria em vida, outra coletânea de contos. Alguns meses depois, assumiria finalmente, no dia 16 de novembro de 1967, uma cadeira na Academia Brasileira, o que vinha resistindo havia cerca de quatro anos. Paulo acompanha a cerimônia para prestigiar o amigo, o abraça com a amizade imperecível. Três dias depois, uma ataque cardíaco fulmina o escritor em sua casa, aos 59 anos. Há uma perplexidade geral.

“Ainda estou sob o impacto destas duas semanas. Na segunda-feira, dia 13, estive no lançamento do livro de Vilma Guimarães Rosa, onde esperei encontrá-lo e aonde ele não foi, com medo da emoção excessiva. Mas vi-o na posse da Academia, onde lhe dei o abraço de parabéns, quinta-feira à noite. No sábado telefonei-lhe. Falamos longamente: ele parecia aliviado de um grande peso, sossegado, feliz. Vinte e quatro

⁴⁹⁴ Carta a Guimarães Rosa, 19 de março de 1966. (cópia) Acervo Paulo Rónai.

⁴⁹⁵ Idem.

⁴⁹⁶ Quando está traduzindo *Primeiras histórias*, o alemão Curt Meyer-Clason escreve a Rónai agradecendo o envio de ensaio sobre a obra e dizendo que pedirá ao editor que o publique junto à coletânea de Rosa. Na carta ele comenta sobre este recente trabalho: “... o trabalho – embora exaustivo, demorado e irritante – me deu muito prazer e um ‘fascinum’ singular”. Carta a Paulo Rónai, 2 de março de 1966. Acervo Paulo Rónai.

horas depois estava morto. Não quis acreditar. Fui vê-lo em seu caixão, à Academia: parecia vivo. Estive no enterro, na missa de 7º dia. Tenho muito mais amigos mortos que vivos, mas esta morte abalou-me demais.”⁴⁹⁷

Paulo continuaria muito ligado à obra do amigo. Em março de 1968, já escrevendo de forma regular no “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo* publica dois pequenos ensaios sobre *Tutaméia*: “Os prefácios de *Tutaméia*”⁴⁹⁸ e “As estórias de *Tutaméia*.”⁴⁹⁹ Como nos casos anteriores, os pequenos estudos seriam incorporados às edições seguintes do livro.⁵⁰⁰

Pela intimidade com Guimarães Rosa e sua obra, Paulo foi designado oficialmente como administrador das edições do autor. Um contrato firmado entre os herdeiros de Rosa lhe conferiam “poderes bastante para decidir sobre a política editorial a ser adotada, assim como, contratar com editores (nacional – José Olympio, estrangeiros – de preferência aqueles que já foram escolhidos por JGR) e ainda com outros interessados na publicação, filmagem e qualquer outra forma de divulgação das obras.”⁵⁰¹ Paulo estava à frente da organização das obras póstumas do escritor, tarefa “dolorosa” que buscava cumprir em retribuição à amizade do autor e também à sua admiração por sua obra. Havia muito material pronto e intenções já anotadas de futuras publicações. A partir de esboços de índices e uma série de textos, alguns deles feitos no começo dos anos 1940, para integrar *Sagarana*, e retrabalhados ao longo do tempo, Paulo foi montando o primeiro livro, *Estas Estórias*, um conjunto de novelas que chegaria a público em 1969. Alguns dos escritos já tinham sua forma acabada

⁴⁹⁷ Em carta a Vilém Flusser. 25/11/1967. Paulo escreve em razão do artigo sobre Rosa que o filósofo e ensaísta publicara em *O Estado de S. Paulo*. Em resposta, Flusser envia carta em dezembro de 1967 em que conta de outros ensaios que prepara sobre o escritor e convida Rónai a escrever também um texto para alguma das revistas estrangeiras interessadas ou para a Revista Brasileira de Filosofia: “Creio que o perigo é este: Guimarães Rosa vai transformar-se em mito, dada a irresponsabilidade e leviandade de grande parte da *soi disant* crítica literária brasileira. É contra isto que devemos agir, não concorda?”.

Carta a Paulo Rónai, 8/12/1967. Acervo Paulo Rónai

⁴⁹⁸ *O Estado de S. Paulo*. 16/03/1968

⁴⁹⁹ *O Estado de S. Paulo*. 23/03/1968. Os textos também são publicados em *Correio do Povo* (02/03/1968 e 09/03/1968, respectivamente). Os dois textos seriam incorporados ao livro *Pois é*, lançado em 1990. Nos textos Paulo demonstra uma total intimidade com o escritor, narrando suas intenções, a partir de relatos de conversas com o amigo, e analisando em detalhes, mais uma vez, o vasta temática linguística da obra. “Especulações sobre *Tutaméia*”. In: *Pois é*, op. cit., p.13-21.

⁵⁰⁰ Os textos seriam incorporados ao livro a partir de terceira edição, em 1969.

⁵⁰¹ Documento “Esquema de partilha e publicações das obras de João Guimarães Rosa”. Terceira cláusula “Divisão dos direitos e contratação de sua divisão em conjunto”. Acervo Paulo Rónai. Por conta da determinação, Paulo seria frequentemente consultado por editores e também pelo Instituto de Estudos Brasileiro, que passaria a ser responsável pelo acervo do escritor, a respeito de possíveis publicações. Há cartas desse teor no acervo pessoal de PR.

pelo autor. Outros, sem a última demão, como explica Rónai na “Nota introdutória”⁵⁰² da obra, ficariam arranjados na segunda parte do livro. O formato final da edição era resultado um tanto das anotações de Rosa, outro tanto do bom senso e conhecimento de Paulo, que contou ainda com a fundamental ajuda da secretária e colaboradora do escritor, Maria Augusta de Camargos Rocha.

No ano seguinte, Paulo organiza uma segunda obra póstuma, *Ave, palavra*. O trabalho mais uma vez foi feito a partir de um esboço original deixado pelo autor, que definira *Ave, palavra* como uma miscelânea, retirando qualquer pretensão em relação ao conjunto que reúne notas de viagens, diário, poesia, pequenos contos, meditações. Paulo resolveu conjugar à coletânea alguns textos publicados em jornais e outros inéditos. O ordenamento foi feito mais uma vez com o auxílio de Maria Augusta, um pouco de maneira intuitiva (já que em sua pasta os textos datilografados eram guardados à medida que redigidos) e um pouco seguindo ritmo de livros anteriores, alternando temas e gêneros e equilibrando volume de textos para “realizar assim um conjunto harmonioso para, fugindo ao monótono, manter alerta e prisioneiro o leitor.”⁵⁰³

Paulo não pararia por aí. Continuaría a escrever sobre o Rosa em jornais,⁵⁰⁴ preparando edições, como *Seleta*,⁵⁰⁵ parte da coleção da José Olympio, *Brasil Moço*, destinada a público jovem e dirigida pelo próprio Rónai, que ainda trabalharia por anos tentando reunir a correspondência do escritor⁵⁰⁶ – projeto interrompido por uma

⁵⁰² RÓNAI, Paulo. “Nota introdutória”. In: ROSA, Guimarães. *Estas histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

⁵⁰³ RÓNAI, Paulo. “Nota da primeira edição”. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

⁵⁰⁴ Alguns exemplos são “Presença de Guimarães Rosa”, que publica no *Jornal do Brasil* em 16/11/1968; “A fecunda Babel de Guimarães Rosa”, em *O Estado de S. Paulo*, em 30/11/1968, “Palavras apenas mágicas”, também em *O Estado de S. Paulo*, em 09/05/1970, “Guimarães Rosa e seus tradutores”, *O Estado de S. Paulo*, 10/10/1970.

⁵⁰⁵ ROSA, Guimarães. *Seleta*. Organização, estudos e notas de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973. Coleção Brasil Moço. Todos os contos são precedidos de rica introdução explicativa.

⁵⁰⁶ No acervo de Rónai há listas de escritores com os quais Guimarães Rosa manteve correspondência e um conjunto de cartas reproduzidas e enviadas para Rónai, como Murilo Mendes e o Embaixador Antonio Azeredo da Silveira. Na lista, extensa, feita a mão por Rónai, constam ainda nomes como João Cabral de Melo Neto, Raul Bopp, Pedro Xisto, Roberto Magalhães Jr, Alberto da Costa e Silva, Juan Rulfo.

avaliação que faria depois de ter um bom conjunto reunido.⁵⁰⁷ “Tenho tentado merecer esse galardão não somente aceitando a dolorosa tarefa de ajudar na publicação das obras póstumas do inesquecível amigo, como também não me esquivando a comentar a sua obra quando me pedem”, comentaria Rónai em palestra em 1972.⁵⁰⁸

No trabalho de tradução da obra de Rosa, Paulo seria peça igualmente fundamental.⁵⁰⁹ Ainda em vida, o escritor contava com as opiniões de Paulo e muitas vezes recorria às suas explicações para esclarecer aspectos de sua própria criação, o que pode ser verificado na correspondência com o tradutor alemão Curt Meyer-Clason⁵¹⁰ e também com o tradutor italiano Edoardo Bizzarri.⁵¹¹ Nessas correspondências (riquíssimos documentos sobre a prática de tradução, os meandros da obra rosiana, e da relação afetiva que se estabelece entre o autor e seus tradutores), Rosa encaminhava os ensaios de Rónai, muitas vezes sugerindo que fossem também traduzidos e publicados junto aos seus livros, ou apenas para que servissem como iluminadores de aspectos que julgava fundamentais em sua obra. Após a morte de Rosa, Meyer-Clason mantém contato com Paulo, obviamente tendo Rosa como ponte. Em 1981, o alemão escreve a Paulo buscando esclarecer aspectos de *Sagarana*, cuja tradutor terminava naquele momento (“... – na medida em que se pode falar de uma tradução realmente terminada – conceito que para mim já não existe mais. Helás!”).⁵¹² Na mesma carta, Meyer-Clason pede ajuda em relação ao projeto de verter para o alemão poemas de Drummond. A esse respeito, o tradutor alemão e Paulo trocariam

⁵⁰⁷ Em carta a Aracy Guimarães Rosa, Paulo diz ter lido as cartas e conclui que não devem ser publicadas sendo de caráter estritamente pessoal. Carta Aracy Guimarães Rosa. 10/08/1980. Acervo Aracy de Carvalho Guimarães Rosa. IEB

⁵⁰⁸ Palestra feita no 5º Seminário Nacional de Literatura. Curitiba, dezembro de 1972

⁵⁰⁹ Aqui vale reproduzir uma curiosa passagem narrada por Paulo. “Éramos grandes amigos. Desde o primeiro contato tive a maior admiração por ele. Lembro inclusive um dia que chegando a seu gabinete, ele escrevia uma longa carta à sua tradutora americana, que lhe pedira centenas de informações para a tradução de um conto. ‘Seu eu soubesse que me daria tanto trabalho, teria escrito como todo mundo!’, me confidenciou Rosa.” In: “Um intraduzível caso de amor pelo Brasil”. *Correio do Povo*, 23/5/1982

⁵¹⁰ ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. [Edição, organização e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussoloti; tradução Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Academia Brasileira de Letras. Belo Horizonte, MG: Ed. da UFMG, 2003.

⁵¹¹ ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. – 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003

⁵¹² Carta a Paulo Rónai. 20/10/1981. Acervo Paulo Rónai.

outras cartas. O alemão buscava ainda em Paulo luzes sobre outros autores brasileiros, como Clarice Lispector.⁵¹³

Guimarães Rosa foi, ao lado de Ribeiro Couto, Drummond e Cecília, o autor ao qual Paulo Rónai mais se dedicou.⁵¹⁴ A razão, em todos esses casos, não é somente afetiva (apesar de também o ser). Em se tratando de Guimarães Rosa, Paulo encontrava em sua obra um agudo estímulo intelectual, sentia-se provocado por ela e à medida que investigava os sentidos dessa produção, realimentava seus interesses filológicos e reencontrava referências literárias universais. Ao mesmo tempo, travava um corpo a corpo com um Brasil profundo, popular, íntimo. Um Brasil também inventivo e reinventado por palavras. Por essa vereda, Paulo chegava mais perto do país. O país real, dos livros de Guimarães Rosa, cujas apresentações passava a assinar, das resenhas publicadas, do reconhecimento como interlocutor gabaritado; e o mágico, provocado pela literatura, que ampliava seu conhecimento sobre as vastas possibilidades da língua; seu conhecimento sobre e a partir dela.

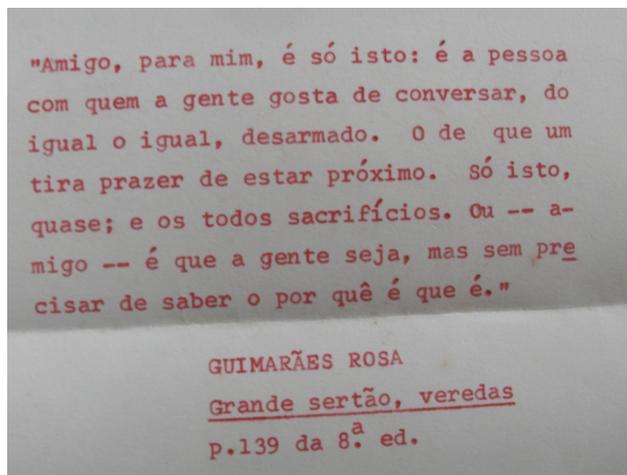
Nessa equação, em que Paulo somava à leitura de Guimarães Rosa sua bagagem de filólogo e poliglota, de leitor e tradutor da obra em seus sentidos múltiplos (literários, filosóficos e linguísticos), reconhecendo o vasto repertório cosmopolita do escritor, o resultado era de mútuo reconhecimento e enriquecimento. Paulo estava também na intersecção entre o escritor e seu público leitor, como crítico autorizado, um salutar decifrador de segredos. Tornar-se interlocutor de Guimarães Rosa era, portanto, o arremate para sua inserção cultural no país.

Como prova dessa fecunda relação estão os livros. Quase todas as edições de Guimarães Rosa têm impressa uma palavra de Paulo Rónai. Entre as volumes que

⁵¹³ Carta a Paulo Rónai. 7/02/1982. Acervo Paulo Rónai.

⁵¹⁴ Segundo Charles A. Perrone, em seu artigo “Para apreciar Paulo Rónai se ‘Notas para facilitar a leitura de Campo Geral de J. Guimarães Rosa’” (Revista Matraca 14, Jan.-dez. 2002), Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) levantou uma rosiana de Paulo Rónai com 24 itens. O próprio escreveu em um papel os ensaios e estudos feitos sobre o amigo (em seu acervo há um manuscrito apontando para 17 textos). No *Cadernos de Literatura* publicado em 2006 pelo Instituto Moreira Salles em homenagem ao escritor, há menção a 28 itens, entre ensaios publicados em livros, artigos para imprensa e estudos acadêmicos, feitos por Paulo Rónai sobre Guimarães Rosa. Em seu livro *Pois é*, Paulo apresenta uma Rosiana com textos publicados anteriormente como prefácios das obras de GR ou em jornais. No levantamento de seus textos para a imprensa há mais de 20 artigos sobre o escritor mineiro, alguns, como apontado, também publicados em livros. Em 1983, Rónai publica *Rosiana, uma coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa*, pela Salamandra. Com 256 itens, o livro não teve distribuição comercial, servindo apenas como brinde da editora.

guardava unidos em sua biblioteca, todos eles carinhosamente dedicados pelo autor, Paulo guardou um pequeno papel com uma citação datilografada em vermelho, com uma passagem extraída dos grandes sertões de seu companheiro. Talvez para ele estaria naquelas poucas palavras o extrato afetivo de Guimarães Rosa:



Pela amizade, pelo afeto, pelo trabalho, pela língua e pela vontade, Paulo estava definitivamente integrado ao Brasil.

8

Pois é, a pátria pequena e definitiva

“Patria est ubicumque est bene.”
Cícero, *Tusculanes V*

Morador de um apartamento de três quartos, no terceiro andar da rua Décio Vilares, em Copacabana, Paulo tinha o tempo bastante tomado pelas funções de catedrático no Pedro II. Nas férias escolares, sonhava em poder descansar no campo, fugir da agitação da cidade, para trabalhar em seus livros e traduções. Seguiu com seu *Mar de Histórias*; escrevia para jornais com frequência, preparava ainda traduções e não negava os diversos pedidos que lhe faziam para que escrevesse prefácio ou apresentação de livros.

Com certa frequência, nas férias, com a família, viajava para Nova Friburgo, “um enxerto de Suíça num país tropical”,⁵¹⁵ como definiu o editor Ênio Silveira, numa carta ao amigo Paulo, no começo de 1958. Nesse mesmo ano, Paulo e Nora, que se hospedavam com a família em uma pensão simples da região durante o verão, souberam por um amigo que havia um terreno à venda em Conselheiro Paulino, distrito de Friburgo. O dinheiro não estava sobrando, como nunca esteve, mas a oferta era boa e o casal se convenceu de que seria um bom investimento para o futuro. Fizeram um esforço extra, juntaram um pouco mais de dinheiro, raspam as economias e compraram os quase dez mil metros quadrados da terra. Um terreno difícil, em aclave. Para uma arquiteta experiente como Nora, o desafio era um convite para o sonho. Como não pensar em construir ali uma casa para a família? Muito espaço para as crianças brincarem, ar puro, natureza e uma almejada tranquilidade para os períodos de férias.

Não demorou para que os esboços começassem a ganhar forma na prancheta da arquiteta. Nora cuidava de tudo: calculava, negociava a possível construção com a melhor firma de engenharia das redondezas, em plano de pagamento feito em várias

⁵¹⁵ Na carta, Ênio explica ter desistido de alugar uma casa na região por motivos domésticos. 10 de janeiro de 1958. Acervo Paulo Rónai.

parcelas, e preparava o começo das obras. Paulo, sempre detido aos livros e preparação de aulas, ouvia os planos da mulher com meia atenção, apesar de repartir com ela o desejo de terem uma casa longe dos barulhos da cidade. Sabia que a mulher daria conta dos temas mais práticos da questão. Estava certo. Logo os pilares fincavam a terra e pouco a pouco o sonho do casal de imigrantes ganhava materialidade: uma confortável sala com amplas janelas voltadas para a varanda aberta ao jardim, três quartos, dois banheiros, cozinha, área de serviço e uma pequena garagem, para as visitas, já que o casal não tinha automóvel. O desenho de Nora tem inspiração moderna, reto, limpo, funcional.

Para acompanhar os trabalhos, Paulo e Nora confiam na firma de engenharia. Por conta dos compromissos de trabalho, não têm condição de subir comumente a serra. As obras caminham lentas, mas pouco a pouco, conseguem avistar sua casa de pé. Olhando para ela, sentados, admiram o feito. Como podiam realizar aquele sonho que parecia tão impossível de ser alcançado? Param um momento para pensar como batizar a casa que ergueram juntos numa terra tão distante de Budapeste e Fiúme. “*Quand même*”, sugeriu Paulo, na evocação francesa de “apesar de tudo”. O sentido era esse mesmo. Mas o nome caberia bem se a casa fosse na França. No Brasil, o nome deveria ser em português, achavam. Afinal, aquele sítio era, acima de tudo, afirmação plena do enraizamento brasileiro. Pés na terra, como os pilares da casa. Paulo e Nora silenciaram um tempo para pensar um pouco mais em um nome mais apropriado. Paulo murmura seu pensamento: “Pois é...” Nora entende de imediato. O marido estava refazendo mentalmente seu percurso, remetendo-se ao seu passado, lembrando das ameaças que havia enfrentado, da luta pela sobrevivência e para se encaixar em um novo país, se reinventar e ser feliz. “Tudo aquilo que em ‘*Quand même*’ estava explícito, em Pois é estava subentendido. Você para e pensa no seu passado, nos perigos que correu, nos apertos que acabou superando e agora se vê dono de um sitiozinho de sonho... é, a vida às vezes dá cada volta...”, narra Nora.⁵¹⁶

⁵¹⁶ O trecho está nos originais da segunda parte de suas memórias, ainda inédita. A primeira parte foi publicada em *Memórias de um lugar chamado onde*. RÓNAI, Nora Táusz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.



Terreno em Conselheiro Paulino, Nova Friburgo, e a casa do sítio *Pois é*

Paulo estava agora ali, junto à sua mulher, em família, olhando para um casa que era sua, seu porto definitivo. Pois é... Era o nome de justa medida para batizar a casa síntese de sua história. Para lá pouco a pouco levaria seus livros; faria do sítio sua terceira pátria, como bem definiria o amigo Drummond.⁵¹⁷

Em 1962 a família passaria as primeiras férias inteiras na nova casa. Em seu diário, a primeira anotação do resumo do ano diz: “a casa de Pois é está terminada”; a família passou 103 dias lá. Em seguida lamenta o fato do ensino de latim ter se tornado facultativo nas escolas. “Meus livros didáticos não serão mais vendidos.”⁵¹⁸

Um ano antes, Paulo havia completado 20 anos de sua chegada no Brasil. A data foi celebrada com festa, primeiro na imprensa, com um muito elogioso artigo de Mário Teles no *Diário de Notícias*⁵¹⁹ e em um jantar de adesões que reuniu em uma churrascaria na zona sul nada menos que cem pessoas, com direito a afetuoso discurso do melhor amigo, Aurélio. Aqueles que não compareceram escreveram cartas, como Jorge Amado, enviaram telegramas ou fizeram as mais gentis referências em jornal, como Rubem Braga e Brito Broca.⁵²⁰

⁵¹⁷ Anos à frente, no artigo Paulo no Sítio Pois é. *Jornal do Brasil*, 12 de abril de 1977.

⁵¹⁸ Diário, 1962 (últimas páginas do caderno).

⁵¹⁹ “Paulo Rónai: Vinte anos de Brasil”. *Diário de Notícias*, 4/03/1961.

⁵²⁰ No acervo de Paulo Rónai há cópias de cartas em que agradece a ambos as menções à data.

O fraterno amigo Drummond também tratou de fazer uma homenagem pública pela data, revisando do ponto de vista mais íntimo a trajetória brasileira de Rónai.

“A notícia de que os amigos de Paulo Rónai comemoram nesse 3 de março o 20º aniversário de sua chegada ao Brasil contém duas inexatidões. Primeira: muitos amigos não participarão da homenagem (um jantar), pois a churrascaria, mesmo vasta, não os caberia todos: amigos de Rónai não são apenas os seus confrades das letras, mas também os seus alunos e os seus leitores espalhados por aí. Segunda: afirma-se que Rónai chegou ao Brasil em 1941, mas eu entendo que ele chegou pelo menos dois ou três anos antes. (...)”

No momento em que teve de decidir sobre sua vida, pois a Hungria pré-nazista deixara de ser habitável para o intelectual e o homem que ele era, foi para o Brasil que ele se voltou. Na verdade a escolha já fora feita, ele já ‘estava’ no Brasil. (...)”

Os motivos pessoais de angústia que trazia da Europa não afetariam esse abraqueiramento progressivo, semelhante a um crescer pacífico de árvore. Quatro anos depois chegaria à naturalização. E é confortador para seus amigos brasileiros sentir que foi aqui que ele encontrou paz de espírito e elementos para uma verdadeira ressurreição espiritual.

De tanto estimar nele o companheiro e admirar o homem de letras, sinto-me em apuros para falar de Rónai a quem porventura não o conheça. Que defeito posso atribuir-lhe, para tornar menos escandalosas as suas qualidades? É um sábio e não blasona a sua sabedoria; pelo contrário. Não tem inveja de talento alheio, proclama esse talento sempre que pode. Vive atento ao serviço dos amigos. Trabalha como um monstro e tem a placidez dos que cultivam a boa-vida. O ensino de francês e de latim devem-lhe uma nova orientação entre nós. Seus trabalhos literários recomendam-se pela probidade e alta competência do autor. Seu ‘humour’ sem acidez é um encanto na conversa e na correspondência. Ele trouxe realmente alguma coisa ao Brasil, como hábitos de estudo e como técnica literária. Queria falar mal de Rónai, uma vez, por brincadeira: é impossível. O melhor é abraça-lo e a também admirável Nora Rónai.”⁵²¹

Para Rónai, os 20 anos de Brasil significavam estar no país como qualquer outro brasileiro, e assim, se encontra trabalhando, sem exceção. E é em uma carta a Ribeiro Couto, em meio a diversos assuntos, como comentários sobre os novos livros do amigo, que Paulo lembra a efeméride, uma forma de reforçar implicitamente o agradecimento a quem havia sido peça-chave para esse projeto bem-sucedido de uma nova vida no Brasil.

“Aqui a vida corre sem novidades, sempre na mesma rotina. Minha mulher e eu continuamos a trabalhar muito, e as meninas a crescer. (...) Em 3 de março fiz vinte anos de Brasil. Um jovem amigo, Mário Teles, lembrou-se da data e, além de publicar um artigo no *Diário de Notícias* (de que lhe mandou um exemplar), urdiu um jantar com a convivência de outros amigos. Com grande surpresa minha, assistiram cem pessoas e outras tantas aderiram por escrito. No artigo de Mário Teles, no

⁵²¹ ANDRADE, Carlos Drummond. “Rónai, brasileiro”. *A Tribuna*. 04/03/1961.

discurso de Aurélio Buarque de Holanda e nos agradecimentos do homenageado foi devidamente ressaltada a sua culpa no acontecimento que dera ensejo à festa.”⁵²²

As cartas a Ribeiro Couto continuam sendo o canal mais íntimo em que Paulo relata a sua vida, e, assim, são também peças essenciais para uma apreensão biográfica e pessoal. Na correspondência com o amigo, Paulo narra os acontecimentos que lhe parecem os mais importantes; sejam relacionados à sua vida profissional, seja de âmbito familiar. “Por falar em coisas mais importantes, você sabe que a minha filha Cora (7 anos) já sabe ler e escrever, e gosta muito de leitura. A menorzinha, Laura (5 anos), está começando também a ficar gente. Ambas falam com uma espontaneidade e um sabor que lhes invejo e que nunca poderei conseguir.”⁵²³ O português invejado na fala das filhas encontrava em Paulo a fala articulada, mansa, sempre bem projetada, e um remoto acento que era marca de sua própria história.

Por seu intermédio, sua família húngara também se tornou brasileira. “Com minhas duas irmãs e meus dois cunhados (que se naturalizaram também brasileiros) dos 10 membros da família só há dois estrangeiros, minha mãe e minha sogra. Mesmo eles, se por causa da idade não foram atrás dos papéis, estão perfeitamente integrados.”⁵²⁴ A terceira irmã, não mencionada na carta, era Catarina, que um ano antes, em 1959, se suicidara ingerindo veneno após uma discussão com o marido Kalman. Morreu imediatamente. Na verdade, o acontecimento nada tinha a ver com a briga do casal. Cati nunca havia se perdoado pela morte do irmão Jorge, com quem havia vivido longos anos na Turquia e que se matara em Nova York anos antes. Achava que de algum modo deveria ter pressentido e ajudado seu irmão e criara, por isso, uma personalidade atormentada. A notícia abalara profundamente a família. Mas guerreiros, *fighting people*, como enunciara Guimarães Rosa, continuaram a jornada de vida, de trabalho, de confiança. “O pior foi dar a notícia a mamãe: não tivemos coragem para falar de suicídio. Agora já estamos mais ou menos conformados e, como tantas vezes, voltei a mergulhar-me no trabalho”,⁵²⁵ conta Paulo, poucas semanas depois, novamente em carta a Ribeiro Couto.

⁵²² Carta a Ribeiro Couto, 15 de abril de 1961. FCRB

⁵²³ Carta a Ribeiro Couto. 10 de outubro de 1960. FCRB.

⁵²⁴ Idem.

⁵²⁵ Carta a Ribeiro Couto. 5 de julho de 1957. FCRB. Catarina havia se suicidado em 20 de junho.

Nas vésperas do Natal de 1962, Paulo escreveria para Ribeiro Couto já de Conselheiro Paulino, em seu sítio *Pois é*.⁵²⁶ Fez uma carta manuscrita, talvez a única escrita de próprio punho em todos os anos de correspondência com o amigo. Junto a ela, remetia um recorte de sua resenha publicada no *Diário de Notícias* sobre *Longe*, último livro do escritor diplomata, de 1961, e dizia encontrar somente ali, recolhido na paz da serra, a paz, ficando tranquilo e sereno e entregue a leituras agradáveis: crônicas de Drummond, Fernando Sabino e Rubem Braga, lançadas pela Editora do Autor. Nora e Laura faziam o mesmo, mergulhadas nos livros de Monteiro Lobato. Paulo aconselha que o amigo volte às crônicas e espera revê-lo em breve.

No entanto, esta seria a última carta de Paulo ao amigo, e ficaria sem resposta. Ribeiro Couto morreria poucos meses depois, em maio de 1963, em Paris, vítima de um enfarte fulminante. Mas seria sempre lembrado como a principal ponte que trouxera Paulo Rónai ao Brasil.

Como Paulo sempre enfatizava, trabalhar era a forma com que agradecia seu destino. A dedicação ao magistério, aos projetos editoriais e às leituras eram uma constante. Dessa forma, no início dos anos 1960, Paulo mantinha uma rotina atarefada: preparava aulas e corrigia provas para o Pedro II, continuava a selecionar e traduzir contos para *Mar de Histórias*, fazia prefácios para obras de escritores que admirava, como Clarice Lispector, e seu *Laços de família*,⁵²⁷ e para as *Histórias escolhidas*,⁵²⁸ de Lygia Fagundes Telles. Também já escrevia com regularidade em *O Estado de S. Paulo*.

A relação com o jornal, que começara a partir de 1945, com a publicação de seus primeiros ensaios e resenhas, nessa fase inicial, com grande destaque para Balzac, perdera com o tempo a regularidade. Em 1952 Paulo ainda havia tentado uma reaproximação, escrevendo para Sergio Milliet, que o levava para o jornal no primeiro momento, enquanto responsável pelas colaborações no veículo, reconhecendo que não ter seus escritos publicados em São Paulo representava não apenas um prejuízo

⁵²⁶ Drummond, anos à frente, no artigo “Paulo no Sítio Pois é”. *Jornal do Brasil*, 12/04/1977.

⁵²⁷ LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

⁵²⁸ TELLES, Lygia Fagundes. *Histórias escolhidas*. São Paulo: Boa Leitura, 1961.

material como também lhe infligia sério prejuízo moral.⁵²⁹ Apesar de continuar colaborando com regularidade para o *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*, para Paulo poder estar presente no meio literário paulista era de suma importância, atestado de relevância cultural. A resposta chegaria poucos dias depois, em papel timbrado da Biblioteca Pública de São Paulo, a qual Milliet dirigia no momento. Na carta Milliet explica que não estava mais responsável pelos artigos do *Estado*, mas havia conversado com o então redator-chefe, Marcelino Ritter, que aceitara imediatamente a ideia. “entretanto, o jornal não pode prometer regularidade. Tanto pode sair um artigo durante o mês como podem sair quatro. Tudo depende do espaço e este é sempre tomado pela publicidade”, explicava Sergio.⁵³⁰ A colaboração não engrenou.



Nora e Paulo em visita ao *Estado de S. Paulo*, com Osório Dutra, 1954

Apenas em 1959, Rónai retomaria a relação de maneira contínua com o jornal. Data deste ano um questionário que a publicação envia para Paulo, que preenche o

⁵²⁹ Carta a Sergio Milliet. 18 de fevereiro de 1952. Paulo pede ajuda para voltar a colaborar com *O Estado de S. Paulo* ou outro jornal paulista e sugere receber dois contos cruzeiros por mês. Remete oito artigos na mesma correspondência. Na cópia da carta que se encontra em seu arquivo, Paulo anota no verso a lápis o título de todos eles: “Recife [Descoberta do Recife]”, “[Notícias de] Ribeiro Couto”, “Fantasmas [Contra os fantasmas dos dicionários]”, “[A luta contra] Babel”, “Lingualumina [Chabé Aban & Cia.]”, “Menade Bal [Püki Bal]”, “Grande cisma” e “[A] Língua azul”. A grande maioria havia sido publicada no *Diário de Notícias* e alguns também no *Correio da Manhã*.

⁵³⁰ Como já mencionado, Andrea Aredes pesquisou a contribuição de Paulo no jornal, entre 1959 a 1974, fazendo levantamento dos 112 textos escritos no período. *Um estrangeiro entre nós: a produção crítica de Paulo Rónai no “Suplemento Literário” d’O Estado de S. Paulo*. UNESP, Assis, 2007

documento, em sua máquina de escrever, com uma série de dados pessoais e biográficos, recuperando mais uma vez a já significativa atuação na Hungria, como redator da *Nouvelle Revue de Hongrie*, de 1932 a 1940, as antologias brasileiras (*Mensagem do Brasil – Brazilia Uzen*, em 1939 e *Santosi Versek – Poemas de Santos, seleção de poesias de Ribeiro Couto*, em 1940) e a experiência no magistério. Na segunda página, o novo colaborador resume a sua já extensa lista de publicações no Brasil: traduções, livros de ensaio, coleções de contos e da obra de Balzac, livros didáticos de latim (*Gradus primus*, em quatro volumes), e os de francês (também quatro títulos para ensino ginasial, em colaboração com Pierre Hawelka.⁵³¹ Paulo dava início a uma rica e duradoura relação com o jornal, publicando em seu “Suplemento Literário” (criado anos antes, em 1956), uma série de resenhas e ensaios sobre temas variados, também traduções de poemas, somando 112 textos até o ano de 1974.

Sua profunda inserção no meio literário é medida não apenas por sua intensa colaboração na imprensa, seus livros publicados, os comentários sobre sua produção presentes em colunas de escritores e críticos. No ambiente particular, Paulo é procurado para avaliar originais, palpitar em coleções, escrever apresentações e até mesmo – e muito comumente – fazer revisões de livros. Algumas das vezes, o faz com o apoio de Nora. “Aos queridos amigos Nora e Paulo, que bondosamente me ajudara na revisão deste livro. Agradecimento afetuoso de Cecília Meireles”, escreveu a poeta na dedicatória de seu *Romanceiro da Inconfidência*⁵³². De Cassiano Ricardo, recebe carta remetida de Paris, em 1953, agradecendo o trabalho de revisão de seu livro.⁵³³ “O receio de que o meu trabalho, embora despretensioso, pudesses sair com erros e incorreções, está agora desfeito graças ao meu caro Rónai. Como poderei agradecer tão alto obséquio?”⁵³⁴ “Estrangeiro leva muito a sério o que não sabe. Quer aprender?”, explica Nora, justificando a aptidão conquistada pelo casal para revisão do português desses grandes escritores nativos.

⁵³¹ Documento Questionário, com cabeçalho de *O Estado de S. Paulo*, datado de 19/06/1959. Acervo Paulo Rónai.

⁵³² Exemplar da biblioteca de Paulo Rónai, com dedicatória datada de dezembro de 1952.

⁵³³ Carta de Cassiano Ricardo. 8 de setembro de 1953. Acervo Paulo Rónai. Na carta, enviada de Paris, não é mencionado o título do livro. Mas sabe-se que tem como editor José Simeão Leal, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde. De 1953 a 1955, Cassiano Ricardo é diretor do escritório comercial brasileiro em Paris.

⁵³⁴ Carta de Cassiano Ricardo. 8 de setembro de 1953. Acervo Paulo Rónai.

A correspondência de Paulo também atesta o perfil de um colaborador amplamente generoso e ativo. No início dos anos 1960, em carta trocada com Afrânio Coutinho,⁵³⁵ define seu verbete biográfico para Enciclopédia *Brasil e brasileiros de hoje*. Com Antônio Callado,⁵³⁶ discute a elaboração do verbete sobre literatura húngara para *Enciclopédia Britânica*. Nesse início dos anos 1960, em outras cartas angaria colaborações para a revista *Comentário*, publicada pelo Instituto Brasileiro-Judaico de Cultura e Divulgação, da qual é secretário⁵³⁷ entre 1960 e 1963.

No começo de 1964, Fernando Sabino, o convida para algumas colaborações para a editora do Autor, que criara em 1960 junto com Rubem Braga e Walter Acosta. Em resposta à conversa, Paulo lhe escreve uma carta,⁵³⁸ informando que está se preparando para uma viagem a convite das Universidades de Neuchâtel, Budapeste e Toulouse e partirá em 28 de março, com bilhete de volta marcado para 22 de junho.

Mesmo afirmando que não pretendia voltar à Europa, Paulo está com as malas prontas para atravessar de volta o Atlântico, ao lado de Nora, mais de vinte anos depois de deixar o porto de Lisboa em fuga. Não era fácil pensar, sobretudo, no reencontro com a Hungria, que havia carimbado em seu passaporte, **NÃO É VÁLIDO PARA RETORNO**.

No dia 28 de março, Paulo e Nora estão no cais da Praça Mauá com Edoardo Tausz, Cora e Laura, Clara e Américo, Aurélio e alguns outros amigos, prontos para embarcar no navio *Giulio Cesare*. Zarparam pouco depois do meio-dia. Estavam bem acomodados na segunda classe, em uma cabine confortável. Nos primeiros dias, choravam de saudades das filhas. Mas logo as tarefas tomaram espaço e o casal se detinha na organização do roteiro da viagem e das palestras que Paulo iria proferir em três diferentes países. Eram muitas. A maioria em francês: “*L’oeuvre de Guimarães Rosa: synthèse de deux mondes*”, que ministraria aos estudantes de literatura da Universidade de Neuchâtel, Suíça; “*Variations sur un thème balzacien: La mort du*

⁵³⁵ Carta de Afrânio Coutinho. 7/03/1960. Acervo Paulo Rónai.

⁵³⁶ Carta de Antônio Callado. 22 de maio de 1961. Acervo Paulo Rónai.

⁵³⁷ Entre 1960 e 1963. De 1963 a 1964 assume a chefia do departamento cultural da Rádio Roquete Pinto.

⁵³⁸ Carta a Fernando Sabino, 9 de março de 1964. (Cópia). Acervo Paulo Rónai.

Mandarin”, para estudiosos de literatura comparada, também na universidade Suíça, primeira escala da viagem. Nora começa a escrever um detalhado diário de viagem para as filhas, o que faz com que Paulo se sinta desobrigado a documentar o itinerário.

Boa parte desses primeiros dias, Paulo e Nora ficavam lendo nas espreguiçadeiras do convés. Foi em meio ao cheiro de maresia, em alto mar, que souberam do golpe militar no Brasil, ocorrido no primeiro dia de abril. A apreensão era generalizada. Logo Paulo e Nora conseguiriam notícias de que a família estava bem. Depois de um parada em Barcelona, em 8 de abril chegam a Cannes. No porto recebem uma simpática carta de boas vindas de Pierre Hawelka, parceiro de Paulo nos livros didáticos de francês, cujo primeiro volume uniu o professor e Nora. O destino seguinte era a Suíça, onde Paulo reencontrou Martha, ex-amor e ex-aluna do ginásio israelita de Budapeste. Havia conseguido fugir para Nova York e se casara com um grande empresário de relógios suíço. Das cinzas da paixão nascera uma boa amizade. A temporada no país foi de ótimos restaurantes e toda cortesia da amiga húngara. Na embaixada brasileira, Paulo encontrou João Cabral de Melo Neto com quem tomou um clássico cafezinho brasileiro. Depois das palestras e dos encontros em Genebra, o casal seguiu de trem para Viena, última parada antes do reencontro com a “Rainha do Danúbio”. No caminho, reencontram a neve, saltam do trem e sentem o gelo nas mãos. “Nem sabíamos que tínhamos essa saudade. Seria a última vez que veríamos a neve na vida”, comenta Nora.⁵³⁹

No fim de abril, Paulo está de volta a Budapeste. Salta do trem na estação de Keleti, a mesma que frequentava com ansiedade antes de sua partida definitiva para o Brasil. Era talvez a viagem mais importante de sua vida. Recebido com todas as honras, seu retorno tinha sabor de uma reparação moral, um desagravo. Os novos homens do poder, títeres do governo comunista da União Soviética, eram em grande parte seus ex-alunos, como lembra Nora. O tratavam com verdadeira devoção. Ofereciam para o casal almoços, jantares, transporte para todos os cantos, ótima hospedagem no Grande Hotel da Ilha Margarida por quase um mês. Paulo cumpria seus compromissos, com palestras na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Eötvös Lóránd, onde havia se formado. Falava naturalmente em húngaro, porém tratando de temas

⁵³⁹ Em entrevista para esta pesquisa.

brasileiros: “A vida do Brasil no espelho da língua”, “Introdução à literatura brasileira”, para estudantes de língua e literatura luso-brasileiras. No sindicato dos pedagogos falou sobre o ensino secundário no Brasil e na Associação dos Escritores Húngaros, apresentou um panorama da literatura brasileira, ontem e hoje. Em um jantar oferecido pelo Pen Club local, reúnem-se mais de 200 pessoas, entre professores, escritores e outros intelectuais. Cada um levou para Paulo um ramo de lilás e em pouco tempo a mesa estava coberta de flores. Paulo se comove. Na temporada de Budapeste, o professor exilado ainda deu entrevistas para a TV e rádio locais e em uma cerimônia solene doou uma coleção de livros brasileiros para a Biblioteca da Academia Húngara de Ciências e Letras.

Para além dos compromissos formais, Paulo revê amigos, houve as histórias tristes da guerra, percorre novamente os caminhos de Buda e de Peste; tenta se reconciliar com seu passado. São dias de muita emoção, de uma certa melancolia e saudades do Brasil. Na saída da Hungria, antes de partir para França para mais uma série de palestras, Paulo recebe diversos convites para ficar, da universidade, do governo húngaro. Também ganha muitos presentes e uma série de homenagens. A viagem segue seu roteiro: Paris e Toulouse,⁵⁴⁰ depois Fiúme, terra de Nora e àquela altura não mais parte da Itália, mas território da Iugoslávia (hoje da Croácia); até chegarem a Gênova, de onde partiriam de volta para o Brasil. Nora, que chegara ao Brasil apátrida, sentia que seu cordão umbilical estava irreversivelmente cortado. Paulo ainda sentia-se afetivamente ligado à sua terra natal. Mas sabe que ela não é mais o seu lugar.

No dia 22 de junho de 1964 Paulo e Nora preparavam-se para retornar ao Brasil. Como mais uma deferência, o governo húngaro havia oferecido ao casal passagens de avião. Paulo e Nora não aceitam. Voltariam na segunda classe do *Augustus*. Queriam repetir o trajeto de 1941, atravessando longamente o Atlântico, de navio. Era o mesmo percurso, mas outra viagem. Não estariam mais no porão da terceira classe, assustados, fugindo da perseguição nazista em direção a um país distante,

⁵⁴⁰ Na Sorbonne, fala sobre o tema balzaquiano, a morte do Mandarin. No Instituto de Estudos da América Latina, da Universidade de Paris, apresenta uma palestra sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Na mesma universidade, participa de uma mesa redonda sobre o ensino de francês no Brasil e profere palestra sobre Drummond. No Instituto Luso-Brasileiro de Toulouse faz duas conferências, uma sobre Balzac e outra sobre o português: “A vida no Brasil no espelho da língua”, que havia apresentado na Suíça.

desconhecido. Olhavam o horizonte com confiança e esperavam rever suas meninas no mesmo porto da Praça Mauá, logo após avistarem de longe os contornos do Rio de Janeiro. Estavam voltando para casa.



Paulo e Nora Rónai

8

Nota biográfica – Uma vida contra Babel

No Brasil, Paulo seguirá o curso de sua vida da mesma forma concentrada, serena, múltipla. Junto às suas atividades no magistério, no mercado editorial, nos jornais e as leituras, Paulo assume funções de classe, como a presidência da Associação de Professores de Francês do Rio de Janeiro, cargo que exerce entre 1964 e 1965. Sua destacada atuação pelo ensino de francês e pela divulgação da literatura francesa no Brasil (e também na Hungria) fez com que o governo da França lhe concedesse em 1968 a condecoração de *Chevalier de L'Ordre National du Mérite*. Alguns anos depois, em 1974, funda ao lado de colegas tradutores a ABRATES - Associação Brasileira de Tradutores, da qual seria membro ativo e combativo. A luta pela qualificação e valorização do trabalho do tradutor seria uma bandeira erguida por ele em diversas entrevistas e matérias nos jornais.⁵⁴¹

Uma série delas seria publicada em 1981, ano em que Paulo recebe o prêmio Nath Horst – concedido a cada três anos pela Federação Internacional de Tradutores pelo conjunto da obra. Uma espécie do Nobel da tradução. A notícia repercute em diversos jornais do Brasil, e o jornal *O Globo* acaba lhe conferindo o título de carioca honorário de 1981. Também na Hungria há muitas reportagens sobre a láurea – a maior parte delas é guardada por Paulo em sua pasta de recortes.

Em uma das entrevistas concedidas na ocasião, Paulo diz sem nenhuma amargura que não tinha dinheiro para comparecer à festa de premiação, em Varsóvia, em maio

⁵⁴¹ O tema é recorrente em suas entrevistas, vide *O drama da tradução*. *Jornal do Brasil*, 10/05/1975. “Rónai: amor do tradutor ainda não é reconhecido”. *Diário de Petrópolis*, 21/09/1980.

daquele ano.⁵⁴² “Em espírito, mas estarei lá”, brincava.⁵⁴³ O importante era continuar o trabalho.

Desde o reencontro com o Velho Mundo, em 1964, Paulo voltara outras duas vezes para a Europa, sempre a convite de universidades e instituições de ensino e literatura, em 1973 (Espanha) e em 1977 (Espanha e Portugal), apresentando palestras sobre os temas da tradução e da literatura brasileira, sobretudo Guimarães Rosa. Entre janeiro de 1983, após nova temporada de conferências na Espanha (cidade de Vigo), Paulo visita novamente, e pela última vez, sua Budapeste natal.

Àquela altura Paulo já estava aposentado das funções de professor, já que em 1978 a direção do Pedro II aposentou o catedrático compulsoriamente. Nesse momento, o sítio *Pois é* já era seu porto permanente, sua “pátria definitiva”. Em uma construção anexa, também desenhada por Nora, estava instalada sua biblioteca, ou “brilhoteca”, como batizara sua neta Beatriz, aquele lugar indubitavelmente iluminado. Ali, em sua mesa pousada ao lado da janela, com “ar-condicionário” (outra brincadeira linguística registrada em uma placa colocada na estante) Paulo organizaria seus novos livros: *Babel & antibabel* (1970), coletânea de artigos sobre a temática das línguas universais, derivação de seu *Homens contra Babel*, de 1964; *A tradução vivida*, (1976), onde reúne nova série de ensaios sobre a tradução; *Não perca seu latim*, (1980), um resgate saboroso de termos latinos; e *Pois é* (1990) em que conjuga uma série de ensaios sobre literatura brasileira, francesa e húngara, além de artigos sobre linguística.

Com invejável fôlego para o trabalho, Rónai organizou uma série de antologias separadas de contos (húngaros, ingleses, franceses, italianos, alemães, russos e norte-americanos), extraídos de *Mar de Histórias*, para a Ediouro. Também publicou dicionários, como o *Pequeno dicionário francês-português* (1977); *Dicionário universal Nova Fronteira de citações* (1985), seu último trabalho de fôlego, reunindo cerca de 25.000 citações da literatura universal. Paulo ainda colaborou com Aurélio em seu *Dicionário da língua portuguesa*, no que se referia a palavras, locuções, frases

⁵⁴² “A tradução premiada. O húngaro-brasileiro Paulo Rónai ganha o Nath Horst, considerado o Nobel dos tradutores”. *Jornal do Brasil*, 25/04/1981.

⁵⁴³ “A missão de desvendar o mistério dos idiomas”. *O Globo*, 17/04/1981.

feitas e provérbios de uso universal. “Na luta contra a incompreensão, papel talvez ainda mais importante cabe aos tradutores e dicionaristas”,⁵⁴⁴ ele sublinha.

Como tradutor, continuou sua arqueologia dos contos, e verteu para o português, em 1980, *A tragédia do homem*, peça do conterrâneo Imre Madách, para Paulo um de seus trabalhos mais importantes e também mais difíceis (“Levei uma hora para traduzir um verso de *A tragédia do homem*”).⁵⁴⁵ Contava, mais uma vez, com a leitura ilustrada de Aurélio e seus pitacos certos na revisão. Em agosto do mesmo ano de 1980, Paulo vai a Alagoas comemorar o 70º aniversário de seu melhor e mais fiel amigo. O muito que citou, reverenciou, dedicou a Aurélio sempre pareceu insuficiente para demonstrar a gratidão de um acolhimento que seria decisivo para sua entrada no universo da língua e do país. E, ainda mais significativo, no universo afetivo do amigo brasileiro. Aurélio é autor das mais certas traduções de Paulo Rónai: “Maestria larga e variada. Maestria em literatura, em línguas, em tudo que ficou dito – e na arte da amizade. O mestre perfeito, ‘reto, discreto, sábio’, é também, de quebra, amigo perfeitíssimo.”⁵⁴⁶

As homenagens, Paulo receberia em vida. Em 1983 a Academia Brasileira de Letras concede a ele o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra. Em 1987 a medalha Machado de Assis marca o reconhecimento à contribuição feita por Paulo ao desenvolvimento literário no Brasil. Nesse mesmo ano, o governo da Hungria oferece ao seu filho pródigo a Ordem da Estrela com Coroa de Louros pela divulgação da literatura húngara no Brasil e da brasileira na Hungria. O prêmio é recebido em uma cerimônia no Copacabana Palace em 21 de agosto. Paulo tinha 80 anos.

As visitas ao Rio tornavam-se cada vez mais raras. Com a aposentadoria de Nora, no fim dos anos 1970, o casal vendera o apartamento em Copacabana e subiu a serra com todos os livros e pertences da família. Juntos, Paulo e Nora passam a dividir o espaço da biblioteca; Nora com uma prancheta e seus livros de arquitetura, geometria analítica, história. Na parte dedicada à literatura brasileira, Nora também está presente

⁵⁴⁴ RÓNAI, Paulo. Introdução. *Babel & Antibabel*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970, p. 13.

⁵⁴⁵ “A tradução premiada”. *Jornal do Brasil*, 25/04/1981. Paulo traduziu a obra com a colaboração do poeta e escritor brasileiro Geir Campos em mais de dois anos de trabalho.

⁵⁴⁶ HOLANDA, Aurélio Buarque. “O brasileiro Paulo Rónai”. In: RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

em muitas das dedicatórias de amigos. “A Nora e Paulo, com aquela admiração, de espírito e coração; com o grato, vivo apreço; com a universal amizade do Guimarães Rosa”, declara o autor na edição de *Primeiras Estórias*.⁵⁴⁷ O carinho do escritor é apenas uma dentre inúmeras demonstrações de afeto manifestada para o casal Rónai. Na seção brasileira, não há livro na estante que não contenha uma palavra de admiração, respeito, agradecimento, amizade.

Colaboradora mais assídua – é a primeira leitora de artigos, palestras, conferências – Nora representou a grande guinada na vida de Paulo, dando a ele um inédito contexto de estabilidade, acolhimento afetivo e uma família brasileira: “Nora foi o fato mais importante da minha vida, junto de minhas filhas Cora e Laura”,⁵⁴⁸ declarou em 1991, na entrevista dada a Nelson Ascher e Alcino Leite Neto, em Friburgo. Nelson lembra que na ocasião Paulo estava bem, “nada que não fosse natural de alguém de sua idade.”⁵⁴⁹

As filhas, Cora e Laura, respectivamente jornalista e flautista, já muito bem encaminhadas, afinal, como sublinha Aurélio, “talento nessa gente é mal de família”,⁵⁵⁰ visitavam os pais no sítio *Pois é*. Nas férias, Friburgo era o destino certo. Paulinho, o neto mais velho, não tinha os dias mais divertidos, entre aulas de latim e ditados comandados pelo avô. No resto do ano, as visitas das filhas e netos (além de Paulinho e Bia, filhos de Nora; também Julia e Manoela, filhas de Laura), assim como da irmã Clara, do genro Américo e de amigos, são todas elas registradas por Paulo em seu diário. A letra se esforça em apurar firmeza. Lidando com a saúde frágil, Paulo não escreve mais nomes de livros, autores, traduções. Sua rotina é pontuada por consultas médicas, exames de sangue, um corte de cabelo no salão, um telefonema do Rio. A vida ganha sentido em cada sinal de existência diária. A caligrafia vai perdendo a nitidez e o diário é interrompido no meio do ano. Em 1º de dezembro de 1992 Paulo falece em sua casa, em decorrência de um câncer de garganta. Tem 84 anos, 51 anos vividos em terras brasileiras.

⁵⁴⁷ Exemplar da biblioteca de Paulo Rónai, com dedicatória datada de setembro de 1962.

⁵⁴⁸ RÓNAI, Paulo, na entrevista “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”. *Folha de S. Paulo*, op. cit.

⁵⁴⁹ Entrevista pessoal em outubro de 2012.

⁵⁵⁰ Aurélio Buarque de Holanda, op. cit., p16.

*

Na mesa e nas prateleiras, Paulo deixou edições marcadas por sua sempre insatisfeita revisão,⁵⁵¹ uma série de documentos, recortes de jornais, cartas, bilhetes, extratos de um vida ao mesmo tempo simples e absolutamente extraordinária. À sua volta se movimentava um mundo em constante diálogo. Coleção de postais de todo tipo e de todos os cantos, fichas de endereços de amigos no Brasil, alhures, livros de diversas línguas, conchas. Sim, conchas. Talvez por carregarem o sentido da universalidade, elas se transformaram numa espécie de símbolo de Paulo Rónai e se espalham pelos vidros dos aparadores e gavetas de sua biblioteca. As conchas não conhecem fronteiras, não têm território, habitam o mar absoluto. E são hoje marca da existência desse humanista de largas fronteiras, que em seus 50 anos de vida brasileira articulou-se entre (e em) várias línguas, com várias referências culturais. Costurando pontas com a linha resistente da palavra, que traduz, que narra, que une tempos e geografias, que preserva, que engaja e que constrói novas narrativas para si – também a partir do outro. Paulo se empenha em fazer da literatura o espaço de diálogo universal, a despeito de todas as diferenças, das contingências humanas, da geografia, da aparente incomunicabilidade. Paulo Rónai é um homem contra Babel.

⁵⁵¹ Há uma edição toda anotada e revisado do *Dicionário universal de citações*.



Paulo no sítio *Pois é*

Paulo no sítio *Pois* é⁵⁵²**Carlos Drummond de Andrade**

Meu amigo Paulo encontrou sua terceira pátria num sítio de montanha a que deu o nome de Pois é. Expressão que diz muita coisa, ao servir de começo e remate de conversa pedestre ou filosófica. E também de síntese de uma vida espiritual, de trabalho generoso e belo. Pois é: meu amigo Paulo completa setent'anos em sua pátria nova.

A primeira pátria, na Europa, foi-lhe arrebatada por um cataclismo político-guerreiro, que subverteu instituições, sacrificou milhões e inocentes e destruiu livrarias. Menciono o pormenor das livrarias porque meu amigo nasceu praticamente numas delas. Seu pai era livreiro dos bons, desses que amam não só a profissão como as letras, e o filho começou a entender o mundo na lição dos escritores, a começar pelos clássicos latinos, hoje tão esquecidos mas imbatíveis. Estava destinado à carreira universitária – na Hungria, sua terra natal, na França, na Itália, por aí. E nela se destacaria fatalmente, pela preparação cultural rigorosa e metódica, pela intensa curiosidade intelectual que o fazia embrenhar-se no mistério das línguas mais diversas, e pela técnica de aprender e ensinar com a mais fina precisão e total ausência de pedantismo.

Os fados [fatos] dispuseram de outro modo, e meu amigo veio a encontrar uma segunda pátria no Brasil, lá se vão exatamente 36 anos. Seu apetite de línguas valeu-lhe desembarcar em condições excepcionais : apto a enfrentar com galhardia o problema de comunicação oral em português, idioma radicalmente diverso do seu, e que lhe parecera mesmo, à primeira leitura de um texto, latim falado por crianças ou velhos desdentados, de tal modo que o surpreendera a falta de consoantes em palavras como lua, dor, pessoa.

Uns poucos brasileiros tinham consciência de que Paulo não era apenas um estrangeiro letrado, como tantos que se dispersaram pela América, em consequência

⁵⁵² ANDRADE, Carlos Drummond de. "Paulo no sítio Pois é". *Jornal do Brasil*. 12/04/1977.

da II Guerra Mundial. Sabiam que esse homem de 34 anos se interessara espontaneamente pela poesia brasileira, ao acaso de suas aventuras literárias, e pusera-se a traduzir para o húngaro nosso poetas, editando em seu país a antologia *Brazilia Usen (Imagem [Mensagem] do Brasil)*.⁵⁵³ O contato com diplomatas brasileiros em Budapeste incentivara e ampliara o interesse pelo Brasil, de tal modo que Paulo não exagerou ao afirmar, outro dia:

- *Eu já conhecia o Brasil sem nunca o ter visto.*

Chegou, viu – ou melhor, conferiu, como ele também dizia – e ficou. Não digo que venceu, porque seria aproximá-lo de César, de que ele felizmente não tem nada. Que é a vitória, para um homem de espírito como ele, senão o contrário do conceito comum de vitória? Chega aos 70 como trabalhador de ideias, que sempre foi; ideias, palavras que significam ideias, mundo de papel e abstrações, tão diferente desse outro mundo triunfal dos que fazem carreira estrondosa. Paulo deu aulas no Colégio Pedro II, a que chegou mediante concurso brilhante. Lecionou aqui e ali, escreveu muitos livros, traduziu do e para o português, dirigiu a gigantesca empreitada de passar para o vernáculo as obras completas de Balzac – e aposenta-se, pela compulsória, como honesto, zeloso, perfeito servidor público. Mais nada.

A universidade brasileira não o chamou para continuar a carreira que se abria para ele na Europa. Não lhe deram a oportunidade, perdão, não souberam aproveitar a oportunidade de tê-lo como um dos mais ilustres mestres de letras que poderiam orientar a formação de nossos estudantes. Viveu vida de mouro, no cumprimento de tarefas literárias muitas vezes insignificantes em relação ao seu mérito superior; e todas, grandes ou pequenas, ele desempenhou com a mesma alta dignidade e discrição que caracterizam sua vida.

Nora, arquiteta e sua mulher, desenhou a forma de sua terceira pátria: a casa do sítio Pois é, em Friburgo, que ficou sendo a pátria pequena e definitiva, dentro da pátria grande do brasileiro naturalizado em 1945 com dispensa de prazo justificada por serviços culturais prestados ao Brasil. Do alto desse mirante sereno, Paulo contempla a vida passada entre livros e afetos, e há de sentir-se feliz, sem

⁵⁵³ O título correto é *Brazilia üzen (Mensagem do Brasil)*.

ressentimentos. O que ele fez, fez bem, e está expresso na multidão de obras publicadas e nas gerações que ensinou ou tentou ensinar alguma coisa. Deram-lhe títulos honorários, como de praxe, mas os verdadeiros títulos que alcançou consistem na família, na amizade que deu e mereceu, na tranquilidade de uma vida intelectual fiel aos valores da cultura, Deus sabe à custa de que fortaleza de ânimo nos dias escuros, individuais ou sociais. Esta, a glória autêntica do meu amigo Paulo Rónai: livro e coração aberto ao mundo são nele uma coisa só. Todos que o conhecem concordaram comigo:

- Pois é.

9

Conclusão

A certa altura do ensaio “Pequena palavra”, que escreveu como apresentação da *Antologia do Conto húngaro*, organizada por Paulo Rónai e lançada em 1957, Guimarães Rosa declara: “Uma tradução é saída contra Babel.” O escritor se referia ao notável trabalho do amigo, que àquela altura já era tradutor respeitado, contabilizando imensos empreendimentos na área, como a organização da edição completa de *A comédia humana*, de Balzac, e a edição da antologia do conto mundial, *Mar de Histórias*, ao lado de Aurélio Buarque de Holanda – apenas para citar alguns exemplos de sua produção na área. No entanto, no caso de Paulo Rónai, a tradução era apenas uma de suas armas contra o caos babélico. Paulo tinha ainda na soma das funções de professor de idiomas, de filólogo, dicionarista, crítico literário e antologista o retrato completo de um homem plenamente dedicado à confirmar a vocação universal da produção cultural humana.

Em todas essas funções, foi um mestre e reconhecido como tal, mesmo mantendo-se sempre discreto e sóbrio. O lugar de destaque ocupado por Paulo no meio literário brasileiro, e também internacional, é resultado de uma trajetória construída passo a passo. Paulo é um homem inegavelmente de méritos e virtudes, mas, sobretudo, profissional que protagoniza o papel do trabalho, da determinação e portador da clara consciência de ter sido privilegiado ao conseguir deixar a Hungria rumo ao Brasil e ter, ao fim, sorte diferente das de amigos escritores como Antal Szerb, Akós Mólnar, e Endre Gelléri, que, assim como sua mulher, Magda Péter, foram mortos em Budapeste pela fúria antisemita de Hitler.

Dessa forma, uma investigação de caráter mais biográfico é capaz de mostrar que a opção pelo Brasil foi feita não apenas como resultado de um interesse intelectual, mas também como uma escolha afirmativa pela vida. E a partir desse facho de luz que se acendeu no horizonte quando entrou em contato com a poesia brasileira, ainda em Budapeste, em 1938, momento em que a comunidade judaica se via mais e mais ameaçada, Paulo intensifica a relação com escritores, poetas e, sobretudo, com diplomatas brasileiros, como Otávio Fialho e Rui Ribeiro Couto, dando início a um

admirável e persistente projeto voltado para o Brasil, que incluía o estudo dedicado do português, uma costura árdua com a diplomacia, imprensa, instituições húngaras e brasileiras. Assim, torna-se claro que não se trata de sorte ou benefício gratuito a conquista do visto brasileiro, mas de resultado do empenho de um homem que quer viver e tem, certamente, instrumentos para construir sua própria porta de saída. De formação sólida e erudita, experiente no ofício de tradutor e professor, e com uma atividade reconhecida na imprensa, Paulo é o principal agente de seu próprio salvamento.

Como Paulo nunca declarou em sua produção suas próprias tragédias, angústias e anseios, traçar sua trajetória de maneira mais detalhada, a partir da leitura de seus diários e de parte de sua correspondência (pois muitas cartas foram destruídas na fuga para o Brasil), pareceu-me ser a forma mais clara de apreendermos a intensidade com que Paulo assume esse projeto e também meio pelo qual evidencia-se sua postura determinada e os traços de sua própria personalidade – sólida, confiante no valor do mérito e do trabalho. Assim, essa abordagem mais pessoal sobre Paulo Rónai permite uma compreensão mais justa de suas escolhas, de seu itinerário e também de sua obra.

Do momento em que avista o Brasil como possibilidade de futuro até sua chegada ao país, há um extenuante período de cerca de dois anos, tempo em que lançou uma antologia de poesia brasileira, que estreitou laços com poetas e diplomatas do país, que viveu a angústia e o medo, ficando preso por cerca de seis meses em um campo de trabalho em uma ilha no Danúbio. Mas em um tempo de grandes contrastes, em que se morria pela estúpida razão do ódio racial, do outro lado do mundo ainda acreditava-se na cultura como valor humano distinto. E, por essa razão, Paulo consegue garantir sua entrada no Brasil.

Se, nos anos de juventude, a dedicação aos estudos e ao trabalho eram reflexo de um insaciável apetite cultural, marca de sua própria geração e também meio de sobrevivência, após sua chegada ao Brasil, que representou efetivamente seu salvamento, a atividade intelectual ganha novos sentidos, somados a esses originais, que não se perdem. “Trabalho para merecer meu destino”, ele escreve à primeira mulher, pouco antes de seu assassinato, em fins de 1944. Dessa maneira, Paulo faz de seu trabalho expressão de retribuição à vida e ao país que o acolheu. E seu itinerário

de engajamento no país revela os sinais dessa consciência e desse notável esforço de integração, que foi traço principal de sua vida no Brasil.

A aproximação com a produção literária brasileira, seus autores e principais articuladores (como editores e jornalistas), a presença na imprensa, por meio de uma muito significativa colaboração como crítico literário e ensaísta, somando mais de 500 textos, foram mais que resultado de uma profícua atividade intelectual, a evidência desse notável esforço empreendido a favor do Brasil. A partir de 1941, quando aporta no Rio de Janeiro, sua produção estará voltada para o país, sua pátria de adoção. Mesmo sem nunca deixar de lado suas referências intrínsecas (húngara, francesa, latina), é ao Brasil que se dedicará. Esse empenho em favor de sua nova pátria ele expressa em muitas frentes: traduzindo obras brasileiras para o francês e húngaro, vertendo para o português clássicos da França e Hungria, trazendo para o país um repertório mundial de contos e debates sobre temas da tradução e filologia, apresentando em contextos estrangeiros conferências sobre a literatura brasileira (objeto também de artigos publicados no exterior), e, ainda, tornando-se um grande leitor de escritores nacionais, o que legaria uma admirável contribuição para a divulgação e conhecimento mais profundo de obras de autores seminais, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Guimarães Rosa. Sobre eles e sobre tantos outros autores brasileiros Paulo dedicou artigos, ensaios e resenhas, parte deles publicados também em livros.

Em uma via de mão dupla apreende-se nesse itinerário aqui esboçado que ao mesmo tempo em que Paulo fez da literatura brasileira e da vida intelectual do país seu principal foco na maior parte de sua vida (50 anos de vida brasileira), foi por meio desse contato íntimo com escritores, editores e jornalistas brasileiros que ele foi aprofundando seu abasileiramento. Também foi através da própria língua portuguesa, na qual se tornou ele mesmo um escritor de estilo límpido, com consistência e graça, que Paulo afirmou sua plena integração. Impressionante pensar que no mesmo ano em que chegou ao país, Paulo já publicava artigos em jornal escrevendo na língua local. Nesse sentido, é fundamental destacar o papel de Aurélio Buarque de Holanda, seu segundo e mais próximo amigo brasileiro (segundo, já que Ribeiro Couto era seu primeiro amigo no país, mesmo antes de sua chegada). Aurélio foi seu confidente, professor, revisor, ponte para diversos novos amigos e personagens do meio

intelectual. Por meio dessa amizade, Paulo pôde rapidamente se aproximar do português e contar, por longo período, com o olhar atento do amigo no aperfeiçoamento de seus textos. Aurélio, testemunha em seu processo de naturalização, em 1945, de seu casamento, e padrinho de sua primeira filha, Cora, foi, portanto, por múltiplas razões, peça fundamental nesse percurso de integração no Brasil.

Trata-se de um processo realizado gradativamente – como busquei demonstrar –, que se inicia ainda em Budapeste, a partir da descoberta da poesia brasileira, da correspondência com Ribeiro Couto, prosseguindo com a sua chegada ao Brasil, onde passa a construir uma rede de relações com personagens do meio intelectual, em muitos casos contando com ajuda de Ribeiro Couto e de Aurélio, e em outros conquistando amizades por via própria, como ocorrido com Cecília Meireles, Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade.

Empenhado em desenvolver uma atividade no país, para merecer o convite brasileiro e também para sobreviver, Paulo se insere profissionalmente em diversos meios com espantosa rapidez. Primeiro, dá início às colaborações para a imprensa, logo depois conquista bons empregos como professor de idiomas em liceus no Rio; ainda exerce uma série de funções em editoras nacionais à frente de projetos vultuosos, como a organização da obra completa de Balzac e da coleção de contos universais *Mar de Histórias*. Também desenvolve a sua própria obra, tanto como tradutor quanto como ensaísta. A ampliação de seus contatos no meio intelectual e a consolidação de sua respeitabilidade se revelam nos inúmeros convites que recebe ao longo da vida para assinar prefácios e apresentações de obras literárias, nas contribuições que faz para importantes obras brasileiras, como enciclopédias e dicionários, e ainda em uma valiosa correspondência.

Com Guimarães Rosa, Paulo articula uma relação instigante. Através da obra do escritor mineiro, Paulo está, ao mesmo tempo, mais próximo do Brasil e do mundo. Pois é exatamente no cruzamento entre o caráter singular brasileiro e universal que a obra de Rosa afirma sua genialidade. E Paulo, como poucos, abrigando vastas referências, percebeu esse traço essencial na obra do amigo. Tradutor não apenas de línguas, mas de linguagens, Rónai se tornou um dos mais importantes interlocutores

de Guimarães Rosa, ficando também responsável pela organização de suas obras póstumas. Sempre discreto, nunca reivindicou o devido lugar de grande referência nos estudos da obra rosiana. Esse contato íntimo com o universo do escritor é outro ponto de aprofundamento da relação com o Brasil.

Nas áreas de suas outras atividades, Paulo logra sucesso da mesma forma. Como professor de línguas, a aprovação em primeiro lugar no polêmico concurso do Pedro II garante a ele a posição de catedrático de francês no mais tradicional colégio do Rio de Janeiro e uma estabilidade desejada. Para a consolidação do engajamento no Brasil é definitivo o encontro com Nora Táusz, italiana de nascimento e também naturalizada brasileira, com quem casa em 1952 e, pouco tempo depois, tem duas filhas, Cora e Laura. A constituição de uma família brasileira é não apenas o arremate de sua costura existencial no Brasil (para onde trouxe sua mãe, suas irmãs e cunhados, que conseguiram sobreviver à guerra), como também o fato mais importante de sua vida.

Com Nora, Paulo fincará os pés na terra brasileira de forma definitiva. Expressão material desse enraizamento no Brasil é, portanto, a casa, projetada por Nora, e construída pelo casal em Nova Friburgo, a partir do fim dos anos 1950. O sítio é batizado *Pois é*, como interjeição que remete ao próprio percurso de ambos, marcado por ameaças, angústia, privação e superação... *Pois é* poderia ser também “quem diria...” Depois de tantos apertos, uma casa própria, confortável, cercada de verde e visitada por passarinhos de todo tipo e cores, em plena mata atlântica brasileira.

Ao voltar para a Hungria, mais de 20 anos depois de deixar a pátria com um carimbo em seu passaporte que o proibia de retornar, Paulo atesta, sem que a constatação represente desamor ou corte cultural com a sua terra de nascimento, que seu lugar está no Brasil, mais especificamente em sua terceira pátria, pequena e definitiva, o sítio *Pois é*. Ao acompanhar esse itinerário, verifica-se, em conclusão, o curso de um processo de integração bem-sucedido, que teve como chave a aposta no mérito, em uma grande esforço pessoal marcado pela dedicação ao trabalho e pela dedicada construção de uma rede de relações profissionais e afetivas.

Nesse sentido, a “Brilhoteca” de Rónai é índice evidente desse engajamento pleno no mundo das letras, com uma seção brasileira em que todos os livros têm uma dedicatória de seus autores, como marca de admiração, profundo respeito e agradecimento. Sua própria obra, em conjunto, variada e instigante em temas e estilo, demonstra o genuíno interesse de Paulo pela conexão entre línguas, tradições e pessoas. Este era, afinal, um de seus mais profundos objetivos: fazer dialogar, comunicar, circular conhecimentos, expandir o alcance da criação do homem. E se o projeto da língua universal era falácia histórica e tragicomédia, como ele mesmo aponta em alguns de seus estudos, sobretudo em *Babel & Antibabel*, a sua própria trajetória atesta que não é preciso uma língua universal, quando existem homens universais.

Esse imenso acervo de documentos que Paulo guardou durante toda a vida, foi o principal atalho para essa reconstrução parcial de sua trajetória, múltipla em interesses e atividades, e ainda aberta a tantas investigações e descobertas.

A Paulo Rónai, mestre em suas variadas atividades e na vida, exemplo de coerência, dedicação e crença nos valores da humanidade, cabe um permanente agradecimento do Brasil. E que novos esforços possam se somar a essa tentativa de dar conta de uma trajetória tão simples quanto extraordinária e de um legado que é, acima de tudo, uma declaração de amor ao homem e à sua capacidade de criação. Afinal, “criar é matar a morte”.



10

Referências Bibliográficas

ALMINO, José (seleção). *Ribeiro Couto – melhores poemas*. São Paulo: Global, 2002.

A Noite. “Esplendores da literatura magiar”. 21/03/1941

ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003

ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2002. [1ª edição, 1945].

ANDRADE, Carlos Drummond. “Mestre-aprendiz”. “Crítica de domingo”. *Correio da Manhã*. 16/02/1957. 1º caderno.

ANDRADE, Carlos Drummond. “Rónai, brasileiro”. *A Tribuna*. 04/03/1961.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Paulo no sítio Pois É”. *Jornal do Brasil*. 12/04/1977.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *José e outros*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.

ARENDE, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASCHER, Nelson. “Paulo Rónai – Tradução e Universalidade”. In *Pomos da discórdia*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ASCHER, Nelson. NETO, Alcino Leite. “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil”. *Folha de S.Paulo*, 27/04/1991.

BACH, Susan Eisenberg. “French and German Writers in Brazil: receptions and translations”, In: Hans-Bernhard Moeller (org.), *Latin American and the literature of exile*. Heidelberg: Winter Universitätsverlag, 1983.

BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: Difel, 1975.

BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOSI, Alfredo. (org). *O conto brasileiro contemporâneo*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRUNN, Adam von. “Paulo Rónai – Documentos inéditos do Itamaraty” In: *Tradterm* (Revista do Centro Interdepartamental de Tradução Terminologia – FFLCH – USP, n° 1, 1994.

BUSSOLOTTI, Maria Aparecida F.M. (org). *João Guimarães Rosa – Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Trad. Erlon José Pascoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos, 1750-1880*. 12ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Fapesp, 2009.

CANDIDO, Antonio. “Notas de crítica literária – Sagarana”. (Publicado no *Diário de São Paulo*, 11/07/1946). In: *Textos de Intervenção*. DANTAS, Vinicius. 1.ed. 2 vol. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

CARDOSO, Marília Rothier. “Uma aprendizagem transcultural nos cadernos de Guimarães Rosa”. In: *Literatura e cultura*. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Antissemitismo nas Américas – Memória e História*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Nelson Werneck de. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CASTRO, Silvio. *Jornal das Letras*, Junho, 1958.

CAVALCANTI, Povina. *Jorge de Lima, vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1969

CAVALCANTI, Waldemar. “Boletim literário”. *Folha Carioca*. 30/09/1944.

Correio da Manhã. “Fora do tempo e meio”. 30/11/1938.

Correio da Manhã. 29.5.1954.

Correio da Manhã. “Concurso e filhotismo”. 23/06/1957.

Correio da Manhã. “Conferência”. 23 de julho de 1941.

- Correio da Manhã*. “Está no Rio o filósofo Paulo Rónai”. 14 de março de 1941.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel – Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- COUTO, Ribeiro. *Longe*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961.
- COUTO, Ribeiro. *Cabocla*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1937.
- Cadernos do CHDD. Brasília: Funag, 2006. Ano V, nº 9.
- DAVIS, Darién J. e MARSHALL, Oliver. *Stefan & Lotte Zweig – Cartas da América. Rio, Buenos Aires e Nova York, 1940-42*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2012
- Diário de Notícias*, 12/05/1946.
- Diário de Notícias*, 10/02/1957.
- DINES, Alberto. *Morte no paraíso – A tragédia de Stefan Zweig*. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- Diretrizes*. 30/04/1942.
- Dom Casmurro*. “D. Casmurro, de Machado de Assis, estudado na Hungria”. 19/08/1939.
- DUTRA, Eliane de Freitas. MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Política, Nação e edição – O lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume, 2006.
- Eneida. *Diário de Notícias*, 18/06/1957.
- Diário de Notícias*. “Paulo Rónai: vinte anos de Brasil”. 4/03/1961.
- FÁZEKAS, Estevão. *O romance das vitaminas*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenlos – Uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FILHO, Daniel (org.). BRASIL, Bosco (roteiro). *Todos os tempos de tempos de paz*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- GERSEN, Bernardo. “Um humanista moderno”. *Diário de Notícias*. 6/06/1957
- GIUCCI, Guillermo; JAGUARIBE, Beatriz; SCHØLLHAMMER, Karl Erik. “Viajantes estrangeiros do século XX”, In *Brasileana da Biblioteca Nacional: guia*

das fontes sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001.

GOMES, Ângela Maria de Castro; OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Estado Novo – ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALLEWELL, Laurence. *A história do livro*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HOBSBAWN, Eric. *Tempos interessantes. Uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOLANDA, Aurélio Buarque. “O brasileiro Paulo Rónai”. In: RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Aurélio em prosa e verso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Organização, estudos e nota de Paulo Rónai.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva; Associação Universitária de Cultura Judaica, 1997.

JARDIM, Eduardo. *Eu sou trezentos - Mário de Andrade , vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

Jornal do Brasil. “Prof. Paulo Rónai assume Cátedra apontando soluções para ensino de grau médio”, 31/10/1958.

Jornal do Brasil. “O drama da tradução”. 10/05/1975.

Jornal do Brasil. “A tradução premiada”. 25/04/1981.

João Guimarães Rosa. *Cadernos de Literatura brasileira*. Números 20 e 21. São Paulo: Instituto Moreira Sales, dezembro de 2006.

KÉRTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal – O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiras no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LEITE, Sebastião Uchôa. LIMA, Luiz Costa. Entrevista de Otto Maria Carpeaux. *José* (RJ), nº 1, junho de 1976.

Letras e Artes. 16/05/1948.

LIMA, Jorge de. *Poesia completa: volume único*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1997.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *O controle do imaginário & a afirmação do romance – Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shady*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

LUCA, Tania Regina de. “A produção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em acervos norte-americanos: estudo de caso”. *Revista Brasileira de História*. vol.31 no.61, São Paulo, 2011.

LUKACS, John. *Budapeste, 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

LÖWI, Michael. *Redenção e utopia – o judaísmo libertário na Europa Central*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAGALHÃES JR., R. Prefácio. In: RÓNAI, Paulo. *Guia Prático da Tradução Francesa*. 3ª ed. revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MARCIER, Emeric. *Deportado para a vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência brasileira*, São Paulo: Cultrix, Edusp, 1977-1978.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 volumes.

_____. *História da Inteligência brasileira*. 2ª ed. Vol. 7: 1933-60. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

MARTINS, Wilson. “O homem e as línguas”. *Estado de S. Paulo*, 29/06/1957.

MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. (1ª edição, 1945)

MERCIER, Emeric. *Deportado para a vida. Autobiografia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILLBAUER, Ashee Z. *Transcending exile: Conrad, Nabokov, J. B. Singer*. Miami: Florida International University Press, 1985.

MÓLNAR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. São Paulo: CosacNaify, 2009.

NOVAES, Adauto ... [et al.]. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLINTO, Heidrun Krieger e SCHÖLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Literatura e crítica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

PALÁCIOS, Arsênio. SILVA, Mário Júlio [org]. *Antologia de poetas paulistas*. São Paulo: Editora Piratininga, 1933.

PATAI, Raphael. *The Jews of Hungary*, Wayne State University Press, 1996.

PEREIRA, Astrogildo. “O Brasileiro Paulo Rónai”. In: *Crítica Impura (Autores e Problemas)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

PERRONE, Charles. “Para Apreciar Paulo Rónai e ‘Notas para facilitar a leitura de *Campo Geral* de J. Guimarães Rosa’”. In: *Matraga* 14. Revista do Programa de P.s-graduação em Letras UERJ. Ano 9, n.14. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2002.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

QUEIROZ, Rachel de. “Um corte de linho”. *O Cruzeiro*, 12/04/1952.

RÓNAI, Nora Tausz. *Memórias de um lugar chamado onde*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

RÓNAI, Paulo. “Latinidade na poesia de Augusto Frederico Schmidt”. *O Jornal*, 29/06/1941.

RÓNAI, Paulo. “O cacto roubado – Um livro do escritor tcheco Karel Capek”. *Revista do Brasil*, ano IV, nº 41, Novembro de 1941 (pp.14-19)

_____. “A arte de contar em *Sagarana*”. *Diário de Notícias*, 14/07/1946.

_____. “Do Ér ao Oceano”, *Correio da Manhã*, 22/12/1946.

_____. *Como aprendi o português e outras aventuras*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1956.

_____. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1958.

_____. *Homens contra Babel. passado, presente e futuro das línguas artificiais*). Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

_____. “Apêndice – Os prefácios de *Tutaméia* – As histórias de *Tutaméia*”. In: ROSA, Guimarães. *Tutaméia (Terceiras estórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. .. “Nota introdutória”. In: ROSA, Guimarães. *Estas histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

_____. “Os vastos espaços”. In ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

_____. “Nota da primeira edição”. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

_____. *Babel e Antibabel*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. “Nota introdutória”. In: ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

_____. “Organização, estudos e notas”, “Orientação de pesquisa”, “Perfil de Guimarães Rosa” e “Trajetória de uma obra”. In: *Guimarães Rosa – Seleta*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Escola de tradutores*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira/Pró-Memória Instituto Nacional do Livro, 1987.

_____. “A Comédia humana no Brasil – História de uma edição”, Revista Travessia Brasil/França (Revista de Literatura Brasileira do curso de pós-graduação em literatura brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), 1988/1989, p. 272.

_____. *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

_____. *A tradução vivida*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

_____. “Lembrança de Cecília Meireles”, In: *Pois é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. *Pois é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

_____. Balzac e *A Comédia humana*. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2012.

ROSA, Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. [1ª edição, 1946]

ROSA, Guimarães. “Pequena palavra”. In: RÓNAI, Paulo. *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. [1ª edição 1957]

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001 [1ª edição, 1956].

ROSA, Guimarães. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

ROSA, Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

ROSA, Guimarães. *Tutaméia (terceiras histórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

ROSA, Guimarães. *Estas histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. – 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SAID, Edward. *Fora de lugar - Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

_____. *Que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 1989.

SLEZKINE, Yuri. *The Jewish Century*. Princeton University Press, 2004

SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*, São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHWARZ, Roberto. “Os primeiros tempos de Anatol Rosenfeld no Brasil”. *Estado de S. Paulo*, 22/04/1984.

SIMPSON, John. *The Oxford book of exile*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas. José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas. Ensaio de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. “A Hungria/sertão de Guimarães Rosa”. Porto Alegre: revista Conexão Letras, Porto Alegre, v. 10, n. 13 – 2015 – p. 1-7.

SULEIMAN, Susan Rubin. *Exile and creativity*. Duke University Press, 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. *Histórias escolhidas*. São Paulo: Boa Leitura, 1961.

TODOROV, Tzvetan. *Literature and its theorists – A personal view of Twentieth-Century Criticism*. Nova York: Cornell University Press, 1987.

_____. *L'homme depaysé*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux – formação política e interpretação literária na obra do crítico austriaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

WOLFF, Egon e Frida. *Participação e contribuição de judeus ao desenvolvimento do Brasil*. (Edição dos autores). Rio de Janeiro: 1985.

_____. *Depoimentos – Um perfil da coletividade judaica brasileira*. (Edição dos autores). Rio de Janeiro: 1988.

WYLER, Lia. *Línguas, Poetas e Bacharéis – Uma Crônica da Tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco Ed, 2003.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. In *Obras completas de Stefan Zweig*, tomo XIV. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1956.

Teses e dissertações

AREDES, Andrea. *Um estrangeiro entre nós: a produção crítica de Paulo Rónai no “Suplemento literário” d’O Estado de S. Paulo*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2007. Dissertação de mestrado.

ESQUEDA, Marileide. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. UNICAMP/IEL, 2004. Tese de doutorado.

SPIRY, Zsuzsanna Filomena. *Um brasileiro made in Hungary*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo, 2009. Tese de mestrado.

Arquivos e Acervos

Arquivo Paulo Rónai. Sítio Pois é, Nova Friburgo – Rio de Janeiro

Arquivo Histórico do Itamaraty

Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Fundação Biblioteca Nacional (Periódicos)

Fundação Casa de Rui Barbosa

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP <www.ieb.usp.br>

Sites na internet

Casa Stefan Zweig <www.casastefanzweig.org>

ARQSHOA <www.Arqshoa.com>

Academia Brasileira de Letras <www.academiabrasileiradeletras.org.br>

CPDOC FGV <www.fgv.br/dpdoc>

LIVROS DE PAULO RÓNAI

Brazilia üzen. Budapest: Vajda János, 1939.

Santosi versek. Budapest: Officina, 1940 (32 p). Organização, tradução e introdução de Paulo Rónai).

Livres français à l'exposition de Rio de Janeiro e de São Paulo. Rio de Janeiro: Centre d'Études Françaises, 1945.

Balzac e a Comédia Humana. Porto Alegre: Globo. 1947. (Coleção Tucano)
_____. 2. ed. rev. e aum. 1957. (Prêmio Sílvio Romero, da Academia Brasileira de Letras.)

Um romance de Balzac – A pele de Onagro. Rio de Janeiro: A Noite, 1952. (tese de concurso para a cátedra de francês do Colégio Pedro II)

Escola de tradutores. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. _____. 2^a ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. _____. 3^a e. rev aum. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967. _____. 4^a ed. rev. aum. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. _____. 5^a ed. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. _____. 6^a ed. aum. _____, 1989. _____. 2000. _____. 7^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Como aprendi o português, e outras aventuras. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1956. _____. 2^a ed. rev. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. _____. 3^a ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2013. _____. 4^a ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

Encontros com o Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1958. _____. 2^a ed. Rio de Janeiro: Batel, 2011. _____. 3^a ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

Homens contra Babel (passado, presente e futuro das línguas artificiais). Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

A vida de Balzac. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967. _____. 2^a ed. _____. 1999.

Introdução ao estudo de Balzac. In: *Curso de altos estudos*, vol.V. Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1967.

Guia prático da tradução francesa. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967; _____. 2^a ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1975. _____. 3^a ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. _____. 4^a ed. rev. e aum. _____. 1989.

Babel & Antibabel. São Paulo: Perspectiva, 1970.

A princesa dengosa. In: BENEDETTI, Lúcia, org. *Teatro Infantil- vol.II.* Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Serviço Nacional do Teatro, 1971.

O Barbeiro de Sevilha e As Bodas de Fígaro – Comédias de Beaumarchais recontadas em português para a juventude de hoje. Colaboração com Cora Rónai. Coleção Ediouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.

A tradução vivida. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. _____. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. _____. 3ª ed. _____. 1990. _____. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Não perca o seu latim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (261 p.) _____. 2a ed. aum. _____. 1980. _____. 3a ed. aum. _____. 1984. _____. 4ª ed aum. _____. 1988. _____. 8ª ed. _____. 1996. _____. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

O teatro de Molière. Brasília: Universidade de Brasília, 1981. (A partir de conferências feitas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1973, tricentenário da morte do escritor francês)

Pois É: ensaios. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. _____. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

Livros Didáticos

Curso básico de latim I: gradus primus. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. *Gradus Primus.* 2.ed. ampl. Rio de Janeiro: Globo, 1949. (Mais recente edição: _____. 18ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Gradus Primus et Secundus. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1951. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1953. _____. 8.ed. aum. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1958. _____. 1959. _____. São Paulo: Cultrix, 1985. _____. 2. ed. _____. 1986. _____. 3. ed _____. 1998. (Mais recente edição: 18ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006)

Curso básico de latim II: gradus secundus. Rio de Janeiro: CEB, 1945. Rio de Janeiro: F. Briguiet 1955. _____. 6. ed. rev. aum. _____. 1958. São Paulo: Cultrix, 1986. (Mais recente edição: 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006)

Gradus tertius. Rio de Janeiro: CEB, 1946. _____. Rio de Janeiro: F Briguiet, 1954. _____. 3.ed. Rio de Janeiro: F Briguiet, 1955. _____. 1959.

Gradus quartus. Porto Alegre: Globo 1949. _____. 2. ed. Rio de Janeiro: F Briguiet, 1955. _____. 1957. _____. 1959.

Gramática completa do francês Moderno. Rio de Janeiro: J. Ozon ,1969. _____. São Paulo: LISA, 1973.

Mon Premier Livre. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1953. _____. 25.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965. _____. São Paulo: LISA, 1973. (em colaboração com Pierre Hawelka)

Mon Second Livre. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954. _____. 16.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1960. *Notre Second Livre de Français – primeiro grau*. São Paulo: LISA, 1973. (em colaboração com Pierre Hawelka)

Notre Second Livre de Français – Manual do Professor. São Paulo: LISA, 1973. (em colaboração com Pierre Hawelka)

Mon Troisième Livre. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954. _____. 12.ed. 1959. (em colaboração com Pierre Hawelka)

Mon Quatrième Livre. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955. _____. 9.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958. _____. 10.ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1961. (em colaboração com Pierre Hawelka)

Lectures, langage, littérature I – para o primeiro ano do curso colegial. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1958. _____. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961. _____. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962. (Com Roberto Corrêa e Yvonne Guillou)

Lectures, langage, littérature II – para o segundo ano do curso colegial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962. (Com Roberto Corrêa e Yvonne Guillou)

Os Verbos Franceses ao Alcance de Todos. Em colaboração com Clara Gárdos. São Paulo: Editora Didática Irradiante, 1970.

Le Mystère du Carnet Gris. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. _____. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1970

Antologias de Contos

Mar de Histórias – Antologia do conto mundial. Com Aurélio Buarque Holanda. 10 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945-1963. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. _____. 4.ed. _____. 1998. _____. 5^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

Roteiro do conto húngaro. In: *Cadernos de Cultura*, Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Cultura, 1954.

Antologia do conto húngaro. Prefácio *Pequena Palavra*: João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. _____. 2. ed. _____. 1958; _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975; . _____. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

Contos húngaros. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1964. _____. ed. rev. E aum. São Paulo: Edusp, 1991.

- Contos Ingleses.* (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, 1966.
- Contos Franceses.* (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- Contos Russos.* (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- Contos Italianos.* (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- Contos Alemães.* (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- Contos Norte-Americanos.* (extraídos de *Mar de Histórias*). Rio de Janeiro: EDIOURO, s/d.
- Antologia do conto francês.* Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1966. (Coleção Universidade de Bolso) (extraídos de *Mar de Histórias*)
- Antologia do conto italiano.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1982. _____. 2.ed. _____. 1993. (extraídos de *Mar de Histórias*)
- Antologia do conto inglês.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1988. _____. 2.ed. _____. 1993.
- Antologia do conto norte-americano.* Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1967. _____. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. (extraídos de *Mar de Histórias*)
- Antologia do conto alemão.* Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1966.
- Antologia do conto russo.* Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1975. _____. 2. ed. _____. 1983?

Dicionários

- Pequeno dicionário francês-português.* Rio de Janeiro: Larousse, 1977.
- Dicionário francês-português.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- Dicionário universal Nova Fronteira de citações.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. _____. 2. ed. aum. _____. 1985; _____. 4. ed. _____. 1991. _____. 6. reimpr. _____. 2004.
- Dicionário francês-português, português-francês.* 3. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (574 p.) 7. reimpr. _____. 2004. (Segundo Spiry, em edições anteriores denominava-se *Dicionário Essencial Francês-Português, Português-Francês*). (A primeira parte Francês-Português, deriva do *Dicionário Francês-Português*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.)
- Dicionário gramatical.* Porto Alegre: Globo, 1953. _____. 2. ed. _____. 1955 _____. 3. ed. _____. 1962.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (Segundo Spiry, colaboração especializada em: palavras, locuções, frases feitas e provérbios de uso universal.)